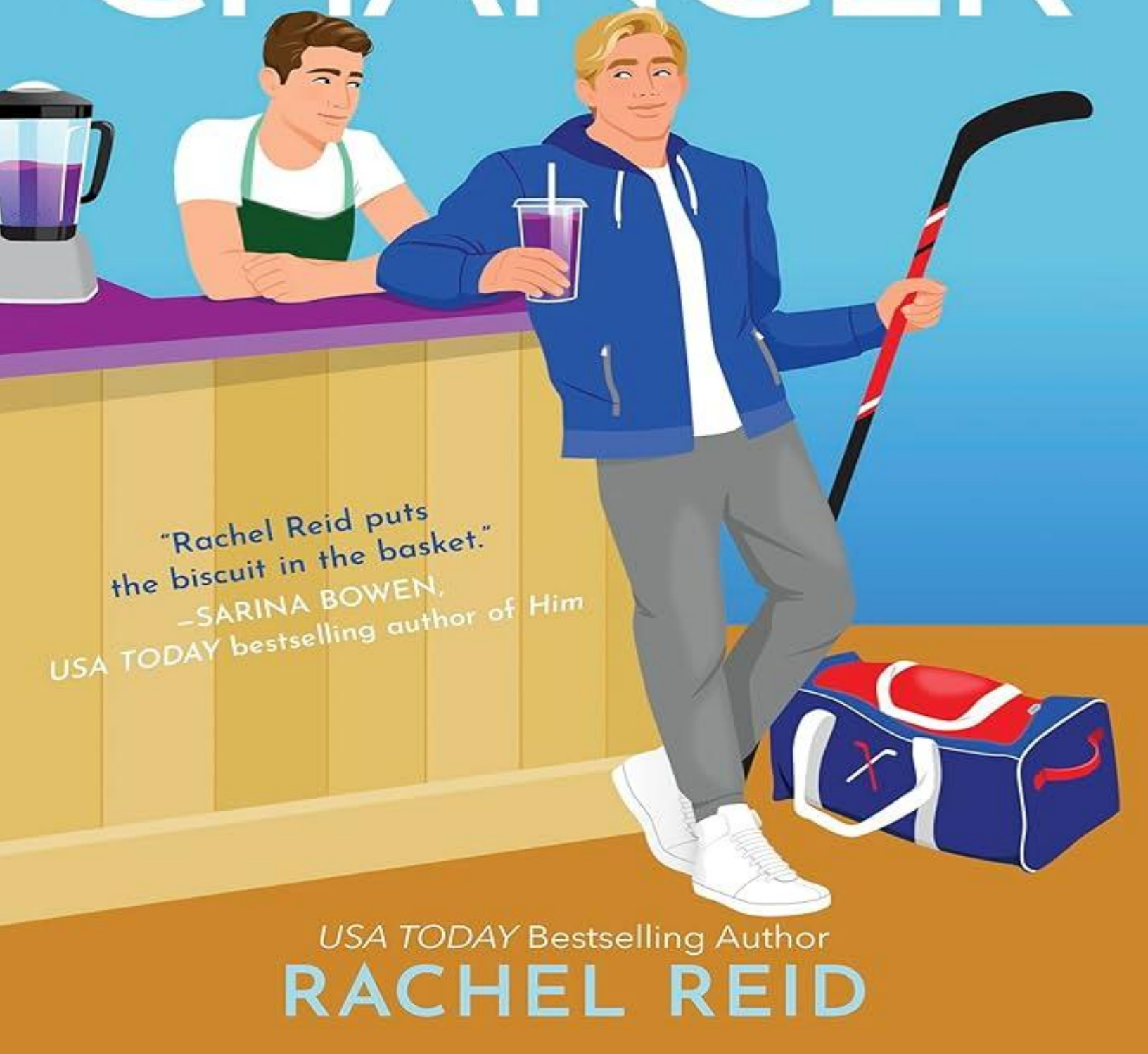
GAME CHANGER

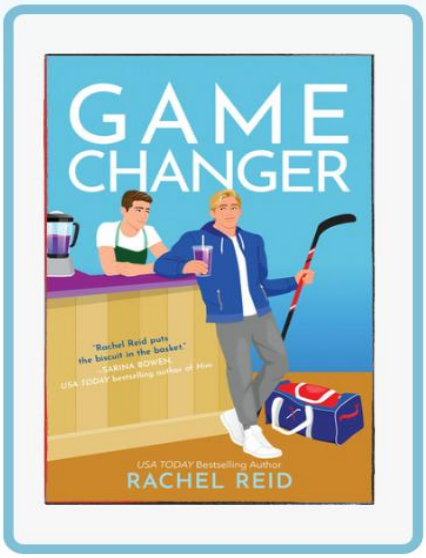


"Rachel Reid puts the biscuit in the basket."
—SARINA BOWEN,
USA TODAY bestselling author of Him

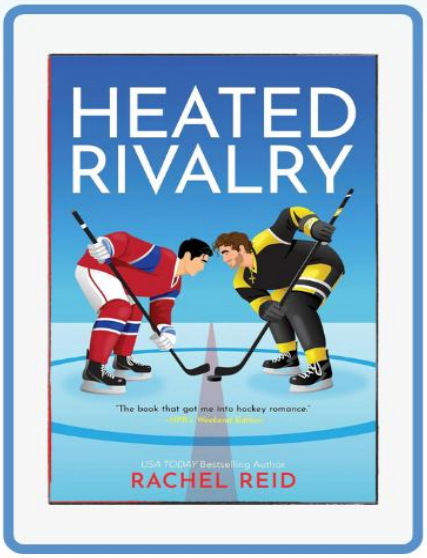
USA TODAY Bestselling Author

RACHEL REID

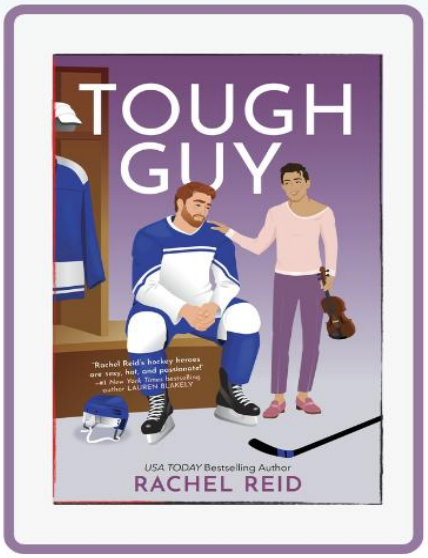
GAME CHANGERS



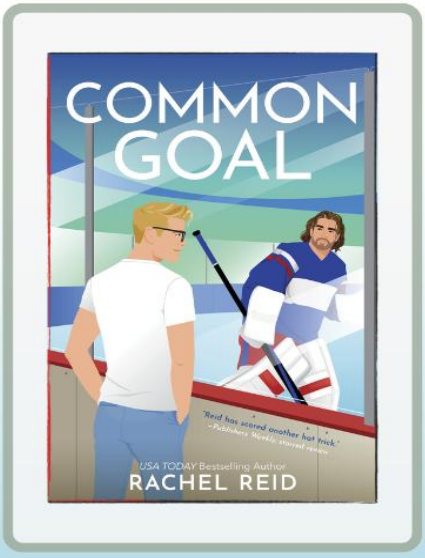
1.0



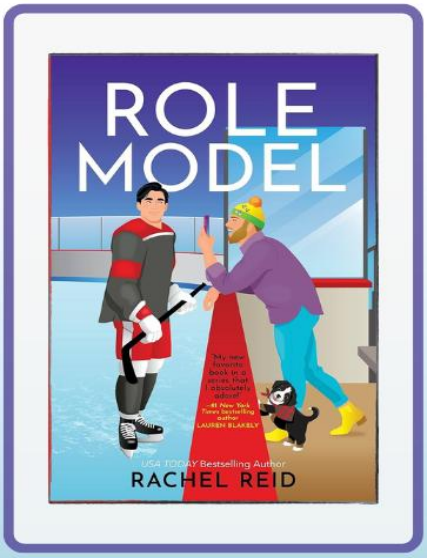
2.0



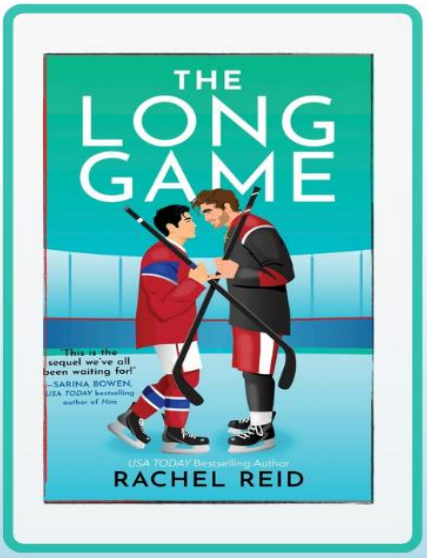
3.0



4.0



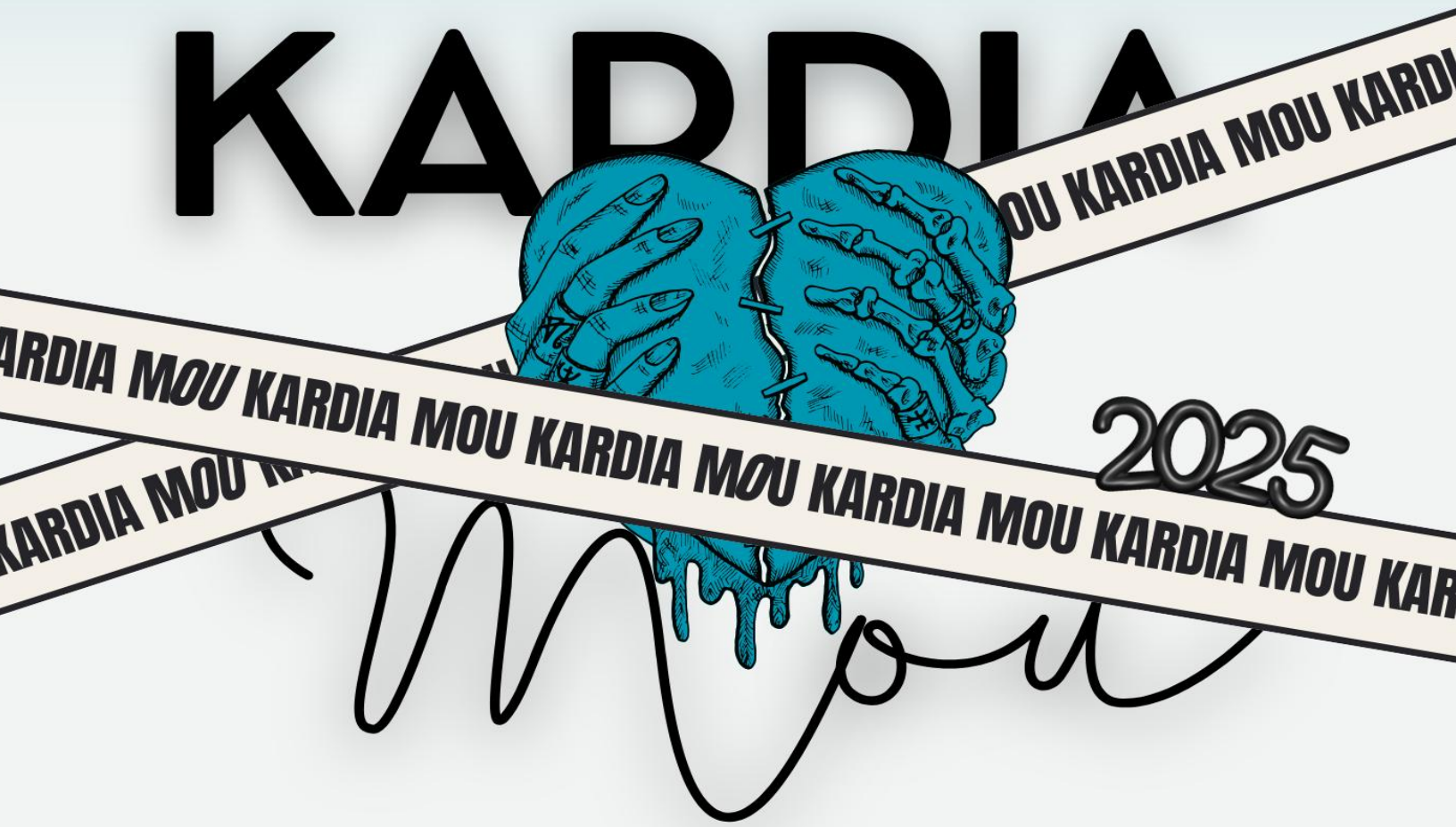
5.0



6.0

Não existe inocência mais pura

Do que nosso doce pecado



revisão inicial:

ROSÉ

revisão final:

MILO

leitura final:

OLESYA

conferência:

HELGA

Aviso - km

Esta é uma tradução feita por fãs para fãs, do grupo Kardia Mou Traduções. Não temos fins lucrativos nem recebemos compensação; nosso intuito é oferecer acesso gratuito a obras estrangeiras com temática Queer.

Como se trata de uma prática ilegal, para evitar denúncias ou processos judiciais e garantir o funcionamento do grupo, pedimos que:

∞ *Evite publicar vídeos no TikTok sobre qualquer livro traduzido pelo grupo e não mencione nos comentários que a tradução do livro existe.*

∞ *Evite fazer postagens nas redes sociais com trechos e imagens dos livros traduzidos.*

∞ *Evite mencionar que você leu livros traduzidos em qualquer rede social, pois isso pode nos expor a possíveis processos judiciais.*

∞ *Os downloads dos livros são exclusivamente para uso pessoal, sendo proibido compartilhá-los abertamente em drives ou plataformas similares para divulgação em redes sociais.*

Sinopse

O capitão do New York Admirals, Scott Hunter, leva seus rituais pré-jogo muito a sério. Neste caso, não é só um smoothie da sorte que ele deseja - é o homem que o fez.

O astro profissional do hóquei Scott Hunter reconhece uma coisa boa quando a vê. Então, quando um smoothie da loja de sucos feito pelo barista Kip Grady precede Scott quebrando seu declínio no gelo, ele está desesperado para recriar a mágica... e conhecer o cara sexy e engraçado atrás do balcão.

Kip sabia que havia mais nas visitas frequentes de Scott do que frutas misturadas, mas ele nunca se permitiu imaginar ser convidado para a cobertura de Scott. Ou beijado com abandono imprudente, muito menos tocado em todos os lugares ao mesmo tempo. Quando acontece, é intenso, incrível e frequente, mas também apenas nos termos de Scott e sempre atrás das portas fechadas de seu apartamento.

Scott precisa de Kip em sua vida, mas com a temporada de playoffs se aproximando, os holofotes sobre ele estão subitamente mais brilhantes do que nunca. Ele não pode se dar ao luxo de fazer nada que possa atrapalhar sua carreira... como apresentar seu namorado ao mundo. Kip está pronto para apostar tudo com Scott - mas por quanto tempo mais ele terá que permanecer em segredo?



Dedicação

Este livro é para todos que me encorajaram a tentar publicar esta história, e especialmente para Matt, que me apoia de todo o coração em todas as coisas. E para o modelo aleatório da Gap que foi minha referência física para Kip.

Capítulo Um

Terça-feira, 14 de janeiro, foi o dia em que Kip Grady soube que liquidificadores barulhentos e ressacas não combinam.

Ele não pretendia beber tanto ontem à noite, mas Chuck e Jimmy estavam na cidade e ele não via aqueles caras há meses. Não era como se ele tivesse ficado *bêbado.* Ele *sabia* que precisava estar no trabalho às seis da manhã seguinte, mas ainda assim conseguiu beber o suficiente para fazer dos liquidificadores potentes seus inimigos mortais.

Mas ele tinha um trabalho a fazer. E esse trabalho era fazer o melhor smoothie que ele pudesse para a mulher de aparência ocupada esperando no balcão.

— Aqui está, senhora. — Ele tentou não estremecer enquanto entregava o pedido à cliente. — Um smoothie Guerreiro Verde com uma dose de grama de trigo.

Ele olhou para o relógio. Seis e meia. Jesus Cristo.

Não havia tempo para descansar a cabeça na convidativa pilha de laranjas que estava no balcão. A correria matinal da semana na Straw+Berry tendia a ser constante até as nove. Maria estava trabalhando com ele esta manhã, e isso era legal. Eles trabalhavam bem juntos porque, embora nenhum deles estivesse particularmente investido neste trabalho, eles o levavam a sério e faziam tudo o que deveriam fazer. Além disso, ela era engraçada.

— Qual desses malditos smoothies cura ressaca? — Kip gemeu quando a loja ficou brevemente vazia.

— Hum, nenhum. Mas supostamente o de melancia.

— Ok. Vou fazer um de melancia gigante com, tipo, cinco Advils dentro.

— Acho que você quer dizer cinco 'impulsos de bem-estar'.

GAME CHANGER

Kip fez um smoothie gigante de melancia para si mesmo e se sentiu um pouco melhor depois de bebê-lo. Ele tomou *dois* Advil.

— Então, o que você estava fazendo ontem à noite? — perguntou Maria.

— Ah, só passando tempo com alguns amigos da faculdade.

— Sim? Eles são fofos?

— Nah. Não sei. Não é meu tipo. — Chuck era grande, corpulento e barbudo. Jimmy era o completo oposto: baixo, magro e parecia cerca de sete anos mais novo do que realmente era.

— Eles também são baristas de sucos de muito sucesso?

— *Eles* conseguiram empregos em suas áreas. Ambos estão trabalhando em Boston. Alguma coisa de negócios? Seguros? Finanças? Não sei. Eles usam ternos para trabalhar.

— Você usa um avental. Isso é muito legal.

— Sim, estou super orgulhoso.

— E um boné de beisebol com um pequeno morango bordado nele. Sério!

Kip jogou um pedaço de abacaxi congelado nela.

— Vou te dizer uma coisa, Kipper. Vou ser legal e fazer todo o trabalho de preparação nos fundos esta manhã para que você possa descansar sua linda cabeça quando a correria acabar.

— Sim?

— Sim!

— Você é a melhor e eu te amo — ele suspirou feliz.

— Eu sei. Agora, pareça vivo! Temos empresárias chegando e elas querem couve liquefeita!

Foi mais uma hora de correria constante antes que Kip finalmente conseguisse aproveitar o silêncio que Maria havia prometido a ele. Ela foi até a sala dos fundos para cortar frutas e vegetais, e ele se jogou em uma

cadeira que havia arrastado para trás do balcão e pressionou o rosto contra a parede. Era uma parede agradável e fria.

Ele nem percebeu que tinha fechado os olhos até que se assustou com alguém limpando a garganta. Não agressivamente. Só o suficiente para que ele soubesse que estavam ali.

Ele abriu os olhos e se levantou rapidamente. — Desculpe, senhor — ele gaguejou. — O que eu posso...?

A boca de Kip pode ter caído aberta como a de um personagem de desenho animado. Possivelmente seu queixo estava no chão, e sua língua pode ter rolado para fora da boca como um tapete. Acontece que o *homem mais gostoso que ele já tinha visto* estava parado na frente dele.

— Hum, o que posso fazer por você? — Kip conseguiu dizer.

O homem era alto, loiro e, bem, *sarado.* E Kip *sabia* que ele era sarado porque estava usando uma jaqueta Under Armour ridiculamente justa com zíper e calça de moletom. Ele devia ter acabado de correr, pelo jeito que seu cabelo úmido grudava na testa e sua pele brilhava de suor.

— Bom dia — o homem suado disse alegremente. — Desculpe por acordá-lo.

As bochechas de Kip coraram. Ele abaixou um pouco a cabeça para que a aba do boné de beisebol idiota a escondesse. *Deus, o homem mais gostoso do mundo está parado na minha frente e eu estou usando um avental e um boné de beisebol de morango.*

— Você não... Eu não estava... — Kip respirou fundo. *Se recomponha!* — Desculpe. Me diverti um pouco demais ontem à noite.

O homem levantou uma sobrancelha. — Numa segunda-feira à noite?

— Sim, bem, você conhece a vida de um fabricante de smoothies... viva rápido e morra jovem, certo?

O homem riu. Kip quase caiu.

— Então, o que tem de bom aqui? — perguntou o homem, olhando de soslaio para o cardápio.

— Hum, tem um com mirtilos, abacaxi e couve... mas você não sente o gosto da couve, eu juro! É bom. Eu gosto.

— Esse seria o... Lua Azul Sobre o Brooklyn?

— Sim. Todos os nomes aqui são meio idiotas.

O homem apontou um longo dedo para o crachá de Kip. — Gostei do *seu* nome.

Kip olhou para seu próprio nome no crachá, como se não soubesse o que dizia. Como um idiota.

— É, tipo, um apelido — ele disse, como se o cara gostoso tivesse pedido mais informações. O que ele não tinha feito. Mas Kip continuou falando porque era o que ele sempre fazia. — Quer dizer, todo mundo me chama de Kip. Então *é* meu nome. Mas não, tipo, meu nome *verdadeiro.* É, hum... Enfim. Você quer um desses smoothies de mirtilo?

— Parece bom — disse o homem, ignorando educadamente o quão idiota Kip estava sendo.

Kip começou a trabalhar carregando o liquidificador com várias frutas congeladas e couve fresca. Felizmente, isso exigia foco, e então a máquina estava alta o suficiente para que ele não conseguisse falar por cima dela. Ele olhou por cima dela para o homem, que agora estava de pé com as mãos nos quadris, estudando as fotos pouco inspiradas de frutas que decoravam o pequeno espaço. Os olhos de Kip não sabiam onde pousar, saltando rapidamente de ombros largos para braços ridiculamente enormes para costas musculosas afinando em uma cintura fina para uma bunda que era francamente apenas...

Kip balançou a cabeça e desligou o liquidificador. Ele tateou em busca de um copo de plástico e o encheu com smoothie azul. — Aqui está, senhor.

O homem se virou, assentiu e entregou a Kip uma nota de vinte dólares dobrada e levemente úmida do bolso da calça de moletom. Ele acenou com a mão quando Kip tentou lhe entregar o troco. — Fique com ele.

— Sério? — Kip perguntou, observando-o tomar seu primeiro gole. Observando seus lábios rosados se encaixarem ao redor do canudo.

— É. — O homem sorriu. — Vamos chamar de comissão. Isso é delicioso.

Kip sorriu de volta. — Que bom que você gostou. Tenha um bom dia.

O homem brindou com seu copo de smoothie. — Você também, Kip.

Kip sentiu-se um pouco tonto ao ouvir seu nome vindo da boca desse homem. Quando seu homem dos sonhos saiu, outro homem que não era nem de longe tão atraente entrou na loja.

— Puta merda! — disse o novo cliente, apontando o polegar em direção à porta. — Era Scott Hunter!

— Huh?

O homem olhou para Kip como se ele fosse muito burro. — Scott *Hunter.*

— Você quer dizer, tipo, o cara jogador de hóquei? — disse Kip.

— *O quê?* — veio uma voz atrás dele. Maria estava parada na porta da sala dos fundos. — Eu realmente perdi o Scott Hunter?

— Eu não acho... Você realmente acha que era ele? — Kip perguntou.

O cliente assentiu. — Ah, sim. Definitivamente. Surpreso que ele mostre a cara pela cidade, do jeito que ele tem jogado mal no gelo ultimamente.

— Ele não está bem? — Kip tinha *alguma* noção de quem era Scott Hunter, é claro - todo mundo tinha, fã de esportes ou não. Ele era o central estrela e capitão do time do New York Admirals. Três anos atrás, ele levou o Time EUA ao ouro olímpico. Mas Kip o conhecia principalmente por seus anúncios do Hugo Boss. Ele era um grande fã desses anúncios.

Kip gostava de hóquei, mas não estava acompanhando a NHL muito de perto. Scott Hunter sempre foi, até onde ele sabia, celebrado e amado nesta

cidade. O Rei de Nova York, na verdade. Mas aparentemente Kip tinha perdido alguma coisa.

— É, ele tem sido terrível nesta temporada — continuou o cliente. — Não marca um gol desde novembro! Não sei para que estão pagando todo esse dinheiro a ele. Eles deveriam negociar o inútil.

— Bem... — Kip disse, sem saber como terminar. Era ridículo, mas ele se sentiu pessoalmente ofendido pelas críticas desse cara, e foi compelido a defender Scott Hunter. — Talvez ele esteja apenas passando por algumas coisas.

O cliente bufou. — Ele pode passar por isso no verão. Não vamos chegar aos playoffs este ano se ele continuar com essa merda.

Kip ainda se sentia inexplicavelmente irritado, mas deu de ombros e deu seu smoothie ao rapaz para que ele fosse embora.

Quando ficaram sozinhos novamente, Maria disse: — Scott Hunter estava realmente aqui?

— Eu não sei. Talvez. Quer dizer, agora que o cara mencionou, acho que tinha que ser. Eu estava meio distraído com o quão gostoso ele era, mas, sim, ele definitivamente parecia o Hunter. E, uh, ele me deu uma gorjeta enorme.

— Quão grande? Temos que dividir, sabia.

— É, é, eu sei. Foi tipo uma gorjeta de treze dólares!

— *O quê?*

— Bom, se *foi* Hunter, provavelmente não é nada, certo? Ele provavelmente não se importa com dinheiro.

— Deve ser legal.

— Sim.

— Entãããão — disse Maria, inclinando-se para o espaço pessoal de Kip, — ele era gostoso?

— Meu Deus. — Kip sorriu. — Ele era uma *gostosura.* Ele não parecia real.

— O que ele estava vestindo?

— Roupas de academia. Ele tinha acabado de correr, eu acho. Roupas de academia bem *apertadas.*

— Oh meu Deus.

— Sim.

— Não acredito que perdi. Se ele voltar, você tem que me avisar. Mesmo que eu esteja no *banheiro,* me chame!

— Claro, isso não será estranho.

Maria começou a carregar as frutas e vegetais recém-picados nas geladeiras. Kip ajudou. Eles trabalharam em silêncio por alguns minutos.

— Ei — disse Kip — ele disse meu nome.

— Quem? Hunter? Ele realmente disse a palavra 'Kip'?

— Sim — disse Kip sonhadoramente.

— Deus, aposto que quando *ele* diz isso, nem parece bobo.

Kip jogou um morango nela.

* * *

Kip viu a manchete na manhã seguinte no trem: *Noite do Hunter!* Ele se inclinou um pouco para a frente para ler a primeira página do jornal do passageiro sentado à sua frente. Aparentemente, Hunter tinha marcado um hat trick[1] na noite passada e conseguiu duas assistências em uma goleada de 7–1 sobre Washington. Kip sorriu. Ele se sentiu estranhamente orgulhoso dele.

Sim, tão bom que o astro milionário teve uma boa noite. Nossa.

Os Admirals estavam jogando em Nova Jersey esta noite, disse o jornal. Enquanto Kip andava os dois quarteirões da estação de trem até Straw+Berry, ele pensou na última vez que tinha ido a um jogo dos

[1] Conjunto de três gols marcados no mesmo jogo por um jogador

Admirals. Deve ter sido há pelo menos oito anos. Não, mais tempo, porque ele nunca tinha visto Hunter jogar, exceto na televisão.

Jesus, agora vou ficar pensando só em Scott Hunter?

Ele bocejou enquanto pegava a chave e destrancava a porta da loja. Ele precisava encontrar um emprego que começasse mais tarde. Acordar antes das cinco para estar no trabalho antes das seis era ridículo. Especialmente pelo salário-mínimo.

A manhã foi igual à da maioria dos dias úteis: correria constante das sete às nove, e depois um pouco de silêncio antes que as clientes que Maria apelidou de "mães do yoga" começassem a chegar.

— Seu namorado teve uma boa noite ontem — disse Maria enquanto enchia a tigela de laranja.

— Do que diabos você está falando?

— Scott Hunter. Marcou, tipo, um milhão de gols ou algo assim.

— *Três* gols — corrigiu Kip — e duas assistências.

— Oh, desculpe. Não sabia que você era um fã de carteirinha.

— Não sou! Li o jornal no caminho para cá. É, tipo, uma grande notícia ou algo assim.

— Meu Deus! Você está loucamente a fim dele agora! Você foi para casa ontem à noite e pesquisou Scott Hunter no Google imagem, não foi?

— Não! — *Sim.*

— Tanto faz. Você é um fã fanático. Tão fofo.

— Te odeio.

— Você não.

Maria empilhou laranjas e Kip varreu o chão atrás do balcão, mesmo que não estivesse tão sujo. Ele simplesmente odiava ficar parado sem fazer nada.

Pouco depois das dez, a porta se abriu e Kip mais uma vez se deparou com Scott Hunter em roupas de academia suadas.

Desta vez Maria estava presente para testemunhar. — Puta merda.

Kip deu-lhe uma cotovelada o mais sutilmente possível.

— Bom dia novamente, Kip — disse o homem que definitivamente era Scott Hunter.

— Bom dia, hum... *Jesus.* Você é Scott Hunter, certo?

Ele pareceu divertido. — Eu sou.

— Isso é tão incrível — Maria suspirou.

— É, hum — Kip começou, então mudou de assunto. — Ótimo jogo ontem à noite.

— Obrigado! Pensei em pegar outro daqueles smoothies de mirtilo. Quando algo dá certo no meu jogo, gosto de tentar repetir o que fiz naquele dia.

— Certo — Kip disse. Os olhos de Scott eram azuis. Eles eram tão azuis.

— Então...outro smoothie de mirtilo, por favor.

— Certo! — Kip saiu do transe e começou a trabalhar na preparação do smoothie.

Scott Hunter estava, mais uma vez, usando uma jaqueta Under Armour absurdamente justa e calça de moletom. Seu cabelo estava úmido e desgrenhado, e sua pele estava levemente corada por causa do exercício. Kip Grady estava, mais uma vez, usando um avental idiota e um boné com um maldito morango nele. Mas pelo menos ele não estava de ressaca dessa vez.

Ele entregou seu smoothie ao atleta estrela e tentou não se concentrar muito na maneira como seus lábios se enrolavam no canudo. Foi difícil porque Scott estava olhando *diretamente para ele* enquanto tomava seu primeiro gole. Seus lábios se curvaram um pouco quando ele notou o olhar de Kip.

— Obrigado novamente, Kip — ele disse. — Espero vê-lo no próximo dia de jogo.

Ele levantou o copo de smoothie em uma saudação de despedida e então foi embora.

Quando Kip se virou para Maria, ela estava de queixo caído.

— 'Espero vê-lo no próximo dia de jogo'? — ela disse. — Você está *brincando* comigo?

— O quê?

— Ele está completamente a fim de você, Grady!

Kip ficou vermelho como o morango em seu boné. — Ah, sério. Não foi isso que ele quis dizer.

— Claro que não.

— Não é! Ele é apenas supersticioso. Ele quer dizer que espera que funcione e que ele tenha um ótimo jogo hoje à noite, então ele estará de volta no próximo dia de jogo! É isso!

— Eu sei que é isso que ele estava dizendo superficialmente, idiota, mas não é *só isso* que ele estava dizendo.

— Ele nem... Meu Deus. Não acredito que estou falando sobre isso. Scott Hunter *não* gosta de caras. E ele *definitivamente* não gosta de caras que trabalham em lojas de smoothie.

— Se você diz.

— Vou para trás e cortar o abacaxi — resmungou Kip.

— É melhor verificar para ter certeza de que temos muitos mirtilos estocados — Maria falou atrás dele.

* * *

Kip estava na sala de estar do apartamento de sua melhor amiga em Tribeca, admirando a vista do Rio Hudson. Ele não conseguia nem imaginar quanto custaria um lugar como esse.

Morar em Nova York era *caro,* mas Kip tinha uma estratégia super impressionante que lhe permitiu trabalhar com um salário-mínimo *e* conseguir pagar seus empréstimos estudantis em dia todo mês: ele ainda morava com os pais.

Sim, ele tinha vinte e cinco anos. Sim, ele tinha se formado na universidade quando tinha vinte e dois. Mas a questão era que os formados em história não estavam exatamente sendo arrebatados no mercado de trabalho.

Kip tinha sonhos. Aspirações. Ele queria trabalhar em um dos museus. Talvez ir trabalhar em um na Europa um dia. Talvez escrever um livro ou dois. Talvez apresentar um programa de televisão popular onde ele viajasse pelo mundo e apresentasse diferentes locais históricos importantes para os telespectadores. Talvez consultar sobre filmes históricos em Hollywood...

Ou talvez transformar frutas e vegetais em mingau bebível para pessoas ocupadas a caminho de empregos que eram realmente importantes.

A dona do apartamento em que ele estava agora, Elena, tinha um emprego de verdade e uma vida que parecia muito adulta comparada à de Kip. Ela era engenheira de segurança cibernética da Equinox Tech, uma das empresas de TI de crescimento mais rápido do país. Kip não sabia exatamente o que era uma engenheira de segurança cibernética, mas parecia pagar muito bem e soava impressionante.

Elena era, sem dúvida, a pessoa mais inteligente que Kip conhecia. Além de brilhante e engraçada, ela também era incrivelmente linda - uma combinação incomum da altura e estrutura óssea norueguesa de seu pai, e do cabelo escuro libanês e pele oliva de sua mãe.

A amizade de Kip com ela no ensino médio o ajudou a perceber que ele não estava sexualmente interessado em mulheres. Porque se ele não estava interessado nela, bem...

De qualquer forma, Elena provavelmente sabia que ele era gay antes dele. Ela sabia de tudo antes dele.

— Você precisa de um colega de quarto? — Kip perguntou, afastando-se das janelas.

— Não — ela disse. — Nunca.

Eles se acomodaram no sofá dela para comer comida de Sujuão (Elena *não* cozinhava). Kip mal tinha dado uma mordida quando Elena casualmente disse: — Então. Quem é ele?

O macarrão escorregou dos hashis de Kip, deslizando de volta para a caixa de onde veio. — O quê? Quem? O que você quer dizer?

— Você ficou com um olhar sonhador no rosto a noite toda. Em quem você está pensando?

O rosto de Kip corou. Ele cutucou o macarrão com seus hashis. — Ninguém.

— Christopher. — Elena gostava de usar seu nome verdadeiro quando ele a estava deixando exausta.

— Você vai rir.

— Isso não parece comigo.

Kip sorriu com isso. — É só que... Você conhece Scott Hunter?

— Eu conheço Scott Hunter? Não pessoalmente, não.

— Mas você já ouviu falar dele.

— Sim.

— Ok. Então ele tem vindo à loja.

— A loja de smoothies?

— Sim. Nos últimos dias. Para dar sorte, ele diz, porque ele jogou muito bem depois de tomar um smoothie ontem de manhã. Então ele veio hoje e tomou outro porque eles vão jogar de novo hoje à noite.

— OK.

— Ele é só... Ele é muito gostoso, só isso.

Os lábios de Elena se contraíram um pouco, mas ela não riu. — Isso é emocionante.

— Sim.

Eles continuaram a comer em silêncio. E Kip, que aparentemente *não conseguia* ficar tranquilo com isso, durou um minuto inteiro antes de deixar escapar: — Ele sabe meu nome.

Elena levantou uma sobrancelha.

— Ele disse, 'Bom dia, Kip,' quando chegou hoje. — Kip tentou, mas não conseguiu, tirar o sorriso idiota do rosto.

— Deve ter sido emocionante.

— É, e, uh, ele disse que espera me ver de novo. Você sabe, tipo, se o smoothie funcionar, ou algo assim.

— O smoothie mágico de hóquei?

— Pare de tirar sarro de mim.

— Não estou! E vou te dizer mais uma coisa: vamos assistir ao jogo de hóquei hoje à noite.

* * *

Kip estava vergonhosamente nervoso assistindo ao jogo de hóquei. Cada golpe que Scott levava, Kip se encolhia. Cada chute que Scott lançava na rede, Kip prendia a respiração. Ele queria que o jogo fosse bom para Hunter, e não havia sentido em se enganar sobre o porquê.

No final do primeiro período, o placar estava empatado em 1–1. Scott parou no caminho para o vestiário para uma rápida entrevista. Ele tirou o capacete, e seu cabelo úmido estava espetado em todas as direções. O coração de Kip acelerou. Scott estava encharcado de suor, ainda mais do que quando entrou na loja depois de suas corridas. Kip podia ver o brilho dele descendo pelo pescoço de Scott, até a gola vermelha de sua camisa.

Scott estava dizendo palavras sobre defesa forte e trabalho em equipe. Sua linda boca pairava sobre o microfone, seus olhos azuis não olhavam nem para a câmera nem para o homem que o entrevistava. Era como se ele mal estivesse presente nessa entrevista, já onde quer que ele preferisse estar naquele momento.

— Ele é definitivamente atraente — disse Elena.

— Sim... — Kip falou.

O jogo ficou equilibrado no segundo período. Foi só no terceiro período, quando Scott marcou dois gols e deu assistência para mais um, que os Admirals silenciaram os fãs na arena de Newark. Kip estava tonto.

— Deus, ele é incrível. Aquele último gol, ele provavelmente chutou o disco a centenas de quilômetros por hora, mas parecia em câmera lenta.

— Ele tem mãos talentosas — Elena concordou, com um movimento dos lábios.

Ela pegou o telefone e digitou algo. — O próximo jogo é sábado à noite em casa contra o Tampa Bay — ela disse. — Você vai trabalhar no sábado?

Kip gemeu. — Porra! Eu preciso estar... tenho que trocar de turno! Quem vai trabalhar no sábado?

Ele pegou seu próprio telefone e mandou uma mensagem para Maria. *Você está trabalhando no sábado?*

A resposta veio um minuto depois. *Sim?*

Kip: *Posso trocar com você?*

Maria: *Por quê?*

Kip: *Estou marcado para sexta-feira. Vamos trocar. Por favor?*

Maria: *Isso é sobre Scott Hunter?!*

Kip se sentiu idiota, mesmo assim digitou: *Talvez*.

Maria: *Meu Deus, Kip.*

Kip: *POR FAVOR?!*

Maria: *Tudo bem.*

Houve uma pausa e ela acrescentou: *Você estará trabalhando com Jeff.*

Ugh. Jeff era o pior. Simplesmente muito preguiçoso e basicamente chapado o tempo todo. Kip nem conseguia acreditar que ainda trabalhava lá.

Mas valeria a pena, porque quando o jogo terminou, o placar estava 6-2 para os Admirals. O que significava que Scott entraria em campo no sábado com certeza.

Provavelmente com certeza.

Quase certamente, com certeza.

Capítulo Dois

Kip pode ter acordado mais cedo no sábado para cuidar melhor de sua aparência.

Não havia nada que ele pudesse fazer sobre seu uniforme, mas ele pelo menos se certificou de que seu melhor jeans estivesse limpo, e decidiu usar os novos tênis estilosos que havia comprado algumas semanas atrás e que não tinha condições de pagar, mas não conseguiu resistir.

Ele até se deu ao trabalho de arrumar um pouco o cabelo, apesar de saber que teria que tapar com seu boné idiota. Ele passou fio dental. Ele colocou balas de menta no bolso para cobrir seu eventual hálito de café.

Ele chegou à loja dez minutos mais cedo depois de um trajeto relativamente tranquilo, e não ficou nem um pouco surpreso ao ver que foi o primeiro a chegar. Ele começou a trabalhar na preparação, tomando cuidado especial para garantir que eles tivessem os ingredientes para o smoothie Lua Azul Sobre o Brooklyn de Scott pronto.

Vinte minutos depois que a loja abriu às seis, Kip ainda estava sozinho. Novamente, não foi uma grande surpresa, dado que era Jeff quem estava escalado para trabalhar com ele, mas era irritante.

Às seis e meia o telefone tocou; Jeff estava ligando dizendo que estava "doente". Kip não conseguia nem reunir energia para ficar bravo, especialmente porque isso poderia significar ficar sozinho na loja quando Scott...

Você está muito animado com a possibilidade de uma interação de dois minutos com um homem que não está nem um pouco interessado em você, Kip.

Os sábados eram sempre muito mais tranquilos do que os dias úteis. A manhã se arrastava, com apenas um fio de clientes para quebrar a

monotonia. Kip acabou pegando seu telefone e, claro, lendo artigos antigos sobre Scott Hunter.

Havia muitos artigos. A maioria deles tinha a mesma informação: Scott nasceu e foi criado em Rochester, e sempre foi o melhor jogador em qualquer time em que jogou, desde a adolescência. Os artigos frequentemente destacavam sua generosa devoção a instituições de caridade, especialmente aquelas que ajudam crianças doentes, e o descreviam como um modelo excepcional dentro e fora do gelo.

A outra coisa que os artigos *sempre* mencionavam era que Scott Hunter era um dos solteiros mais cobiçados de Nova York. Ele nunca tinha sido ligado a uma mulher por um período significativo de tempo (interessante), e ele tendia a se esquivar de qualquer pergunta sobre sua vida privada (mais interessante).

Kip estava ocupado salvando as fotos do artigo de Scott na *GQ* em seu telefone quando a porta se abriu. Ele se apressou para enfiar seu telefone no bolso quando Scott Hunter entrou na loja.

Seria ridículo dizer que o rosto de Scott se iluminou quando ele viu Kip, mas... foi isso que *realmente* pareceu.

— Kip! — ele disse, um sorriso de alegria se espalhando por seu rosto suado. — Eu estava preocupado que você não pudesse trabalhar hoje.

— Você estava? — Kip perguntou, chocado demais para dizer algo mais inteligente.

— Eu só quero dizer... — E Scott Hunter pareceu *envergonhado?* — Eu gosto de manter o máximo de coisas iguais na minha rotina, e você fez os outros dois smoothies, então...

— Deve haver algo no jeito que eu os faço — disse Kip, corajosamente tentando dar um sorriso sedutor.

— Deve ser.

Kip juntou os ingredientes e começou a jogá-los no liquidificador. — Eu assisti ao jogo na outra noite — ele disse. — Aquele último gol foi realmente algo.

— Obrigado. — Scott parecia realmente apreciar isso. — Eu me senti bem com isso.

Ele sorriu para Kip, cuja boca ficou seca. Ele ligou o liquidificador antes que pudesse dizer algo estúpido como, '*Qual é o gosto do seu abdômen?*'

— Sozinho hoje? — Scott perguntou enquanto Kip lhe entregava o de sempre.

— É, uh, eu deveria estar trabalhando com alguém, mas ele ligou dizendo que estava doente. Não acho que ele esteja realmente doente. Ele é meio inútil. — Kip se encolheu internamente ao dizer isso. *Como se Scott Hunter se importasse com seus colegas de trabalho.*

— Sinto muito em ouvir isso — disse Scott. — Já tive companheiros de time assim.

Kip riu, porque Scott Hunter estava falando sério ao comparar suas duas linhas de trabalho?

— Você, uh, você se importa se eu beber isso aqui? — Scott perguntou, como se não houvesse mesas e cadeiras bem ao lado dele. — Eu só... tenho alguns e-mails para ler. — Ele tirou o telefone do bolso e o balançou no ar.

— Claro, sim — disse Kip, sem conseguir acreditar na sua sorte. Scott estava sentado em uma das pequenas mesas do bistrô, de costas para a porta (e o rosto voltado para Kip). Kip se esforçou para não apenas encará-lo enquanto Scott rolava os e-mails em seu telefone, ocasionalmente tomando um gole de seu smoothie azul. Ele estava bebendo muito lentamente, parecia.

Depois de quinze minutos, Kip deixou seu posto atrás do balcão e foi trabalhar limpando mesas que não precisavam ser limpas.

Quando ele estava na mesa ao lado da de Scott, ele arriscou e quebrou o silêncio. — Tem certeza de que isso não vai atrapalhar seu jogo? Quebrar a rotina desse jeito?

— O quê? Ah, não. Não preciso fazer *tudo* igual. Quer dizer, não sou *tão* obsessivo assim.

— Claro — disse Kip, com um sorrisinho.

Scott sorriu e até riu. — Eu provavelmente pareço estranho, não é? Agindo como se esse smoothie fosse uma poção mágica ou algo assim.

Kip deu de ombros. — Eu li sobre atletas. Vocês são todos malucos, certo? Vestindo seus uniformes de uma certa maneira, não trocando suas meias, não fazendo a barba...

Scott apontou um dedo acusador para ele. — Ei, só nos playoffs, e essa é uma tradição consagrada!

— Totalmente normal, então.

Kip não conseguia acreditar no que estava prestes a fazer, mas ele tinha que testar a situação. Só um pouquinho.

— Não estou dizendo que me importo — ele disse, tão casualmente quanto conseguiu. — Vocês sempre parecem tão durões quando levantam a taça. Como um bando de lenhadores gostosos.

Pronto. Então isso foi dito.

Scott olhou para ele, e Kip podia jurar que o fraco sorriso passou por seus lábios.

Mas então Scott se levantou abruptamente, e o sorriso desapareceu. — Bem, eu deveria ir.

Kip queria *morrer.* Ele estava apenas flertando com Scott *Hunter,* porra, e agora Scott iria embora para sempre, porque que *diabos,* Grady?

— Obrigado de novo, Kip — Scott disse. Ele foi mais gentil do que Kip merecia.

Mas, quando chegou à porta, Scott parou e se virou. — Você gostaria de ir ao jogo hoje à noite?

— O quê?

— Ninguém está usando meus ingressos. Eu poderia te dar dois, então você pode levar...alguém...se quiser.

— Você está falando sério?

— Por que eu não estaria?

Kip ficou boquiaberto com a celebridade impossivelmente linda que enchia a porta da loja, que estava lhe oferecendo um presente sem motivo. — Se você tem certeza, eu adoraria ir!

— *Tenho* certeza, e fico feliz em ouvir isso. Apenas dê a eles seu nome na bilheteria.

— Ok. Vejo você hoje à noite, então — Kip disse, *como um idiota.*

Scott apenas sorriu e foi embora.

* * *

Kip não deveria ter ficado surpreso que os assentos pessoais de Scott Hunter eram *fenomenais.* Seis fileiras do gelo, na linha azul de frente para o banco da casa. Simplesmente irreal.

— Merda — Elena disse. — Eu sei que a Equinox tem um camarote aqui, mas esses assentos são muito melhores.

— Não acredito que estamos aqui. Não acredito que estamos usando os ingressos do *Scott Hunter!*

— É um encontro estranho, no entanto. Você está aqui com uma mulher, e ele está no trabalho.

— *Não* é um encontro.

— Tenho certeza de que ele dá ingressos para todos os balconistas de lojas de smoothies.

Kip estava tentando não pensar muito sobre o porquê de Scott ter lhe dado os ingressos. — Ele só está me agradecendo porque acha que sou de alguma forma responsável por sua sequência de vitórias. Como eu disse, ele é louco.

— Louco por *você*, talvez.

— Não seja burra.

— Kip — ela disse, colocando sua cerveja no porta-copos. — Você *sabe* como você é, certo?

— O que você está...?

— Você é gostoso, Grady. Extremamente gostoso.

— Estou...bem.

— Não, me escute. Você é ridiculamente bonito. Você acha que estou feliz que você seja gay? Não estou.

Kip revirou os olhos. — Até parece. Além disso... — ele abaixou a voz para um sussurro, inclinando-se — ...nós não sabemos se Hunter está... no meu time.

— Não mesmo?

— Não! Quero dizer... Tenho dicas de que talvez...

— Como quando estamos sentados em seus assentos pessoais porque ele *pessoalmente* lhe deu seus ingressos *pessoais* quando ele te visitou no trabalho pela terceira vez esta semana?

Kip estava corando agora. — Ele é apenas supersticioso — ele murmurou — só isso.

Os jogadores saíram no gelo para se aquecer. Kip observou todos eles patinando, descendo no gelo para se alongar, se revezando para lançar chutes fáceis em seus goleiros. Ele tentou, mas falhou, não prestar muita atenção extra ao #21, Scott Hunter. O homem estava fazendo um alongamento profundo do tendão da coxa que mostrou o quão flexível ele

era. Kip imaginou como seria essa posição sem a calça de hóquei fortemente acolchoada.

Seu cérebro pouco sexualizado o levou a uma viagem maravilhosa por alguns minutos, e ele estava tão distraído que quase não percebeu quando Hunter passou de patins pelo vidro na frente deles - parecendo ter saído de um pôster promocional em seu uniforme vermelho, branco e azul - e acenou para ele.

Não. Não para mim. Deve ser para alguém sentado atrás de mim.

Kip virou a cabeça. Não havia ninguém sentado atrás dele ainda. Ninguém na frente dele também.

Huh.

O aquecimento terminou, os Zambonis saíram para limpar o gelo, e então o espetáculo que foi o show pré-jogo começou. As luzes se apagaram e vídeos dos Admirals em ação foram projetados no gelo enquanto música rock tocava alto. Havia gelo seco e pirotecnia, e quando os jogadores saíram furiosos, o lugar atingiu um pico de euforia.

Kip ficou impressionado com duas coisas: Scott Hunter era uma grande estrela. Tipo, *muito* grande. Um atleta superstar gigante e esta cidade o *amava.* Parecia que metade das pessoas na multidão estava vestindo sua camisa. E quando o nome de Scott foi anunciado como o central inicial do jogo, a multidão foi ensurdecedora. Ele não era apenas um cara que gostava de smoothies de mirtilo e era legal com os balconistas que os faziam. Este cara *era* Nova York.

E Kip estava aqui como *seu* convidado.

Puta merda.

A outra coisa que o impressionou foi que Scott comandava muito respeito de seus companheiros de time. Kip podia ver a maneira como os jogadores mais jovens brilhavam quando ele dava tapinhas em seus ombros e os

elogiava por uma boa jogada. Até os árbitros pareciam gostar dele, dando-lhe pequenos toques no cotovelo depois de explicarem uma decisão de penalidade para ele.

O jogo foi incrível. Scott foi incrível. Ele não só marcou um gol em cada período e deu assistência em outro, como também fez a multidão rugir quando ele nivelou um ala de Tampa perto do centro do gelo com um enorme golpe de quadril. Kip ficou mais impressionado quando Scott separou uma briga antes que ela acontecesse, acalmando seu companheiro de time com um aperto firme em seu braço e palavras que Kip desejou ter ouvido.

Foi inegavelmente sexy assistir Scott exibindo tanta habilidade e autoridade durante o jogo. Ele foi espetacular.

— Isso foi tão foda! — Kip disse, alto demais, enquanto eles seguiam para o metrô depois do jogo. — Eu quero ir para outro! Eu quero ir para todos eles!

— Bem, você vai ter que esperar, superfã — Elena disse. — Os Admirals pegam a estrada pelas próximas duas semanas.

Kip não deveria ter se sentido tão devastado com essa notícia. De repente, a ideia de trabalhar um turno inteiro sem ver Scott parecia insuportável.

Quando ele estava em casa, na cama, naquela noite, não conseguiu deixar de se perguntar se Scott estava infeliz por estar viajando, longe de sua rotina segura.

Ele estava sendo estúpido. Scott era um jogador profissional de hóquei que *não* ia sentir falta de seus smoothies idiotas enquanto estivesse na estrada. Kip suspirou e se resignou a pelo menos duas semanas de turnos livres de Scott Hunter no trabalho.

Capítulo Três

Scott observou a ilha de Manhattan desaparecer enquanto o avião avançava pelas nuvens espessas que cobriam a cidade há dias.

Ele se sentia mal, mas não sabia o porquê. Não tinha nada a ver com seu jogo, porque ele estava jogando melhor do que em toda a temporada. O time estava em uma sequência de vitórias e eles estavam livres de qualquer lesão grave. Além disso, o avião particular do time os levaria para Phoenix, o que lhes daria uma boa pausa do frio cortante de janeiro em Nova York.

Seu agente estava feliz de novo, pelo menos. Algumas semanas atrás, Scott recebeu uma ligação muito apavorada de Todd Wheeler, o homem que o representava desde seus dias de hóquei na faculdade.

— Estamos em sérios apuros aqui — Todd disse. — Os patrocinadores não gostam do que estão vendo de você. A Gillette está dizendo que não renovará no ano que vem. Até a Under Armour está ficando nervosa. Porra, *Under Armour*, Scott! Não podemos perdê-los!

Se a conversa deveria ter motivado Scott, não funcionou. Não era como se ele não soubesse que estava jogando terrivelmente ou que estava feliz com isso.

— Acredite em mim, Todd — Scott dissera. — Ninguém está mais decepcionado comigo do que eu.

Mas ontem Scott recebeu um telefonema muito diferente.

— Não importa o que você fez para recuperar seu jogo, continue fazendo! — disse Todd aliviado.

Só que Scott não conseguia continuar fazendo isso. Ele ficaria na estrada por duas semanas, jogando principalmente contra times da Conferência Oeste. Os Admirals tinham sete jogos agendados, terminando com um em

Toronto, antes de voarem para casa. Scott nunca se importou em estar na estrada. Ele gostava de seus companheiros de time e não era um viajante nervoso como alguns deles. Ele também, ao contrário da maioria do time, não tinha esposa e filhos que precisasse deixar para trás.

Mas pela primeira vez em sua carreira, Scott sentiu - absurdamente - como se estivesse deixando alguém para trás.

O companheiro de assento de Scott e um de seus capitães assistentes, Carter Vaughan, estava particularmente animado com sua próxima parada em Los Angeles. Ele estava saindo com Gloria Grey, uma atriz de televisão muito famosa e extremamente atraente, há alguns meses. — Nada sério — Carter insistiu na última vez que Scott perguntou sobre ela. — Apenas duas pessoas bonitas e tranquilas curtindo a companhia uma da outra sempre que estamos na mesma cidade.

Scott pensou que poderia ser mais do que isso, mas não disse nada. Ele era a última pessoa que deveria ficar bisbilhotando a vida amorosa dos outros.

Carter já estava com os fones de ouvido. Como não havia nada para olhar do lado de fora da janela, Scott pegou seu livro. Era um romance de espionagem idiota, mas era algo para passar o tempo.

Scott tentou ler, mas sua mente continuou divagando. Ela continuou evocando a imagem de um charmoso balconista de loja de smoothies com olhos castanhos deslumbrantes e o sorriso mais fofo...

Ele virou a cabeça para que Carter não notasse seu sorriso bobo.

Ele tinha ido ao jogo ontem à noite. Kip. Scott tinha acenado para ele, mas Kip não tinha feito nada em troca. Talvez ele não tivesse visto. Talvez ele tivesse pensado que Scott era estranho.

De qualquer forma, Scott ficou absurdamente feliz em vê-lo sentado naquela arena. Mais feliz ainda em ver que ele havia levado uma *amiga* com ele, porque Kip havia insinuado que ele se sentia atraído por homens. Pelo

menos, Scott tinha certeza de que era isso que tinha acontecido. Ele era irremediavelmente ignorante sobre flerte.

Ele franziu a testa. Kip poderia ser bissexual. Talvez aquela mulher com quem ele estava *fosse* sua namorada. Ela certamente parecia bonita o suficiente.

Scott não era bissexual. O que o mundo não sabia era que ele também não era hétero. *Ele* sabia que era gay há muito tempo. Desde que jogava no time júnior, na verdade. Ele tinha uma queda terrível por um companheiro de time, uma que ele tinha certeza de que não era correspondida. Mesmo que não fosse, ele sabia que Jacob nunca agiria sobre isso. Nunca admitiria. Dar em cima dele só daria a Scott um olho roxo ou pior. Poderia ter custado a carreira de Scott se a notícia tivesse se espalhado. Porque jogadores de hóquei não eram gays. Nenhum jogador da NHL *jamais foi* gay.

Scott sabia, agora que estava mais velho e mais sábio, que não havia como isso ser verdade. Mas isso não mudava o fato de que ninguém na liga jamais tinha sido abertamente gay, ou mesmo abertamente bissexual. Jogadores da NHL se casavam jovens, tinham um monte de filhos e levavam a família para o chalé no verão. Jogadores da NHL jogavam golfe, bebiam, jogavam pôquer, comiam bife, iam a boates de striptease, dormiam com coelhinhas de disco e usavam palavras como *bicha* e *viadinho* liberalmente.

Então Scott guardou sua vida amorosa para si mesmo. Ou a falta dela.

Já era difícil ser discreto quando você era apenas uma pessoa comum. Era infinitamente mais difícil quando você era um atleta superstar. Scott não conseguia ficar online e ficar com homens aleatórios; ele sempre ficava com medo de que um deles falasse com a imprensa. Ele sentia o mesmo sobre profissionais do sexo. Ele evitava bares e boates gays, não que ele necessariamente gostasse desse tipo de coisa de qualquer maneira. Ele era um péssimo dançarino.

A maioria de seus encontros sexuais aconteciam durante os verões. Ele ia para lugares exóticos onde as pessoas não sabiam nada sobre hóquei. Itália, Espanha, Brasil, Grécia. Lugares onde ele era apenas um dos muitos homens jovens e em forma procurando por uma coisa.

O verão já tinha passado há muito tempo.

O que Scott não fez - o que ele nunca, *nunca* fez - foi flertar com balconistas de Manhattan. Porque isso seria estúpido e descuidado e não valeria o risco. Ele certamente nunca daria a eles uma dica de que estava interessado em homens. Scott tinha se tornado bom em esconder esse fato; ele tinha anos de prática, afinal.

Mas havia algo sobre Kip.

Scott nem conseguia nomeá-lo. Obviamente ele era bonito (ele *é lindo pra caralho, Scott, sério*), com aquelas covinhas e aqueles olhos. No jogo ontem à noite, Scott finalmente conseguiu dar uma olhada em Kip quando ele não estava usando boné e avental. Ele gostaria de dar uma olhada mais de perto algum dia.

Jesus.

Então, sim, ele era atraente. Muitos homens em Nova York eram atraentes. Caramba, muitos homens no *time* de Scott eram atraentes. Então essa não era a razão pela qual Scott não conseguia parar de pensar nele.

Havia algo nele. Scott queria falar com ele por horas, e descobrir tudo sobre ele. Mostrar tudo a ele. *Dar* tudo a ele.

O motivo dele para retornar à loja em dias de jogo não era um ardil. Ele sinceramente sentia que era importante manter as rotinas quando seu jogo estava indo bem. Ele estava jogando o pior hóquei de sua carreira antes de entrar naquela loja e Kip lhe servir aquele smoothie, e ele estava pegando fogo desde então.

Em mais de um sentido, para ser honesto.

* * *

— Ei, estranho.

— Ei, pai — disse Kip enquanto ia até o armário para pegar a caixa de cereal. Era o dia de folga de Kip, o que significava uma rara manhã em casa.

— Eu nunca perguntei como foi o jogo na outra noite — disse seu pai.

— Foi incrível. — Kip sorriu para si mesmo enquanto dizia isso. — Sério.

Papai tomou um gole de café e olhou para Kip de onde ele estava sentado na pequena mesa da cozinha. — Foi muito legal da parte de Scott Hunter dar esses ingressos para você.

— Foi.

— Não creio que haja uma pessoa no Brooklyn a quem sua mãe não tenha contado sobre isso.

— Deus, não é grande coisa.

— Não temos muita emoção em nossas vidas. — Papai sorriu.

Kip se juntou ao pai na mesma mesa redonda onde ele tomava café da manhã a vida toda.

Ele amava seus pais. Ele amava esta casa, mas ele também queria desesperadamente sair por conta própria.

— Como está Elena? — perguntou papai.

— Ótima. Você sabe, completamente impressionante em todos os sentidos.

— Não há vagas de emprego para você na Equinox Tech?

— O que diabos eu faria no Equinox? Sou apenas um nerd de história como meu velho.

— Bem, e os New York Admirals? Eles estão contratando?

— Sim, historiador da equipe.

O pai dele riu e recostou-se na cadeira. — Então essa coisa com Scott Hunter...

— Não há *nada* com Scott Hunter.

— Tudo bem... — seu pai disse naquele tom cantado de *Tudo bem, não é da minha conta.*

— Sério, ele só... acha que os smoothies idiotas que eu faço dão sorte ou algo assim. Não tem nada a ver comigo.

— Sua mãe ficará muito decepcionada ao ouvir isso.

Kip revirou os olhos, mas sorriu.

— Acho que Megan vai estar aqui para o jantar hoje à noite — disse seu pai. — Andrew também.

— Ah. Legal. — Megan era a irmã mais velha de Kip, e Andrew era seu namorado. Os dois moravam juntos em Williamsburg.

Sempre que Megan chegava em casa para qualquer ocasião, isso apenas lembrava a Kip que ela tinha que *voltar para casa.* Ela era quase quatro anos mais velha que Kip, mas ainda assim...

— Você está planejando vir aqui esta noite? — perguntou seu pai.

— Claro — Kip disse, forçando outro sorriso. — Onde mais eu estaria?

* * *

Scott caiu contra a parede da sauna, exausto e frustrado. Eles deveriam ter vencido essa.

Eles escalaram seu goleiro reserva, um garoto da Suécia chamado Tommy Andersson, e não foi bem. Mas Andersson não teve culpa. Ninguém o ajudou.

Scott passou as mãos no rosto suado e no cabelo úmido.

Scott nem tinha aparecido hoje à noite. Foi apenas um esforço terrível de todo o time, e deveria ter sido uma vitória fácil.

O treinador Murdock já os havia feito sentir vergonha de si mesmos. Ele entrou na sala, balançou a cabeça e saiu - pior do que ser gritado.

Ninguém entrou na sauna para incomodar Scott. Eles sabiam melhor.

Ele suspirou e se levantou, apertando a toalha em volta da cintura. Ele precisava de um banho. E de algo para beber.

Ele entrou na sala de estar, ainda usando sua toalha, e pegou uma garrafa de água da geladeira. Ele a bebeu de uma vez, então se virou para ver Greg Huff sentado no balcão atrás dele.

— Então isso foi uma merda — disse Huff.

— Não brinca — disse Scott. — Eu nem sei o que dizer.

— Quer dizer, eu não sou o capitão, mas talvez tipo, 'Ei, seus idiotas. Parem de jogar esse hóquei de merda.' Ou algo assim.

Scott sorriu um pouco. — Era mais ou menos isso que eu estava pensando.

— Pobre Andersson, cara. Sinto pena daquele garoto.

— É... — Scott disse, olhando na direção do vestiário. — Como ele está?

— Maravilhoso. Como você *acha* que ele está?

— Eu falo com ele. *Você está* livre. Conseguimos nosso único objetivo hoje à noite. Bom também.

Huff fez uma saudação preguiçosa. — Para o que eu sirvo.

Era verdade. Greg Huff era um dos melhores atacante habilidoso de elite do jogo. Ele tinha uma mira incrível e foi um astro da NHL por oito temporadas consecutivas por causa disso.

Scott pegou um Gatorade da geladeira. Huff estendeu as mãos em posição de pegar, então Scott jogou um para ele também.

— Vou tomar um banho — disse Scott. — Mas diga a Andersson para ficar por perto, tudo bem?

— Vou fazer.

Se Scott pudesse ter um time inteiro de Greg Huffs, ele ficaria emocionado. Greg era um cara realmente confiável e honesto, e uma tremenda presença de time dentro e fora do gelo. Não era o jogador mais chamativo, e nem de longe o cara mais alto, mas um grande colaborador para o time.

Scott foi para os chuveiros. Alguns outros caras estavam lá. A maioria do time já tinha tomado banho e estava se preparando para voltar para o hotel San Jose.

Um dos caras no chuveiro era Frank Zullo. Ele era o único jogador do time que Scott simplesmente não gostava. Ele era um ótimo defensor, sem dúvida, grande e durão e um lutador brutal quando necessário. Mas ele também era um valentão e um pouco esquisito, na verdade. Havia muitos caras como Zullo na NHL.

Scott deixou a água um pouco mais quente, deixando-a lavar esse jogo terrível. Amanhã de manhã eles voariam para Chicago. Eles tinham uma noite de folga, então um jogo na tarde seguinte. Então um curto voo noturno para Toronto para um jogo na noite seguinte, e então para casa em Nova York.

Ele saiu dos chuveiros e foi até os armários. Vestiu um short e uma camiseta e foi encontrar Andersson no vestiário. O jovem goleiro estava guardando seu equipamento, parecendo miserável.

— Ei — disse Scott, sentado no banco ao lado da enorme bolsa de equipamentos de goleiro de Andersson — desculpe por não termos ajudado você hoje à noite.

Andersson soltou uma risada raivosa. — Eu estraguei tudo — ele disse em seu inglês com forte sotaque.

— Todos nós estragamos.

— Eu parecia um maldito idiota lá fora.

— Murdock tomou a decisão certa, colocando você em campo — disse Scott. — Eu não culpo você nem um pouco. Eu culpo o resto de nós. É só psicológico. Colocar o goleiro reserva em campo nos deixa convencidos, eu acho. Como se o treinador achasse que esse jogo deveria ser tranquilo, então todos nós acreditamos, e então...

— Então eu pareço um idiota de merda.

Scott inclinou a cabeça em reconhecimento. — Todos nós vamos repetir nossos erros esta noite quando estivermos em nossas camas. Ninguém neste time está orgulhoso de si mesmo esta noite. Mas ninguém culpa você também. Preciso que você saiba disso.

O jovem goleiro lhe deu um sorriso relutante. — Obrigado — ele disse. Ele enfiou o resto do seu equipamento na bolsa e se levantou. — Vou para o hotel. Repassar alguns desses erros. E então vou esquecer tudo sobre isso e me preparar para o próximo jogo.

— Bom homem. Você está dividindo o quarto com Burke, certo? — Scott perguntou, só para puxar assunto enquanto eles saíam da sala.

— Sim.

— Cara, me desculpe. Boa sorte.

Tommy riu. — É, obrigado. Eu finjo que não consigo entendê-lo quando preciso que ele pare de falar.

Scott riu também. O inglês de Tommy era excelente.

— Vou arrumar minhas coisas — disse Scott. — Vejo você amanhã, Tommy.

— Boa noite.

* * *

Kip examinou o pub lotado até avistar Shawn sentado sozinho em uma pequena mesa. Shawn sorriu para ele do outro lado da sala.

— Ei, cara — Shawn disse, levantando-se e abraçando Kip quando ele chegou à mesa. — Que bom que você conseguiu vir.

— Tenho estado muito perto de pessoas hétero ultimamente — brincou Kip, soltando Shawn e se acomodando na cadeira de madeira do outro lado da mesa. Era o mesmo pub que eles frequentavam há anos - o Kingfisher. Tinha a mesma sensação desgastada e aconchegante de qualquer pub de estilo inglês com décadas de existência, com madeira escura, iluminação fraca e placas de cerveja nas paredes. Uma televisão no fundo da sala mostrava esportes locais. À primeira vista, não parecia um bar gay, ou pelo menos não o que a maioria das pessoas hétero provavelmente imaginava que um bar gay fosse. Mas os homens se sentavam um pouco mais perto, e os bartenders eram, na opinião de Kip, um pouco mais atraentes. Ele amava este lugar.

— Temos um servidor bonitinho — disse Shawn. — Você vai gostar dele.

— Ah, não posso competir com você.

Shawn balançou a cabeça e levantou seu copo de cerveja. — Muito arrumado para mim. Ele é todo seu.

Shawn era um cara complicado. Ele era bonito, todo pele escura, olhos suaves e um sorriso caloroso. Ele também se vestia impecavelmente, sempre parecendo um modelo de catálogo da J.Crew.

Ele e Kip tinham se envolvido um pouco na faculdade. Nada muito sério, mas ambos estavam ansiosos para experimentar. Shawn tinha uma queda por bad boys, no entanto. Apesar de sua aparência puritana, ele sempre foi atraído por homens com tatuagens e um ar de perigo sobre eles. Kip era apenas um nerd ansioso para agradar que não conseguia descobrir sua própria vida.

O garçom deles parou na mesa, e Shawn não estava brincando. Magro, porte atlético e cabelos loiros caindo no rosto - o cara era exatamente o tipo de Kip.

Kip deu um sorriso sedutor enquanto pedia, porque não conseguiu se conter. Ele recebeu um em troca, e o homem se apresentou como Kyle.

Shawn riu depois que Kyle saiu. — Sempre tão suave pra caralho.

— Até parece — disse Kip. — Eu sou uma bagunça na maior parte do tempo.

— Nah, você é todo charmoso. Aquele garoto já está pensando em te contar quando o turno dele acaba.

Kip olhou por cima do ombro em direção ao bar onde Kyle estava esperando, presumivelmente pela cerveja de Kip. — Bem...

— Mas primeiro, temos algo para conversar — disse Shawn.

— O que é isso?

— Eu estava pensando em quando saímos com Jimmy e Chuck na semana passada.

— Oh? — Kip realmente poderia usar aquela cerveja.

— Primeiramente, sinto que talvez tenhamos nos unido contra você quando estávamos...

— Me perguntando o que diabos eu estava fazendo da minha vida?

— *Incentivando* você a perseguir seus sonhos.

— Certo.

Kyle, o anjo maravilhoso, veio até a mesa com a caneca de cerveja vermelha local de Kip. Ao se inclinar para colocar o copo na mesa, ele aproveitou a oportunidade para colocar uma mão no ombro de Kip. Kip sentiu as pontas dos dedos roçarem a nuca. — Me avise se precisar de mais alguma coisa — disse Kyle, o duplo sentido não passou despercebido por ninguém.

— Olha — Kip disse a Shawn, depois de apreciar um sorriso de despedida de Kyle — eu sei que vocês apenas...

— Tenho uma proposta para você — Shawn interrompeu.

Kip levantou uma sobrancelha. — Essas nunca terminaram particularmente bem antes.

— Uma proposta de *negócio.* E eu me lembro de algumas dessas vezes anteriores que não foram nada ruins.

Kip sorriu para sua cerveja. — Eu também.

— *Proponho* — disse Shawn — que você se candidate a um emprego melhor

Kip lutou contra a vontade de revirar os olhos. — Tipo, onde?

— Eu tenho um *amigo...*

— Um amigo, hein?

— Ele trabalha no Museu da Cidade de Nova York.

Certo. Kip estava ouvindo agora.

— Ele me disse que eles estão prestes a publicar uma vaga para um educador assistente. Você sabe... alguém que ajuda a organizar excursões escolares e coisas assim. Ensinar às crianças tudo sobre nossa grande cidade.

Kip se recostou na cadeira. — Não sou qualificado para isso.

Shawn olhou para ele incisivamente. — Preciso usar minha voz de Elena?

— Não — Kip resmungou.

— Você *vai* se candidatar a esse emprego, Kip Grady. E você vai deslumbrá-los com seu charme, seu amor pela história e o fato de ter vivido aqui a vida toda.

— Eu nem vou conseguir uma entrevista!

— Vou ligar para Elena.

— Tudo bem. Ela não vai atender. Ela odeia telefonemas.

— Candidate-se ao emprego, Kip.

Kip suspirou. *Por que não, certo?* — Ok. Vou me candidatar. Obrigado por me avisar.

— Não há de quê, babaca. Agora... — Shawn se recostou e fez um show olhando ao redor do bar — ...que tal você ver se nosso amigo Kyle está a fim de celebrar sua nova carreira glamorosa.

Dessa vez, Kip *revirou* os olhos. — Não estou comemorando merda nenhuma. E... — Ele se interrompeu porque não tinha certeza do que queria dizer. *Estou esperando por outra pessoa agora. Você provavelmente o conhece... ele é o capitão do New York Admirals. Você deve se lembrar dele da revista* People *Edição das "50 Pessoas Mais Bonitas"? Sim, eu tenho uma paixão por ele. Ele é quase definitivamente heterossexual. Dedos cruzados!*

Em vez disso, ele apenas disse: — Acho que vou para casa mais cedo hoje à noite. Mas vamos ver se não conseguimos encontrar alguém *para você.*

* * *

— Não foi uma porra de um ataque! Foi uma porra de um golpe! É *hóquei*, seu filho da puta cego...

— Já chega. — Scott agarrou Zullo firmemente pelos dois braços e o puxou para longe do árbitro.

Zullo virou a cabeça e continuou gritando. — O quê, eu não posso mais tocar em ninguém? Isso não é mais um esporte de contato? Abra a porra dos seus olhos, seu...

— Eu falo com ele. Só vá até o banco, Zullo.

Zullo balançou a cabeça. Carter patinou para ajudar a escoltá-lo até a área de penalidade. Se Zullo continuasse gritando, ele acabaria com uma penalidade de má conduta no jogo.

Scott voltou para o árbitro. — Ataque, Hal? Sério?

— Você está me dizendo que eu não sei fazer meu trabalho, Hunter? Eu sei o que vi. — Hal Coleman - um dos árbitros favoritos de Scott - só chegava ao peito de Scott, mas ele era duro como pregos sob seu comportamento calmo. Inteligente também.

— Bem. — disse Scott, olhando para a área de penalidade que agora estava ocupada por um furioso Frank Zullo — não vai fazer mal a ele se refrescar um pouco lá dentro, de qualquer forma.

— Ele é um verdadeiro amor — Hal concordou.

Scott olhou através do gelo para o banco de Chicago. — Becker está bem?

— Vou dar uma olhada nele. Parece que ainda está vivo. — Hal olhou incisivamente para Scott. — Diga ao seu garoto que se eu vir essa merda de novo ele está fora do jogo.

— Observado.

Hal saiu para ir ao banco do Chicago, e Scott foi para a área de penalidades.

— Não consegui mudar de ideia — ele disse. — Só tome dois para esfriar a cabeça e então terminaremos de decepcionar a torcida local.

— Não estava golpeando. Não tinha a mínima chance de estar golpeando — Zullo cuspiu.

— Exceto a parte em que você o golpeou.

— Jesus Cristo, Hunter. Você está falando sério? Você está jogando pelo Chicago agora? Becker fingiu um golpe!

Scott já estava patinando de volta para o banco. — Tome dois, Frank — ele gritou por cima do ombro.

Carter o alcançou. — Quanto posso cobrar de Hal para suspender Zullo por alguns jogos?

— Vamos lá — Scott disse secamente — Zullo é perfeitamente capaz de ser suspenso sem a sua ajuda.

— Psicopata de merda — Carter murmurou. — Ainda vamos ao Chicago Cut depois do jogo, certo? Preciso *desses* bifes.

— Sim, sim.

Hal apitou para a disputa de disco. Scott foi até o círculo na ponta deles do gelo para pegá-lo e jogou algumas palavras encorajadoras para o goleiro enquanto ele patinava perto da rede.

— Bom jogo, Benny!

— Não diga uma maldita palavra. Você me azara e eu vou atrás de você.

Scott riu. Eric Bennett era tão gentil quanto parece quando sai do gelo, mas uma vez que ele estava no vinco, ele era um competidor tão feroz quanto Scott já conhecera.

Scott se abaixou no círculo e colocou seu taco no gelo. Ele olhou para cima para encontrar o olhar de seu oponente, um central estrela de Chicago chamado Clarke.

— Se Zullo tentar essa merda de novo — Clarke rosnou — vou mandar Harvey atrás dele.

— Cara, vá em frente. Mas não sei por que você faria isso com Harvey. — Scott sorriu.

— Zullo é um pedaço de merda.

— Agora, agora. Se você não pode dizer algo legal...

Assim que Scott venceu a disputa de disco, ele correu para a zona do time adversário e recebeu um passe rápido de Carter. Ele lançou o disco na rede e o viu passar por cima do ombro do goleiro para um gol em desvantagem numérica.

Foi tão bom ter seu jogo de volta porra.

Capítulo Quatro

Kip tinha mais de um emprego.

Além de trabalhar na Straw+Berry, ele estava em uma lista de chamada para uma empresa que contratava garçons para eventos, como arrecadações de fundos e cerimônias. Um amigo o colocou na lista, e Kip trabalhou em algumas dezenas de eventos no último ano e meio.

Ele recebeu uma ligação para saber se estava disponível para trabalhar em uma arrecadação de fundos para um dos hospitais infantis na quarta-feira à noite, um coquetel de gala com alguns palestrantes no Chelsea Piers.

Kip *estava* disponível, e ele *realmente* precisava do dinheiro. Então, na quarta-feira, ele saiu da Straw+Berry às duas horas com sua mochila contendo seu avental amassado e boné de beisebol, e seus sapatos de couro preto, suas calças sociais pretas e alguns artigos de higiene básicos para que ele pudesse se refrescar antes do evento de alta classe.

Ele desceu do trem em Chelsea com algumas horas para matar. O clima miserável de fevereiro o levou ao Starbucks mais próximo, onde ele levou seu Americano para uma mesa para sentar e pensar sobre um certo astro da NHL.

Ele estava meio que esperando que a seca de duas semanas de Scott Hunter fosse o suficiente para acabar com essa paixão ridícula. Era improvável que ele visse Scott regularmente, ou de qualquer forma, por muito mais tempo. Um jogo ruim em casa e tudo estaria acabado. Ou talvez Scott já tivesse encontrado um novo amuleto da sorte.

De qualquer forma, a seca não havia acabado com a paixão.

Ele tinha folga amanhã no outro emprego, mas estaria trabalhando na sexta. Esperançosamente Scott apareceria, mesmo que fosse só porque Kip queria agradecer pelos ingressos.

Quando Kip estava *realmente* entediado, como agora em sua pequena mesa em um Starbucks em Chelsea, ele se deixava fantasiar um pouco sobre como seria namorar Scott Hunter. Para começar, só ter acesso àquele corpo... Como seriam todos aqueles músculos sob suas mãos? Como seria ter todo o peso de Scott cobrindo-o, pressionando-o contra um colchão? Ou contra uma parede...

Ele se perguntou como seria beijá-lo. Se os lábios carnudos e rosados de Scott eram tão macios quanto pareciam. Ele se perguntou qual era o gosto dele. Como seria passar a língua sobre aqueles dentes perfeitos.

E como seria namorar alguém tão famoso quanto Scott? Tão *rico* quanto Scott. Kip não conseguia imaginar como seria ter tanto dinheiro. Nem mesmo uma fração desse dinheiro. Caramba, no momento Kip não conseguia imaginar como seria poder pagar o sanduíche do Starbucks que ele meio que queria pedir com seu café.

Ele se deixou sonhar acordado sobre ir aos jogos como namorado de Scott. Sentado em seu assento habitual, explodindo de orgulho quando Scott fazia algo incrível. Eles celebrariam a grande vitória de Scott em casa naquela noite. Juntos.

Talvez ele cumprimentasse Scott na porta quando ele voltasse de uma longa viagem. Scott ficaria tão feliz em vê-lo...

Kip estava ficando um pouco excitado e incomodado naquela cafeteria muito pública.

Ele suspirou e tomou um gole de café que estava muito quente. A dor o trouxe de volta à realidade. *Se você colocar metade da energia em encontrar um*

namorado real e realista do que você coloca em fantasiar sobre um milionário superstar que provavelmente nem está interessado em homens, *muito menos* você...

Kip não teve nenhuma ação em...um mês? Não, dois meses?

Meu Deus, quase três meses.

Era culpa dele mesmo, na verdade. Ele não estava saindo muito. Ele costumava sair, o tempo todo. Ele nunca esteve em um relacionamento que chamaria de sério, mas ele costumava amar o desafio de pegar caras em bares, academias ou até mesmo supermercados. Ele era naturalmente flertador, ou pelo menos costumava ser. Algo sobre ter vinte e cinco anos, morar com os pais e trabalhar em uma loja de smoothies sem nada promissor no horizonte havia matado sua arrogância.

Ele tomou outro gole de café que *ainda estava muito quente* - como?

Pode haver um cara bonitinho trabalhando com ele hoje à noite. Talvez ele possa quebrar esse período de seca.

* * *

Scott puxou seu paletó azul-marinho e brincou com suas abotoaduras. Ele odiava esses eventos, mas queria usar ser celebridade para o bem, e hospitais infantis eram uma causa particularmente favorita dele.

Ele estava programado para falar hoje à noite, mas não estava nervoso com isso. Ele nunca se importou em falar em público, e este seria apenas um discurso curto de qualquer maneira. O que ele odiava era *isso:* estar em exposição para uma sala de doadores ricos e bajuladores. Conversar com pessoas tediosas. Usar um smoking. Estar atento a cada movimento seu, cada palavra sua.

Ele estava cansado. A viagem tinha sido longa e eles tinham acabado de voltar esta manhã. Seria um desafio manter o bom humor esta noite. Mas ele conseguiria. Porque esse era o seu trabalho.

Havia um barulho alto na sala de pessoas conversando e rindo. Era um mar de smokings escuros e vestidos escuros em sua maioria. Em um canto da sala, um trio tocava jazz suave.

Ele olhou para seu copo de cerveja pilsner e percebeu que estava morrendo de fome. A única comida parecia estar em pequenas bandejas sendo carregadas por garçons vestidos todos de preto. Ele se aproximou de um, esperando fisgar um camarão ou algo assim.

O garçom se virou e Scott ficou chocado ao ver que era: — Kip!

Kip pareceu igualmente surpreso. Ele deu um passo para trás, e a bandeja balançou perigosamente em seu braço antes que ele rapidamente a agarrasse com a outra mão. — Scott! Uh, quero dizer...

Scott se recompôs e sorriu. — Scott está bem.

— Eu não sabia que você estaria aqui.

— Somos dois.

Os olhos de Kip eram deslumbrantes, contrastando com todo o preto de seu uniforme. Ele era mais bonito do que Scott lembrava, até.

Scott pegou algumas coisas da bandeja de Kip, só para deixar tudo menos constrangedor. — Você trabalha muito com essas coisas? — ele perguntou, tentando manter a conversa normal.

— Um pouco. Este foi de última hora.

Scott assentiu. Ele tentou desesperadamente pensar em outra coisa para perguntar a ele. Mas tudo o que conseguia pensar era em quão macio o cabelo de Kip parecia.

— Ei — Kip disse — obrigado novamente pelos ingressos. Foi incrível, estar lá.

— Sem problemas. Fico feliz que você tenha se divertido. Foi bom ver você lá.

— Oh. Você me viu?

— Eu acenei para você quando passei de patins. Meio sutil, eu acho.

— Oh! Não, eu vi. Eu só... não achei que era para mim.

— Foi — Scott disse, muito sinceramente. Ele deu um passo para trás e limpou a garganta. — De qualquer forma...

— Você provavelmente está ocupado.

— Certo. E você está trabalhando, obviamente.

— Sim. Então...

— Vou deixar você fazer isso.

— Tudo bem.

Scott colocou uma mão no braço livre de Kip, precisando fazer contato de alguma forma. — Foi bom ver você, Kip.

— Você... Sim, você também. Acho que te vejo por aí hoje à noite.

Scott assentiu e Kip saiu para servir canapés. Uma mão pousou no braço de Scott imediatamente, e ele se virou para falar com um dos organizadores do evento. Ele se sentiu muito mais leve do que antes.

Scott passou o resto da noite conversando com pessoas diferentes, mas continuou examinando a sala em busca de Kip. Seus olhares se encontraram algumas vezes. Na primeira vez, Scott rapidamente desviou o olhar, envergonhado. Na segunda vez, porém, ele deixou seu olhar permanecer, e foi recompensado com um sorriso adorável de Kip que fez o estômago de Scott revirar.

Ah, não, Hunter. Você está encrencado.

Depois que Scott fez seu discurso e se misturou por mais uma hora, ele estava desesperado para sair do smoking. Sair desta sala.

Exceto...

Ele pegou Kip enquanto ele colocava copos vazios em uma bandeja.

— Você tem que ficar até muito mais tarde? — Scott perguntou.

— Mais uma hora, talvez? A limpeza não está tão ruim dessa vez.

Scott sorriu um pouco. Ele não conseguia pensar em mais nada para dizer. Ele simplesmente não queria ir embora.

Mas ele *deveria* ir embora. Senão ele pode dizer algo perigoso...

Scott era um homem supersticioso. Ele acreditava que tudo acontecia por uma razão, e não podia ser coincidência que Kip estivesse aqui esta noite. O destino os havia jogado na mesma sala juntos. Era uma oportunidade. Scott simplesmente não sabia o que fazer com ela.

— Eles nunca têm comida suficiente nessas coisas — ele disse, tão casualmente quanto conseguiu.

Kip levantou os olhos da mesa que estava limpando. — Pelo menos você conseguiu comer *alguma coisa* — ele disse. — Estou carregando bandejas de comida que não consigo comer a noite toda. Estou morrendo de fome.

Ele manteve os olhos em Scott, esperando. E Scott *sabia que* esse era o seu momento. Bem aqui.

— Tem um lugar a algumas quadras daqui que tem hambúrgueres ótimos — Scott disse, ainda com cuidado. Não é um convite direto. Ainda não. — Fica aberto até tarde.

— Oh?

— Eu estava pensando em ir para lá depois...

Kip se levantou e olhou para Scott. — Você está me pedindo para ir comer um hambúrguer com você?

Scott estava absurdamente aterrorizado. Mas, porra, ele queria isso. — Sim.

Kip sorriu, mostrando suas covinhas. — Tudo bem. Eu te encontro assim que terminar aqui. Na porta da frente?

— É... — De repente, ocorreu a Scott que ele estava usando um smoking e não tinha uma muda de roupa com ele. — Uma hora, você acha?

Kip deu de ombros. — Talvez um pouco menos. Talvez mais se você continuar me distraindo.

— Ok! — Scott mal conseguia se conter para não bater palmas de alegria. Eles estavam fazendo isso. Eles iriam comer um hambúrguer juntos. Ele consertaria o problema do smoking e deixaria essa coisa acontecer.

Ele não achava que conseguiria chegar ao apartamento e voltar aqui a tempo. Nenhuma loja de roupas próxima ainda estava aberta, a menos que...

* * *

Quando Kip viu Scott novamente, ele estava parado perto das portas da frente do complexo, vestindo um moletom cinza com capuz que tinha BROOKLYN escrito na frente, e um gorro preto de tricô que dizia NYC nele. Ele tinha uma mochila de aparência barata pendurada no ombro contendo, Kip presumiu, a maior parte de seu smoking.

— Eu, uh, eu não tinha uma muda de roupa comigo, então fui a uma mercearia que vendia algumas coisas para turistas — explicou Scott.

Vestido como ele estava, você quase não conseguia dizer que ele era Scott Hunter. Mas Kip sabia. E ele sabia que Scott Hunter tinha freneticamente comprado roupas de souvenir para que ele pudesse *ir a um encontro com ele.*

Talvez. Talvez um encontro.

Kip sorriu. — Você parece bem.

Ele *parecia.* Um pouco estranho, talvez, com um moletom com capuz, calça de smoking azul-marinho e sapatos sociais, mas bom. Kip estava bem sujo, com o mesmo jeans que usara mais cedo naquele dia e uma camiseta preta que usara por baixo do uniforme esta noite.

Ele fechou o zíper do seu casaco antes de seguir Scott para o frio. Estava *muito* frio.

— Você deve estar congelando — ele disse. — Tem certeza de que quer ir andando até lá?

— Eu estou com calor — Scott disse com um sorriso. — Eu vou ficar bem.

Eles caminharam juntos pelas ruas silenciosas. Não havia muita gente naquela noite fria de quarta-feira. Havia algumas rajadas no ar, mas nenhum vento. Apesar de sua alegação de não estar com frio, Scott enfiou as mãos no bolso do moletom.

— Como foi a viagem? — perguntou Kip, depois de passar um minuto inteiro tentando pensar em algo para dizer.

— Bem! Ocorreu bem. Vencemos cinco dos sete jogos, deveríamos ter vencido o de San Jose, mas esse é um discurso que você não quer ouvir.

— Você gosta da viagem?

— Eu não me importo. Gosto de algumas cidades mais do que de outras. Algumas cidades gostam mais de *mim* do que de outras...

— Todos eles amariam você se você jogasse no time deles.

— Talvez.

Eles andaram mais um quarteirão em silêncio. Kip ainda não conseguia acreditar com quem estava andando. *Ele é só um cara. Ele é só um cara muito gostoso e enorme que é famoso e amado e... com frio.*

Scott estava definitivamente bufando um pouco enquanto andavam. E seus ombros estavam curvados.

— Você está bem? — Kip perguntou.

— Ah, sim. Só que... *está* bem frio.

Kip sorriu. — É, tá, cara durão. — Ele ficou corajoso e cutucou Scott um pouco com o cotovelo.

Scott riu e sua respiração saiu em nuvens brancas.

Kip engoliu em seco. — A hamburgueria fica perto?

— Sim. É, hum...oh. É bem ali. — Scott apontou para o outro lado da rua.

— Vamos levar você para dentro.

Eles entraram e Scott sorriu para Kip quando o ar quente os atingiu. Kip não conseguia acreditar em quão bonito ele era.

Eles pediram no balcão (Scott pagou) e sentaram-se em uma mesa no canto para esperar pela comida. O restaurante estava quieto.

Kip desejou saber o que estava acontecendo aqui. Normalmente, quando um cara o convidava para comer ou beber alguma coisa, não havia dúvidas sobre onde isso poderia levar.

Mas esse não era um cara normal. E era possível que Scott não tivesse percebido que isso parecia um encontro. Talvez ele estivesse apenas...solitário.

Como diabos Scott Hunter poderia estar solitário?

— Você mora em Manhattan? — Scott perguntou de repente.

— Nah. Brooklyn. Nascido e criado.

— Ah. Eu sou do interior. Rochester.

Kip sorriu um pouco. — Eu sei.

— Certo. Eu, uh, eu acho que minha vida é meio que de conhecimento público.

— Mais ou menos — disse Kip e, sentindo-se corajoso, acrescentou: — mas aposto que você tem *alguns* segredos.

Scott ficou rosa. Era fofo. Ele brincou com o canudo em seu copo de refrigerante até que pareceu inspirar sua próxima pergunta. — Você trabalha na Straw Plus Berry há muito tempo?

— Hum, na verdade — disse Kip, fingindo estar ofendido — é pronunciado Straw *and* Berry, então...

Scott levantou as mãos e sorriu. — Desculpe! Não queria te insultar.

— Está tudo bem. — Kip suspirou dramaticamente. — Tenho certeza de que as pessoas erram o nome do seu time o tempo todo.

Scott balançou a cabeça, ainda sorrindo. — Você gosta? De trabalhar lá, quero dizer?

Kip realmente riu disso. — Está tudo bem. Quer dizer... não. Eu realmente não gosto disso.

— Há algo mais que você preferiria estar fazendo?

— Claro! Só não sei o que é isso ainda. Quer dizer, eu tenho um diploma de história.

— Sério? Eu nunca terminei a faculdade.

Kip deu a ele um sorriso gentil novamente. — Eu sei.

— Certo.

— Você queria? Terminar a faculdade, quero dizer?

Scott pareceu surpreso com a pergunta. — Eu... Sim. Eu queria. Eu queria terminar. Me formar. Minha mãe... Ela teria gostado disso. E eu gostei das aulas. Eu sempre gostei de aprender.

— O que você estava estudando?

— Um pouco de tudo. Eu não conseguia me comprometer com uma especialização, e não precisava. A faculdade não se importava com o que eu fizesse, contanto que eu tivesse um bom desempenho no gelo.

Kip sentiu-se um pouco triste por ele. — Deve ser estranho — disse ele. — Todo mundo queria um pedaço de você desde que você era adolescente. Provavelmente nunca sentiu que sua vida era sua.

Scott pareceu atordoado.

Kip ficou vermelho - ele tinha passado dos limites. — Desculpa. Jesus, esquece que eu disse isso, tá? Eu nem te conheço...

— Não! — Scott disse. — Isso é... Parecia mesmo isso. Não quero reclamar, obviamente, mas. É.

— Você tem o direito de reclamar.

Scott sorriu para ele. — Eu realmente não tenho. Isso me faria ser desprezado por todos.

— Bem, você pode reclamar comigo.

Do jeito que Scott olhou para ele então, Kip nunca esqueceria. Se eles estivessem sozinhos, e se ele fosse outra pessoa e Scott fosse outra pessoa, ele esperaria que Scott se lançasse sobre a mesa e o puxasse para um beijo faminto.

Em vez disso, um garçom colocou hambúrgueres na frente deles e o momento passou.

Enquanto comiam, os olhos de Scott percorreram o pequeno restaurante, e ocorreu a Kip que ele nunca havia tirado seu gorro de inverno.

— Preocupado em ser reconhecido? — perguntou Kip.

— Não estou preocupado. Só estou... esperando que não. Não agora. — Scott pegou seu hambúrguer, então o colocou de lado sem dar outra mordida. Ele brincou com seu canudo novamente.

Ele finalmente suspirou e levantou os olhos para encontrar os de Kip. — É simplesmente legal. Fazer isso.

— Saindo com alguém?

— Com você.

Kip ficou sem palavras. E Scott parecia absolutamente *torturado.* Seus olhos imploravam para que Kip o entendesse. Para não fazê-lo soletrar.

— Oh — foi o que Kip finalmente disse.

O rosto de Scott relaxou um pouco. — Hum, eu não sou... bom nisso — ele disse. — É importante para mim manter minha vida privada privada, e isso está cada vez mais difícil de fazer. Então eu nunca...

— Deu em cima de caras?

Scott corou um pouco. Kip adorou. — Sim.

Kip não conseguia acreditar que essa coisa que ele estava tentando não fingir que era um encontro era *realmente um encontro.* Era irreal. Mas de repente ele não queria comer mais nenhuma mordida do seu hambúrguer idiota. Ele queria levar Scott Hunter para algum lugar privado e deixá-lo jogar Kip contra a parede.

Ele decidiu ser ousado.

— Tem algum lugar para onde possamos ir? — ele perguntou em voz baixa.

— Sim — Scott disse, sua voz mais rouca do que estava um segundo atrás. Seus olhos um pouco mais escuros.

Kip não era ingênuo. Ele sabia o que era isso. Hunter não estava assumido, e ele tinha que agir da forma mais discreta possível. Nada sério ou de longo prazo; ele só precisava gozar, e Kip estava mais do que feliz em ajudá-lo com isso. Ele estava honrado que Scott sentisse que podia confiar nele para guardar um segredo, de verdade.

— Vamos — disse Kip.

Capítulo Cinco

Eles jogaram o resto do jantar nas latas de lixo e saíram, sem dizer nada um ao outro. Scott pegou o telefone quando eles estavam do lado de fora, ligando para algum tipo de serviço de carro.

— Deve chegar em um ou dois minutos — ele disse depois de desligar.

Kip apenas assentiu, vibrando de expectativa.

O carro chegou, um SUV preto, e eles deslizaram para os assentos de couro atrás da divisória. Scott sentou-se ereto com as mãos nos joelhos, sem olhar para Kip. Seus dedos flexionaram e se curvaram inquietos.

Kip colocou a mão em uma das coxas de Scott, sentindo o músculo sólido sob o tecido macio da calça do terno. Ele não moveu a mão, mas a deixou ali como uma presença reconfortante.

Scott olhou para a mão de Kip e então se virou para encará-lo.

— Eu posso guardar um segredo — Kip disse, quase um sussurro porque ele não tinha certeza se o motorista podia ouvi-los. — E eu prometo que farei isso bom para você.

— Eu sei. — Scott colocou sua própria mão sobre a de Kip e entrelaçou seus dedos. Ele apertou os lábios, como se estivesse tentando reprimir um sorriso. Como se estivesse *tonto* com isso. Sobre *Kip.*

Incrível pra caralho.

O carro os levou para um prédio mais novo no Lower East Side. Kip ficou surpreso. Ele esperava algo... Bem, ele sabia que tinha que ser perto da Straw+Berry, mas... em um bairro mais chique, talvez? Mas, ele supôs, todos os bairros de Manhattan estavam ficando chiques ultimamente, e este parecia um prédio novinho em folha.

Era também, claramente, um prédio muito *caro.* O saguão lembrou Kip da sala que abrigava o templo egípcio no Museu Met - vasto e sereno, com mármore por toda parte. Scott os levou até o elevador e digitou um código. Quando as portas se abriram, eles estavam bem na frente da porta de Scott; não havia outras unidades no andar. Scott digitou outro código e abriu a porta. Eles foram recebidos com uma vista do chão ao teto das luzes do Brooklyn do outro lado do East River.

— Puta merda — Kip murmurou, caminhando, em transe, em direção às janelas.

Scott deixou as luzes do apartamento apagadas. Ele ficou atrás de Kip e disse: — A vista foi definitivamente um ponto de venda.

— Nossa, sim.

A mão de Scott estava no ombro de Kip. Kip esperou um pouco, então se virou para encará-lo. As luzes da cidade brincavam contra o rosto de Scott no escuro. Sua testa estava franzida, como se estivesse discutindo consigo mesmo, mas seus olhos continuavam pousando na boca de Kip.

Kip decidiu arriscar.

Agarrando um punhado do moletom de Scott, ele o puxou para baixo e pressionou seus lábios. Scott respondeu imediatamente com um gemido faminto. Ele separou seus lábios, então colocou suas mãos no rosto de Kip enquanto ele empurrava sua língua em sua boca, beijando-o como um homem faminto. Como se ele não estivesse com ninguém há eras...

Kip retribuiu o beijo, explorando a boca de Scott. Provando-o pela primeira vez. A cabeça de Kip girou. *Não acredito que isso está acontecendo.*

Scott abriu o zíper do casaco de Kip e o tirou dos braços, deixando-o cair no chão. Suas mãos caíram na cintura de Kip e deslizaram para baixo de sua camiseta. Kip estremeceu com a sensação das mãos grandes e calejadas de Scott roçando sua pele.

Eles se beijaram pelo que pareceu uma eternidade no apartamento escuro, até que Kip finalmente perguntou, sem fôlego: — Você tem um quarto?

— Sim. — Scott riu quando disse isso. Ele parecia nervoso, mas gesticulou para Kip segui-lo.

Ele o conduziu por uma porta que revelava um quarto gigante com uma vista ainda melhor da Ponte do Brooklyn do que a sala de estar. Havia uma cama king-size Califórnia contra a parede mais distante. Além disso, o quarto era escassamente decorado, mas masculino e impressionante.

Scott manteve a iluminação baixa no quarto. Ele sorriu timidamente antes de tirar o moletom de souvenir pela cabeça e jogá-lo em uma cadeira. A camiseta branca que ele ainda usava estava esticada em seu peito.

— Isso...está certo? — Scott perguntou. — Desculpe se eu... Eu não faço isso com muita frequência.

— Está *tudo* bem pra caralho — disse Kip, dando um passo em direção a Scott e colocando uma mão em seus bíceps ridículos. — Deixe-me cuidar de você. Você pode ser só o Scott de Rochester hoje à noite, tudo bem?

Scott olhou para ele com tanta gratidão que foi de partir o coração. Então seu olhar foi para onde a mão de Kip estava em seu braço, e sua gratidão rapidamente se transformou em outra coisa. Scott o beijou, forte, e levantou a camiseta de Kip. Kip entendeu a indireta e deu um passo para trás para tirar a camisa. Scott fez o mesmo, e *meu Deus...*

Kip tinha visto fotos de Scott. Tinha até visto algumas entrevistas sem camisa no vestiário. Mas ver Scott parado na frente dele, uma parede de músculos e pele lisa e pálida...

— Porra — Kip murmurou.

Hipnotizado, ele observou a subida e descida do peito enorme de Scott enquanto ele respirava. Então ele viu que Scott estava olhando para o peito nu de Kip da mesma forma. Como se Kip estivesse no mesmo nível. Claro,

Kip se mantinha em forma. Ele ia à academia sempre que tinha tempo. Mas Scott estava...

— Você é lindo — disse Scott.

Scott ficou impressionado, aparentemente.

Kip sorriu e mordeu o lábio inferior enquanto andava para trás em direção à cama. Scott retribuiu o sorriso e o seguiu, parando no final da cama enquanto Kip caía de volta no colchão. Kip se apoiou nos cotovelos e olhou para Scott de uma maneira que esperava que fosse sedutora.

— O que você quer fazer comigo? — Kip falou lentamente.

— Eu não sei. Eu... Há muitas coisas em que pensei.

A boca de Kip se abriu e seu pau ficou desconfortavelmente mais duro em sua calça. *Scott estava pensando sobre isso.* Comigo!

Ele se instruiu a manter a calma. Esta era uma oportunidade única na vida e ele não ia estragar tudo.

— Escolha a sua favorita — ele disse. — Ou, diabos, escolha suas dez melhores. Tenho bastante tempo.

Scott se moveu rapidamente, cobrindo o corpo de Kip com o seu enquanto tomava sua boca novamente. Kip o beijou de volta ansiosamente. Ele não conseguia se cansar da boca de Scott, e queria que Scott soubesse o quanto ele queria isso. Queria que ele se sentisse confiante para fazer o que quer que estivesse fantasiando.

Quando Scott colocou uma mão firme na virilha de Kip, segurando sua ereção através do jeans, Kip gemeu em sua boca. Ele levantou os quadris e pressionou a palma de Scott. *Sim. Por favor. Toque-me em todos os lugares.*

Scott interrompeu o beijo e olhou para ele com olhos arregalados.

— Faça isso — Kip falou. — Seja lá o que você estiver pensando. Por favor.

Kip se inclinou para beijá-lo novamente, mas Scott já estava descendo por seu corpo. Suas mãos grandes rapidamente desabotoaram o jeans de Kip e o

puxou para baixo até suas coxas. Kip nem teve a chance de reagir antes que Scott o estivesse chupando através de sua cueca.

— Deus! Porra! — Kip gritou, em parte por surpresa e em parte porque a boca linda de Scott Hunter era tão *gostosa.* Ele ficou apoiado nos cotovelos para poder assistir, porque *puta merda.*

Talvez encorajado pelo entusiasmo de Kip, Scott puxou o cós da cueca para baixo, liberando a ereção de Kip. Ele abaixou os lábios até a cabeça, então olhou para Kip como se estivesse pedindo permissão. Kip assentiu e murmurou: — Sim, por favor.

Quando Scott envolveu aqueles lábios macios ao redor dele, envolvendo seu pau em um delicioso calor úmido, foi tudo o que Kip conseguiu fazer para se impedir de empurrar para cima em sua boca. A única coisa que o impediu foi sua suposição de que Scott *provavelmente* não tinha muita experiência em chupar pau. Não que ele fosse *ruim* nisso. Ele estava apenas um pouco frenético, trabalhando sua boca no pau de Kip como se estivessem em um beco em vez da casa de Scott - como se estivesse preocupado que alguém pudesse entrar a qualquer momento e pará-los.

— Ei — Kip disse, um pouco engasgado — está tudo bem. Não precisa se apressar... você, *porra,* você pode querer ir mais devagar se quiser que eu dure.

A tensão pareceu deixar os ombros de Scott enquanto ele desacelerava sua língua. Ele estava fazendo barulhos lindos, como se *ele* fosse o único sendo chupado em vez do contrário, mas ele teria que parar logo ou Kip estaria *gozando.* A cena toda era demais.

Kip colocou a mão na lateral do rosto de Scott, e Scott olhou para cima, os lábios ainda esticados ao redor dele.

— O que você quer? — Kip perguntou.

A boca de Scott deslizou para fora do pau de Kip com um longo e obsceno arrastar de sua língua, e os olhos de Kip reviraram para trás. *Jesus.* Scott poderia dizer literalmente qualquer coisa agora e Kip toparia.

— Eu quero que você me foda — disse Scott.

— Você quer? — Kip certamente toparia qualquer coisa, mas ele meio que presumiu que o capitão de um time da NHL poderia ser meio... ativo.

— Sim — Scott disse com um sorriso tímido. — Está tudo bem? É... é o que eu mais tenho pensado.

Kip fez uma nota mental para parar de fazer suposições sobre as posições sexuais preferidas de atletas gigantes e musculosos. — Porra, sim, definitivamente está tudo bem.

Scott sorriu.

— Tire essa calça. — Kip mal podia *esperar* para ver Scott por inteiro.

Scott se levantou e pareceu observá-lo. Espalhado na cama, com a calça abaixada até o meio da coxa e o pau ereto molhado com a saliva de Scott, Kip imaginou que ele era uma bela imagem.

— Você também — Scott disse finalmente, a voz tensa. — Tire suas roupas.

Kip rapidamente tirou seus tênis, calça, cueca e meias e deitou-se na cama, observando Scott.

Scott se afastou de Kip enquanto se abaixava para se livrar do resto de suas roupas, dando a Kip uma ótima visão de sua bunda incrível. Ele observou os músculos ondularem enquanto Scott tirava suas meias. Seus olhos percorreram as coxas sólidas de Scott, pálidas como o resto dele, mas cobertas de pelos loiros escuros. Ele era tão forte, tão masculino. Ele era tudo o que Kip sempre sonhou, quase perfeito demais para ser real.

Quando estava completamente despido, Scott se virou para a cama.

— Você deve estar brincando comigo — Kip sussurrou.

Scott bufou uma risada, como se estivesse aliviado que Kip gostou do que viu. O que era ridículo.

Ele se esticou na cama ao lado de Kip e juntou suas bocas novamente. Kip esperava mais da mesma urgência, mas o jeito como Scott o beijava agora era tão terno, como se ele o estivesse saboreando, e Kip se perdeu nisso.

— Deus, sua boca — Scott murmurou.

Kip sorriu contra os lábios de Scott. — Eu posso fazer outras coisas com ela também.

Ele precisava provar cada centímetro de Scott. Talvez não tivesse outra chance.

Scott pegou o lábio inferior de Kip entre os dentes, então o soltou e sussurrou: — Mostre-me.

Kip não precisou que mandassem duas vezes. Ele rolou Scott de costas e montou em suas coxas enormes.

— Porra, você é enorme — disse Kip.

— Bem, estou *muito* excitado agora.

Kip riu. — Eu quis dizer todo você, mas sim. Essa coisa é impressionante também.

Ele se inclinou para frente e deu um beijo na clavícula de Scott. Scott engasgou e arqueou para cima, então Kip deixou sua boca viajar por seu corpo, lambendo as curvas de seus músculos em seu peito e estômago, e ao longo da linha de seus oblíquos absurdamente definidos. O caminho o levou ao pau de Scott, que estava duro e implorando por atenção. Kip o ignorou e voltou para a boca de Scott.

— Bastardo — Scott rosnou, mas beijou Kip loucamente.

Como um pedido de desculpas, Kip moveu seus quadris para que seus pênis deslizassem um contra o outro. Scott gemeu sua aprovação. — Cristo, sim.

GAME CHANGER

Kip repetiu o movimento mais algumas vezes, então pressionou uma mão no peito de Scott e sentou-se. — Lubrificante?

— Sim. Só um segundo.

Kip desmontou para que Scott pudesse rolar e alcançar a gaveta da mesa de cabeceira. Ele entregou a pequena garrafa para Kip.

— Alta qualidade — comentou Kip, examinando o rótulo.

— Gosto de gastar muito em coisas importantes — disse Scott secamente.

Kip alcançou o pau de Scott, acariciando -o lentamente e deixando-o liso e brilhante. Os músculos abdominais de Scott flexionaram enquanto ele se contorcia na cama enquanto Kip acariciava suas bolas e as puxava gentilmente. Scott xingou baixinho e arqueou as costas. Kip sorriu.

Ele passou dois dedos escorregadios sobre o buraco de Scott, e o astro da NHL *choramingou.*

— Sim, *porra*... Deus, já faz muito tempo. Muito tempo pra caralho...

Kip acariciou o pau de Scott com uma mão enquanto provocava sua borda com a outra. — Ninguém mais — ele murmurou. — Só você e eu nesta sala. Nada fora daquela porta. Nada importa além de fazer um ao outro se sentir bem, tudo bem?

— Sim. — Scott não disse tanto, mas exalou. Todos os seus músculos pareceram relaxar um pouco. Seus olhos se fecharam, seus lindos cílios longos descansando contra suas maçãs do rosto. — Vou fazer você se sentir tão bem, Kip. Mal posso esperar até você estar dentro de mim.

— Eu também não. Vou te foder assim, eu acho. Você de costas. Eu quero te ver. Quero fazer você gozar em todo esse seu corpo lindo.

— Deus, sim. — Scott parecia estar a um milhão de milhas de distância.

Quando Kip enfiou o terceiro dedo nele, Scott estava respirando com dificuldade e seu pau estava vazando.

— Você é tão deslumbrante pra caralho — Kip disse a ele.

— Então me foda — Scott rosnou.

— Camisinha?

Scott respondeu alcançando a gaveta novamente e jogando uma camisinha nele. Kip a colocou o mais rápido possível antes de se alinhar.

Ele empurrou lentamente, e manteve uma mão no pau de Scott, acariciando gentilmente enquanto o penetrava. O rosto de Scott não dava nenhuma indicação de dor. Claro que não. Ele era um cara durão. Um atleta. Um cara que levou pontos no banco e estava de volta ao gelo no período seguinte. Ele aguentaria.

Scott dobrou os joelhos até que eles tocassem seu peito, persuadindo Kip a empurrar mais fundo. Kip agarrou os quadris de Scott e o puxou para mais perto, então ele deslizou para trás e empurrou, forte e rápido. Scott gritou, mas estava sorrindo. Ele parecia em êxtase.

— Apenas assim — Scott respirou. — Forte. Por favor.

Ele colocou uma perna sobre o ombro de Kip e levantou os quadris, incitando Kip a levá-lo ainda mais fundo.

Kip observou, hipnotizado, enquanto Scott acariciava seu próprio pau. Ele já estava à beira de se despedaçar, mas quando Scott murmurou o nome de Kip, Kip perdeu todo o controle. Seu ritmo tinha desaparecido completamente, e ele estava apenas fodendo Scott tão forte e rápido quanto podia enquanto sua mente se desintegrava. Era tudo demais.

De repente, Scott jogou a cabeça para trás, o queixo se projetou e os músculos do pescoço se esticaram. Suas costas arquearam e ele gozou com um tremor lindo que Kip nunca esqueceria. Ele esguichou, sem fim e lindo, contra seu próprio estômago e peito, alguns até atingindo seu pescoço. Kip gemeu e xingou e gozou na próxima estocada, quase gritando com o quão bom era.

Quando as últimas ondas diminuíram, ele caiu em cima de Scott, ofegante e sorrindo. Depois de um minuto, Scott gentilmente o manobrou para que ele pudesse alcançar sua boca e o beijou.

— Obrigado — Scott murmurou alegremente. — Você não tem ideia... Obrigado.

— Você está *me* agradecendo*?*

— Eu precisava disso — disse Scott. — Faz muito tempo.

Kip se sentiu corajoso. — Por quanto tempo?

— Agosto.

— Você está...?

— *Início* de agosto.

Kip queria perguntar como isso era possível, mas a resposta poderia levar a um território que não seria uma boa conversa de travesseiro pós-sexo. Scott obviamente não se sentia confortável pegando homens.

O que ele *realmente* queria saber era: *Por que agora? Por que* eu?

Em vez disso, ele disse: — Eu deveria me limpar.

— O banheiro é por ali — disse Scott, gesticulando para uma porta do outro lado do quarto. — Vou usar a do corredor.

Kip se limpou e saiu do (incrível) banheiro. Scott estava sentado, apoiado na cabeceira da cama, com um lençol fino sobre ele.

Kip começou a recolher suas roupas. Ele não se enganaria sobre o que era aquilo. O sexo tinha sido ótimo, mas Scott provavelmente gostaria que ele fosse embora agora.

— Bem — ele disse — obrigado por isso.

— Você está indo embora? — Scott parecia desapontado.

Kip fez uma pausa, segurando seu jeans em uma mão, sua camiseta na outra. — É, quero dizer...

— Você não precisa — disse Scott. — Você pode ficar. Eu... eu gostaria que você ficasse. Se você quiser.

Kip olhou, boquiaberto, para a estrela de hóquei linda e amarrotada de sexo que o estava convidando muito timidamente para passar a noite. Ele realmente parecia nervoso, como se achasse que Kip poderia rejeitá-lo.

Kip largou o jeans e a camisa no chão e voltou para a cama, sorrindo. — Não precisa pedir duas vezes.

Ele se esparramou alegremente na cama com a cabeça na coxa de Scott.

— Quero saber sobre você. — Scott sorriu para ele e começou a acariciar seu cabelo. — Você vai me dizer uma coisa? Não consigo pensar nas perguntas certas para fazer.

Kip olhou para o rosto dele. — Meu nome verdadeiro é Christopher, mas quase ninguém me chama assim. Tenho vinte e cinco anos. Eu... ainda moro com meus pais no Brooklyn porque preciso pagar minha dívida estudantil ou conseguir um emprego muito melhor antes de poder me mudar.

— Não fique envergonhado com isso. Eu cresci muito pobre. Você acha que eu não sei o quão sortudo eu sou?

— Não teve sorte — disse Kip. — Você trabalhou duro por tudo que tem.

— Eu tive ajuda. Ganhei uma bolsa de estudos para um internato com um ótimo programa de hóquei quando tinha quatorze anos. Tive uma bolsa de estudos gratuita para a faculdade. Não precisei pensar em dinheiro por mais de dez anos. Só queria que minha mãe...

— Ela, hum...?

— Morreu. Sim. Quando eu tinha quinze anos.

— Sinto muito.

— Obrigado. Ela foi realmente incrível. Eu gostaria de ter podido cuidar dela do jeito que ela merecia. Comprar uma casa legal para ela. Tudo isso.

— Filho único, certo?

— Sim — disse Scott. — É, éramos só nós dois. — Ele limpou a garganta. — De qualquer forma. Provavelmente deveríamos falar sobre coisas mais felizes.

— Não precisa falar nada, se não quiser — disse Kip, estendendo a mão para acariciar o rosto de Scott. Ele sentiu traços de barba por fazer.

Scott sorriu para ele. — Eu deveria dormir logo. Tenho um treino cedo amanhã. Um longo também.

— Mm — Kip disse, sentindo-se mais sonolento a cada minuto enquanto Scott continuava a acariciar seu cabelo. — Tem certeza de que quer que eu fique?

— Definitivamente. — O jeito que Scott disse isso foi tão caloroso. Tão *afetuoso.* O coração de Kip palpitou.

Ah não.

Uma noite, Grady. Não fique idiota. Aprecie o que lhe foi dado aqui.

Kip se deitou sob o lençol com Scott. Ele descansou a cabeça no peito de Scott, deixando o subir e descer de sua respiração embalá-lo para dormir.

Capítulo Seis

Scott piscou acordado ao som do alarme. Levou um momento para registrar o peso em seu peito que estava dificultando alcançar o telefone.

Kip.

Scott sorriu enquanto desligava o alarme e deixava as memórias da noite anterior tomarem conta dele. Ele tinha *conseguido!* Ele tinha conquistado com sucesso um homem aqui em Manhattan. Um homem de quem ele realmente *gostava.* Um homem que agora estava nu e dormindo alegremente em sua cama, enrolado contra ele.

Mas Scott tinha que ir embora. *Porra.* O carro chegaria aqui em, o quê? Quarenta minutos?

Ele suspirou e se virou para beijar o topo da cabeça de Kip antes de sair de baixo dele. Kip fez um pequeno barulho de protesto sonolento, mas imediatamente se acomodou em um sono profundo.

Scott tomou um banho rápido e estava no quarto, vestindo sua camiseta, quando ouviu um farfalhar.

— Ei — Kip disse grogue. Ele estava apoiado em um cotovelo, seu cabelo estava todo bagunçado, e um olho estava fechado. Adorável.

— Desculpe acordá-lo — disse Scott. — Preciso ir. Você pode ficar se você...

— Nah, eu deveria ir. Eu, hum...

— Você está trabalhando hoje?

— Não. Se eu estivesse trabalhando hoje, eu teria chegado atrasado há uma hora. Só... eu deveria ir para casa.

— Certo.

— Sim.

Kip já estava fora da cama, pegando suas roupas do chão. Ele se vestiu rapidamente e foi para o banheiro.

Scott exalou. Este era um território desconhecido para ele. Kip dificilmente era seu namorado, mas ele não era apenas um caso de uma noite que Scott tinha pegado. Pelo menos, não para Scott.

— Estou trabalhando amanhã — disse Kip, quando saiu do banheiro. Ele parecia tão inseguro quanto Scott. — Você joga amanhã à noite, certo?

— Sim. E sábado.

— Bem, acho que te vejo amanhã de manhã? A menos que você ache que aquele smoothie mágico não está mais funcionando.

Scott sorriu. — Acho que ainda está funcionando. Vejo você amanhã de manhã, então.

— OK.

Kip saiu do quarto e Scott o seguiu. Ele observou enquanto Kip pegava seu casaco e mochila do chão e calçava seus tênis.

— Então, uh...tenha um bom treino — disse Kip quando estava pronto para sair.

— Obrigado. — Scott franziu a testa. Por que isso era tão estranho?

— Amanhã de manhã, então.

— Sim. Amanhã.

Foda-se.

Scott caminhou até Kip e o beijou. Ele segurou seu rosto entre as mãos e tentou *mostrar* o que estava sentindo, já que não podia lhe dizer. Kip pareceu entendê-lo, porque ele o beijou de volta com o mesmo fervor, e Scott só conseguiu se conter para não pressionar Kip contra a parede, desabotoar seu jeans e...

— Vejo você — Kip disse, murmurando as palavras contra os lábios de Scott. — Amanhã.

Scott relutantemente o soltou. Ele queria acompanhá-lo até a porta da frente, mas não havia necessidade. Kip não precisava dos códigos para sair do prédio. Além disso, era melhor que ninguém os visse juntos tão cedo pela manhã.

Depois que a porta fechou, Scott se jogou contra uma parede, xingando o quão difícil isso era. Não era só ser gay, ou ser famoso. Eram as duas coisas combinadas e *saber* que não era possível ser abertamente quem ele era em sua linha de trabalho.

Ele costumava pensar que esse era o preço. Ele tinha tido sorte de muitas maneiras e essa era a troca. Ele poderia sair da pobreza para jogar na NHL - jogar na *cidade de Nova York,* até - e aproveitar essa vida de sonho que estava tão perto da perfeição.

Ele simplesmente não conseguia se apaixonar. Não conseguia compartilhar com seus companheiros de time as histórias de namoro, casamento e filhos. Ele podia tentar preencher esse vazio com tudo o que tornava sua vida emocionante e invejável, mas esse vazio sempre permanecia. Sempre o corroendo.

Suas primeiras temporadas na NHL não foram tão difíceis. Ele era um garoto, não procurando por mais do que uma liberação ocasional de qualquer maneira. Os caras mais velhos tinham famílias, claro, mas Scott estava saindo com os outros jogadores jovens. Conforme Scott foi ficando mais velho, começou a ficar mais difícil. Aos vinte e oito anos, ele dificilmente era um velho, mas em anos de hóquei ele estava chegando lá. A cada temporada que passava, ele achava mais difícil esconder quem ele realmente era.

Ele não estava sozinho, exatamente. Ele tinha seus companheiros de time, e eles eram como uma família. Mas às vezes ele ansiava por algo em sua vida que não tinha nada a ver com hóquei. Nada a ver com ser famoso.

Mas sua vida pertencia a muitas pessoas: a NHL, o New York Admirals, seu agente, seus treinadores, seus patrocinadores, a imprensa e os fãs. Talvez fosse esperar demais por algo que pudesse afastá-lo de tudo isso.

Ou talvez aquela coisa tivesse acabado de sair do apartamento dele, depois de uma promessa sussurrada de que o veria amanhã.

* * *

Kip recebeu uma mensagem de Elena enquanto estava no trem de volta para o Brooklyn.

Venha comigo para essa festa ou não seremos mais amigos.

Ela enviou um link imediatamente depois. Isso levou a um artigo descrevendo o próximo Gala da Equinox Foundation para Oportunidades para Jovens nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, um evento anual de arrecadação de fundos de alto nível que reuniu quem é quem de Nova York. Não era algo que *ele* jamais pensou que estaria presente. Não se ele não estivesse servindo aperitivos, de qualquer forma.

Kip leu o artigo. O gala seria em três semanas.

Ele respondeu. *Eu não tenho smoking!*

Elena respondeu rapidamente e, ele imaginou, irritada. *Alugue um.*

Scott estaria lá? Ele tinha que ter sido convidado...

Kip sorriu. O Gala da Equinox! As coisas estavam melhorando! Ele ainda estava no auge da noite que tinha acabado de passar com Scott Hunter. E a possibilidade de noites semelhantes no futuro parecia estar implícita quando eles se separaram...

Não pense muito sobre isso. Não crie muitas esperanças.

Era o começo do ano. Talvez esse fosse um ponto de virada para Kip Grady. Um convite de gala. Uma possível oportunidade de emprego. Um novo...amigo.

Ele *realmente* esperava que Scott quisesse vê-lo novamente. Os padrões de Kip agora estavam ridiculamente altos depois da noite passada, e seria muito difícil sair e pegar apenas um cara.

Kip fez um plano para o resto do dia, que envolvia ir à academia, trabalhar em seu currículo e outras coisas responsáveis que não tinham nada a ver com sonhar acordado com Scott Hunter.

* * *

Kip estava trabalhando com Maria quando Scott chegou à loja na manhã seguinte.

Ele não tinha certeza absoluta, mas achou ter detectado um toque de decepção no rosto de Scott quando viu que Kip não estava sozinho.

— Olá de novo — disse Scott, fazendo um esforço óbvio para soar casual.

— Ei — Kip disse, tentando não mostrar o quão tonto ele se sentia só de ver Scott novamente. — Há quanto tempo. — *Suave.*

— Certo — disse Scott.

Por um momento, os dois apenas se encararam, nenhum dos dois falando. Kip desejou poder pular o balcão e se enrolar em Scott. Ele queria tanto beijá-lo.

— Bem — Scott disse. — O de sempre, eu acho.

— Entendido — disse Kip com um pequeno sorriso. Os lábios de Scott também se contraíram um pouco.

Kip fez o smoothie e entregou para Scott. Ele olhou para Maria, que estava apenas observando silenciosamente os dois o tempo todo. Ele rapidamente

desviou o olhar quando sentiu que estava corando. Quando olhou de volta para Scott, ele estava corando também.

— Então...jogo hoje à noite e amanhã à noite, hein? — Kip perguntou como se eles ainda não tivessem tido essa conversa.

— Sim. Então um dia de folga antes de uma curta viagem de carro.

— Folga?

— Mm-hmm — Scott disse enquanto tomava um gole de smoothie.

— Grandes planos para o dia de folga? — Kip estava tentando ser o mais sutil possível, o que não era nada sutil.

— Eu estava pensando em ficar em casa. Talvez assistir a um filme. — Ele parecia casual, mas o olhar de Scott ameaçava derreter Kip na hora.

— Parece um bom plano.

— Acho que sim — disse Scott. — De qualquer forma, eu deveria ir. — Ele entregou a Kip a nota de vinte dólares de sempre, e talvez seu toque tenha permanecido quando seus dedos encontraram a palma de Kip. — Vejo você mais tarde, Kip.

— Até mais... — Kip disse, com a voz fraca.

Scott saiu rapidamente.

— Oh. Meu. *Deus!* — Maria exclamou.

— O quê?

— *O quê?* Que *diabos,* Grady? Vocês estão noivos ou *o quê?*

— Eu não sei o que você está...

— Você precisa me contar o que acabei de testemunhar.

— Nada! — Kip sabia que seu rosto o estava entregando. Suas bochechas ainda estavam vermelhas e ele estava mordendo o lábio para não sorrir.

Felizmente, ele foi salvo por um cliente que entrava. Maria lançou lhe um olhar de "isso não acabou" antes de se virar para a jovem que estava lendo o cardápio acima de suas cabeças.

Kip desdobrou a nota para colocá-la na caixa registradora e encontrou um pequeno pedaço de papel enfiado lá dentro. Ele quase caiu no chão, mas ele o pegou. Quando leu, teve que ir para a sala dos fundos para que Maria não visse sua expressão.

O papel tinha, numa caligrafia muito caprichada, o número de telefone de Scott Hunter e a palavra *domingo* escrita embaixo.

Puta merda. *Puta merda!*

Kip rapidamente pegou seu telefone e digitou o número em seus contatos. Então ele tirou uma foto do papel, só por precaução, antes de colocar o número cuidadosamente em sua carteira.

Ele esperava, mas não ousou assumir, que Scott iria querer vê-lo novamente. Mesmo que fosse só para sexo, estaria tudo bem. Mais do que bem.

Ele se permitiu um minuto para fazer uma pequena dança de - Scott Hunter me quer totalmente - na privacidade da sala dos fundos antes de flutuar de volta para servir smoothies às pessoas.

* * *

O domingo pareceu demorar uma eternidade para chegar. Kip tinha visto Scott novamente no sábado, quando ele tinha ido ao Straw+Berry para seu smoothie habitual de dia de jogo, mas a loja estava movimentada e Scott não tinha demorado.

Ele provavelmente queria ir embora antes que alguém o reconhecesse. A chance era muito boa ultimamente, porque a cidade inteira estava falando sobre o retorno triunfante de Scott Hunter. Kip tinha assistido Scott sendo

entrevistado depois do jogo, e ele tinha sido questionado, à queima-roupa, a que ele atribuía a reviravolta em seu jogo.

Ele apenas sorriu timidamente. — Acho que apenas encontrei algo que me reacendeu.

Kip estava nas nuvens desde então.

E agora era finalmente domingo e ele não tinha ideia do que fazer. Ele tinha o número de Scott. Ele tinha a vaga instrução de ligar para Scott hoje. Mas ele não tinha tempo para fazer a ligação.

Ou ele deveria mandar uma mensagem para ele?

Mas eram apenas onze da manhã. Até mesmo uma mensagem de texto pareceria ansiosa a essa hora.

Certo?

Kip decidiu ir à academia. Ele iria à academia, tomaria um banho, comeria alguma coisa e *então* mandaria uma mensagem para Scott.

Pouco depois das duas da tarde, ele se sentou na cama e olhou para o telefone, pensando no que escrever. Ele estava pensando demais. Tudo o que precisava era deixar Scott saber que não havia perdido o número e que gostaria de vê-lo.

Sem encontrar algo melhor, ele mandou uma mensagem: *Olá. É o Kip.*

Ele bloqueou o telefone. Pronto. Scott provavelmente retornaria a mensagem mais tarde. Ele tinha o número de Kip agora.

Ele tem meu número agora!

Kip estava prestes a se levantar e assistir a um filme ou algo assim quando o telefone vibrou.

Scott: *Que bom ouvir de você, Kip.*

Scott estava *esperando* notícias dele?

Scott enviou outra mensagem. *Estava preocupado que você tivesse perdido meu número.*

Kip xingou a si mesmo. Ele deveria ter mandado mensagem antes.

Ele estava prestes a responder quando seu telefone tocou. O número de Scott.

— Scott?

— Sim. Olá.

— Oi.

— Desculpe por ligar. Eu sou muito lento para digitar.

— Está tudo bem.

— Você está ocupado ou...

— Não! Não, está tudo bem. Eu, uh, é bom ouvir sua voz. — Kip se encolheu. Mas ele podia *ouvir* o sorriso de Scott pelo telefone.

— Você também, Kip. Eu estive pensando. Muito. Sobre a outra noite.

Kip deitou-se na cama, sorrindo. — Sim?

— Mm. Eu estava esperando que você quisesse vir mais tarde.

— Eu provavelmente poderia me disponibilizar — disse Kip brincando.

— Poderíamos pedir comida para entregar. Assistir a um filme. Não precisa ser apenas...

— Isso parece perfeito. Contanto que também possa incluir...

— Ah, definitivamente pode.

Kip mordeu o lábio. A voz de Scott caiu um pouco e ficou um pouco áspera quando ele disse a última coisa.

— Então, que horas você me quer? — perguntou Kip, tentando ao máximo imitar o tom de Scott.

— Não estou fazendo nada agora.

Merda. — Você quer que eu vá aí agora?

GAME CHANGER

— Se você quiser.

— Eu quero. Eu quero. Vejo você em breve.

Kip quase desligou, mas então pensou em perguntar: — Ah. Devo... devo levar uma mala para passar a noite?

Scott ficou em silêncio por um momento, e Kip se amaldiçoou por ser presunçoso.

— Sim. Traga uma. Claro. — Scott desligou.

Kip soltou um suspiro e sorriu estupidamente para o teto. Então ele começou a trabalhar para descobrir o caminho mais rápido para a casa de Scott.

Capítulo Sete

Scott não conseguia ficar parado enquanto esperava por Kip.

A manhã toda ele estava preocupado que Kip não fosse contatá-lo, ou porque ele não queria, ou porque ele tinha perdido o número. Era ridículo; Kip parecia muito interessado em ver Scott novamente, e ele também parecia inteligente o suficiente para digitar um número em seu telefone.

Kip era inteligente. Inteligente e lindo. E beijava muito bem.

Scott andava de um lado para o outro no apartamento, ocasionalmente fazendo algo desnecessário, como reorganizar as almofadas no sofá ou endireitar um quadro perfeitamente reto na parede. Ele ficou em suas janelas e observou os barcos no East River, e os carros passando pelas pontes em cada extremidade de sua vista panorâmica.

Ele escovou os dentes (de novo) e verificou o cabelo.

Scott considerou sua roupa. Ele estava mantendo-a casual, obviamente - ele estava relaxando em casa, afinal. Mas ele estava usando seu melhor jeans e uma camiseta azul-claro que ele tinha certeza de que fazia seus olhos parecerem bonitos. Infelizmente, ele também tinha um hematoma bem grande no braço direito, logo acima do cotovelo, um maldito corte de duas mãos do taco de um defensor do Buffalo.

Você parece bem. Está tudo bem.

Ele desceu até o saguão para encontrar Kip. Ele cronometrou bem porque Kip chegou menos de cinco minutos depois.

— Ei — Kip disse, sacudindo o frio. Suas bochechas estavam rosadas. Ele era adorável.

— Ei. — Scott sorriu estupidamente para ele. Ele foi recompensado com um sorriso que mostrou as covinhas de Kip.

Eles foram até o elevador e conversaram um pouco durante a subida. Foi tenso no bom sentido. A promessa do que estava por vir crepitava entre eles.

Eles entraram no apartamento de Scott e Scott pegou o casaco de Kip. Kip tirou os sapatos, largou a mochila e foi até a sala de estar. Scott o seguiu, admirando a maneira como sua camiseta de mangas compridas e jeans escuros exibiam seus membros longos e esguio.

— Outra vitória ontem à noite — disse Kip. — Parabéns.

— Ah, sim. Obrigado.

Scott não aguentou mais. Ele estendeu a mão para Kip, que veio até ele imediatamente. Scott o beijou e uma calma instantânea se instalou em todo o seu corpo. Ele precisava tanto disso. Ele não estava pensando em quase nada além da boca de Kip por mais de dois dias. Era um milagre que ele tivesse jogado tão bem nas duas partidas desde a noite dele e de Kip juntos.

— Senti sua falta — disse Scott. Escapou, mas ele não se arrependeu. Especialmente quando viu o jeito como Kip sorriu.

— Sim?

— Mm... cara difícil de esquecer. — Ele colocou as mãos nos quadris de Kip e agarrou seu osso pélvico. Ele se aproximou ainda mais para que Kip pudesse sentir o quanto ele sentia sua falta.

— Jesus — Kip falou.

Eles se beijaram e se agarraram freneticamente, até que Kip caiu para trás, por cima do braço do sofá, e Scott caiu em cima dele.

— Desculpe — Scott disse, rindo. — Você está bem?

— Completamente.

Kip agarrou a ereção de Scott através da calça jeans, e Scott gemeu e pressionou sua mão.

— Aqui — disse Kip — vamos... Você senta e me deixa...

Ele se contorceu para fora de Scott, que estava sentado no sofá e o observou deslizar para o chão entre os joelhos. Kip se inclinou e o beijou enquanto abria o jeans de Scott. Eles continuaram se beijando enquanto Kip puxava o pau de Scott para fora e o acariciava com dedos soltos e preguiçosos.

Porra, era tão bom. Só de estar com alguém assim. De ser tocado. De ser trabalhado e de ser liberado. Ele precisava de mais disso na vida.

Kip viu o hematoma no braço de Scott e passou os dedos sobre ele. — Deve ter doído.

— Já tive piores.

— Eu vou melhorar. — Kip depositou beijos suaves e de boca aberta sobre a pele roxa. Era cafona e idiota e Scott adorou.

Kip continuou a aplicar seu "remédio" enquanto seus dedos brincavam com a bainha da camiseta de Scott. Scott queria *tirar a camisa.*

— Acho que tenho mais alguns hematomas — ele resmungou. — Se você quiser explorar.

— Hmm... É melhor eu dar uma olhada.

Deus, a voz do Kip era tão sexy pra caralho quando ele estava excitado, toda rouca e ofegante. Sua excitação parecia desenterrar seu sotaque do Brooklyn, e por algum motivo Scott achou isso absurdamente gostoso.

— Não consigo ver nenhum hematoma aqui — Kip provocou, beijando seu caminho até a barriga de Scott. — Mas só para garantir...

— Pode haver... — Scott respirou fundo. — Pode haver alguns ferimentos na parte inferior do corpo.

Kip riu contra sua pele, o que fez Scott rir. Ele lambeu o abdômen de Scott, pressionando as mãos na parte interna das coxas de Scott e gentilmente roçando as costas dos dedos sobre as bolas de Scott. Scott estremeceu.

— *Porra.*

— Estive pensando sobre isso — Kip murmurou, sua boca pairando sobre o pau de Scott. — Não tive chance da última vez.

— Por favor — foi tudo o que Scott conseguiu dizer.

Kip passou a língua sobre a cabeça e pressionou contra a pele sensível logo abaixo. Scott agarrou o sofá para se impedir de empurrar acidentalmente a cabeça de Kip para baixo. Ele doía com a necessidade de liberação.

Mas Kip o chupou lentamente, relaxado, como se tivessem todo o tempo do mundo. O que, Scott supôs, eles tinham. Ele observou Kip o máximo que pôde, às vezes perdendo o foco quando ele fazia algo que fazia os olhos de Scott revirarem.

Ele era tão lindo. Kip. Scott decidiu dizer isso a ele.

— Você é lindo. — Scott olhou para ele com o que deve ter sido um olhar de pura adoração. — E você é tão bom nisso. Jesus Cristo.

Kip sorriu ao redor dele e redobrou seus esforços. Ele pegou Scott quase completamente, envolvendo sua mão ao redor da base e acariciando as bolas de Scott com as pontas dos dedos.

Scott estava pegando fogo. Ele sentiu como se pudesse morrer. Ele não conseguia mais pensar, e só conseguia falar em obscenidades.

— Oh merda. Oh Deus. Espero que você queira me foder mais tarde. Deus, eu estava pensando sobre isso. Foi tão bom na outra noite... Nunca foi tão bom antes... Tantas coisas que eu quero fazer com você...

Kip gemeu em volta do seu pau e pressionou a mão na própria ereção através do jeans.

— Eu vou cuidar disso — Scott prometeu. — Assim que você terminar, eu vou pegar seu pau como você quiser me dar...Oh.... porra... Ok... Eu vou...

Esse foi todo o aviso que ele pôde dar a Kip. Seu orgasmo o atingiu tão forte e tão rápido, que ele empurrou um pouco para cima e cavalgou as

ondas de prazer que balançavam por seu corpo enquanto ele se esvaziava na boca perfeita de Kip.

Quando terminou, Kip se afastou e descansou a cabeça na coxa de Scott.

— Puta merda — disse Scott. — Venha aqui.

Kip foi até ele e o beijou, e Scott passou os braços ao redor dele enquanto Kip montava em seu colo.

— O que você quer? — Scott ofegou.

— Não importa. Não vai demorar muito de qualquer maneira.

Scott abriu o jeans de Kip e tirou seu pau para fora. Sem conseguir nada melhor, Scott cuspiu na própria mão e envolveu Kip, misturando com o pré-gozo que já estava vazando da ponta.

Kip xingou e empurrou para o aperto de Scott. Scott olhou para baixo entre eles, observando sua mão se mover sobre o pau duro e lindo de Kip.

— Eu quero ver você gozar. Eu quero que você goze em mim. Mais tarde, talvez você possa me mostrar como você gosta, eu poderia assistir você se masturbar. Porra, eu realmente gostaria disso...

Kip soltou um grito agudo e repentino e deu exatamente o que ele queria, gozando em longas sequências contra o abdômen e o peito de Scott e descendo pela mão dele.

Quando Kip abriu os olhos, eles estavam encapuzados, bêbados de sexo, e suas bochechas estavam coradas. Ele era a coisa mais sexy que Scott já tinha visto.

— Jesus, não é de se espantar que você seja o capitão do time — Kip falou lentamente. — Você é um grande motivador.

Scott riu e o beijou. — Nós deveríamos nos limpar.

— Mm. — Kip disse, caindo de costas no sofá.

Scott se levantou e foi pegar um pano molhado. A urgência havia sido retirada, mas isso só havia acendido sua necessidade por *mais.*

Ele voltou para a sala de estar e encontrou Kip ainda esparramado de costas, jeans aberto, pau molhado e amolecendo contra sua coxa. Ele tinha um braço jogado sobre os olhos.

Mais. Muito mais.

* * *

Kip caiu de costas ao lado de Scott, exausto, suado e feliz. Eles estavam esticados um pouco na diagonal na cama gigante de Scott depois da segunda rodada. Ainda nem estava escuro lá fora.

Scott virou a cabeça na direção de Kip. — Você está com fome? Eu estou morrendo de fome.

Kip riu. — Sim. Definitivamente. Mas eu poderia tomar um banho antes.

Scott ficou de pé em um movimento rápido e muito atlético. Ele estendeu a mão para Kip, que pegou sorrindo. Scott o beijou depois de colocá-lo de pé e levá-lo para o banheiro espetacular.

O banheiro privativo era maior que o quarto de Kip. Era maior que o quarto *dos pais dele.* Tinha uma banheira gigante no meio do cômodo e, atrás dela, uma parede de ladrilhos de pedra que escondia um chuveiro estilo corredor com extremidades abertas. O centro do teto do corredor era um chuveiro gigante retangular com luzes de fundo em cada extremidade. As paredes eram todas de ladrilhos de pedra cinza e claros. Era sexy pra caralho.

Scott ligou o chuveiro com alguns botões extravagantes, e água começou a chover do teto. Ele ficou embaixo dele e puxou Kip contra si.

Kip amava o chuveiro quase tanto quanto ele amava ficar com Scott Hunter nele. A água traçou os músculos de Scott enquanto fluía por seu torso ridículo. Kip se abaixou para pegar um riacho em sua boca, quando estava prestes a pingar da dobra da coxa de Scott, então seguiu o reverso de seu caminho com sua língua.

GAME CHANGER

— Kip. Deus. — Scott estremeceu acima dele enquanto Kip lambia os sulcos de seu abdômen. Scott o puxou para cima e o empurrou de volta contra a parede, beijando-o selvagemente.

Foi incrível: eles não fizeram nada além de se masturbar a tarde toda, mas ainda não conseguiam tirar as mãos um do outro.

Eles conseguiram se limpar eventualmente, usando o sabonete e o xampu de cheiro excelente (e sem dúvida caros) de Scott. Quando saíram do chuveiro, o banheiro estava cheio de vapor e Kip estava *morrendo de fome.*

Ele vestiu o jeans e a camiseta de volta. Scott, para a alegria de Kip, usava apenas uma toalha na cintura enquanto pedia comida pelo telefone. Não surpreendeu Kip que Scott estivesse muito confortável com seu corpo; ele passou boa parte da vida sem usar nada, ou quase nada, em vestiários cheios de gente.

— Tem um lugar aqui perto que faz ravioli incrível — disse Scott. — Parece bom?

— Perfeito.

Scott finalmente vestiu algumas roupas e se juntou a Kip no sofá para esperar a comida.

— Ei — disse Kip — você vai para aquele chique Gala Equinox?

Scott olhou para ele curiosamente. — Sim, eu confirmei que estaria presente. Por quê?

— Ah, só... eu também vou.

— Trabalhando?

— Não! Não, eu... Minha amiga me convidou.

— Oh! — Scott disse. Então — Oh Deus, me desculpe, Kip. Eu não deveria ter presumido...

— Nah, tudo bem. Quero dizer, obviamente é estranho para alguém como eu estar presente em uma festa como essa. Como convidado, quero dizer.

Mas Elena... minha amiga, Elena ...ela trabalha para a Equinox e ela quer que eu seja seu par.

— Foi ela quem você levou para o jogo?

— Sim. Ela é minha melhor amiga. Uma pessoa realmente incrível.

Scott assentiu.

Um silêncio constrangedor caiu. Kip não tinha certeza do que Scott estava pensando, mas *ele* certamente desejava poder ir como acompanhante de Scott. Ele se imaginou dançando com ele naquele salão de baile chique, ambos vestidos a rigor, câmeras piscando...

O sonho desapareceu.

— De qualquer forma — disse Kip — estarei lá.

Scott franziu a testa e desviou o olhar. Kip esperou que ele dissesse as palavras que Kip sabia que viriam, mas temia ouvir. *Isso foi divertido, mas não quero que você tenha ideias...*

Em vez disso, Scott se levantou e perguntou: — Você gostaria de beber alguma coisa? Uma cerveja ou algo assim?

— Claro — Kip disse, surpreso, mas tentando agir de forma legal. — É, uma cerveja seria ótimo. Qualquer coisa.

Scott assentiu e foi até a cozinha.

Uma tensão estranha encheu a sala. Kip não gostou. O que ele estava pensando, trazendo à tona um evento que ambos iriam participar em três semanas? Foi estúpido. Ele não deveria ter assumido...

Scott retornou e entregou a Kip uma garrafa gelada de cerveja. — Você quer um copo, ou...

— Nah, garrafa está bom. — Kip forçou um sorriso. Ele observou Scott brincar um pouco com sua própria garrafa, seu rosto se contorcendo.

— Estou, uh, estou ansioso para ver vocês todos vestidos a rigor naquela festa. — Scott deu a Kip um sorriso adoravelmente nervoso.



Kip sorriu de volta para ele, aliviado. — Sim? Eu me arrumo muito bem.

— Não duvido — disse Scott, afundando-se em um joelho no sofá e se inclinando para beijá-lo. Kip suspirou e retribuiu o beijo. Ele queria que Scott o cobrisse. Ele queria sentir o peso dele em todos os lugares.

Ele se recostou até ficar deitado e então olhou para Scott com expectativa.

— Venha aqui — ele disse.

Scott tirou a cerveja de Kip de sua mão e a colocou na mesa de centro de vidro ao lado da sua. Ele se abaixou cuidadosamente - com cuidado demais - para cobri-lo com seu corpo gigante.

— Eu sou pesado. — Scott disse isso como se isso fosse impedir Kip de querer ser completamente sufocado por ele.

— Eu não vou quebrar. — Kip passou um braço em volta de suas costas para puxá-lo para mais perto.

Quando Scott acomodou seu peso sobre ele, Kip soltou um gemido que teria sido embaraçoso, mas ele estava feliz demais para se importar. Scott mordiscou a pele sensível de seu pescoço, e o pau de Kip endureceu pela quarta maldita vez esta tarde. Ele moveu seus quadris para pressioná-lo contra a coxa de Scott.

— Deus, Kip — Scott gemeu contra sua garganta.

Então seu telefone tocou.

— A comida chegou — Scott disse com um sorriso de desculpas. — Eu já volto.

Ele foi até o saguão e viu Kip cambaleando no sofá.

Kip pensou que tinha aceitado essa coisa: Scott precisava de alguém para fazer sexo que não fosse à imprensa ou postasse online sobre isso. Ele, por alguma razão, parecia sentir que podia confiar seu segredo a Kip. Eles ficariam secretamente algumas vezes, e então Scott voltaria a ser um superstar gigante e Kip voltaria para sua triste piada de vida. Simples.

Mas, *caramba,* não seria fácil abandonar isso quando a hora inevitavelmente chegasse.

Eles comeram o ravioli no sofá, e Scott ligou a televisão para assistir um pouco do jogo Pittsburgh x Boston. Foi interessante assistir hóquei com Scott Hunter. Às vezes, ele se curvava para frente, concentrado e mastigando pensativamente. Como se estivesse trabalhando em algo em sua cabeça. Kip se perguntou o que estava vendo na tela. Quais detalhes ele estava notando que quase ninguém mais na Terra veria.

— Você vai jogar em Boston esta semana, certo? — perguntou Kip.

— Sim. Quinta-feira — Scott disse, seus olhos ainda na televisão. — Jogamos na Filadélfia na terça.

— E de volta aqui no sábado?

— Sim. Montreal joga aqui no sábado.

— Eu, hum, não vou trabalhar no sábado.

Houve uma pausa, e então Scott pareceu registrar o que Kip havia dito. Ele desviou sua atenção da televisão.

— Oh.

— Sim, estou trabalhando de terça a sexta esta semana.

— Ok. — Ele franziu a testa.

— Quer dizer... eu poderia talvez ver se Maria quer...

— Não! Não, não faça isso. É bobo, certo?

Kip deu de ombros. — Se for importante para você, eu poderia trocar de turno.

Scott balançou a cabeça. — Não, é... — Ele colocou seu recipiente de comida para viagem na mesa de centro, desligou o jogo de hóquei e se virou para encarar Kip. — Nós provavelmente deveríamos conversar.

O coração de Kip afundou. Ele se preparou para as palavras que ele estava infelizmente esperando desde que eles ficaram pela primeira vez.

— Eu, hum... — Scott começou, estranhamente atrapalhado por palavras. — Você sabe que eu...

— Está tudo bem. Você não precisa...

— Estou enrustido — Scott continuou. — Eu acho. Quer dizer, isso é preciso. Preciso esconder essa parte de mim. Se vazasse que eu...

— Certo — disse Kip, com os olhos focados no chão para que Scott não visse o quão desanimado ele se sentia.

— Eu nunca...namorei ninguém.

Kip ergueu os olhos, atordoado.

— Eu fiquei com homens. Não aqui. Nunca fiquei com ninguém em Nova York. Nunca levei ninguém para minha casa antes.

O estômago de Kip se revirou. — Você não?

Scott olhou para ele seriamente. — Não.

— Oh.

— Como eu disse, eu nunca namorei ninguém — disse Scott. — Eu nunca... eu pensei que não precisava. Que eu talvez pudesse viver sem isso.

Kip ouviu o tempo passado no que Scott estava dizendo. — E agora?

Scott exalou. — Eu não sei. Eu sinto como se...talvez eu não tivesse conhecido a pessoa certa ainda, sabe?

Puta merda.

— Só estou dizendo — disse Scott — que não acho que sejam os smoothies.

Kip não disse nada. Ele queria ouvir o que Scott diria em seguida.

— Eu quero. Sair com você. Sei que mal nos conhecemos, mas...

A emoção borbulhava dentro dele, empurrando um nó em sua garganta. — Eu também — ele se engasgou.

Scott sorriu para ele, um pouco triste.

— Quero dizer, obviamente, sim. Concordo — disse Kip.

— Eu *quero* — Scott esclareceu — mas não sei como podemos.

— Nós vamos descobrir — Kip disse, ainda completamente sobrecarregado. — Eu posso guardar um segredo, e não precisa ser... Você sabe, pode ser casual. Sempre que você tiver tempo.

— Você merece mais do que isso, Kip.

Kip riu, porque *sério?* — Eu posso me contentar com você.

Scott sorriu e o beijou. Kip retribuiu o beijo com tudo que tinha, porque ele tinha certeza de que esse homem incrível dos sonhos tinha acabado de pedi-lo para ser seu *namorado.*

— Você não terá que se contentar com nada — Scott murmurou contra seu ouvido. — Não se eu tiver algo a dizer sobre isso.

* * *

Eles chegaram ao quarto, mas por pouco. Scott jogou Kip contra a parede assim que eles entraram pela porta. Eles tiraram suas camisas, então Scott empurrou com tanta força contra ele que os pés de Kip estavam quase sendo levantados do chão. Kip era um cara alto e sólido, mas Scott o fazia se sentir pequeno. Ele amava como Scott conseguia lidar com ele.

— O que você quer? — ele perguntou. — Diga-me.

— Não... — Kip gaguejou, sem fôlego — acho que você não gostaria de mudar isso?

— Você quer que eu te foda?

— Sim. Você faria isso?

Scott fez um rosnado baixo e o beijou novamente. — Absolutamente.

Kip soltou uma risadinha aliviada. Ele amava foder Scott, mas *precisava* ser fodido naquele colchão, ou contra essa parede, tão forte quanto sabia que Scott poderia dar a ele.

Eles se separaram para poderem tirar as calças, então Scott puxou Kip para a cama, não rudemente, mas com força. Kip foi feliz, permitindo ser empurrado para baixo no colchão, Scott imediatamente o cobrindo. O peso do peito de Scott pressionou Kip, assim como no sofá antes. Era exatamente o que ele desejava.

Scott moveu os quadris para que o comprimento do seu enorme e sólido pau deslizasse contra o de Kip.

— Por favor — Kip disse asperamente. — Eu quero.

— Vire-se — Scott ordenou, soando exatamente como o respeitado capitão de time que ele era. Isso enviou uma onda de calor através de Kip, e ele não conseguiu obedecer rápido o suficiente. Assim que ele se acomodou, Scott começou a beijar sua espinha.

— Você é — Scott murmurou entre beijos. — Absolutamente. Impressionante. — Ele pontuou sua declaração cravando os dentes na nádega esquerda de Kip, mordendo-a de brincadeira, mas possessivamente. Kip gemeu e agarrou punhados de um dos travesseiros de Scott. Ele estava tão cheio de necessidade que pensou que poderia explodir.

Scott continuou mordiscando a bunda de Kip, descendo até suas coxas e subindo novamente. Era tão bom que cada parte de Kip formigava de antecipação. Ele não tinha certeza se Scott realmente faria o que sua boca estava sugerindo. Ele sabia que era relativamente inexperiente, e talvez fosse esperar demais que ele...

Mas então Scott abriu as nádegas com suas mãos fortes e passou a língua pela fenda de Kip, lentamente.

— Porra — Kip gemeu. — Sim.

Scott lambeu a carne sensível ao redor do buraco de Kip, passando a ponta da língua sobre a abertura apertada enquanto suas mãos agarravam sua bunda. Ele o persuadiu a abrir com carícias quentes e úmidas de sua língua, cada uma delas enviando um arrepio delicioso pelo corpo de Kip.

Deus, deixe-me permanecer neste momento para sempre.

Quando Kip relaxou o suficiente, Scott pegou o lubrificante e colocou um dedo forte e escorregadio lá dentro. Suas mãos eram *enormes,* e seus dedos eram tão longos e grossos. Kip queria tantos quanto Scott lhe desse.

Scott colocou uma mão firmemente no meio das costas de Kip - talvez fosse mais para seu próprio equilíbrio, mas Kip adorou. Scott deve ter notado porque ele pressionou um pouco mais forte e deu a ele um segundo dedo. Kip se engasgou com o aumento da pressão em ambos os lugares.

— Você gostou, hein? — Scott resmungou.

— Sim — Kip disse roucamente. — Eu amo o quão grande você é. Forte, porra. Quero você em mim pra caralho. Quero você em todo lugar.

Scott respondeu fazendo um rosnado muito másculo e possessivo e adicionando um terceiro dedo. Kip estremeceu e arfou.

— Você está bem? — Scott perguntou, parando os dedos. — Demais?

— Não... não, está tudo bem. Está bom. Está tão bom... — Kip ia continuar balbuciando. Ele era tagarela quando ele estava tão envolvido. — Estou pronto — ele disse. — Estou tão pronto para você, Scott. Por favor. Eu gosto forte. Quero sentir por dias...

Scott tirou os dedos, e então Kip ouviu o barulho frenético de uma embalagem de camisinha sendo rasgada. Ele se virou para olhar por cima do ombro o melhor que pôde, e viu Scott movendo a mão sobre seu pau embainhado, passando lubrificante nele.

Kip esperou ansiosamente pela primeira pressão do pau de Scott entrando nele. Fazia muito tempo desde que ele tinha sido fodido, e tinha sido uma

semana sólida de fantasias sobre exatamente esse momento. Depois de um longo minuto sem nada acontecer, Kip olhou para trás por cima do ombro. Scott estava segurando seus quadris, e estava alinhado, mas ele não estava se movendo.

— Você está bem? — Kip perguntou.

— Sim — Scott disse. Ele estava corando. — Desculpe. Eu só... Eu não quero te machucar.

— Você não vai. — Kip mexeu a bunda de brincadeira. — Mas se você não começar a me foder, eu posso morrer, então...

Scott soltou uma risada, mas ainda não se moveu. — Só fiz isso uma vez antes — confessou.

Oh meu Deus.

Kip continuou esquecendo da falta de experiência de Scott. Parecia tão...implausível.

— Você não vai me machucar — Kip prometeu. — Eu te conto se machucar. Mas... eu gosto forte. Eu aguento.

Scott mordeu o lábio e franziu a testa, e Kip precisava que ele parasse de pensar.

— Confie em mim — disse Kip. Scott olhou nos olhos dele e assentiu.

Finalmente, Kip sentiu a cabeça do pau de Scott cutucar sua entrada, e foi tudo o que ele conseguiu fazer para não se jogar de volta nela. Ele esperou o mais pacientemente possível enquanto Scott empurrava lentamente para dentro.

— Deus, sim — Kip falou. — Eu queria tanto isso.

Scott era *grande,* e Kip se esticou e queimou ao redor dele da melhor maneira. Quando ele estava todo dentro, ele retornou sua mão para o meio das costas de Kip, colocando peso sobre ela. Kip gemeu.

Scott foi cuidadoso nas primeiras estocadas. Desesperado por mais, Kip ofereceu algum encorajamento. — Tão bom. Tão bom pra caralho, Scott. Não seja gentil comigo. Você é perfeito. Vamos.

Isso funcionou. Scott começou a estocar com força, uma mão plantada na cama para ancorá-lo, a outra firmemente esticada na omoplata de Kip. Kip estava no céu.

— Tão forte — ele falou. — Não pare. Eu amo isso.

— Você se sente incrível. Porra.

Kip sentia Scott em todos os lugares - suas coxas sólidas pressionando contra as pernas de Kip, e sua mão ainda firme em suas costas enquanto Scott o fodia no colchão. Kip amava o quão doce e tímido Scott podia ser, mas agora ele estava fodendo Kip como o atleta estrela que ele era. A cada estocada, o corpo inteiro de Kip era sacudido, e seu pau esfregava contra o colchão de uma forma que normalmente não seria o suficiente, mas dessa vez...

Vai dar certo. Deus, eu posso até gozar primeiro.

— Não goze — Scott disse, como se estivesse lendo sua mente. — Eu quero ver. Não goze.

Kip gemeu, amando o tom autoritário de Scott, e fez o melhor que pôde para obedecer. Ele levantou os quadris da cama para reduzir o atrito, mas, droga, ele nem precisava do atrito, do jeito que Scott estava entrando nele. Tudo parecia incrível demais.

— Não sei... — Kip se engasgou — não sei se posso obedecer a essa ordem, Hunter.

Scott *rosnou* e, sem aviso, puxou para fora e virou Kip. Ele puxou os tornozelos de Kip para cima dos ombros e empurrou de volta, mais forte e mais rápido do que antes.

— Puta merda! — Kip gritou. — Puta *merda!*

— *Agora* você pode gozar.

Kip gozou. Nem mesmo um colchão estava tocando seu pau agora. Ele estava apenas gozando intocado porque Scott disse a ele para fazer isso e porque tudo sobre isso era tão perfeito e tão gostoso. Ele observou, espantado, enquanto sua liberação espirrava em seu estômago e peito.

— Meu Deus. Porra, Kip. — Scott empurrou para dentro dele mais algumas vezes, então se encolheu para frente enquanto gozava dentro dele.

Quando os últimos tremores diminuíram, Scott gentilmente se retirou e caiu na cama ao lado de Kip. Ele estava vermelho e sorrindo. — Isso foi... — ele começou, então apenas balançou a cabeça e sorriu mais amplamente.

— Sim — Kip ofegou. — Irreal.

Era a única palavra que ele conseguia pensar. Ele achava que sabia o quão bom o sexo podia ser, mas ficou emocionado ao descobrir o quão enganado ele estava.

— Eu já volto — disse Scott, dando um beijo rápido em sua bochecha. — Não se mova.

— Nem sonharia com isso.

Scott rolou para fora da cama e foi para o banheiro, deixando Kip sorrindo para o teto e tentando guardar cada detalhe do que tinha acabado de acontecer na memória. Ele amou o quão rápido Scott perdeu suas inibições; ele não segurou nada enquanto usava sua força e resistência impressionantes para foder Kip sem sentido.

Esse homem é meu namorado agora.

Scott retornou com um pano úmido e limpou delicadamente o estômago de Kip. O tecido quente deslizando pela pele de Kip era maravilhoso. Ele suspirou feliz e estendeu a mão para Scott. — Venha aqui.

Scott sorriu e o beijou. — Isso foi incrível — ele disse. — *Você é* incrível.

GAME CHANGER

— Tenho quase certeza de que você estava fazendo a maior parte do trabalho naquele momento.

— Não é trabalho — disse Scott, beijando Kip no nariz, na bochecha e no canto da boca. — Não é trabalho de jeito nenhum.

Kip o empurrou de costas e subiu em cima dele, beijando-o com toda a ternura que sentia naquele momento.

Eles se separaram, e Scott olhou para ele. Ele passou os dedos pelos cabelos de Kip e estudou seu rosto, claramente querendo dizer algo.

— O quê? — Kip perguntou.

— Posso comprar um smoking para você?

— Você pode...

— Você não tem um já, certo? Você ia alugar um? Para o Gala Equinox?

— Sim. Quer dizer, não, eu não tenho um. Mas você não...

— Vou ligar para a loja Hugo Boss amanhã — disse Scott. — Eu faço anúncios para eles.

— Sim, eu sei.

— Vou ligar para eles. Dizer para esperarem você. Dizer que você é um amigo. Eles vão cobrar da minha conta. — Scott disse as palavras como se estivesse dizendo mais a si mesmo do que a Kip.

— Parece um pouco...generoso. Não é?

Scott acariciou o rosto de Kip com as costas dos dedos. — É completamente egoísta, na verdade. Quero ver você em um smoking que foi feito sob medida para seu corpo lindo. Posso não conseguir dançar com você naquela noite, mas você sabe que eu vou desejar poder.

Kip sentiu-se sem fôlego. Scott beijou-o novamente e murmurou: — Quero que você use o terno que comprei para você. E mais tarde, quando estivermos sozinhos, quero tirá-lo de você.

Kip respirou fundo.

— Não — ele disse, com um esforço tremendo.

Scott se afastou. — Não?

— É demais. Além disso... não vai ficar estranho? Se você pedir para a loja cobrar da sua conta ou algo assim pelo smoking de um cara aleatório?

— Eu...

— Quer dizer, não é muito discreto, certo?

Scott pareceu considerar isso. — Eles saberiam, você acha?

Kip se espreguiçou luxuosamente e sorriu. — Ah sim. Eu sou muito bonito.

Scott bufou. — Você é. — Ele o beijou novamente. — E se você usasse um dos meus?

— Por quê? Quantos você tem?

— Mais do que suficiente. Você poderia pegar um e mandar fazer sob medida.

Kip franziu a testa. — Mas então você não poderia usá-lo novamente.

— Eu não preciso disso. Tenho muitos.

Muitos smokings não eram um problema que Kip já conheceu alguém que tivesse. Não em seu círculo social, pelo menos.

— Tudo bem — ele disse, com exaustão exagerada. — Vou te livrar de um dos seus smokings. Mas só porque eu gosto de ser útil.

— Preto clássico? — Scott perguntou, passando o polegar ao longo do maxilar de Kip. — Ou talvez azul meia-noite?

— A escolha é sua, Hunter.

Scott desviou o olhar e realmente corou um pouco. — É meio gostoso quando você me chama assim — ele disse — mas vai realmente me distrair quando eu ouvir isso no gelo.



Kip riu. — Talvez eu queira que você pense em mim durante os jogos.

Scott gemeu. — Você já ficou duro enquanto usava um suporte atlético? Não é agradável.

— Parece que *sim.*

Scott apertou os lábios.

— Tudo bem — Kip suspirou — Scott então.

Scott se inclinou. — Tenho a sensação de que vou pensar muito em você de qualquer maneira.

Ele parecia tão *feliz,* olhando para Kip e acariciando seu cabelo. E Kip sabia que ele parecia do mesmo jeito. Fazia apenas alguns dias. Essa coisa era tão intensa e muito além dos sonhos mais loucos de Kip.

— Você estará pensando em mim? — Scott perguntou timidamente.

Kip sorriu. — Não tenho certeza se vou conseguir pensar em mais alguma coisa, *Hunter.*

Capítulo Oito

— Três noves — Greg Huff anunciou, espalhando suas cartas na mesa. — O que você tem, Hunter?

— Foda-se — disse Scott, jogando suas cartas inúteis na mesa.

— Sabia — disse Huff. — Você é um péssimo mentiroso, Scotty.

Ele alegremente pegou a pequena pilha de notas de vinte para si. Carter riu e entregou a Scott uma nova garrafa de cerveja. Scott a pegou agradecido.

— É seu problema, Bennett — disse Carter.

Os quatro estavam reunidos no quarto de hotel de Huff na Filadélfia. Huff tinha expulsado seu jovem colega de quarto por algumas horas para que os quatro pudessem aproveitar um jogo de pôquer dos "veteranos".

— Então, Carter — disse Huff — como vão as coisas com *Gloria Grey?*

— Legal. Ela está vindo para Nova York neste fim de semana. Vai estar no jogo no sábado... e no meu apartamento mais tarde naquela noite e o dia todo no domingo.

— Parabéns, cara — disse Eric Bennett — isso é ótimo.

— Bastardo sortudo. — Huff sorriu. — E você, Hunter? Andou saindo com alguém?

— Por que eu contaria a vocês, seus idiotas? — Scott desviou.

— Sério — Bennett disse. — Estamos velhos e casados. Dê-nos alguma coisa.

— Desculpe desapontá-los.

— Scott aqui está se guardando para o casamento — disse Carter, colocando uma mão no ombro de Scott. — E ele está guardando o casamento para depois que morrer.

Os outros riram.

— Estou apenas ocupado — Scott argumentou. — Vocês sabem disso.

— É, e não temos nada além de tempo — disse Huff. — Sério. Não tem ninguém mesmo? Toda essa boa aparência vai ser desperdiçada?

— Podemos falar de outra coisa?

— Ele está saindo com sua irmã, Huff — brincou Bennett.

— Você sabe que eu só tenho um irmão — disse Huff — e não acho que Howie seja o tipo dele.

Todos riram. Scott também, embora tenha sido forçado. Não era mentira o que Huff disse. Scott já tinha conhecido seu irmão antes e, não, ele não era o tipo de Scott. Mas não era por isso que seus amigos estavam rindo. Não era a ideia de Scott namorar Howie. Era de Scott namorar *qualquer* homem.

— Foda-se todos vocês — disse Scott. Não em um tom sério. Ele amava esses caras, de verdade. Eles eram apenas... caras.

Eles voltaram a jogar pôquer e a vida amorosa de Scott não foi mencionada novamente.

Scott invejava seus companheiros de time. Ele só conseguia imaginar como seria não ser sobrecarregado por sua... alteridade. Ele desejava poder ser magicamente o que as pessoas esperavam que os jogadores de hóquei fossem. Mas ele considerou os três homens que estavam jogando cartas com ele - estrelas da NHL, todos eles - e nenhum deles se encaixava no molde. Carter, mais obviamente, com sua pele escura. Scott sabia que tinha lidado com comentários racistas de jogadores e fãs a vida toda. Huff era baixo. Ele estava listado como 1,75 m, mas Scott às vezes se perguntava se ele tinha sido medido enquanto usava patins. E Bennett parecia mais um professor de jardim de infância do que um goleiro superstar. Ele nunca bebia ou festejava, e tinha um diploma em inglês.

Então talvez não houvesse uma maneira "normal" de ser um jogador de hóquei. Mas isso não mudava o fato de que os insultos favoritos jogados no gelo eram calúnias homofóbicas. No mundo do hóquei, ser gay era considerado, na melhor das hipóteses, uma piada e, na pior, nojento.

Enquanto Scott fosse cuidadoso - e ele *era* - ninguém precisaria saber que ele era diferente.

Scott voltou para seu próprio quarto antes das onze. As noites terminavam cedo quando eles tinham um jogo no dia seguinte. Seu colega de quarto estava na cama, lendo.

Scott se esticou na própria cama e pegou seu telefone. Ele enviou uma mensagem para Kip:

Sinto sua falta.

A resposta foi quase imediata.

Kip: *Já? ;)*

Scott sorriu e corou. Realmente foi só naquela manhã que ele e Kip acordaram juntos no apartamento de Scott? O resto do dia foi um borrão feliz, enquanto Scott flutuava em um treino antes de embarcar em um avião para Filadélfia.

Scott: *Já.*

A próxima resposta veio um pouco mais lenta.

Kip: *Eu também.*

Scott rolou de costas para seu colega de quarto. Ele sabia que o garoto, um novato chamado Gillis, não teria coragem de perguntar por que seu capitão estava sorrindo estupidamente, mas ainda assim...

Scott respondeu. Estava pensando na sexta-feira.

Kip: *Sexta-feira?*

Scott: *É Dia dos Namorados.*

Kip: *Ah!*

Scott: *Você vai naquela noite? Quero fazer o jantar para você.*

Kip: *Vou verificar minha agenda.*

Scott: *Ah, certo.*

Kip: *Estou livre. Eu estava brincando.*

Scott revirou os olhos. Ele se sentiu um idiota.

Scott: *Posso te ligar?*

Kip: *Sim.*

Scott sentou-se e disse ao seu colega de quarto: — Vou fazer uma ligação. Volto em breve.

Ele saiu da sala e pegou o elevador para o saguão. Ele entrou na pequena sala do centro comercial, que estava vazia, e ligou para Kip. Ele se sentou em uma das cadeiras da escrivaninha e girou de um lado para o outro enquanto esperava que ele atendesse.

— Oi — disse Kip, depois de dois toques.

— Ei.

— Você não deveria estar na cama? — ele provocou. — Grande jogo amanhã.

— Estarei em breve. Eu só... queria ouvir sua voz. — Scott se encolheu com o quão sentimental aquilo era. Ele não era bom nisso.

— Sinto sua falta.

Scott sorriu para o telefone. — Eu também sinto sua falta. Você encontrou um alfaiate? Eu me ofereceria para pagar por ele, mas tenho a sensação de que você vai me recusar.

— Você está certo. Eu faria isso — disse Kip. — Eu ia perguntar a Elena se ela conhecia um bom, mas então pensei...

— Oh.

— Sim. Eu não quero... Quer dizer, ela meio que...

— Ela sabe?

— Não! Não. Ela não. Quer dizer, eu não contei a ela sobre nós. Eu só... Ela vai descobrir, sabe? Ela é inteligente. E... ela sabe que eu gosto de você. Mas, sim. Se ela descobrir que eu de alguma forma consegui um smoking Hugo Boss de graça, ela vai ter perguntas.

Scott franziu a testa. — Certo.

— Talvez...talvez eu devesse alugar um smoking. Só para...estar seguro.

— Não, isso é... Não. Você deveria... — Scott suspirou, e esperou não se arrepender disso. — Você deveria contar a ela. Se quiser. Você disse que ela é sua melhor amiga?

— Sim.

— Diga a ela. Não quero que fiquemos entre você e sua melhor amiga.

— Obrigado. — Kip soou aliviado. — Eu realmente quero contar a ela. E ela consegue guardar um segredo melhor do que ninguém. Ela é a melhor. Você gostaria dela.

— Eu adoraria conhecê-la.

— Guarde uma dança para ela no gala.

— Combinado. Mas eu sou um péssimo dançarino.

— Ela é uma dançarina incrível. Ela vai fazer você ficar bem. Prometo.

— Ok — Scott disse distraidamente. Kip soou como se um peso tivesse sido tirado, mas Scott sentiu como se tivesse sido colocado diretamente sobre ele. Ele mordeu o polegar.

GAME CHANGER

— Então, Dia dos Namorados, hein? — Kip disse alegremente, mudando de assunto.

— Hum?

— Você quer cozinhar para mim?

— Certo...sim. — Scott balançou a cabeça. *Coloque sua cabeça no jogo, Hunter.* — Sim — ele disse, mais convincentemente — eu quero.

— Não sabia que você cozinhava.

— Eu sei cozinhar — disse Scott. — Eu era uma criança que ficava sozinha em casa. Eu fazia muitas refeições para a mamãe e para mim quando ela trabalhava até tarde no mercado. E depois... quando ela ficava doente.

— Desculpe — Kip disse. Ele parecia genuinamente envergonhado. — Eu deveria ter imaginado.

— Não! Eu não estava dizendo isso para fazer você se sentir mal. Eu só...gosto de te contar coisas sobre mim.

— Quero saber tudo sobre você — disse Kip calmamente.

Scott achou que seu coração poderia explodir. Ele ficou tão tocado pelas palavras de Kip que não percebeu que ele não tinha respondido, até que Kip disse: — Oh, Deus. Isso foi um pouco intenso. Desculpe.

— De jeito nenhum — disse Scott. — Você pode me perguntar qualquer coisa.

— Qualquer coisa, hein? Que tal... o que você vai cozinhar para mim? — O tom de Kip era relaxado e brincalhão novamente.

— Não vou contar. É uma surpresa. — Scott sorriu. — Oh, merda. A menos que... Você tenha alguma alergia?

— Não.

— Ok. Então é uma surpresa.

Scott pegou uma caneta que estava na mesa à sua frente e começou a rabiscar distraidamente em um bloco de notas do hotel. — Como foi seu dia?

— Bem. Não muito emocionante. Exceto, você sabe, você.

— Conte-me tudo o que aconteceu. Eu só quero ouvir sua voz.

Kip falou sobre o podcast que ouviu no caminho para casa, vindo da casa de Scott, naquela manhã, e sobre a mulher que viu com uma iguana em um portador de bebês, enquanto Scott ouvia e desenhava pequenos redemoinhos no bloco de notas.

— Então, sim — Kip disse, quando os redemoinhos de Scott chegaram à borda da página. — É mais ou menos isso. Não foi um dia muito emocionante.

Kip bocejou, o que fez Scott perceber o tempo. — Meu Deus, estou te mantendo acordado. Você tem que trabalhar cedo amanhã, certo?

— Sim. Sim, eu deveria ir para a cama.

— Ok. Eu também.

— Mas Scott? Estou feliz que você ligou.

Scott sorriu ao telefone. — Estou feliz por ter feito isso também.

— Assistirei ao jogo amanhã à noite.

— Vou marcar um gol para você.

— Vai se foder.

— Eu vou! O primeiro gol é seu. Lembre-se disso.

— Tudo bem. Será nosso segredo.

— Sim — Scott disse calmamente.

Depois que eles se despediram, e depois que Scott guardou o bloco de notas em que estava rabiscando, ele saiu da sala comercial e voltou pelo saguão. Ele foi recebido por Frank Zullo. Ele tinha uma jovem mulher em seu braço, e ambos pareciam bem bêbados.

— Boa noite, Hunter — disse Zullo, com um pouco de desdém em seu tom.

— Zullo. — Scott assentiu. — Só entrando?

— Claro. Só, ah, indo para a cama, sabe?

— Tenho certeza de que você já tem um colega de quarto — disse Scott, olhando para a jovem.

— Ei! Merda! Você é aquele cara superstar! — ela balbuciou.

— Vamos, querida — disse Zullo, lançando um olhar severo a Scott enquanto guiava a mulher para além dele.

— Videoconferência amanhã de manhã às nove em ponto — Scott gritou para ele.

Zullo o ignorou e entrou no elevador.

Scott suspirou. Isso seria um pé no saco para o colega de quarto de Zullo. O time tinha uma política de colocar jogadores mais velhos com os mais novos em quartos de hotel na estrada. Scott, como capitão, geralmente dividia o quarto com novatos e novas adições ao time. Era um sistema que normalmente funcionava bem e mantinha muitos jogadores mais jovens longe de problemas. Mas às vezes os jogadores mais velhos eram os problemas.

Scott pegou o próximo elevador até o andar da equipe. Ele não sabia em que quarto Zullo estava, então andou um pouco pelo corredor até ouvir uma porta se abrir. Com certeza, o jovem colega de quarto de Zullo, um garoto franco-canadense chamado Brisebois, entrou no corredor. Ele parecia estar dormindo.

Se Scott batesse na porta e tentasse falar com Zullo, isso só viraria uma briga que acordaria todo mundo no andar. Ele falaria com ele amanhã.

— Ei, Breezy — ele disse ao jovem defensor sonolento. — Venha para o meu quarto. Vou mandar um colchão para cima.

* * *

Kip sentou-se em frente a Elena em uma mesa em um pequeno restaurante mexicano no centro da cidade.

— Então...parece estar tudo bem? — ele perguntou.

— Está tudo bem. Fiz algumas anotações. Enviei-as por e-mail para você antes de sair para encontrá-lo.

Kip pegou seu telefone.

— Você pode ler depois, idiota — ela disse. — A carta de apresentação foi muito boa. Seu currículo está ótimo. São só algumas notas.

— OK.

— Então, quais são as novidades que você tem para mim?

Kip sorriu e então abaixou a cabeça para esconder.

— Meu Deus. Você está apaixonado — ela disse.

— Não! — Kip disse rapidamente. — Eu não estou apaixonado. Eu só... eu tenho visto alguém.

— Oh? *Vendo?* Não apenas *dormindo?*

— Bem... principalmente dormindo. Mas está se tornando mais do que isso. Eu acho. Espero.

— Tudo bem.

— É, uh, você sabe... Scott.

— Scott. Como em...

Os olhos de Kip dispararam ao redor deles e ele se inclinou. — Sim. Exatamente quem você está pensando. E eu sei que é bem inacreditável, mas... é. Nós estamos ficando. E ele quer que eu...

Ele parou de falar. De repente, sentiu-se envergonhado. De alguma forma, quando Scott não estava realmente *presente*, a coisa toda parecia um sonho febril.

— Ele quer ficar com... você? — Elena adivinhou.

Kip revirou os olhos. — Claro. Ou, tipo, *namorar.* Tipo...ser namorados. Ou sei lá.

— Namorados secretos?

— Por enquanto — disse Kip, com toda a dignidade que conseguiu reunir.

Elena sorriu. — Bem!

Kip sorriu também. — É.

— Jesus, isso é fofo. Nunca vi você assim, Kip.

— Como o quê? Eu não sou como nada!

— OK.

— Eu estou apenas... feliz, só isso. Ele está realmente...

— Sabe de uma coisa? — Elena disse. — *Isso* virou um almoço com cerveja. Me conte tudo.

* * *

— Isso foi interferência! — Eric Bennett gritou. — Ele estava em *cima* de mim! Sério, árbitro!

— Eu vi — disse o árbitro. — Não foi. Acalme-se, porra.

Scott colocou a mão no peito de Bennett para impedi-lo de pressionar o árbitro.

— Você não pode estar falando sério! — Bennett gritou por cima do ombro de Scott.

— *Estou* falando sério e vou lhe dar uma penalidade por má conduta se você não recuar, Bennett.

— Vamos seguir em frente, Bennett — disse Scott. — Vamos, não precisamos de uma penalidade agora.

Bennett olhou feio para Scott através da máscara.

— Por favor — disse Scott. — Nós daremos o troco e venceremos este jogo, tudo bem?

Bennett bufou, mas patinou de volta para seu vinco. Scott o observou bater nas traves do gol - direita, esquerda e depois direita novamente - com seu taco. Uma superstição que o ajudou a se recompor e se concentrar.

Scott virou-se para o árbitro. — Para que conste, isso *foi* interferência.

— Não comece comigo, Hunter.

Scott patinou de volta para o banco com o resto de sua linha para deixar o treinador Murdock saber o que estava acontecendo. — Bennett está bravo — ele disse.

— Eu posso *ver* que Bennett está bravo. Estou *assistindo ao jogo.*

Harv Murdock já foi um grande central da NHL. Um artilheiro excepcional e um pioneiro para jogadores negros em uma época em que não havia nenhum na NHL, a carreira de Murdock foi interrompida por uma lesão no joelho. Ele retornou ao jogo anos depois como assistente técnico e foi o treinador principal dos Admirals por dez anos.

— Sabe quem mais está bravo? — Murdock continuou. — Eu. Estou bravo porque nossa defesa decidiu tirar a noite de folga. — Sua voz ficava mais alta a cada frase. — Estou *bravo* porque cedemos três passes neste período. Estou *bravo* porque estamos perdendo por dois gols, e um desses gols foi marcado *em desvantagem numérica.* Então, foda-se Bennett estar chateado por um cara esbarrando nele. Vamos começar a jogar hóquei aqui, cavalheiros.

— Boa ideia, treinador! — Carter disse alegremente. Ele e Scott patinaram juntos até o círculo de disputa de disco.

— Ele não está mentindo sobre nossa defesa — disse Scott. — Algo está errado com esse time hoje à noite. É como se nunca tivéssemos jogado juntos antes.

— É, bem. Não acho que seja segredo o que está acontecendo — disse Carter.

Scott fez uma careta. As coisas tinham saído um pouco do controle na videoconferência do time naquela manhã. Scott tentou chamar Zullo de lado e sugerir que talvez ele parasse de expulsar seus colegas de quarto tarde da noite, especialmente antes dos dias de jogo. A discussão tinha escalado a ponto de Zullo informar Scott que seu colega de quarto, Brisebois, era "um viadinho de qualquer jeito" e que ele "poderia ter ficado e aprendido alguma coisa". Isso deixou Scott bravo o suficiente para empurrar Zullo, e bem...

— Frank não é exatamente um jogador de equipe esta noite — disse Carter.

— Quando ele é?

— Só perdendo por dois, Scott — disse Carter. — Sem problemas. Vamos virar essa merda.

— Sim...

* * *

Kip assistiu ao jogo com seus pais.

— Não parece uma boa noite — observou papai.

— Não — Kip concordou. Era um eufemismo definitivo. No terceiro período, a Filadélfia havia enterrado os Admirals por 6-2.

Mas Scott marcou um desses gols, e Kip sorriu ao pensar que o gol era dele.

— Bem. — disse sua mãe — sempre há o próximo jogo.

— Sim — disse Kip. A transmissão estava mostrando muitas imagens aproximadas do rosto de Scott. Sua mandíbula estava cerrada e seus olhos estavam ferozes. Quando um jogador da Filadélfia passou por ele e disse algo, Scott lançou lhe um olhar que transformaria a maioria dos homens em pedra.

— Deve ser abstinência de smoothie, certo? — brincou seu pai.

— Deve ser.

O jogo terminou, e Kip observou Scott e seu time saírem da arena e voltarem para o vestiário. Scott bateu a lâmina do taco com força na parede, pouco antes de desaparecer da vista da câmera. Kip estremeceu. Ele nunca o tinha visto tão bravo.

— Não dá para ganhar todas — disse sua mãe, desligando a televisão.

— Acho que não. — Kip se levantou e se espreguiçou. Tinha sido um longo dia. — Eu deveria ir para a cama. Trabalho amanhã.

— Boa noite, querido — disse sua mãe, e o beijou na bochecha.

Kip sabia que não ouviria nada de Scott esta noite. Ele pensou em mandar uma mensagem para ele, talvez tentar animá-lo. Mas tudo o que conseguia pensar eram banalidades inúteis. E, além disso, não era como se ele realmente entendesse como Scott se sentia agora. Hóquei era a vida inteira de Scott. Era seu trabalho vencer jogos, e Kip pode não conhecer Scott muito bem ainda, mas sabia que Scott provavelmente levava cada fracasso do time para o lado pessoal.

Exausto, mas incapaz de dormir, ele deitou na cama e olhou para a escuridão do quarto, ouvindo o vento cortante de fevereiro soprando lá fora. Ele pegou seu telefone por um momento, olhando para ele no escuro antes de colocá-lo de volta em sua mesa de cabeceira. Eventualmente sua mente se acalmou e ele foi capaz de adormecer.

Quando o alarme do seu telefone o acordou às cinco da manhã seguinte, ele viu uma mensagem de Scott, enviada à 1h30:

Eu daria qualquer coisa para ver você agora mesmo.

* * *

Kip tinha muitas coisas em mente no trabalho na quarta-feira.

Havia o emprego no museu para o qual ele finalmente se candidatou. Havia o fato de que ele iria mandar fazer o smoking depois do trabalho - o smoking que Scott lhe dera. O que Kip usaria no Gala Equinox no fim do mês. Surreal.

E então veio a mensagem do Scott da noite passada. E os planos para o Dia dos Namorados na sexta-feira.

Ah. E o fato de que Kip estava namorando secretamente Scott Hunter.

Kip nunca sorriu tanto em sua vida quanto quando viu a mensagem de Scott naquela manhã. Ela o desamarrou completamente, e ele estava flutuando para longe, para a atmosfera, desde então.

Em resposta à mensagem de Scott, mesmo que ela tivesse sido enviada horas antes, Kip tirou uma selfie rápida. Ele nem tinha se arrumado; ele ainda estava na cama, cabelo desgrenhado e rosto sonolento. Ele queria que Scott soubesse que ele tinha acordado com a mensagem, e o quão feliz ele tinha ficado em vê-la.

(Ele teve que admitir, a foto também era meio sexy.)

Scott respondeu pouco depois das oito, o que Kip viu quando estava na sala dos fundos do trabalho.

Scott: *Uau*.

E então, *obrigado. Não acredito que não tinha uma foto sua antes.*

Kip respondeu: *Posso fazer melhor.*

Scott: *Não. É perfeito.*

Então, *sinta-se à vontade para tentar. :)*

Kip riu e escreveu: *Não tenho uma foto sua, sabe...*

Nenhuma resposta veio por um minuto, e então ele recebeu uma foto de Scott. Era uma imagem de um anúncio de Gatorade que Scott tinha feito.

Kip*: Foda-se.*

Scott encerrou a conversa com um emoji de rosto piscando e Kip relutantemente se preparou para o trabalho.

Kip era um completo cadete espacial durante seu turno e, claro, Maria percebeu.

— O que está *te distraindo* hoje? — ela perguntou no fim da correria da manhã. — Quero dizer, além de Scott Hunter, por quem você está obviamente apaixonado.

— Não, não estou! — Não é exatamente uma mentira. Talvez.

— Claro — disse Maria.

— É só que... — Kip decidiu oferecer outro segredo para distrair do segredo maior. — Eu me candidatei para outro emprego. No Museu da Cidade de Nova York.

— Uau!

— É, bem. Não tem como eu conseguir. Mas... eu não sei.

Ela deu um soco no braço dele. — Kip! Olha só você, se aprimorando!

— Quero dizer, *seria* realmente ótimo. *Se* acontecer.

— Isso é emocionante!

— Talvez, sim. Não conte a ninguém, ok?

— Nem uma palavra — ela prometeu. — Tem certeza de que quer deixar esse emprego glamoroso para trás?

— Enquanto eu puder ficar com o avental.

Na hora de sair, Maria andou com Kip até a estação de metrô. Ela estava voltando para o apartamento no East Village que ela dividia com três colegas de quarto. Kip mencionou que ele estava se encontrando com Elena, e que ela iria ajudá-lo com seu smoking para o Gala Equinox. Ele omitiu muitos detalhes.

— Não acredito que você vai o Gala Equinox — ela disse. — Isso é loucura. E se a Beyoncé estiver lá?

— Então ela terá a honra de dançar comigo.

* * *

Era sempre um grande acontecimento quando Nova York jogava contra Boston.

Boston tinha seu próprio central estrela, um russo famoso chamado Ilya Rozanov. Ele era convencido, impetuoso, chamativo... tudo o que Scott não era. E os fãs o *amavam.*

Ele também era um jogador incrivelmente habilidoso, com uma capacidade incrível de estar sempre no lugar certo na hora certa.

Scott sabia que era melhor não deixá-lo irritá-lo. Rozanov antagonizava todos na liga. Ele tinha se tornado bom em ignorar o russo tagarela, mas às vezes Scott só queria bater nele até a próxima semana.

Saindo da derrota embaraçosa na Filadélfia na terça-feira, Scott estava animado. O treinador Murdock os havia conduzido por um treino brutal ontem, depois que chegaram em Boston. A defesa deles havia sido especialmente punida, o que Zullo havia aceitado tão bem quanto o esperado.

Zullo era um problema. Scott tinha jogado com caras que eram babacas, mas ainda assim faziam o trabalho no gelo. Zullo estava fazendo o trabalho cada vez menos. Scott não sabia por quanto tempo mais ele poderia aguentá-

lo. Ele estava se tornando uma distração séria, e não era o que eles precisavam conforme os playoffs se aproximavam.

Murdock sabia como Scott se sentia em relação a Zullo. O gerente geral sabia como Scott se sentia. Scott tentou não deixar seus companheiros de time saberem porque era seu trabalho manter o time unido como uma unidade.

Scott estava em uma bicicleta ergométrica na arena duas horas antes do jogo, assistindo Rozanov brincando de falar mal de Scott e dos Admirals na ESPN. Scott balançou a cabeça e lutou contra um sorriso enquanto assistia à televisão. Ele tinha que dar crédito ao garoto - ele fez um bom show.

Scott estava de mau humor, no entanto. Se Rozanov o atacasse muito esta noite, Scott poderia simplesmente dar um soco nele.

* * *

— Oof — Elena disse. — Vai demorar cinco minutos.

Eles assistiram Scott sendo levado para a área de penalidade. Ele ainda estava gritando o que pareciam ser palavras *muito* fortes para Rozanov por cima do ombro.

— Rozanov mereceu — disse Kip.

— Você pode ser um pouco tendencioso.

— Rozanov é um babaca.

— Bem, o cara legal Scott Hunter acabou de dar um soco na cara dele.

— Ah, tanto faz. Scott estava de luvas. E Rozanov cobre a porra do rosto dele com aquela viseira de qualquer jeito.

O árbitro fez um gesto com a mão para indicar que Scott receberia uma penalidade de cinco minutos por agressão.

— Você deveria mandar mensagem para ele — Elena disse, cutucando a coxa de Kip com o dedão do pé. — Ele não vai fazer nada por alguns minutos.

— Cale-se.

— Mande para ele aquela foto que tirei de você de smoking no alfaiate.

— Não! Ainda não está terminado, além disso...

— Você quer que seja uma surpresa.

Kip corou um pouco. — Talvez.

— Você é fofo — Elena disse, se levantando. — Você quer mais vinho?

— Nah, tenho que trabalhar amanhã.

— Você pode ficar aqui esta noite, se quiser. Reduza seu trajeto pela manhã.

Kip considerou. — Não posso. Preciso fazer uma mala antes de ir trabalhar. Eu estou, uh...

— Vai ficar na casa do Scott amanhã à noite?

— Sim — disse Kip, sorrindo estupidamente.

— Meu *Deus!* — Elena exclamou. — Amanhã é Dia dos Namorados!

— Eu sei...

— Você vai *sair?*

— Não! Não...nós não vamos a lugar nenhum. Nós, você sabe...não podemos.

Ela se juntou a ele no sofá. — Tem certeza de que quer isso, Kip? Eu sei que ele é *ele,* mas ele vem com muita bagagem.

Memórias da semana passada inundaram o cérebro de Kip: os dois nus na cama de Scott, com as pernas entrelaçadas, os dedos de Scott acariciando suavemente seu cabelo; Scott admitindo que nunca havia levado ninguém

para sua casa antes; Scott querendo que Kip lhe contasse sobre seu dia pelo telefone, só para que ele pudesse ouvir sua voz.

E aquela mensagem de texto tarde da noite.

Eu daria qualquer coisa para ver você agora mesmo.

— Sim — Kip disse. — Eu tenho. Ele vale a pena.

Capítulo Nove

Sexta-feira finalmente chegou.

Scott tinha mandado mensagem para Kip naquela manhã. *Embarcando no avião em breve. Vejo você hoje à noite?*

Kip respondeu: *Mal posso esperar.*

Scott: *Eu também não. Mas preciso de tempo para cozinhar!*

Kip: *Certo. Quando?*

Scott: *6?*

Kip: *Ah, tá.*

Kip terminou o trabalho às duas. Ele tinha uma mala para passar a noite pronta e quatro horas para matar. Ele já tinha planejado ir à academia depois do trabalho, então ele foi. Depois, ele poderia tomar banho lá e se arrumar antes de ir para a casa do Scott.

Ele tinha embalado uma roupa bonita para trocar para esta noite. Ele não achava que Scott esperava que ele se vestisse assim; ele decidiu fazer um pequeno esforço.

Quando Kip se olhou no espelho do vestiário antes de sair da academia, ele achou que estava bem bonito. Ele estava usando seu melhor jeans, que era escuro e justo. Ele o combinou com um suéter vermelho escuro de gola xale que ele tinha comprado em promoção na Old Navy. Nada extravagante, mas apropriadamente aconchegante para uma noite de Dia dos Namorados em casa.

E sairia facilmente.

Ele ainda tinha uma hora e meia, então decidiu ir buscar um pouco de vinho para levar.

Devo levar um presente?

Jesus.

Kip nunca tinha realmente *comemorado* o Dia dos Namorados antes. Qual seria um gesto apropriado para o homem com quem você estava namorando secretamente por cerca de uma semana?

O *milionário* com quem ele estava namorando secretamente há cerca de uma semana.

Pouco tempo depois, Kip estava na boutique de vinhos na rua de sua academia, franzindo a testa para as garrafas que ele normalmente comprava - tintos baratos que seus pais gostavam e brancos de oito dólares que Elena havia descrito como "bebíveis". Ele realmente poderia aparecer na casa de Scott Hunter com uma dessas? O que aquele cara costumava beber?

Kip considerou uma garrafa de trinta dólares. Depois uma garrafa de quarenta dólares. Ele considerou a escassa quantia que estava em sua conta bancária no momento.

Talvez ele pudesse levar cerveja. Não era tradicional, mas...

Ou flores? Flores seriam estranhas?

De repente, os setenta minutos que lhe restavam não pareciam tempo suficiente.

* * *

Scott limpou as mãos em um pano de prato e admirou a salada que tinha feito. Era simples, só rúcula, tomate cereja e pinhões com um pouco de parmesão, mas era bonita.

Ele verificou a hora. Quinze minutos até Kip chegar.

Ele abriu uma garrafa de vinho branco gelado e tirou algumas taças. Ele nem tinha certeza se Kip bebia vinho. Ainda havia tantas coisas que ele não sabia sobre ele.

GAME CHANGER

Quero aprender tudo.

Esses sentimentos eram todos tão novos para ele. Ele não tinha ninguém para cuidar - ou para cuidar dele - desde que sua mãe morreu quando ele tinha quatorze anos. Seus companheiros de time eram como uma família, e esses laços eram importantes para ele, mas esse desejo abrangente de estar com Kip era diferente de tudo que ele já havia experimentado.

Ele considerou onde estivera menos de um ano atrás. Em agosto passado, ele estivera na Espanha. Torremolinos. Sozinho.

Scott passou seus dias lá explorando anonimamente a pequena cidade praiana, às vezes indo à praia para nadar ou conferir os... pontos turísticos. Ele não tinha reunido coragem suficiente para ir à praia "gay" que ele sabia que existia.

À noite, a escuridão o deixava corajoso, ele foi até um dos muitos bares gays. Ele preferia os pubs. Era muito mais fácil sentar-se em um bar e beber uma cerveja do que passar vergonha em uma pista de dança.

Ele nunca teve problemas para atrair o tipo de atenção que secretamente esperava. Ele não conseguia flertar nem para salvar sua vida, mas sabia que tinha um bom corpo. Ele se sentava com sua cerveja na camiseta mais justa que ousava usar e esperava alguém se aproximar. Alguém sempre se aproximava.

Fazer qualquer coisa em público aterrorizava Scott, então ele tinha ido ao quarto de hotel deles, ou, em algumas raras ocasiões, os levado para o seu. Os encontros eram provisórios, educacionais. Eles eram apenas... manutenção. Eles tinham preenchido uma necessidade básica, e tinham impedido Scott de enlouquecer. Não havia nada de romântico neles.

Não tinham sido nada como os momentos em que ele esteve com Kip. Scott tinha cuidadosamente armazenado a memória de cada beijo, toque e

gemido que Kip lhe dera, e tinha preenchido as horas solitárias na estrada repetindo-as uma e outra vez.

Ele estava enamorado. Essa era a única palavra para isso.

A água estava esquentando para o macarrão, e os camarões estavam todos limpos e prontos para ir para uma panela com manteiga e alho. Seu plano era juntar tudo depois que Kip chegasse.

Ele verificou a mesa de jantar para ter certeza de que tudo estava perfeito. Ele ajustou a iluminação e acendeu uma pequena vela em um suporte de vidro no meio da mesa. Ele estava nervoso. Ele nunca tinha comemorado o Dia dos Namorados antes.

Ele se inspecionou no espelho do corredor. Ele estava um pouco além de sua camiseta e jeans de costume, combinando com calça cinza-escuro e uma camisa azul de botões. Ele não esperava usar roupas por muito tempo, de qualquer forma.

Mas ele não apressaria as coisas. Ele tinha planos. Muitos planos.

Ele sorriu para si mesmo e desceu para cumprimentar Kip. Ele estava contando os minutos o dia todo. A semana toda, na verdade. Ele perdeu a conta do número de vezes que olhou para a selfie que Kip lhe enviou.

E então, lá estava ele. Entrando pelas portas da frente do prédio de Scott com um sorriso tímido que fez o coração de Scott disparar.

— Oi — disse Kip.

— Oi. — Scott queria abraçá-lo, mas temia que se fizesse contato não conseguiria se controlar. Melhor ficar atrás de portas fechadas.

No elevador, um minuto depois, Scott disse: — É tão bom ver você de novo. Você não tem ideia.

— Acho que tenho.

Ele corou e apertou os lábios. — Você está com fome? Tenho que ferver o macarrão, mas isso só vai levar alguns minutos.



— Claro. O que você quiser fazer.

— Quer dizer, poderíamos esperar, mas eu estava pensando que talvez quiséssemos parar de comer logo...

Kip mordeu o lábio, e só aquele pequeno gesto excitou Scott.

Ele se atrapalhou com o código para destrancar seu apartamento. Kip estava logo atrás dele, deixando pouco espaço entre eles, mas ainda sem se tocarem.

Finalmente a porta destrancou e eles entraram. Quando a porta se fechou, eles ficaram de frente um para o outro por um momento, nervosos e sorrindo. Depois de alguns segundos ridículos, Scott soltou uma risada e, com uma mão gentil no rosto de Kip, os guiou juntos.

Eles se beijaram profundamente e abertamente por um longo tempo. Scott ouviu a mochila de Kip cair no chão antes de suas mãos envolverem as costas de Scott. Scott deixou suas próprias mãos caírem nas costas de Kip e o puxou com força contra ele. Era tão bom segurá-lo. A frustração e o estresse que Scott carregou a semana toda se esvaíram.

Quando eles finalmente se separaram, Kip riu. — Eu também senti sua falta.

Scott sorriu e pegou sua jaqueta para pendurar. Kip estava com um suéter vermelho que o fazia parecer tão bonito e fofinho...

— Você parece bem. — disse Scott. — Muito bem.

— Estava pensando a mesma coisa sobre você.

— Entre — ele disse, estendendo uma mão. Kip sorriu e a pegou.

Scott o levou até a mesa de jantar que, ele tinha que admitir, parecia bem romântica. Ele tinha feito um bom trabalho criando o clima, considerando sua falta de experiência.

— Uau — disse Kip. — Tudo isso para mim?

— Eu, uh, me desculpe se for um pouco demais. Eu só... eu nunca comemorei o Dia dos Namorados antes.

— Sabe de uma coisa? — Kip disse. — Eu também não.

— Realmente?

— Sério. Nunca.

— Acho isso muito difícil de acreditar.

Kip deu de ombros. — Nunca estive em um relacionamento sério. Quer dizer, teve alguns caras que eu vi por um tempo, mas nunca em fevereiro, eu acho.

— Uau — disse Scott. — Bem, isso alivia um pouco. Pensei que teria que enfrentar uma competição acirrada.

— Não. — Kip sorriu. — E tenho a sensação de que você teria vencido de qualquer maneira.

Scott o beijou, porque não conseguiu evitar. — Eu gosto de vencer.

Ele o levou para a cozinha. Ele serviu duas taças de vinho e vestiu um avental, que Kip parecia *amar.*

— Olhe para você — Kip disse, recostando-se na geladeira com sua taça na mão. — Um outro lado de Scott Hunter.

Scott revirou os olhos. — Tenho muitos lados. — Ele despejou o linguini na panela de água fervente e ligou um segundo queimador. — Isso não vai demorar muito — ele garantiu a Kip enquanto colocava uma frigideira no queimador.

— Leve seu tempo. Eu gosto de ver você trabalhar.

Eles conversaram enquanto Scott preparava o jantar. Foi fácil e confortável, exatamente como Scott sempre imaginou que seria estar em um relacionamento.

— Ok — ele disse quando o jantar ficou pronto. — Vá se sentar. Quero levar para você, parecendo tudo bonito no prato.

Kip fez o que lhe foi dito e Scott montou os pratos. Ele os levou para a mesa, e sua respiração ficou presa quando viu o quão deslumbrante Kip estava na penumbra da área de jantar.

Ele colocou o macarrão ao lado dos pratos de salada e deslizou para sua cadeira. Ele levantou sua taça de vinho. — Feliz Dia dos Namorados.

— Feliz Dia dos Namorados. Isso parece incrível, a propósito.

— Oh, obrigado. Eu queria manter isso meio leve, sabe?

Os lábios de Kip se contraíram. — Acho que entendo.

— Eu estava pensando — disse Scott depois de algumas mordidas — que não é só o Dia dos Namorados que estamos comemorando hoje à noite.

— Oh?

— Também foi há um mês que te conheci pela primeira vez.

— Uau — disse Kip — eu não tinha pensado nisso.

— Estou muito feliz por ter decidido tomar um smoothie naquele dia — disse Scott, sorrindo.

Kip sorriu de volta para ele, aquele sorriso fácil e sexy que sempre desarmava Scott completamente. — Eu também.

Eles comeram, conversaram, riram e beberam mais vinho. Scott tinha posicionado as cadeiras de modo que ficassem de frente um para o outro na mesa porque ele pensou que seria o mais tradicional, mas agora ele estava se arrependendo. Ele queria ficar mais perto de Kip. Assim que terminaram de comer, ele sugeriu que fossem para o sofá.

Antes de se juntar a Scott na sala de estar, Kip fez uma pausa e disse: — Oh! Só um segundo.

Ele andou até onde tinha deixado sua mochila perto da porta e voltou com um pequeno saco de papel. — Eu comprei uma coisa para você. É... quer dizer, não é nada. Eu só os vi e... Enfim, aqui.

Ele empurrou o saco para Scott, que o pegou. — Você me deu um presente?

— Mais ou menos. É simplesmente idiota. Eu não sabia o que trazer.

Scott abriu o saco e tirou...

— Meias — ele disse.

— É, elas são meio que da cor de mirtilos. Ou, tipo, da cor do seu smoothie que você toma. Pensei que talvez você pudesse usá-las quando estiver na estrada. Seria como levar a boa sorte com você?

Scott passou o polegar pelo material macio das meias, completamente sem palavras.

— Como eu disse — Kip murmurou — é simplesmente idiota.

— Não! — Scott se levantou para encontrá-lo. — Não, eu as amo. Elas são... eu as amo, Kip. Vou usá-las o tempo todo quando estiver fora e pensarei em você. Obrigado.

Kip pareceu aliviado e encantado, e Scott o beijou, por que como ele não poderia? Pode parecer bobo, mas ter essas meias o ajudaria muito quando estivesse longe de Kip.

Eles se beijaram, e dessa vez a boca de Kip moveu-se dos lábios de Scott para seu maxilar, então para trás de sua orelha. Ele respirou fundo, completamente dominado pela necessidade por esse homem lindo e atencioso.

— Então agora que o jantar acabou... — Kip sussurrou em seu ouvido.

— Também tem sobremesa — Scott disse fracamente. — Eu fui a uma padaria...

Kip o interrompeu com um beijo que fez Scott esquecer completamente dos macarons que estavam em uma caixa em seu balcão.

Ele já estava duro. Ele estava pelo menos na metade do caminho desde que Kip entrou em seu apartamento, para ser honesto. Era ridículo. Ele já

tinha passado *anos*, e mais recentemente *meses*, sem sexo e agora não conseguia passar alguns dias sem se sentir desesperado por isso.

Kip não iria fazê-lo esperar mais. Ele desabotoou a camisa de Scott, destruindo a bela roupa que Scott havia cuidadosamente montado. Mas Scott não se importou. Ele mal podia esperar para se livrar dessas roupas. Para sentir Kip em todos os lugares.

Quando o último dos botões foi liberado, Kip puxou para baixo a gola da camiseta de Scott e raspou os dentes ao longo de sua clavícula. Scott estremeceu e pressionou sua ereção contra o estômago de Kip. Se Kip não o tocasse ali logo, ele começaria a choramingar.

Kip riu suavemente contra seu pescoço. — Isso é para mim?

Ele deslizou uma mão pela coxa de Scott. Quando sua mão finalmente fez contato com o pau de Scott através do tecido de sua calça, Scott se engasgou com um quebrado — S-sim. Deus.

Ele estava decepcionado com sua falta de disciplina. Ele queria levar isso devagar. Prolongar. Saborear.

Mas Kip já estava desabotoando o cinto de Scott, abrindo o zíper de sua calça e enfiando a mão lá dentro e...

— Eu... tenho planos — gaguejou Scott.

Kip sorriu para ele e jogou uma almofada no chão aos pés de Scott. — Eu também.

Ele caiu de joelhos.

— Pensei nisso a porra da semana toda — ele disse, acariciando o pau de Scott através de sua cueca - sua cueca *bonita* - e respirando quente nela. Ele deslizou a calça de Scott para baixo, passando as mãos firmemente pelas coxas de Scott. Scott desejou ter algo para se apoiar, mas ele estava de pé entre o sofá e sua mesa de centro, sem paredes ao alcance. Seria preciso toda a sua força para impedir que seus joelhos cedessem.

Scott acariciou o cabelo de Kip e suspirou feliz enquanto Kip deslizava uma mão para cima e segurava suas bolas, apertando suavemente. Scott estremeceu e respirou fundo.

Ele queria mimar Kip. Ir devagar para que pudessem explorar um ao outro. Mas talvez aliviar a tensão não fosse a pior ideia...

Kip puxou o pau de Scott para fora e beijou a cabeça. — Lindo pra caralho — ele murmurou. — Olhe para você.

— Está assim desde que você chegou aqui, mais ou menos.

— Deixe-me ajudar.

A boca de Kip era tão quente e tão escorregadia, e Scott estava tão excitado que ele ia gozar vergonhosamente rápido. Alguns minutos da boca de Kip nele, e as mãos de Kip em suas coxas e bunda, e Scott estava tremendo.

— Já está tão perto, não é? — Kip passou os dedos sobre as bolas de Scott, que estavam apertadas e pesadas. Ele lambeu o pré-gozo que vazava da ponta em gotas grossas.

Scott apenas agarrou o cabelo de Kip, incapaz de falar, e Kip o levou profundamente para dentro de sua boca, chupando forte e implacavelmente até que Scott se despedaçou e gozou. Kip continuou a lamber gentilmente a cabeça até que Scott deu um passo vacilante para trás.

— Assim — Scott ofegou — não era assim que isso deveria acontecer.

— Não? — Kip disse, levantando-se. — Estou bem satisfeito com os resultados.

Scott riu e balançou a cabeça. — Eu ia pegar leve hoje à noite.

— Ainda podemos ir devagar. Não tenho pressa nenhuma.

Scott o beijou e então o puxou de brincadeira para o sofá com ele. Eles caíram todos enrolados um no outro. Scott se moveu para que suas costas estivessem contra um dos braços, uma perna esticada ao longo do

comprimento do sofá. Kip estava quase todo em seu colo agora, beijando-o enquanto cuidadosamente colocava Scott de volta em sua cueca.

Eles se beijaram no sofá, as mãos empurrando para cima sob suas camisas. Scott se sentiu *selvagem.* Mesmo no brilho posterior de um (realmente excelente) boquete, ele ansiava por mais. A ereção de Kip estava dura contra seu quadril agora, e Scott estendeu a mão para ela, agarrando-o através de seu jeans. Kip gemeu suavemente em sua boca e balançou em sua mão. Scott se moveu para desfazer a braguilha de Kip, mas Kip o impediu com uma mão envolvendo seu pulso.

— Você está bem? — Scott perguntou.

— Sim — Kip exalou, sua testa pressionada contra o ombro de Scott — Eu só... Tem uma coisa que eu quero fazer. E eu não quero perder a coragem.

A curiosidade de Scott foi despertada, para dizer o mínimo. — O que você quer fazer?

— Podemos ir para o quarto?

— Sim! Sim, claro.

Kip se desenrolou de Scott e o levou para o quarto. Quando chegaram lá, ele se virou e começou a se despir. — Da última vez — ele disse, depois de puxar o suéter sobre a cabeça — você disse... que queria...

— Da última vez... — Scott repetiu, lutando para lembrar o pedido específico ao qual Kip estava se referindo. Ele queria muitas coisas quando se tratava de Kip. — Oh!

— É — Kip disse com um sorriso torto. — Disse que você queria me assistir. Queria ver como eu me masturbo.

— Eu disse — Scott disse, atordoado. — Eu *quero.* Eu quero isso. Deus.

— Bem. — disse Kip, desabotoando a braguilha — sente-se — Ele gesticulou para a cadeira no canto do quarto de Scott.

— Sim...sim, ok. Jesus.

GAME CHANGER

Scott sentou-se na cadeira. Além de sua camisa estar desabotoada e sua calça aberta, ele ainda estava vestido. Kip, por outro lado, já estava apenas com sua cueca preta. O desequilíbrio fez Scott se sentir muito indecente. Ele já estava ficando duro de novo.

Kip empilhou os travesseiros contra a cabeceira da cama e se jogou alegremente na cama, com as costas apoiadas na montanha de travesseiros.

Scott arrastou a cadeira um pouco mais para perto. Ele obedeceria às regras de Kip, mas ele seria amaldiçoado se não tivesse a melhor visão possível.

Kip fechou os olhos, exalou pesadamente, então deslizou uma mão pelo seu estômago e para sua coxa. Ele moveu sua mão em círculos preguiçosos na parte interna de sua coxa por um momento, então a arrastou até onde seu pau se esticava contra sua cueca.

Ele respirou fundo e abriu os olhos, primeiro olhando para sua mão e depois para Scott. Scott assentiu lentamente.

— Ok — Kip murmurou, aparentemente para si mesmo.

Scott podia ver a tensão deixá-lo enquanto movia sua mão, agarrando e acariciando a protuberância em sua cueca. Ele suspirou e mordeu o lábio, os olhos se fechando e abrindo novamente para olhar para Scott sob as pálpebras pesadas.

— Tenho pensado muito sobre isso — disse Kip, sua voz sonolenta e fácil. — Você me olhando assim. Sexy pra caralho, eu posso te dizer isso.

— Sim?

— Mm. Quando eu estava me masturbando... porra, depois que desligamos na outra noite... imaginei que você estava assistindo.

— Deus.

— Quase...quase te liguei de volta. Queria falar no Skype ou algo assim para que você pudesse me assistir de verdade.

— Porra, sim. Teremos que fazer isso. Logo. Quando meu colega de quarto não estiver presente.

Kip riu. — Certo. Merda. Colega de quarto. Esqueci. — Ele se puxou através do tecido, a cabeça rolando para trás contra os travesseiros. Ele era tão sexy e ousado, e estava dando a Scott tudo o que ele queria.

— Como você está? — Scott perguntou, com a voz rouca.

— Tão bom, Scott. É tão gostoso. Vou tirar isso agora. — Ele enganchou os polegares no cós da cueca, levantou os quadris e a tirou. E Scott foi presenteado com a perfeição do corpo nu de Kip, com seu pau lindo e grosso, que estava tão duro agora que estava quase plano contra a barriga de Kip.

Scott teve a visão de colocar o frasco de lubrificante em cima da mesa de cabeceira. Ele não queria que as coisas fossem interrompidas quando começassem. Ele estava grato por esse pouco de planejamento agora, enquanto observava Kip pegar o lubrificante e passar um pouco em seu pau.

— Mm... esse é um lubrificante muito bom. Já mencionei isso? — Kip perguntou, olhos fechados novamente. — É uma sensação incrível.

Os dedos longos de Kip se enrolaram em volta do seu pau e deslizaram para baixo, depois para cima de modo que sua palma pudesse girar sobre a cabeça. Seu polegar pressionou um pouco logo abaixo da cabeça no caminho de volta para baixo. Sua outra mão gentilmente acariciou suas bolas, às vezes puxando-as. Foi tudo bem lento e solto.

— Você gosta de manter as coisas suaves, hein? — Scott perguntou.

Kip abriu os olhos e deu um sorriso preguiçoso. — Estou tentando não gozar agora. Quero fazer um bom show aqui.

— Você está. — Scott se mexeu na cadeira. Foi preciso toda a sua força de vontade para ficar ali. — Você está dizendo que já está perto?

— Dizendo que eu poderia estar...

GAME CHANGER

Scott engoliu em seco. — Você parece tão bem pra caralho, Kip. Eu quero ir aí. Eu quero te tocar. Mas eu quero te ver também.

— Talvez eu deixe você...mais tarde... Ah... Jesus...

Scott observou obedientemente de sua cadeira enquanto a mão de Kip acelerava e seus olhos se fechavam novamente. Ele era a coisa mais linda que Scott já tinha visto, se contorcendo na cama e completamente focado em seu próprio prazer. Sua respiração estava áspera e ele estava fazendo lindos gemidos.

A respiração do próprio Scott estava ficando irregular. — Kip... porra. — Ele não aguentava mais. — Posso... posso sentar-me na cama com você? — ele perguntou. — Não vou tocar em você. Só quero ficar mais perto.

— Sim, querido — Kip falou lentamente, a cabeça rolando para trás nos travesseiros atrás dele. — Venha.

Scott corou com o apelido carinhoso, mas isso lhe causou uma excitação vertiginosa ao mesmo tempo. Ele foi até a cama e sentou-se no canto, virando-se para poder ver Kip enquanto ele se sentava perto de seu único pé estendido.

E aqui ele podia ver as gotas de pré-gozo brilhando na fenda. Ele podia ver o suor que molhava as pontas do cabelo de Kip, a maneira como os músculos do seu pescoço se esticava e a maneira como sua mandíbula se apertava quando algo parecia particularmente bom.

— Oof — Kip rangeu os dentes. — Tentando fazer isso durar, mas porra...

— Você não precisa — Scott disse, com a boca seca. Ele queria se tocar, mas também queria esperar pela mão de Kip mais tarde. Acima de tudo, ele precisava ver Kip gozar.

Kip grunhiu e moveu a mão mais rápido.

— Você está perto, não está? Você precisa gozar? Tentando me segurar, mas você está bem ali, eu posso dizer.

— Eu... Oh, *merda* — Kip gaguejou.

— Você vai terminar para mim? Ou quer que eu ajude?

— Ah... Deus... Eu não sei...

Seu peito estava arfando e os músculos de seu braço estavam tensos enquanto ele se bombeava com mais força. Ele fixou os olhos em Scott, e Scott sabia que ele estava prestes a...

A boca de Kip se abriu e ele soltou um ruído quebrado enquanto gozava. Longos jorros caíram em seu peito e estômago e percorreram sobre seus dedos enquanto ele estremecia e desacelerava sua mão.

— Deus, Kip. Tão lindo. Você deveria ver.

Kip fechou os olhos e afundou, leve, nos travesseiros.

Scott rastejou sobre seu corpo e pairou sobre seu rosto. Quando Kip abriu os olhos novamente, Scott o beijou, lenta e ternamente.

— Obrigado — disse Scott. — Isso foi... Vou pensar nisso por muito tempo.

— Mais alguma coisa para levar com você na estrada. — Kip sorriu.

— Claro que sim. — Scott o beijou novamente. — Agora parece o momento perfeito para a próxima coisa que planejei.

— Merda, não me faça fazer nada agora, Scott.

— Você vai gostar disto. Só um segundo.

Capítulo Dez

Kip relaxou nos travesseiros, satisfeito com seu experimento bem-sucedido de exibicionismo.

Scott saiu do banheiro com um pano úmido. Ele se sentou na cama ao lado de Kip e o limpou com movimentos suaves. Foi uma sensação divina.

Tão celestial que Kip demorou um pouco para perceber que Scott tinha deixado a torneira aberta no banheiro.

— O que você planejou? — Kip perguntou.

— Pensei que poderíamos tomar um banho...

Kip gostou muito dessa ideia. — Você está me mimando.

— Você se importa?

— Na verdade não. — Kip o puxou para baixo pela camisa desabotoada e o beijou. — Você está com muita roupa para um banho.

Scott pulou da cama para ficar de pé e rapidamente tirou a camisa. Ele estava só de cueca azul royal em segundos. Kip não achava que se cansaria do peito e abdômen incríveis de Scott.

Diferentemente das outras partes da casa de Scott, o banheiro não tinha janelas. O cômodo estava longe de ser claustrofóbico, no entanto. A iluminação e a decoração criavam uma atmosfera relaxante, um santuário particular em uma cidade barulhenta de milhões.

A banheira ficava no meio do cômodo, e era enorme. Vapor saía da água que a enchia. O cômodo também tinha um cheiro incrível - picante e cítrico.

— Eu geralmente uso apenas sal de Epsom — disse Scott — mas pensei que talvez pudesse usar esse produto de banho chique que comprei — Ele gesticulou para uma garrafa fina e de aparência cara que estava no balcão.

GAME CHANGER

— Você realmente está me mimando. — Kip sorriu. Ele passou um braço em volta do pescoço de Scott e o puxou para um beijo.

Scott entrou na banheira primeiro, e Kip se acomodou entre suas pernas. Kip tentou, uma vez, tomar banho com outro cara, mas a banheira era pequena demais para os dois. A torneira cravava em suas costas, e ele não tinha onde colocar as pernas.

Isso não era um problema na banheira de Scott, onde a torneira ficava na lateral e havia espaço suficiente para os dois homens abrirem as pernas.

Kip inclinou a cabeça para trás, de modo que ela descansasse no ombro de Scott. Scott passou um braço diagonalmente sobre o peito e beijou o topo da cabeça dele.

— Isso é legal — Kip murmurou. Ele poderia realmente dormir aqui.

— É perfeito.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, e então Scott disse: — Quando olhei para este lugar pela primeira vez, e vi esta banheira, pensei: 'É grande o suficiente para dois.' E eu sei que é idiota, mas eu sempre quis... Eu imaginei compartilhá-la com alguém.

Kip entrelaçou os dedos debaixo d'água.

— Não só a banheira — disse Scott. — Tudo. Este apartamento. Minha vida. Não sei...

Kip ficou atordoado. *Sua vida?*

— Desculpe — disse Scott — eu sei que nós só estávamos... quero dizer, eu não deveria estar sugerindo...

— Não sei como tive tanta sorte — interrompeu Kip — mas poder compartilhar qualquer coisa com você me deixa muito feliz.

Ele puxou as mãos unidas para cima e as descansou sobre o coração. Scott roçou os lábios contra a têmpora e beliscou o topo da orelha. — Eu *dividiria* qualquer coisa com você, Kip. Te daria qualquer coisa.

— Não preciso de nada. Exceto talvez ficar neste banho para sempre.

Scott riu contra o cabelo de Kip. — Você quer ir ao jogo amanhã à noite?

— Não posso. Estou trabalhando em um evento. Servindo.

— Oh.

— Viu? Nós dois temos vidas cheias e ocupadas. — Kip riu da própria piada. Scott ficou quieto.

— Espero que você não pense... — ele começou. Kip podia senti-lo ficando tenso. — Não acho que você esteja abaixo de mim.

— Tecnicamente *você está* abaixo *de mim* no momento.

— Estou falando sério. Eu só... eu quero dizer isso uma vez, para que você saiba. Porque é possível que você pense que eu estou apenas...tirando férias, ou algo assim, com você. Como se eu estivesse tentando escapar da minha vida de alto perfil ficando com um, hum...

— Ninguém?

— Não! Quero dizer... você não é. É isso que estou tentando dizer... terrivelmente. Você não é um ninguém. Não estou usando você para escapar de nada. Eu amo minha vida. Eu amo meu trabalho. A parte da fama é um pouco demais às vezes, mas não me importo. Estou feliz, é o que estou dizendo. Mas isso? Você? Eu sinto como se... tivesse encontrado a peça que faltava.

Kip não sabia o que dizer sobre isso.

— Nossa — Scott disse — isso não é... Desculpe. Eu não deveria ter...

— Não! É só que... Sério? Você se sente assim?

— Sinto.

Kip se virou para encarar Scott, a água chapinhando alto ao redor deles. — Você não me deve nada, ok? Eu não espero nada. Mas eu gosto muito de você, então obrigado.

— Obrigado — Scott disse — por ter vindo. Isso é tudo novo para mim, e estou tentando muito fazer isso devagar e não ficar muito intenso, mas estou meio acostumado a continuar e ir atrás do que quero.

Kip sorriu. — Funciona para mim.

Eles se beijaram, e Scott passou as mãos pelos lados de Kip. — Você me chamou de querido — ele disse, sua voz suave e idiota.

— Chamei?

— Sim... quando você estava...

— Ah, eu falo muita coisa idiota quando estou tão excitado. Desculpa.

— Não, eu gostei.

Kip sorriu para ele. — Bem, tudo bem, querido — ele disse, e então o beijou novamente.

Ele acabou se mudando para o lado oposto da banheira para poder conversar com Scott mais facilmente.

— Eu vi o gol que você marcou para mim — ele disse.

Scott fez uma careta. — Eu esperava que você não tivesse assistido aqueles jogos.

— Eu assisti aos dois. Eles pareciam...frustrantes.

— Essa é uma palavra para isso — resmungou Scott.

— Você quer falar sobre isso?

— Não. — Então. — É só que... — E ele continuou a reclamar sobre Frank Zullo por vários minutos. Kip ouviu e distraidamente acariciou a canela de Scott com as pontas dos dedos.

— Nossa — ele disse quando Scott terminou.

— Desculpe — Scott disse. — Estou meio que estragando o clima aqui.

— Não se desculpe. Se algo está te incomodando, eu quero ouvir sobre isso.

GAME CHANGER

Scott levantou uma sobrancelha. — Mesmo que estejamos juntos em uma banheira no Dia dos Namorados?

— Definitivamente. — Era verdade. Kip tinha ficado com muitos caras, mas ele nunca tinha feito uma conexão real como essa antes. Era francamente bem sexy que Scott quisesse compartilhar seus problemas com ele.

— Então... — Kip disse — o que Rozanov disse que fez você dar aquele soco nele?

Scott riu, um pouco sombriamente. — Ah. Nada mesmo. Eu estava descontando minhas frustrações no rosto dele. Ele só falou umas merdas idiotas para mim. Coisas normais.

— Você não vai me contar?

Scott suspirou. — Ele me disse que estava decepcionado porque tinha ouvido que eu era, entre aspas, 'bom em hóquei de novo.'

— Ai.

— É, bem. Ele não merecia um soco desses.

Eles ficaram na banheira até a água esfriar, conversando sobre coisas diferentes e aprendendo um sobre o outro.

— Se não fosse pelo hóquei, o que você acha que gostaria de fazer da sua vida?

Scott soltou um suspiro. — Não consigo nem imaginar minha vida sem hóquei. Mas acho que talvez algo como trabalho social?

— Você gosta de ajudar as pessoas.

— Sim. Tive sorte de muitas maneiras. Talvez azar em outras, mas há muitas pessoas que poderiam ter suas vidas mudadas com apenas um pouco de ajuda e apoio. Acho que gostaria de ter feito algo assim.

— Você *faz* isso — Kip ressaltou. — Você ajuda as pessoas o tempo todo. Você doa dinheiro para caridade. Você visita hospitais. Você ajuda seus

companheiros de time. — Ele sorriu. — Eu li tudo sobre suas boas ações, Scott Hunter.

Scott deu de ombros. — Minha mãe e eu nunca tivemos muito quando eu era criança, mas ela sempre fez o que podia para ajudar as pessoas. Ela conseguiu que o mercado em que trabalhava iniciasse uma campanha de arrecadação de brinquedos para o Natal. E ela sempre estava doando seu tempo, o pouco que havia, para ajudar qualquer um que estivesse passando por momentos difíceis. Ela era realmente inspiradora.

— Ela parece incrível.

— Ela era. E ela sempre se certificou de que eu pudesse jogar hóquei, mesmo sendo um esporte que exige muito dinheiro e tempo. Devo tudo a ela. E sei que ela ficaria orgulhosa de mim, mas acho que eu poderia fazer mais.

— Como o quê?

— Não sei. Gostaria de talvez começar uma instituição de caridade. Tenho pensado sobre isso. Gostaria...

— O quê?

Scott suspirou. — Algum dia, talvez, eu gostaria de ajudar crianças gays. Ou, hum, você sabe, crianças que não são... heterossexuais?

— Crianças queer — disse Kip. — Você pode dizer isso. Está tudo bem.

— Ah. É, bem. Eu não sou muito bem informado sobre toda essa...coisa de comunidade queer.

— Eu notei. Você quer ser?

— Eu gostaria. Um dia eu gostaria de fazer algo para ajudar... crianças queer... que praticam esportes de equipe? É difícil para elas, sabia?

— Eu posso imaginar. Acho que seria algo incrível para você fazer.

— Algum dia.

— Sim. Algum dia.

— Vamos sair daqui — Scott disse abruptamente. Ele se levantou e a água escorreu de seu corpo enorme e sólido.

Kip estava definitivamente pronto para o que viria a seguir.

Ele se secou com uma das toalhas luxuosas e fofas de Scott e o seguiu de volta para o quarto.

Scott abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou algo de lá. — Deite-se — ele instruiu. — De bruços. Fique confortável.

Kip fez o que lhe foi dito. Ele confiou em Scott.

A cama afundou quando Scott se juntou a ele e montou em suas costas, suas coxas fortes segurando os quadris de Kip.

Kip ouviu uma tampa sendo aberta e sentiu um cheiro doce e frutado. Então as mãos de Scott estavam sobre ele, esfregando óleo em sua pele úmida e limpa.

— Óleo de massagem de mirtilo — disse Scott. — Não consegui resistir.

— Você comprou isso para mim?

— Comprei.

— Tem gosto de mirtilos ou só tem cheiro deles?

A língua de Scott percorreu por sua espinha, quente e escorregadia. — Tem gosto deles — ele confirmou.

Kip riu e então gemeu quando as mãos grandes e fortes de Scott cravaram fundo em seus músculos ao redor de suas omoplatas. — Oh meu Deus. Isso é incrível.

— Só começando — disse Scott. — Quero que você relaxe e deixe-me fazer você se sentir bem.

Kip não protestou. Scott trabalhou em silêncio por um tempo, massageando os músculos de Kip enquanto Kip suspirava feliz e tentava não se sentir tão mal por todo o trabalho duro que Scott estava fazendo.

GAME CHANGER

— Como você está se sentindo? — Scott perguntou depois de um tempo.

— Um pouco culpado, para ser honesto.

— Não. Eu amo fazer isso. Eu amo tocar em você, olhar para você. Eu me neguei a fazer algo assim por tanto tempo... Não se sinta culpado.

— Ok — Kip disse. *Deus, isso é tão triste.*

— Você é tão lindo, Kip. Eu nunca...

Kip esperou.

— Eu nunca *quis* ninguém assim antes. Eu tive, sei lá, paixões. Eu fui atraído por homens, é claro. Fiquei com homens. Mas você... Eu estou quebrando todas as minhas regras com você.

Kip engoliu em seco e tentou lutar contra a onda de emoção que o invadiu.

— O que posso dizer? — ele disse, tentando permanecer brincalhão, embora sua voz estivesse falhando. — Eu sou irresistível.

— Você é — Scott disse em voz baixa. Ele deslizou para baixo para montar nas coxas de Kip. Suas mãos começaram a massagear a parte inferior das costas de Kip e então sua bunda.

— Mm... Talvez precise focar nessa área — Kip falou arrastado. — Muita tensão aí.

— Ela tem toda a minha atenção. — Scott cravou os dedos profundamente nas nádegas de Kip, e Kip se deixou levar.

Scott o esfregou por um longo tempo, até que o corpo inteiro de Kip pareceu geleia. Ele ficou em silêncio, exceto por algumas palavras abafadas e reverentes:

— Irreal, Kip.

— Maravilhoso.

— Perfeito.

Kip estava quase cochilando quando Scott passou a lateral da mão pela fenda, devagar e com firmeza. Ele seguiu fechando o punho e passando os nós dos dedos pelo mesmo caminho. Ele repetiu várias vezes, um punho, depois o outro, arrastando os nós dos dedos sobre a carne sensível ao redor do buraco.

— Isso é bom?

— Sim! Santo... Incrível.

— Bom. Eu quero te foder. Você quer isso?

— Sim. Sim. Deus, sim.

— Rola para o lado — Scott instruiu gentilmente. — Sinto sua falta.

Kip sorriu para si mesmo e se jogou, relaxado e completamente pronto para deixar Scott fazer o que quisesse com ele. Scott se ajoelhou na cama, subindo lentamente pelo corpo de Kip para montar em sua cintura novamente. O pau de Scott estava meio duro, pendurado pesado entre suas pernas. Ele se inclinou e beijou Kip, que envolveu uma mão ao redor do pau de Scott, acariciando-o enquanto se beijavam e sentindo-o ficar mais duro em sua mão.

Então ele colocou as duas mãos na bunda de Scott e o guiou para frente até que suas coxas estivessem esticadas ao redor do peito de Kip. Ele inclinou a cabeça para cima e pegou o pau de Scott em sua boca.

Ele manteve os olhos erguidos para poder ver Scott pairando sobre ele, uma mão segurando a cabeceira da cama. Scott estava olhando para ele e murmurando elogios em uma voz baixa e gentil. — Sim. Simples assim. Porra, você é lindo. Olhe para você. Tão bom para mim.

Kip fechou os olhos e suspirou em volta do pau de Scott. Estava tão grande e tão duro agora. Ele enfiou as mãos na bunda de Scott para empurrá-lo mais fundo em sua boca.

— Puta merda... Uau. Deus, eu quero deixar você continuar, mas... — Scott se retirou lentamente. Ele descansou a ponta nos lábios de Kip por um momento, considerando, antes de deslizar de volta para baixo do corpo de Kip. Ele cutucou as pernas de Kip para que ele dobrasse os joelhos, então ele se levantou e pegou o lubrificante e uma camisinha.

Kip já estava relaxado da massagem, então não demorou muito para Scott abri-lo com seus dedos fortes e cuidadosos.

Scott agarrou as duas coxas de Kip e o puxou para o fim da cama. Ele nem teve tempo de reagir além de ficar com os olhos arregalados antes de Scott levantar os quadris e a bunda e mergulhar nele.

— Ahh! merda — Kip arfou. — Deus, isso é incrível.

— Isso é tudo em que consegui pensar desde a última vez — disse Scott, e, *nossa,* Kip adorou o ronco profundo de sua voz sexy.

— Eu também. Quero com força. Assim como da última vez.

Scott deu a ele, de pé no chão no final da cama com um dos tornozelos de Kip em seu ombro. Suas estocadas estavam quase fortes demais, e Kip adorou.

— Sim. Porra. Assim mesmo — Kip balbuciou.

Ele estava em outro plano, impressionado com o espécime físico perfeito que o estava fodendo tão avidamente. O suor estava se formando no rosto e no peito de Scott, escorregando os músculos que ficavam tensos e ondulavam enquanto Scott segurava Kip onde ele o queria.

Scott estava pregando sua próstata com quase todas as estocadas, e era incrível. Era tão bom pra caralho. Kip começou a se masturbar forte e rápido.

— Quer gozar... — ele disse entre dentes. — Vou gozar no seu pau. Quer...

— Porra, sim. Vamos lá.

— Você é perfeito... Adoro você me fodendo assim...

— Poderia fazer isso para sempre. Você é lindo, Kip. Pensei que você gozaria por mim...

— Eu vou. Eu vou. Eu... Oh merda!

Ambos observaram o pau de Kip enquanto ele jorrava por todo o seu peito. Scott parou de empurrar.

— Deus, Kip. Isso é incrível. Certo, Jesus... — Ele começou a se mover novamente. — Estou perto. Estou muito perto...

— Goza por mim — disse Kip, ainda se acariciando gentilmente através das últimas ondas de seu próprio orgasmo. — Eu quero ver. Por favor.

Scott grunhiu, então rapidamente puxou e rasgou a camisinha, jogando-a para trás. Ele abaixou a perna de Kip e ficou de pé sobre ele enquanto furiosamente acariciava seu próprio pau. Em segundos, Scott estava gozando, chovendo no estômago, peito e pescoço de Kip.

Scott caiu na cama e Kip rolou para cima dele, bagunça e tudo. Eles se beijaram, sem fôlego e tontos, e quando se separaram depois de um minuto, ambos estavam sorrindo.

— Antes que eu me esqueça — disse Kip — quero agradecer por uma noite adorável.

Scott riu e o beijou novamente. — Então eu me saí bem em toda a coisa do Dia dos Namorados?

— Absolutamente. Sem dúvida, o melhor Dia dos Namorados de todos.

Eles se limparam e então voltaram para a cama. Kip se aninhou contra o corpo de Scott. A noite tinha sido perfeita, e ele queria poder continuar assim, mas estava exausto.

— Boa noite — Scott murmurou, envolvendo um braço gigante ao redor dele. Kip não conseguia se lembrar de já ter se sentido tão confortável.

Ele beijou a mão de Scott. — Boa noite, querido.

GAME CHANGER

* * *

Eles dormiram até tarde na manhã seguinte, nenhum dos dois precisando estar em lugar algum até o fim da tarde. Quando acordaram, ficaram na cama, enrolados e conversando.

— O que você vai fazer hoje? — Scott perguntou. Ele estava de lado, cabeça apoiada no cotovelo, e seu cabelo estava uma bagunça adorável.

— Nada planejado. Você tem alguma ideia?

— Sim. — Scott sorriu timidamente. — Quero fazer seu café da manhã.

Kip gostou muito da ideia, mas então começou a beijar Scott e rapidamente perdeu o interesse em qualquer coisa que envolvesse sair da cama.

Eles estavam se beijando alegremente, as mãos e a boca de Scott explorando o corpo de Kip e fazendo-o tremer, quando o telefone de Scott começou a vibrar.

— Não é nada — disse Scott, sem olhar para ele. — Eles podem ligar de volta mais tarde.

Ele continuou mapeando o corpo de Kip, sentindo o gosto da saliência do osso do quadril de Kip, quando o telefone começou a vibrar novamente.

— Vá embora — Scott resmungou, ainda sem atender — estou ocupado.

Na terceira vez que começou a zumbir, quando Scott estava chupando o pescoço de Kip com uma mão deslizando pela coxa, Scott suspirou e disse: — Desculpe. Só vou ver quem é.

Ele pegou o telefone. — É Carter — ele disse, com a testa franzida. Ele atendeu a ligação. — Carter?

Scott ainda estava perto o suficiente para que Kip pudesse ouvir a voz do companheiro de time de Scott. — Scott, Zullo se ferrou. Ele foi preso ontem à noite.

— *O quê?*

— Sim. Causou uma cena em um bar em Jersey. Destruição de propriedade. Agressão. Resistir à prisão... Provavelmente algumas outras coisas.

— Ok. Porra. Onde ele está? — Scott saiu da cama e foi até seu closet, encerrando o acesso de Kip à conversa.

Quando Scott retornou, ele estava completamente vestido e desligado o telefone. — Eu tenho que ir. Sinto muito.

— Claro. Sim. Jesus, você está bem?

— Estou furioso, é o que estou — disse Scott — mas realmente sinto muito por ter que deixá-lo.

Ele suspirou e o beijou. Quando ele se afastou lentamente, Kip se inclinou para frente para perseguir seus lábios.

Scott balançou a cabeça. — Se eu te beijar de novo, nunca mais vou embora. Você pode ficar o tempo que quiser. Não sei quando voltarei. Posso não voltar antes do jogo, honestamente. Isso é uma bagunça do caralho.

— Ok. Não se preocupe comigo. Vá cuidar do seu time.

— Obrigado, sim. — Ele se levantou e foi em direção à porta, então olhou de volta para Kip. — Por que você tem que ser tão tentador? — ele perguntou, sorrindo tristemente.

Kip sorriu e puxou o cobertor sobre a cabeça, escondendo-se completamente. Ele ouviu Scott rir. Então a porta abriu e fechou, e Scott se foi.

Capítulo Onze

Havia uma pequena multidão de repórteres do lado de fora da entrada dos jogadores. Scott passou por eles, ignorando-os. Quando ele passou pelas portas, ele encontrou Carter esperando.

— O treinador está convocando uma reunião de equipe — disse Carter. — A mensagem acabou de ser enviada a todos. Mas ele quer se encontrar com os capitães primeiro.

— Ok. Certo. Onde está Huff?

— Já na sala dos treinadores.

Scott seguiu Carter até a pequena sala que normalmente era reservada para reuniões de treinadores. Greg Huff estava sentado em uma das cadeiras.

— E aí, pessoal. Como está o dia de vocês? — Huff perguntou.

Scott cruzou os braços e se apoiou na parede. — Está meio horrível agora. Mas começou muito bem.

— É mesmo? — Huff perguntou, com um olhar um pouco lascivo. Scott corou e olhou para o chão.

— O que você acha que vai acontecer? — Carter perguntou. — Com Zullo?

Huff desviou seu olhar calculista de Scott. — Sei lá, mas vai deixar um buraco na nossa defesa se ele for embora.

— O prazo final para a negociação é na semana que vem — disse Scott. — Ótimo momento, Frank.

O treinador Murdock entrou então com os assistentes técnicos. Ele se inclinou para a frente sobre a mesa, as mãos pressionando a madeira, e olhou feio para todos.

— Zullo — ele disse — vai ser negociado. Ele não faz mais parte do New York Admirals. Traremos alguém de Hartford para preencher a vaga até que possamos encontrar uma solução mais permanente.

As sobrancelhas de Scott se ergueram. — Tão ruim assim, hein?

— Tão ruim assim — confirmou Murdock. — Vamos convocar uma coletiva de imprensa dentro de uma hora. Eu estarei lá; Zullo não.

— E o jogo de hoje à noite? — Scott perguntou.

— Teremos que reorganizar um pouco as linhas de defesa, mas vamos nos virar.

Scott não gostou do que ouviu, mas que escolha eles tinham?

— O resto do time estará aqui para uma reunião em meia hora — disse Murdock. — Vocês, rapazes, comecem a falar como se estivéssemos condenados, e estamos condenados. Foquem no jogo hoje à noite. Isso não é diferente de uma lesão. Nós nos adaptaremos.

— Sem problemas, treinador — disse Carter.

— Claro — disse Scott.

Os três jogadores foram embora para esperar no vestiário o restante do time.

— Puta merda — disse Carter quando eles estavam longe dos treinadores — não esperava por isso.

— Não — Huff concordou.

Scott ainda estava bravo com Zullo, mas sentia como se um peso tivesse sido tirado também. Isso definitivamente seria positivo a longo prazo para o time.

— É para o melhor — ele disse, recostando-se em seu cubículo até sua cabeça bater na parede. — Não podemos entrar nos playoffs com uma distração como Zullo.

— Sem dúvida — disse Carter.

Os três ficaram sentados em silêncio. Então Carter disse: — Então, Scott...

— O quê?

— Você está radiante esta manhã.

— O que você está falando?

— Huff sabe do que estou falando.

Scott olhou para Huff.

— É verdade — Huff confirmou. — Está até brilhando hoje.

— Talvez eu esteja feliz que Zullo tenha ido embora.

— Nah. Você já tinha antes disso — disse Huff.

— Mm — Carter concordou. — Acho que Scotty estava transando ontem à noite.

— Definitivamente — disse Huff.

— Eu... — Scott começou. Então ele se rendeu. — Talvez eu estivesse.

Carter bateu palmas e sorriu. — Bom garoto, Hunter!

Scott tentou muito lutar contra isso, mas em segundos estava sorrindo como um idiota.

— Olha isso, Carter! Ele está corando! — Huff disse.

— Adorável.

— Cuidem da sua própria vida, rapazes.

— Não preciso saber quem ela era — disse Carter — mas preciso saber *como* ela era.

— Bem, você não vai descobrir — disse Scott.

— A julgar pelo tom de vermelho que Hunter está agora, eu diria que ela é muito boa — disse Huff.

— Não vou contar nada a vocês. Cale a boca.

— Não adianta — Carter lamentou. — Scott é um cavalheiro.

— Claro que sim. — Scott se curvou para frente e olhou para os pés, tentando controlar o calor que estava deixando seu rosto vermelho como uma beterraba. Memórias da noite anterior e daquela manhã estavam voltando, no entanto, tornando sua luta inútil.

Ele se lembrou de acordar e encontrar Kip apoiado em um cotovelo, olhando para ele todo amarrotado e sexy. O olhar em seu rosto tinha sido tão... bem, não *amoroso,* obviamente, mas... afetuoso.

Então ele se lembrou de Kip se tocando para Scott. Se masturbando. Seu rosto quando ele gozou, todo frouxo e eufórico. Quão lindo ele tinha ficado no brilho posterior.

— Eu, uh, eu vou tomar um café. — Scott caminhou rapidamente em direção ao salão. Não havia como ele se deixar excitar enquanto esperava seus companheiros de time chegarem. Esta reunião já seria desconfortável o suficiente.

No salão, Scott colocou uma cápsula na cafeteira e esperou a água esquentar. Ele mandou uma mensagem para Kip. *Você ainda está na minha casa?*

Kip: *Não. Saí há cerca de vinte minutos.*

Scott: *Ah.*

Por algum motivo, Scott gostou da ideia de Kip estar em seu apartamento, mesmo quando ele não estava lá.

Kip*: Está tudo bem?*

Scott: *Acho que sim. Falo com você sobre isso mais tarde.*

Kip: *Certo.*

Scott: *Desculpe novamente por sair rápido. Eu tive uma ótima noite.*

Kip: *Não se desculpe. Tive uma noite incrível. Obrigado.*

Scott sorriu. *Quando posso te ver de novo?*

Kip: *Insaciável*!

Scott: *Eu sou.*

Kip: Me *liga mais tarde? Quando terminar. Podemos resolver isso.*

Scott: *Combinado.*

* * *

Kip estava tentando relaxar em casa o dia todo, mas ele continuou se perguntando como Scott estava, e o que estava acontecendo com Zullo. Se Scott estava chateado, ou preocupado com o jogo hoje à noite. Se ele tinha conseguido ir para sua corrida do dia do jogo, mesmo que ele não pudesse comprar um smoothie de Kip. A rotina ainda importava para Scott?

Houve uma coletiva de imprensa ao meio-dia, que Kip assistiu caso Scott estivesse lá. Em vez disso, foi apenas seu treinador, Harv Murdock, falando com a mídia.

Murdock anunciou que Zullo havia sido cortado do time. Kip não sabia muito sobre Frank Zullo além do que Scott havia lhe contado na noite passada, mas Scott tinha que estar pelo menos um pouco aliviado por ele ter ido embora.

Enquanto lia as atualizações sobre a situação de Zullo online, Kip também verificou a próxima programação dos Admirals. Parecia que Scott ficaria na cidade por um tempo. Os Admirals jogavam cinco partidas na semana seguinte, incluindo a de hoje à noite. A próxima partida era contra o

Brooklyn Scouts. Depois, havia duas partidas em casa no Madison Square Garden e uma partida fora em Boston no próximo sábado.

Kip se perguntou quanto da próxima semana ele poderia passar com Scott. Ele não queria forçar.

Ele esperava que fosse Scott quando seu telefone tocou por volta de uma hora, mas em vez disso ele foi surpreendido por uma ligação do Museu da Cidade de Nova York. Eles queriam que ele comparecesse para uma *entrevista.* Puta merda!

— Absolutamente — ele gaguejou em seu telefone. — Definitivamente. Sim. Obrigado.

Ele se encolheu de si mesmo e então correu para pegar uma caneta para poder anotar *Segunda-feira, 15:00* na mão. Ele teria que ir para a entrevista direto do trabalho. Jesus, como ele poderia não parecer um desastre total?

Passaram-se mais de três horas quando ele teve notícias de Scott. Ele estava estendido na cama, lendo um romance, quando o telefone tocou.

— Oi. Parece que você está tendo um dia ruim — disse Kip quando atendeu.

Ele ouviu Scott exalar no receptor. — É. Foi uma loucura.

— Como vai você?

— Frustrado. Irritado. Aliviado. Não sei.

— Você conseguiu correr?

— Não. Eu bati na esteira bem forte aqui no rinque, mas não. Tudo está uma bagunça hoje. Não consigo focar minha cabeça. Odeio me sentir assim.

— Isso é uma droga. Sinto muito.

— O dia começou muito bem...

— Você só precisa voltar a ter a cabeça onde estava esta manhã — sugeriu Kip.

— Era exatamente isso que eu estava tentando *não* fazer. Mas eu continuava me distraindo.

— Sei que *tenho* pensado muito sobre isso.

Scott riu um pouco. — O que você está fazendo? Já está indo para o trabalho?

— Em breve. O evento é no Brooklyn, no museu, então tenho tempo. Não preciso estar lá antes das seis ou algo assim.

— Oh.

Kip se perguntou se deveria contar a Scott sobre sua entrevista de emprego. *Por quê? Para que, quando eu não conseguir o emprego, ele possa saber exatamente o quão grande fracasso seu namorado é?*

Em vez disso, ele disse: — Ei, eu estava pensando em ver se o papai queria ir ao jogo comigo amanhã à tarde. Aquele aqui contra o Brooklyn.

— Sim? — A voz de Scott iluminou-se um pouco com essa notícia.

— Sim. Ele sempre foi fã dos Scouts, embora obviamente eu esteja torcendo por você.

— Obviamente. Provavelmente posso conseguir ingressos para você. Deixe-me dar uma olhada.

— Oh. Não. Está tudo bem. Eu posso...

— Não tem problema. Esses ingressos são caros.

Kip franziu a testa. — Eu posso comprá-los.

— Eu sei — Scott disse gentilmente. — Não estou tentando insultá-lo. É só que, quero dizer, é fácil para mim pedir por eles e então você pode economizar seu dinheiro para outra coisa. Não é problema nenhum.

— Tudo bem. — disse Kip, porque ele não queria entrar em uma discussão, e ele realmente *poderia* usar o dinheiro. Mas ele não criaria o hábito de aceitar esse tipo de coisa de seu namorado milionário e famoso.

— Então, como está sua agenda esta semana? — Scott perguntou, com a voz um pouco mais baixa.

— Eu trabalho de terça a sexta. Nada à noite, no entanto.

— Estou na cidade a semana toda.

— Eu sei. Eu verifiquei.

— Tenho treinos longos de manhã na segunda e terça. Mas você estará no trabalho de qualquer maneira...

— Talvez pudéssemos... — Kip disse, ao mesmo tempo que Scott disse — Você virá à minha casa amanhã à noite?

— Claro, sim! Sim, claro — Kip disse. — Seria meio conveniente para o trabalho na manhã seguinte também. Se você me deixar dormir um pouco, claro.

— Vou. Eu prometo. Eventualmente.

Os dois riram, então Scott disse: — Merda. Tenho que ir. Desculpe. Mas... Vejo você amanhã, certo? E te aviso sobre esses ingressos.

— Sim, amanhã. Com certeza. E boa sorte esta noite.

— Obrigado. Falo com você depois.

— Ok. Tchau, Scott.

Eles encerraram a ligação e Kip começou a se preparar para o trabalho enquanto seu namorado... se preparava para liderar seu time à vitória contra Montreal.

Kip balançou a cabeça. Quando isso deixaria de parecer tão surreal?

* * *

Scott acordou sozinho no domingo.

Ele acordava sozinho praticamente a vida inteira (exceto pelos colegas de quarto), então não deveria ter sido tão chocante.

Ele foi até a cozinha para fazer café, depois ligou a televisão para assistir ao SportsCenter. Eles estavam mostrando os destaques do jogo ontem à noite, e havia muitos deles. Os âncoras estavam elogiando o desempenho excepcional de todo o time Admirals, especialmente dadas as circunstâncias.

Foi um jogo infernal. Scott estava extremamente orgulhoso de seu time, se unindo para uma vitória massiva sobre Montreal.

As notícias na televisão se voltaram para o incidente de Zullo. Havia imagens dele saindo da delegacia, com cara de pedra e sem falar com os repórteres.

Por algum motivo, não foi tão satisfatório quanto Scott imaginou que seria. Zullo era um babaca, sem dúvida, mas ainda assim seu estômago se revirava ao ver um companheiro de time chegar ao fundo do poço assim. Ele sinceramente esperava que Zullo usasse o programa de reabilitação da liga e colocasse sua carreira de volta nos trilhos.

Mas ele não tinha tempo para pensar em Frank Zullo agora. Zullo era um homem adulto e tinha feito sua própria cama. Scott tinha um jogo para se preparar.

* * *

Kip não passava tempo suficiente com seu pai. Eles moravam na mesma casa, claro, mas nunca mais faziam coisas juntos. Kip saía para o trabalho na maioria das manhãs antes de seus pais acordarem, e ele tendia a ir para a cama cedo. O trabalho idiota de smoothie realmente exigia muito dele.

Kip observou seu pai enquanto ele torcia por seus amados Scouts. Ambos estavam bebendo cerveja e comendo as batatas fritas onduladas de Nathan da barraca de concessão. Era uma boa tarde.

Scott tinha conseguido os ingressos. Seu pai tinha ficado emocionado naquela manhã quando Kip sugeriu que fossem ao jogo. Kip tinha mentido sobre de onde os ingressos tinham vindo, dizendo que os tinha comprado

barato de um amigo que não pôde ir. Ele não tinha certeza se o pai acreditava nele, mas se não acreditasse, ele não diria nada sobre isso.

A multidão estava barulhenta. Eles rugiam a cada rebatida, cada chute e cada defesa. Estava ficando tarde na temporada, e esses jogos importavam.

No terceiro período, o placar estava 3-2 para os Admirals, e Scott havia marcado um dos gols. O prédio estava tenso quando o jogo entrou nos minutos finais. Com pouco menos de seis minutos restantes no relógio, os Admirals receberam uma penalidade. Eles ficariam com dois minutos de falta de jogadores.

Kip se inclinou para frente e mordeu o polegar. — Você consegue, Scott — ele disse baixinho.

Os Scouts não iriam cair sem lutar. Eles mantiveram a ação na zona dos Admirals e deram ao goleiro, Bennett, um treino. Após uma defesa, Scott atirou o disco na linha azul para tirá-lo da zona deles, mas um dos defensores dos Scouts o pegou com seu taco antes que pudesse cruzar a linha azul. Ele atirou na rede dos Admirals, e Kip pôde ver o que aconteceria antes que acontecesse.

— Não, Scott. Porra. Não!

Enquanto o disco disparava em direção à rede, Kip só conseguia assistir, horrorizado, enquanto Scott jogava seu corpo na frente dele. Ele mergulhou no ar e pegou o disco em algum lugar em sua barriga, onde seu acolchoamento era leve.

Ele caiu com força.

Capítulo Doze

— Aquele chute deve ter sido disparado a cento e sessenta quilômetros por hora! — disse o pai de Kip.

— Porra, Scott, vamos lá. Levanta-se.

Scott estava caído no gelo em posição fetal, uma perna se movendo lentamente para dentro e para fora. Kip sentiu-se mal. Ele queria correr e pular sobre o vidro.

— Acertou no rosto dele? — alguém perguntou em voz alta atrás dele.

Não... Kip murmurou.

— Nah. Talvez as costelas — disse outra pessoa.

Deus.

Scott rolou, e Kip pôde ver seu rosto. Seus olhos estavam arregalados e sua boca estava aberta e ofegante.

— Ele não consegue respirar! — Kip disse para ninguém e para qualquer um. — Ele não consegue respirar! Ele precisa...

Scott colocou uma mão enluvada no gelo, se preparando antes de se levantar lentamente até os joelhos. Ele estava estremecendo, com os olhos bem fechados, mas parecia estar respirando. Ele envolveu um braço em volta de si mesmo, segurando seu lado. Um de seus companheiros de time enganchou o braço sob o dele e o ajudou a se levantar. Outro pegou seu taco para ele.

Scott saiu lentamente do gelo, apoiado por seu companheiro de time, enquanto a multidão aplaudia.

Kip afundou-se de volta em seu assento com alívio. *Ele está bem. Ele está bem.*

Papai colocou uma mão em seu ombro e apertou. — Ele é durão.

— É. — Kip exalou. Ele observou enquanto Scott era escoltado pelo médico do time pelo corredor atrás do banco.

O jogo continuou, mas Kip não estava mais prestando atenção. Ele manteve os olhos no banco, observando qualquer sinal do retorno de Scott.

Os últimos segundos passaram, e a partida terminou 3-2 para os Admirals. Scott nunca mais voltou do vestiário. Kip não tinha certeza do que poderia fazer. Ele deveria ir ao Scott hoje à noite, mas...

Quando ele e seu pai estavam saindo da arena, Kip enviou uma mensagem para Scott: *Apenas me diga que você está bem.*

Não houve resposta, o que Kip esperava. Scott provavelmente não estava nem perto do telefone agora.

No metrô, seu pai disse: — Hunter tem coração, isso é certo. Esse ato de auto sacrifício pode ter feito com que eles ganhassem o jogo.

Kip mordeu o lábio. — É...

Eles caminharam penosamente pelas calçadas enlameadas da estação de metrô até a casa deles. Ele se sentiu mal por não poder aproveitar a companhia do pai agora. Ele estava tendo uma ótima tarde, mas agora estava completamente preocupado.

Eles estavam em casa há quase uma hora antes de Kip receber uma resposta de Scott. *Estou bem. Um hematoma feio, mas bem. Indo para casa agora.*

Kip sentou-se na cama, duro, e respondeu: *Ótimo. Você me assustou.*

Scott: *Desculpe. Parecia pior do que era, provavelmente.*

Kip franziu a testa. *Você ainda quer que eu vá aí?*

O telefone dele tocou um segundo depois.

— Sim — disse Scott.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. Quer dizer... não sei se serei capaz de... fazer muita coisa.

— Eu sabia! Você *está* machucado!

— Não é tão ruim assim. É só um hematoma. Coloquei gelo nele, e colocarei mais gelo quando chegar em casa. Nenhuma fratura. Nenhuma costela machucada.

— Você fez um raio-X?

— Sim, claro. Eles fizeram um raio-X bem na arena. Nenhuma fratura. Por favor, venha.

— Tudo bem. É melhor você colocar uma bolsa de gelo quando eu chegar lá.

— Eu vou — Scott disse. — E eu gosto que você esteja tão preocupado comigo. É realmente...fofo.

Kip corou, por que o que ele estava fazendo? Dizendo a um astro da NHL como cuidar de seus ferimentos? — Eu só... estou feliz que você esteja bem. Já vou aí. E estou falando sério sobre a bolsa de gelo.

Scott riu. — Vejo você em breve.

* * *

— Tudo bem, vamos ver — disse Kip. Scott não conseguiu evitar fazer careta enquanto acompanhava Kip de volta para seu apartamento. Kip, era claro, notou.

Agora Scott estava deitado no sofá, e Kip estava cuidadosamente levantando sua camisa.

— Parece pior do que é — disse Scott. — Sério.

— Oh meu Deus!

Scott olhou para baixo e viu o enorme vergão preto e roxo que cobria a maior parte do seu lado direito. O disco o havia atingido logo abaixo da caixa

torácica, logo acima do acolchoamento grosso na parte superior da calça de hóquei.

— Não é tão ruim assim. — Doeu muito e o deixou completamente sem ar, mas não houve ferimentos internos.

— Besteira, é sim! Você vai ficar bem aí. Espero que tenha uma bolsa de gelo pronta para colocar aí — disse Kip enquanto caminhava para a cozinha.

— Eu tenho várias — disse Scott — sempre. Eu mal guardo comida naquele freezer. É tudo coisa de tratamento de lesões.

Kip retornou com uma bolsa de gelo nova e a pressionou gentilmente na pele de Scott. Scott respirou fundo no contato inicial, então relaxou e colocou sua mão sobre a de Kip, ajudando-o a segurar a bolsa no lugar.

— Faz muito tempo que ninguém me mima assim — ele disse. — É legal.

Kip deu-lhe um sorriso um pouco triste, e Scott apertou sua mão.

— Desculpe por ter te assustado — ele disse. — Perigo de namorar comigo, eu acho.

— Risco aceitável. — Kip tirou a mão de baixo da de Scott e se levantou. — Vou fazer um jantar para você. Você tem alguma comida?

— Eu tenho as coisas que comprei para fazer seu café da manhã outro dia. Bacon e ovos. Ainda está aí. Aqui, deixa eu ajudar...

— De jeito nenhum. Você está no banco, Hunter. Fique aí.

Scott revirou os olhos e se levantou, lentamente. — Pelo menos vou me mover para a cozinha para poder te ver.

Ele caminhou (com algum desconforto) até os bancos que se alinhavam no balcão alto que separava a cozinha da sala de estar/jantar. Ele se sentou e ofereceu a Kip instruções úteis sobre onde encontrar as coisas e como usar seu fogão a gás chique.

Foi legal ter Kip aqui na cozinha dele. Vê-lo preparar comida para os dois e ouvi-lo falar sobre seu dia.

— Muito fácil? Com molho frito? — Kip perguntou. — Eu sou especialista em ovos.

— Muito fácil. Mas está tudo bem se você estragar tudo. Eu os afogo em molho picante de qualquer maneira.

— Eu *não vou* estragar com eles! — Kip disse enquanto virava os ovos cuidadosamente. — Sabe, eu costumava fazer isso profissionalmente e... Ah, droga! Quebrei uma gema!

Scott riu. — Está tudo bem. Eu como, acredite em mim. Eu como quase tudo.

Kip levantou uma sobrancelha e apertou os lábios.

Eles se sentaram um ao lado do outro no balcão da cozinha e comeram bacon, ovos e torradas. Kip parecia tão feliz e fofo, e Scott lamentou que não conseguiria fazer muito mais do que beijá-lo esta noite.

O que o lembrou de outro aborrecimento.

— Devo avisá-lo — disse Scott — que vou ficar estressado e distraído esta semana.

— Por que isso?

— O prazo final para negociações é na próxima segunda-feira. Provavelmente o dia mais estressante do ano para qualquer jogador.

— Mas você não...você não vai ser *negociado,* certo? — Kip pareceu horrorizado com o pensamento.

— Não, acho que não. Quer dizer, sempre há uma chance, mas estamos concorrendo para a copa este ano, então duvido que eles se livrem de mim. Eu ficaria preocupado se o time precisasse cortar alguns custos.

— Então por que você está nervoso?

— Porque alguém vai sair. Com Zullo fora, temos um buraco para preencher em nossa defesa, e para preenchê-lo teremos que perder um cara ou dois. Somos como uma família, então é difícil.

— Certo, sim. Acho que seria assim.

Eles conversaram e comeram, e Scott tentou, mas não conseguiu, evitar se apoiar visivelmente no balcão.

— Vamos — Kip disse, depois que Scott não conseguiu esconder uma careta. — Você deve estar sofrendo. Vamos voltar para o sofá.

Scott não discutiu. Kip ajudou Scott a se abaixar no sofá, deixando-o se esticar de costas. Kip sentou-se em uma ponta para que Scott pudesse descansar a cabeça em seu colo. Eles assistiram a um filme de ação na televisão, e Kip passou os dedos pelos cabelos de Scott.

E logo, Scott esqueceu tudo sobre os prazos de negociação, Zullo e hematomas desagradáveis.

* * *

Kip assistiu aos créditos rolando na tela gigante da televisão de Scott. — Cara, quanto você acha que custou para fazer aquele filme idiota?

Scott não respondeu. Após uma inspeção mais detalhada, Scott Hunter estava, de fato, dormindo em seu colo.

Kip sorriu para si mesmo e admirou o perfil de Scott. Ele parecia tão pacífico e jovem. Seus cílios longos roçavam suas maçãs do rosto, e seus lábios carnudos e rosados estavam ligeiramente separados. Toda a tensão que Scott geralmente carregava consigo havia deixado seu rosto.

Kip estendeu a mão e pegou a mão de Scott na sua. Ele não queria acordá-lo, mas suas pernas estavam dormentes. — Ei — ele sussurrou. — Vamos, Scott. Hora de dormir.

— Mrmff — Scott disse. Então seus olhos se abriram, e ele olhou para Kip e sorriu timidamente. — Desculpe — ele disse. — Sempre bem exausto depois dos jogos.

— Tudo bem. Nós deveríamos ir para a cama. Eu tenho que acordar cedo. — Kip o ajudou a se levantar e o beijou. — Eu me diverti muito esta noite.

GAME CHANGER

Scott se iluminou. — Eu também.

Eles se despiram até ficarem de cueca e então rastejaram para a cama. Scott precisou deitar-se de costas por causa do ferimento, e Kip se deitou ao lado dele com uma mão no peito.

— Boa noite — disse Kip.

Scott colocou uma mão sobre a de Kip. — Você virá aqui amanhã à noite?

— Você quer que eu faça isso?

— Sim, quero.

— Vou ter que ir para casa depois do trabalho primeiro. Pegar algumas roupas e outras coisas.

— Você deveria guardar as coisas aqui — Scott murmurou sonolento.

— Seriamente?

Scott pareceu acordar um pouco, obviamente percebendo o que tinha acabado de sugerir. — Bem... sim. Quero dizer... faria sentido, certo? Eu moro perto do seu trabalho e.... — ele sorriu timidamente — ...eu gosto de ter você aqui.

Kip se levantou para poder beijar Scott.

— Eu me sinto mal. — disse Scott. — Não pude fazer muita coisa com você esta noite. Quero compensar você.

— Você não estará curado amanhã à noite!

— Eu sei... mas talvez...

— Amanhã à noite — Kip disse — nós veremos. Eu não vou deixar você fazer nada que possa te machucar.

Scott suspirou, mas sorriu afetuosamente para ele.

— Além disso — disse Kip — gosto de conversar com você.

Scott levantou a palma de Kip até sua boca e a beijou. — Eu também.

* * *

Ainda estava escuro quando o alarme de Kip disparou. Scott ficou confuso no começo, depois lembrou que Kip tinha que ir trabalhar. Kip se mexeu ao lado dele, sentando-se lentamente e resmungando baixinho.

— Bom dia — Scott murmurou.

— Porra, sim. Acho que sim.

Kip saiu da cama e foi para o banheiro, enquanto Scott esfregava os olhos e tentava acordar. Ele não era de forma alguma um dorminhoco, mas ainda não eram nem cinco horas.

Ele finalmente se forçou a sentar, estremecendo quando a dor o lembrou de seu ferimento. Depois de alguns minutos, Kip saiu do banheiro e começou a vestir suas roupas.

— Vou fazer um café para nós — disse Scott. — Pelo menos fique para isso.

— Ok. Como você está se sentindo?

— Como se eu tivesse sido atingido por um disco. Mas, fora isso... Estou muito feliz.

Kip sorriu e terminou de se vestir. Scott foi até o banheiro, parando para beijá-lo na bochecha ao passar.

— Caramba — Kip disse, fazendo uma careta. — Esse hematoma não parece bom.

— Também não me sinto bem. Mas vou viver.

No banheiro, Scott jogou água no rosto e se afastou para examinar seu hematoma no espelho. Kip não estava mentindo: ele definitivamente escureceu durante a noite para uma cor azul meia-noite furiosa.

Quando Scott vestiu um moletom, ele foi até a cozinha para fazer café. Ele parou quando viu Kip parado na frente das janelas da sala de estar.

— Você tem essa vista toda manhã, hein? — perguntou Kip.

— Mais ou menos.

— Não é ruim.

O primeiro sinal de luz estava se mostrando sobre o horizonte do Brooklyn, iluminando suavemente o corpo magro de Kip. Ele estava com um braço esticado sobre a cabeça, a mão no vidro.

— Está melhor agora — disse Scott. Ele envolveu os braços em volta de Kip por trás e beijou seu pescoço. Kip suspirou e se virou para beijá-lo adequadamente.

Naquele momento, Scott conseguia imaginar tudo isso. Estar com Kip. *Viver* com ele. Ir para a cama e acordar juntos. Preparar refeições e ir a restaurantes e viajar juntos. Não se esconder mais, apenas ser feliz e completo com um homem com quem ele... se importava. Ser corajoso o suficiente para deixar o mundo saber quem ele realmente era.

Mas mesmo que ele *fosse* corajoso o suficiente, era pedir muito de Kip, que pode não perceber no que estava se metendo com Scott. Seria um *grande problema* se Scott se assumisse. Era algo inédito na NHL, e a mídia iria querer muito deles. Scott estava acostumado a ser examinado pelo público; ele não queria arrastar Kip para tudo isso.

Além disso, eles só estavam se vendo há algumas semanas. Era ridículo até pensar...

Eles se separaram, e Scott afastou uma mecha do cabelo de Kip e passou a palma da mão sobre a barba rala no maxilar de Kip. — Eu adoraria passar um dia inteiro com você.

— Você vai.

— Sem ferimentos. Realmente vou levar meu tempo com você.

Ele podia ver a mudança nos olhos de Kip. Luxúria sombria se infiltrando.

Scott se inclinou para outro beijo, mas Kip se afastou e balançou a cabeça. — Eu tenho que ir — ele suspirou.

— Café primeiro.

Enquanto Scott se atrapalhava com a máquina de café sofisticada que ele raramente usava, Kip levantou a camiseta de Scott e inspecionou o hematoma.

— Você não vai treinar hoje, vai? — ele perguntou.

Scott se afastou dele e puxou a bainha de sua camisa para baixo. — Claro que vou.

— O quê? Mas você está machucado!

Scott acenou com a mão desdenhosamente. — Quero ver como é patinar. Tenho um jogo na quarta-feira, então preciso descobrir como jogar com essa lesão.

— Você vai *jogar* na *quarta-feira?* — Kip parecia horrorizado.

— Sim.

— Todos os jogadores de hóquei são idiotas teimosos?

— Basicamente.

— Deus, se eu tivesse um hematoma desses eu ficaria na cama por um mês.

Scott riu. — Eu já joguei com costelas quebradas antes. Eu posso jogar com isso.

Kip parecia ter algo a dizer sobre isso, mas Scott o beijou e colocou uma caneca de viagem cheia de café em sua mão. — Você precisa ir trabalhar — ele o lembrou.

— Tudo bem — Kip suspirou. — Estarei aqui o mais rápido que puder hoje à noite, ok?

— OK.

— E, por favor, vá com calma no treino hoje.

Scott sorriu, tocado mais uma vez por sua preocupação. — Eu vou.

Eles se beijaram mais uma vez e Kip se foi.

Scott passou a língua sobre o lábio inferior, tentando capturar qualquer resquício remanescente do beijo de despedida. Então ele sentiu o peso que sempre caía sobre ele quando ele e Kip se separavam.

Ele queria mais tempo.

Em sua cabeça, Scott avançou rapidamente para um tempo em que Kip talvez não precisasse trabalhar. Talvez ele pudesse apenas...

Apenas o quê? Ser o namorado do Scott que fica em casa? Estar aqui sempre que Scott precisasse dele? Tão entediado quanto algumas das esposas de seus companheiros de time estavam? Se Scott nunca tivesse coragem de se assumir, Kip seria basicamente um prisioneiro. Eles nunca seriam capazes de ir a encontros de verdade.

— Droga — Scott disse para ninguém. Ele já estava estragando tudo.

* * *

O maldito Jeff tinha trabalhado no dia anterior, então não havia absolutamente nada preparado quando Kip chegou ao trabalho.

— Eu o odeio — disse Maria. — Vou assassiná-lo.

— Ele é péssimo — Kip concordou com um bocejo.

— Como foi seu fim de semana?

— Bom. Fui ao jogo dos Scouts com meu pai.

— Ah, você quer dizer o jogo Scouts vs. *Admirals?*

— Sim...

— Um superfã. Tão fofo.

Kip deu de ombros. — Ele é gostoso. Me processe.

— Você consegue imaginar namorar ele de verdade? — Maria perguntou. — Seria incrível. Como Cinderela.

— Vamos lá. Minha vida não é *tão* ruim assim!

— Bem, seria selvagem, de qualquer forma.

— Mm.

— Sabe, eu estava trabalhando no sábado e ele não apareceu. Será que ele encontrou outra superstição boba?

— Bem, lá se foi toda a minha vida amorosa — brincou Kip.

— Quer dizer, toda aquela merda aconteceu com o Zullo naquele dia. Ele teria se distraído.

— Sim. Talvez.

— Quando é o próximo jogo em casa?

— Quarta-feira — disse Kip, rápido demais.

Maria sorriu. — Tão fofo pra caralho. Você está pronto para a entrevista de hoje?

— Não. Mas farei o meu melhor.

— Você acha que Scott Hunter vai começar a ir ao museu o tempo todo se você começar a trabalhar lá?

— Não. Cale a boca.

— E se ele *fizesse isso?* Oh meu Deus. Isso seria incrível.

— Você é ridícula.

Maria abaixou a voz e fez uma imitação realmente terrível de Scott Hunter. — Oh, ei, hum, eu só gosto de manter as coisas do mesmo jeito quando meu jogo está indo bem, então vou precisar que Kip Grady me dê outro passeio privado por todo o museu.

Kip não conseguiu evitar rir.

* * *

— Hunter, vamos lá. O almoço é por minha conta — disse Carter. Eles eram os dois últimos jogadores no vestiário.

Scott cerrou os dentes durante o treino. Doía dobrar. Doía atirar o disco. E doía *muito* quando alguém sequer o tocava. — Talvez eu tenha que ficar de

fora na quarta-feira — disse ele. — Não é uma lesão séria, mas está me deixando mais lento.

— Quer dizer, você *poderia* tirar uma noite de folga e realmente deixar a dor curar, mas ei...

— *Você faria isso?*

Carter sorriu para ele. — Sem chance.

Eles foram a um restaurante de sushi próximo que Carter gostava.

— Então — disse Carter enquanto esperavam pelos muitos rolinhos de maki que haviam pedido —quem você acha que está sendo negociado?

— Eu não sei. Eu realmente não sei.

— Eles vão fazer uma jogada para alguém grande. Imagino que perderemos algum talento jovem em troca de um defensor experiente.

— Bem. — disse Scott — isso significa que *estamos* livres de problemas.

— Eu estava pensando em Burke. Ele não é tão jovem, mas é um bom ala e estamos ricos em talentos nas linhas de frente agora.

— Sim. Talvez.

— Quem sabe? De qualquer forma, você viu? Os paparazzi nos pegaram na outra noite. Eu e Gloria. Nós íamos jantar no novo Nobu... você já foi lá?

— Não.

— Bom, você tem que fazer isso. De qualquer forma. Estávamos saindo do Nobu e os paparazzi nos pegaram. Então nosso segredinho foi descoberto. — Carter deu de ombros. — Questão de tempo, eu acho. Acabou não sendo grande coisa porque uma das Kardashians anunciou que estava grávida ontem, então ninguém mais dá a mínima para nós.

— Certo...

Carter começou uma descrição detalhada de sua refeição no Nobu, e Scott tentou ouvir, mas principalmente pensou no que Carter tinha acabado de

dizer. Carter estava tentando manter seu novo relacionamento em segredo, mas quando esse segredo veio à tona, tinha sido apenas mais um item de coluna de fofoca. Apenas duas celebridades que começaram a se ver. As pessoas diziam "hã" e seguiam em frente.

Isso não aconteceria se os paparazzi pegassem Scott e Kip juntos. Claro, eles poderiam ir jantar talvez. Uma vez. Se começasse a ser uma coisa regular, atrairia atenção. E se eles fossem pegos... se tocando? De mãos dadas? Se *beijando?* Não haveria como Scott negar...

— Eles têm esse molho de caramelo de missô que... Você está ouvindo, Hunter?

— Huh? Sim. Sim, desculpe. Estou só... com fome. É meio difícil ouvir sobre comida agora.

— Bem, nós falamos sobre hóquei, nós falamos sobre comida, nós falamos sobre *minha* vida amorosa. E a *sua* vida amorosa?

— Não.

— Parece que pode realmente haver algo para falar sobre isso.

— Não há.

Carter o estudou, e provavelmente não deixou de notar a cor no rosto de Scott, ou a maneira como Scott não conseguia olhá-lo nos olhos. — Você é o pior mentiroso do mundo, Scott.

— Eu sei.

— Você não quer me contar? Tudo bem. Eu só quero que você seja feliz. Um cara como você deveria estar com alguém especial.

Scott sorriu para si mesmo. — Estou feliz.

— Você a levará para o Gala Equinox?

— *Você* vai ao gala?

— Sim, eu vou! Você esqueceu com quem eu estou saindo? Além disso, eu sou *muito* famoso e amado.

Scott riu, mas por dentro ele estava preocupado. Ele não esperava que nenhum de seus companheiros de time estivesse lá. Isso só tornaria as coisas mais complicadas.

E, meu Deus, não era justo. Ele queria contar a Carter - seu melhor amigo - que levaria seu namorado para a festa. Seu namorado maravilhoso e lindo que o fazia se sentir mais leve e feliz do que ele jamais se lembraria de ter se sentido em sua vida. Ele queria dançar com Kip, beijá-lo e apresentá-lo a todos para que soubessem o quão sortudo Scott era.

Em vez disso, Scott disse: — Talvez. Veremos.

Carter sorriu. — Espero que sim. Mal posso esperar para conhecê-la, cara.

Capítulo Treze

Scott e Kip acordaram juntos na manhã seguinte ao prazo final de negociações.

Eles tinham a televisão ligada o dia todo, sintonizada em um canal de esportes dedicado à atividade comercial. Às vezes, Scott dava a isso toda a sua atenção, e Kip sabia que tinha que lhe dar espaço. Na maior parte do dia, porém, ele ficava feliz em deixar Kip tirar sua mente de tudo.

E Kip ficou feliz em fazer isso.

Ele também estava feliz em *se distrair* do estresse de esperar por uma resposta do museu. A entrevista tinha ido surpreendentemente bem. Ambos os entrevistadores pareciam realmente gostar dele. No final, todos estavam falando como se ele já tivesse conseguido o emprego. Ele tinha saído muito animado.

Mas ele ainda não tinha contado a Scott sobre isso. Talvez ele não quisesse dar azar, ou talvez ele estivesse apenas envergonhado sobre sua tentativa patética de melhorar a si mesmo. O nível de sucesso de Scott fazia tudo que Kip fazia parecer meio ridículo.

Scott havia perdido alguns companheiros de time em uma troca que os âncoras da televisão chamaram de "enorme". Um cara chamado Burke e outro atacante foram negociados com Tampa Bay em troca de um enorme defensor finlandês.

— Matti Jalo — Scott disse quando ouviu a notícia. — Uau.

— Ele é bom? — Kip perguntou.

— É, ele é... Eu não achei que teríamos alguém assim. Ele é provavelmente o melhor defensor da liga agora.

— Ei, isso é ótimo então!

— É — Scott concordou. — Mostra que a gerência tem confiança em nós. Eles acabaram de nos comprar um presente muito legal.

— Mas, uh, os caras que estão saindo... Burke, foi? E, hum...

— MacDow, sim. Bons rapazes. Uma droga, mas imaginei que Burke iria. Seria melhor para ele, honestamente. Ele não está tendo tempo para brilhar aqui.

— Então você está bem?

Scott sorriu para ele. — Estou bem.

— Está com vontade de comemorar?

— Absolutamente.

Agora eram pouco mais de cinco da manhã e Kip precisava ir trabalhar, mas as mãos de Scott estavam sobre ele, e sua boca mordiscava seu maxilar.

— Ligue dizendo que está doente — Scott murmurou contra sua pele.

— Não posso! E você tem um jogo hoje à noite. Você estará ocupado.

— Vá tarde. Vou escrever um bilhete para você.

Kip riu. — O que diria?

— 'Desculpe Kip pelo atraso, mas Scott Hunter estava montando no pau dele.'

Kip gemeu. — Deus, nós não fizemos isso. Eu... *Porra,* eu quero isso.

— Eu também — disse Scott, e moveu a mão de Kip para seu pênis sólido para ilustrar seu ponto de vista.

— Porra — Kip falou. Então — Não. Não. Eu tenho que ir. Não é justo, Hunter.

Ele se levantou e se vestiu antes que Scott pudesse convencê-lo a fazer algo estúpido como não aparecer para trabalhar.

— Não vou te ver até o gala amanhã à noite — Scott suspirou. — E mesmo assim será uma agonia não te tocar.



— Sexy, no entanto, certo? Mais ou menos?

— Mais ou menos.

Scott fez café, como era tradição, e eles tomaram juntos na cozinha.

— Você sabe que será uma agonia para mim também, certo? — disse Kip.

Scott sorriu tristemente. — Vou querer ir embora cedo. Vou dar desculpas assim que chegar lá.

— Não, você não vai. Nós dois vamos nos divertir muito, e então voltaremos aqui e nos pegaremos.

Scott o beijou, e foi cheio de promessas. Quando acabou, Kip estremeceu.

— Preciso ir — ele disse fracamente.

— Vejo você amanhã à noite.

* * *

Scott chegou cedo ao restaurante e pediu um café. Ele iria encontrar seu agente para almoçar, e café era importante.

Ele gostava de Todd Wheeler - não o deixaria representá-lo se não gostasse - mas ele realmente odiava falar sobre contratos e patrocínios. Ele sabia que tinha sorte de ter tantas oportunidades de ganhar tanto dinheiro, mas não era por isso que ele jogava hóquei.

Todd chegou quando Scott estava esvaziando o último gole da prensa francesa que o garçom lhe trouxera. — Então foi uma merda com o Zullo, hein? — ele disse, quase assim que se sentou.

— Sim. — Scott assentiu. — Você poderia dizer isso.

— Mas já acabou. Isso deve ser bom, certo? Eu sei que você odiava aquele cara.

— *Ódio* é uma palavra forte — disse Scott. — Uma palavra forte e precisa.

Todd riu. — E Matti Jalo é um Admiral agora! Parece um time vencedor de copa para mim!

— Absolutamente — Scott concordou. — Jalo vai ser um grande trunfo.

— Huge está certo. Jalo é um monstro do caralho. Bonito também. Nova York vai amar esse cara.

— Espero que sim.

— Espero que não muito, no entanto! Temos que garantir que você ainda seja o número um nesta cidade.

— Claro.

O garçom veio e pegou os pedidos. Todd pediu uma salada de espinafre sem olhar o cardápio. Scott pediu um club sanduiche, e então Todd disse abruptamente: — Quer saber? Foda-se. Vou pegar o club também.

Depois que o garçom foi embora, Todd perguntou: — Você vai levar alguém para o Gala Equinox?

— Por quê? Você quer ser meu par?

— Não, foda-se. Eu só pensei que você poderia estar saindo com alguém. Estou *rezando* toda noite para que você comece a namorar alguma atriz. Talvez uma modelo. Algo que te coloque nos jornais, sabe?

Scott fez uma careta. Ele definitivamente *estaria* "nos jornais" se alguém descobrisse com quem ele estava saindo. Mas provavelmente não da forma que seu agente esperava. — Desculpe desapontá-lo.

— Eu poderia te encontrar um encontro, se você quiser — Todd refletiu. — Uma ingênua de Nova York que quer aumentar seu perfil...

— Não, obrigado Todd.

Todd balançou a cabeça. — Eu não entendo você, Scott. Você parece *assim...* — ele acenou com as mãos para indicar o corpo inteiro de Scott — ...e você não parece estar compartilhando isso com ninguém. Cara, se eu parecesse com você...

Scott bufou. Todd já tinha sido um atleta, uma vez, mas os anos longe das competições lhe deram um pouco de barriga. Mas ele estava longe de ser feio.

— Eu deveria ter pegado a maldita salada — Todd murmurou para si mesmo. — Nem todos nós estamos queimando um milhão de calorias por dia.

— Você parece bem — Scott assegurou-lhe.

— Não estamos falando de mim, Scott. Estamos falando de você e do porquê você não está saindo com as mulheres lindas de Nova York.

— Estou ocupado — Scott murmurou.

— Estamos *todos* ocupados! Tenho uma esposa, três filhos e quatorze clientes!

— Por que estamos falando sobre isso?

— Quero que você seja feliz, Scott. Eu o represento desde que você tinha dezessete anos e nunca soube que você sequer saiu com alguém. Eu fui a muitos casamentos dos meus clientes... vocês são todos como uma família para mim. Você sabe disso. Especialmente você, porque... você sabe.

— Por que sou órfão? — Scott perguntou categoricamente.

— Só quero que saiba que estou cuidando de você e que me importo com sua felicidade. Só isso.

— Bem, obrigado. Mas estou perfeitamente feliz. Sério.

— Então... se meu amigo que representa uma certa atriz de Nova York me perguntasse se você estaria procurando um par para o gala...

— Você deveria dizer ao seu amigo que eu não estou.

Todd suspirou. — Tudo bem. Você nem quer saber quem ela é?

— Não.

— Porque se você é um homem de pernas...

— Oh, que bom! Nossa comida está chegando!

Scott começou a perguntar sobre reservas de talk show para manter a conversa longe de sua vida amorosa pelo resto da refeição. Todd pareceu entender a indireta porque não tocou no assunto novamente.

Mas menos de meia hora depois de se separarem, Scott recebeu uma mensagem de texto dele. Era apenas uma foto no tapete vermelho de uma linda jovem seguida por *Você tem certeza?*

Scott: *Tenho certeza.*

Jesus. Ele *realmente* não precisava que o mundo inteiro estivesse interessado em sua vida amorosa agora.

* * *

Kip saiu do trabalho na quinta-feira e foi direto para a casa de Elena. Ele tinha levado seu smoking lá dias atrás, depois de pegá-lo no alfaiate.

Ela atendeu a porta com o cabelo molhado e um roupão de banho.

— Incrível — disse Kip. — Você já tomou banho. Posso tomar um?

— É, claro. Temos que sair pela porta em, tipo, duas horas, ok? A limusine vai chegar.

— Limusine?

— A Equinox está enviando uma. Eles gostam de mim.

Ele tomou banho e saiu do banheiro usando uma toalha. Elena estava em seu quarto com a porta entreaberta. Ele bateu levemente. — Posso entrar? Meu terno está aí?

— Sim. Entre.

Ele abriu a porta e a encontrou sentada em frente ao espelho, colocando bobes quentes no cabelo. Música pop tocava em um pequeno alto-falante ao lado dela.

— Estou colocando minha cueca — disse Kip. — Não espie.

— Nem sonharia com isso.

— Eu posso *ver* você olhando no espelho, Elena! — Ele vestiu sua *melhor* cueca preta o mais rápido que pôde. Ele podia ver o reflexo de Elena sorrindo.

— Então qual é o plano para hoje à noite? Você e Scott fingem que não se conhecem e depois vocês voltam para a casa dele e...

— Ficar profundamente um no outro? Sim. Esse é o plano.

— Pervertido.

— Um pouco.

— Você tem certeza de que está bem com esse relacionamento estranho? — Elena perguntou enquanto colocava o último bob no cabelo.

— É, está tudo bem. — Kip franziu a testa. — Quero dizer, obviamente seria legal...

— Ir para outro lugar que não seja o apartamento dele?

— É um apartamento *legal*, mas sim. Seria ótimo irmos juntos a algum lugar.

— Você acha que algum dia conseguirá?

— Eu não sei! Quer dizer, não faz nem um mês.

— Isso é um mês a mais do que já vi você namorar outra pessoa.

— Exatamente! É por isso que parece tão sério. Eu nunca...

— *Você se sentiu assim?*

Kip corou porque soou muito sentimental. — Eu gosto muito dele — ele murmurou.

Elena se levantou e atravessou a sala. — Mal posso esperar para conhecê-lo — ela disse, e beijou a bochecha de Kip.

— Você não vai dar a ele um de seus discursos assustadores, vai?

— Claro que não. Só acho justo avisá-lo que se ele te machucar, será prejudicial para a carreira dele. Porque ele estará morto.

— Elena!

— Estou brincando. Principalmente. Escute, eu tenho que pintar minhas unhas. Vamos abrir um vinho, colocar um pouco de Rihanna e ficar lindos.

— Deus, sim.

* * *

Kip saiu da limusine para uma parede de luzes piscando. Eles pararam abruptamente quando os fotógrafos pareceram perceber que ele e Elena não eram ninguém.

Eles rapidamente cruzaram o tapete vermelho. — Você está incrível — Kip disse, oferecendo o braço a Elena para que ela pudesse se equilibrar nele enquanto subia a curta escadaria até a entrada. — Eu sei que continuo dizendo isso, mas sério. Muitos caras vão ficar com inveja de mim.

Ela sorriu para ele. — Acho que muitos caras vão ficar com inveja de *mim.*

Elena *estava* deslumbrante. Ela estava usando um vestido preto de cetim com babados ombré na lateral da saia, cada camada desbotando para um tom mais claro de cinza. Os babados se separavam quando ela andava, revelando uma fenda alta que exibia suas pernas e saltos pretos de tiras. Seu cabelo escuro estava preso em um coque lateral encaracolado, exibindo seus brincos brilhantes que pelo menos *pareciam* rubis e diamantes.

A festa foi realizada em um enorme edifício histórico que havia sido recentemente restaurado e modernizado. Era agora um dos locais mais glamourosos de Nova York. Kip nunca tinha estado lá dentro antes, nem mesmo como garçom.

— Impressionante — disse ele, olhando para o teto do saguão.

— Espere só — respondeu Elena.

Ela o levou para o salão mais luxuoso que Kip já tinha visto. Era cheio de arcos altos e colunas de mármore, mas a Equinox tinha adicionado seus próprios toques modernos ao evento. Havia um DJ (provavelmente famoso) em uma plataforma no alto, e hologramas 3D de centros de mesa florais projetando-se de dispositivos no meio de cada mesa.

O que mais impressionou Kip, no entanto, foram os pequenos robôs rolantes que pareciam servir aperitivos aos convidados.

— O Equinox não faz nada em pequena escala, hein? — perguntou Kip.

— Não. Eles não fazem isso.

— Pareço bem?

— Você está absurdamente bonito. — Ela apertou o braço dele. — Temos tempo para nos misturar antes de termos que nos sentar para o jantar. Vamos ver quem podemos encontrar.

Ela o levou em direção à multidão de ricos e famosos de Nova York que se reuniram perto de um dos bares. Ele não era muito bom em reconhecer celebridades, mas reconheceu vagamente algumas das pessoas na sala.

Kip se perguntou se Scott já tinha chegado.

Elena o apresentou a alguns de seus colegas de trabalho, e ele teve uma conversa fiada educada, mas ninguém pareceu particularmente interessado nele. Ele estava distraído quando um servidor robô apareceu e lhe ofereceu um canapé. Kip não estava acostumado a estar do lado receptor de uma bandeja de canapés, e ver o tipo de trabalho que compunha a maior parte de seu currículo sendo executado tão eficientemente por uma máquina era... desolador.

— Você está tentando me tirar do emprego, amigo? — ele perguntou. O robô simplesmente saiu rolando para servir outro grupo de convidados, deixando Kip para se reconciliar com o fato de que ele tinha mais em comum com os robôs do que com qualquer um dos convidados reais da festa.

Ele foi até o bar e pegou bebidas (de cortesia!) para ele e Elena. Ele trouxe o martini para Elena e ela acenou por cima do ombro dele.

Ele se virou e viu Scott do outro lado da sala. Ele estava falando com um pequeno grupo, sorrindo e de pé, cabeça e ombros acima de todos os outros. Ele estava arrojado pra caramba em seu smoking preto clássico.

Elena bateu gentilmente em seu braço, o que o fez se virar para ela. — Pare de encarar! — ela sibilou.

— Okay! Ele pode... ele pode me ver? Ele já me viu?

— Ainda não. Vocês precisam ser muito mais furtivos se quiserem enganar alguém.

— Do que você está falando? Estou bem. Ele já olhou?

— Não. Mas se ele *vier* aqui... Ok, ele te viu.

— Como você pode dizer?

— Porque ele simplesmente iluminou como o maldito sol. Jesus. Vocês estão condenados.

* * *

Scott não conseguia se mover um centímetro sem que alguém o parasse. Alguns deles ele realmente conhecia um pouco, outros eram completos estranhos, mas todos no gala pareciam querer seu momento com ele.

A noite toda foi a mesma conversa fiada impessoal. — Sim, eu me sinto muito bem sobre nossas chances nos playoffs.

— Muito animado por ter Jalo no time. Ele deve ser uma ótima adição.

— Eu não jogo golfe, na verdade. Nunca joguei.

E para as poucas pessoas corajosas o suficiente para perguntar sobre Zullo: — Espero que ele receba a ajuda de que precisa.

Ele mal conseguia ver Kip. Ele estava de costas para ele, mas Scott o reconheceu imediatamente. Ele estava de pé com uma mulher linda que

estava virando cabeças até mesmo *naquela* multidão. Ela era a mulher que Kip tinha levado para o jogo do Admirals todas aquelas semanas atrás. Elena.

Estava chegando perto da hora do jantar, quando todos precisariam se sentar. Então haveria discursos, e quem sabia quando ele teria a chance de falar com Kip. Ele só precisava *vê-lo*.

Scott encerrou uma conversa com um dos jogadores estrelas do New York Jets dizendo educadamente que estava indo ao bar para pegar alguma coisa. Ele andou pela multidão, fingindo não ouvir algumas pessoas que gritavam seu nome.

Kip finalmente se virou e fez contato visual com ele, e o coração de Scott parou.

Deus, ele estava lindo. Como um astro clássico de cinema de Hollywood. Scott foi em direção a ele como uma mariposa em direção à chama.

— Boa noite — ele disse quando finalmente chegou a Kip. O terno lhe caía como um sonho: azul-escuro e corte justo em todos os lugares. Mal dava para perceber que ele já tinha sido feito sob medida para o corpo de Scott - na verdade, era o smoking que Scott estava usando na primeira noite que ele e Kip passaram juntos. Seu cabelo estava repartido de lado, e ele tinha um brilho nos olhos enquanto fingia.

— Scott. É bom ver você de novo. Esta é minha amiga, Elena Rygg. Ela trabalha para a Equinox. Elena, Scott Hunter...

— Não é necessária nenhuma introdução — Elena disse, estendendo a mão. — É emocionante conhecê-lo finalmente, Scott.

— Elena — Scott disse, apertando sua mão. — Uau. Você é muito bonita.

Kip riu.

— Desculpe — Scott disse. — Não sou muito bom em falar com mulheres.

— Provavelmente isso não acontece com frequência na sua área de trabalho. — Ela sorriu para ele, um sorrisinho secreto que quase parecia que ela estava tirando sarro dele, mas era mais caloroso do que isso.

— Não — ele disse, sorrindo de volta. — Não, infelizmente.

Kip parecia estar o absorvendo. Seus olhos estavam percorrendo todo o seu corpo, e ele estava mordendo o lábio. Scott tentou pensar em um motivo para tocá-lo. Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de uma mulher que ele não reconheceu.

— Elena! Você está linda! Como está se divertindo?

Elena abraçou a mulher e elas se beijaram no rosto.

— A festa está incrível, Jacqueline. Você fez um trabalho incrível — disse Elena.

— Você acha? Eu gosto do contraste do antigo glamour de Nova York e nossa tecnologia de ponta. — Ela se virou para Scott e estendeu a mão. — Scott Hunter! Muito obrigada por vir. Jacqueline Kane.

Ah. A CEO da Equinox.

— Claro. Obrigado por me convidar — Scott disse educadamente.

— Eu não sabia que vocês dois se conheciam — disse Jacqueline, apontando entre Scott e Elena.

— Acabamos de nos conhecer — disse Scott.

— Sorte sua! Elena tem sido imensamente valiosa para a empresa neste último ano. Nós a amamos completamente. E, desculpe, estou sendo rude. Não fomos apresentados. — Ela estendeu a mão para Kip. — Eu sou Jacqueline.

— Eu sou, uh, Christopher. Grady. — Kip apertou a mão dela.

— Você também trabalha com TI, Christopher?

— Não, eu, hum, não. Eu não.

Scott queria intervir e fazer algum elogio sobre Kip, mas ele não deveria saber quem ele era.

— Você está com Elena? — Jacqueline perguntou a Kip.

— Não! Quero dizer... Eu sou o par dela, sim. Nós somos amigos. Bons amigos.

— Ah! Tudo bem. E você, Scott? Trouxe alguém especial hoje à noite?

Scott não conseguiu evitar olhar para Kip antes de dizer: — Eu vim sozinho.

Jacqueline sorriu e olhou para Scott e depois para Elena. — Bem, vou deixar vocês se conhecerem. Divirtam-se!

— Nós iremos. Tenha uma boa noite, Jacqueline — Scott disse educadamente.

— Você não conhecia Jacqueline antes? — Elena perguntou.

— Não — disse Scott. — Sou convidado para todo tipo de coisa por pessoas que eu não conheço de verdade. — Ele riu. — Parecia surreal, no começo, ser um garoto pobre de Rochester e de repente estar imerso em todo esse outro mundo. Convivendo com a realeza de Nova York.

— Eu posso imaginar — disse Kip, com um pequeno sorriso.

Scott franziu a testa, por que Kip *se* sentia assim? Era fácil para Scott pensar em si mesmo como apenas um cara de Rochester porque era isso que ele *era.* Mas isso tudo era surreal para Kip? Deve ser, pelo menos um pouco.

Uma das coisas que Scott realmente gostava em Kip era que ele nunca pareceu interessado no dinheiro ou fama de Scott. Estar com Kip era a única vez que Scott se sentia como... Scott.

Elena deve ter notado o constrangimento entre eles, porque ela rapidamente despejou todo o conteúdo da taça na boca. — Oh, olha. Meu martini acabou. Vou ao bar pegar outro. Scott, o que você está bebendo?

— Oh, hum, uma cerveja. Só uma cerveja. Stella, eu acho, se eles tiverem.

GAME CHANGER

— Eles têm — Elena o assegurou. Ela os deixou sozinhos.

Kip estava olhando para o chão, e Scott queria desesperadamente enfiar um dedo sob seu queixo e inclinar sua cabeça para cima. Ele queria beijá-lo. Ele queria dizer a ele que ele absolutamente pertencia ali porque ele era importante para Scott, e claramente importante para Elena.

— Que festa, hein? — foi o que ele disse em vez disso.

— Sim — Kip disse, virando os olhos para encontrar os de Scott. — Eu sinto que deveria estar carregando uma bandeja por aí.

Scott franziu a testa e se conteve para não alcançar o namorado. Ele sentiu olhos e ouvidos ao redor deles. — Você não *parece* alguém que deveria estar carregando uma bandeja por aí. Você parece... — Ele não conseguiu terminar a frase. Não com as palavras que queria usar. Não ali.

— Elena parece ótima — ele disse, mudando de assunto.

— Ela é. Você vai dançar com ela depois, certo?

— Farei minha melhor imitação de dança, sim.

Kip riu um pouco. Então ele suspirou e olhou para Scott com tanto carinho e desejo que Scott não conseguiu fazer nada além de encará-lo de volta. Ele sabia que tinha um sorriso bobo e apaixonado no rosto, mas não conseguiu evitar.

Jogando a cautela ao vento, ele abaixou a voz. — Você está incrível.

Kip mordeu o lábio. — Você também não está tão mal.

Scott se inclinou um pouco mais perto, forçando a sorte. — Vai ser uma longa noite.

Kip estava olhando para sua boca. Scott observou seu pomo de Adão balançar enquanto ele engolia.

Quando Kip respondeu, sua voz havia mudado para aquele sotaque arrastado do Brooklyn que Scott tanto amava. — Mas deveria ter um final infernal.

— Mal posso esperar — Scott suspirou.

— Nem eu.

E graças a Deus Elena retornou naquele momento, ou então Scott poderia ter feito algo muito estúpido. O olhar penetrante que Elena lhe deu enquanto lhe entregava sua cerveja lhe disse que ele e Kip estavam muito próximos um momento atrás.

— Está na hora de sentar-se para jantar — Elena disse. — Vamos separar vocês dois.

Antes de se separarem, Scott estendeu a mão para Kip, que a encarou por um momento antes de sorrir e aceitá-la, apertando-a como dois homens que acabaram de se conhecer em um evento social.

Mas Scott aproveitou a oportunidade para gentilmente roçar as pontas dos dedos contra a parte interna do pulso de Kip. Ele acariciou a carne sensível enquanto apertavam as mãos, e ele observou os lábios de Kip se abrirem. Ele observou seus olhos se inflamarem.

— Vejo você mais tarde — disse Scott — *Christopher.*

O jantar durou muito tempo. Entre os pratos, Jacqueline agradeceu a todos por terem vindo e explicou a importância de oferecer oportunidades cedo para as crianças explorarem carreiras nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Ela falou sobre alguns dos bons trabalhos que a Equinox Foundation já havia feito nessa área e quais planos ela tinha para o futuro. Ela anunciou uma doação massiva para escolas públicas locais para fornecer computadores de última geração e outras tecnologias. Scott aplaudiu junto com o resto da multidão.

Ele estava sentado com nove pessoas que não conhecia. Até Carter tinha sido colocado em uma mesa diferente. Scott nunca se sentiu particularmente confortável com esse tipo de evento, mas esta noite ele estava ainda mais

inquieto e distraído. Não ajudou que ele não conseguisse ver Kip de onde estava sentado.

Enquanto esperavam pela sobremesa e pelo café, ele decidiu que precisava sair dali por alguns minutos. Ele se desculpou e se levantou. Ele examinou rapidamente a sala em busca de Kip, mas não conseguiu encontrá-lo.

Scott foi ao banheiro, mas não sentiu vontade de voltar para a mesa depois. Ele vagou pela área do lado de fora do salão principal onde os banheiros estavam localizados e encontrou uma alcova que oferecia uma vista do terceiro andar das luzes da cidade. Não havia mais ninguém lá, então ele tirou alguns minutos de silêncio para si mesmo, de pé contra o vidro e observando o tráfego abaixo.

Ele sentiu Kip atrás dele antes de ver seu reflexo no vidro, logo acima do ombro de Scott. — Ei — ele disse em voz baixa.

Scott fechou os olhos e forçou a agitação em seu estômago a se acalmar.

Ele se virou. — Provavelmente não deveríamos estar aqui juntos.

— Provavelmente não. — Kip se aproximou, invadindo o espaço pessoal de Scott e tomando conta de seus sentidos. O cheiro picante de sua loção pós-barba era inebriante.

— Eles fizeram um bom trabalho com seu terno — Scott disse trêmulo. — Realmente... veste bem em você.

— Mm.

A boca de Kip estava tão perto, e os lábios de Scott se separaram completamente por conta própria. Seria tão fácil se inclinar e pegar o que ele queria...

— A comida era boa — disse Kip em tom de conversa.

— Era? Eu não estava realmente prestando atenção.

— Distraído?

— Talvez.

— Parece que você ainda está com fome.

Scott estremeceu e soltou um suspiro. — Puta merda, Kip.

Kip deu a ele um daqueles sorrisos sensuais que Scott normalmente tanto amava, mas aqui...

Os olhos de Kip dispararam para a virilha de Scott e seu sorriso se alargou.

Poderíamos ir embora. Poderíamos ir embora agora mesmo...

— Eu deveria voltar — disse Kip, irritantemente casual.

Scott mordeu a língua, forte o suficiente para trazê-lo de volta à terra. — Você vai ter problemas depois — ele rosnou.

Os olhos de Kip se arregalaram, mas ele conseguiu sorrir antes de se virar e sair. Scott sorriu enquanto o observava ir embora, satisfeito por ter conseguido retaliar um pouco.

Ele levou um momento para se recompor, então retornou ao salão de baile. Parecia que ele tinha perdido a sobremesa; as mesas já estavam sendo retiradas para dar mais espaço para dançar e se misturar.

Ele não viu Kip em lugar nenhum.

Houve uma comoção na multidão quando as luzes se apagaram e o palco onde Jacqueline estava falando de repente girou para revelar um famoso cantor de estilo lounge e sua orquestra.

Scott se misturou por um tempo, conversando com celebridades de primeira linha e alguns dos principais CEOs de Nova York. Ele tinha acabado de encerrar uma conversa com um astronauta de verdade quando ouviu um toque em seu ombro.

— Acredito que me prometeram uma dança — disse Elena.

Scott sorriu, genuinamente feliz em vê-la. Ele pegou o braço dela e eles foram para a pista de dança, que estava bem cheia agora. — Eu sou um péssimo dançarino — ele a avisou.

— Eu vou compensar isso.

Ela *era* uma dançarina fantástica. Scott rapidamente encontrou um ritmo enquanto dançavam um dançar dois-pra-lá-dois-pra-cá fácil enquanto a banda tocava "Fly Me to the Moon".

— Sabe, eu estava falando com um astronauta de verdade — disse Scott. — Será que ele gosta dessa música?

Elena educadamente ignorou sua tentativa desajeitada de conversa fiada. — Você está tendo uma boa noite?

— Claro. — Ele abaixou a voz. — Como está o Kip?

— Acho que ele está focado na festa depois.

— Bem, somos dois.

Ela estudou o rosto dele. — Você gosta dele.

— Eu gosto. Eu... eu *realmente* gosto dele.

— Bom — ela disse. — Porque ele é louco por você. Você precisa entender o quão sem precedentes isso é para ele.

— Você acha que eu vou machucá-lo?

— Não sei. Acabamos de nos conhecer. Convença-me do contrário.

Scott suspirou. Ele não tinha falado com ninguém sobre seus sentimentos por Kip antes. Era bom ter alguém para compartilhá-los, mas também era assustador. — Não consigo explicar, porque não faz sentido o quão rápido eu...

— Apaixonou?

Scott sentiu-se corar. — Sim.

Ela apertou a mão dele. — Você está pedindo muito dele, sabia?

— Eu sei. Não vou prometer mais do que posso dar, mas... darei a ele tudo o que eu puder.

— Em segredo?

— Por agora.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Como eu disse, não vou prometer mais do que posso dar. Mas isso é novo. Acho que, com o tempo, serei capaz de dar mais.

Ela pareceu considerar isso. — Ok.

Scott limpou a garganta. — Você gosta de trabalhar para a Equinox?

— Gosto. Eu consigo fazer o que eu amo, eles me tratam com respeito, e o dinheiro é obsceno.

Scott riu. — Parece meu trabalho.

Quando a música terminou, Elena se inclinou. — Você pode me beijar, se quiser. Se quiser... desviar a atenção.

Ele sorriu, tocado pela oferta, e beijou-a na bochecha. — Obrigado. Mas não farei isso com você.

— Não teria sido uma dificuldade tão grande. — Antes de se separarem, ela disse — Kip é a melhor pessoa que eu conheço. E ele está mais feliz do que eu já o vi ultimamente. Eu o protejo porque eu o amo.

— Eu sei. — Scott queria dizer a ela que o amava também, mas ele nunca tinha dito isso em voz alta antes. Ele nem se permitiu considerar seriamente a possibilidade, mas enquanto ele levava Elena para fora da pista de dança, e viu Kip sentado, relaxado em uma cadeira de pelúcia, observando-os...

O que mais poderia *ser* esse sentimento?

* * *

Scott e Elena estavam deslumbrantes juntos, dançando, e Kip estava com inveja. Ele queria poder ser o único nos braços de Scott. Ele se consolou lembrando que logo seria.

Mas seria legal dançar com ele. Kip não *precisava* que as pessoas soubessem que eles estavam juntos. Ele não estava interessado em se exibir, ou ser exibido. Ele só... queria poder compartilhar tudo com Scott.

Ele os observou saindo da pista de dança. Elena foi imediatamente convidada para dançar por outra pessoa, e Scott desapareceu em uma multidão de pessoas. Kip suspirou. Ele estava ficando entediado. Ele não queria mais beber, e se sentia inadequado demais para se envolver em uma conversa.

Ele estava observando a festa, tentando aproveitar o espetáculo, quando seu telefone tocou.

Scott: *161912*

Kip olhou para o telefone, confuso. Talvez Scott tivesse mandado uma mensagem sem querer do bolso para ele por acidente?

Uma segunda mensagem chegou.

Scott: *Código da porta. Funciona para o elevador também.*

Kip olhou para cima. Scott estava encostado na parede do outro lado da sala enorme, digitando em seu telefone.

Scott: *Te encontro lá. Me mande uma mensagem quando estiver saindo.*

Kip sorriu. Ele estava igualmente animado sobre levar as coisas de volta para a casa de Scott, e tocado que Scott tinha lhe dado seu código de acesso.

Ele respondeu: *Estou indo embora agora. Vou só contar para Elena.*

* * *

Scott estava tentando sair quando Carter o impediu.

— Scotty! Era ela? Era ela? Eu *vi* você, cara! — Ele jogou um braço em volta do pescoço de Scott e o puxou para perto. — Eu vi você! Uma mulher linda pra caralho, Scott! Bom trabalho, meu amigo!

Carter claramente tinha bebido. — Não se preocupe — ele disse em um sussurro que era mais alto do que a voz da maioria das pessoas. — Seu segredo está seguro comigo.

— Uh, claro, obrigado, Carter — Scott disse, puxando seu braço para longe. — Eu estava saindo, então...

— Entendi, cara, eu *entendi.* Ela está saindo em outro carro?

— Hum.

— Eu entendo você. Tenha uma boa noite, Hunter! Uma *boa* noite!

Scott exalou enquanto se afastava. As coisas estavam ficando complicadas.

Seu serviço de carro estava esperando por ele lá embaixo. Ele deixou o silêncio abençoado tomar conta dele quando ficou sozinho no banco de trás.

O motorista o levou para casa.

Capítulo Quatorze

Kip pensou em tirar todas as suas roupas e esperar nu por ele na cama.

Então ele considerou que estava usando um terno muito caro e parecia muito bem. E Scott não tinha dito algo sobre querer despi-lo?

Kip sorriu para o apartamento vazio. Ele manteve as luzes baixas e sentou-se no sofá, admirando a vista do Brooklyn.

Ele teve uma ideia.

Ele sincronizou seu telefone com o estéreo Bluetooth de Scott e colocou uma playlist do Spotify de padrões de jazz romântico. Ele esperou.

Passou-se quase meia hora quando ele ouviu o clique da porta sendo aberta.

Ele se levantou, mas não se moveu em direção à porta. Ele apenas ficou na sala de estar mal iluminada com as luzes da cidade atrás dele. Ele deixaria Scott ir até ele.

— Kip? — Scott falou em voz baixa.

Kip não respondeu. Ele apoiou o quadril na lateral da alta unidade de entretenimento que abrigava a televisão de Scott e cruzou os braços enquanto Frank Sinatra cantava "I've Got You Under My Skin".

Scott entrou na sala. — Kip. Oh meu Deus. — Ele caminhou até ele como se fosse o primeiro copo de água que Scott tomava em dias.

Kip esperava ser jogado contra uma parede e beijado agressivamente. Ele esperava ser punido por excitar Scott na festa. Em vez disso, Scott colocou uma mão gentil no rosto de Kip e pareceu apenas absorvê-lo por um momento. Havia uma urgência nos olhos de Scott, mas quando ele finalmente se inclinou e beijou Kip, foi lento e deliberado. Não era uma

conversa; era Scott dizendo a ele algo importante e se certificando de que Kip estava ouvindo.

Quando seus lábios se separaram, Kip sentiu-se mole. — Uau — ele falou.

— Eu estava querendo fazer isso a noite toda — disse Scott. Sua voz estava rouca e ele estava olhando para Kip como se não pudesse acreditar que ele era real, sua testa franzida e seu rosto quase dolorido.

— Ei — Kip disse, e o beijou. Ele descansou uma mão contra o peito de Scott, sobre a lapela de seu paletó, e deixou sua língua explorar sua boca, sem pressa e reverente.

Eles se beijaram por um longo tempo daquele jeito, com Kip pressionado contra a unidade de entretenimento, nunca aumentando. Etta James começou a cantar "At Last."

— Você quer dançar? — ele perguntou.

— Um pouco exagerado, não acha? — Scott perguntou, apontando para o aparelho de som.

Kip sorriu. — Vamos, me mostre o que Elena te ensinou.

Scott balançou a cabeça, mas pegou a mão de Kip e o levou para o meio da sala. Ele colocou a outra mão na parte inferior das costas de Kip, e Kip sorriu e deixou Scott liderar. Ele envolveu seu braço livre ao redor dele, deslizando sua mão pela espinha e pousando seus dedos nos pelos curtos no topo do pescoço de Scott.

Scott era um dançarino desajeitado, mas Kip não se importou. Ele descansou a cabeça no ombro de Scott e suspirou feliz.

— Gostaria de ter dançado com você lá — disse Scott.

— Está tudo bem.

— Não está. Eu queria te exibir. O homem mais lindo da sala estava comigo *e* eu não podia nem contar a ninguém.

Kip sorriu. — Não pensei que você fosse alguém para se gabar.

GAME CHANGER

— Eu não sou. Eu só...

— Gostaria de sair com você.

Scott engoliu em seco. — Onde você me levaria?

Kip considerou. — Uma boate — ele disse finalmente. — Nós apenas nos perderíamos na música. Eu adoraria ver isso, você se soltando assim. Em público. Deixando um ao outro todo agitado e depois indo para casa.

— Deus — Scott disse. — Eu gostaria disso. Nunca fui a uma boate gay. Não em Nova York, pelo menos.

— Eu conheço algumas boas. Algum dia, talvez.

— Algum dia.

Eles dançaram, e Kip se deixou levar. Ele absorveu o romance do momento, de estar envolto em Scott, o tecido luxuoso de seu smoking sob suas mãos. Do leve aroma de quaisquer produtos de higiene que ele tivesse usado. Das luzes da cidade ao redor deles enquanto eles se apertavam o mais perto que podiam um do outro, enquanto suas cabeças nadavam com cenários imaginados de estarem juntos fora das paredes seguras deste apartamento.

Eles dançaram, e Kip virou a cabeça para poder raspar beijos ao longo do maxilar afiado de Scott. Manter a boca ocupada o impediu de soltar declarações que eram vergonhosamente prematuras.

Os dedos de Scott batiam levemente na parte inferior das costas de Kip, e Kip se perguntou se Scott se sentia como ele: cheio demais de *sentimentos.* Cheio de palavras que ele não conseguia imaginar dizendo em voz alta. Seus próprios dedos tremiam um pouco, então ele os enrolou no cabelo de Scott.

Scott disse: — Quero ir a todos os lugares com você.

E Kip podia ouvir a tristeza no jeito que Scott disse isso. Ele podia ouvir o não dito, *Mas eu não posso.* Mas Kip iria ignorar isso. Esta noite, ele iria ignorar isso.

* * *

Scott ficou impressionado.

De alguma forma, dançar completamente vestido em sua sala de estar era a experiência mais romântica de sua vida. Ele amava ter Kip em seus braços, em sua casa, vestindo *seu* terno. Seus sentidos estavam *cheios* de Kip.

Quando a música terminou, Scott deu um passo para trás porque precisava olhar para ele. Ele tinha que ter certeza de que esse homem maravilhoso estava realmente *aqui.* Que ele era realmente seu namorado.

Kip sorriu timidamente para ele, e Scott ficou momentaneamente paralisado.

— O que foi? — Kip perguntou, quase num sussurro.

Scott balançou a cabeça. — Às vezes eu... — Ele exalou, tentando desacelerar as batidas do seu coração. — Não acredito que você é real.

Assim que as palavras saíram, ele corou. *Que coisa estúpida de se dizer!*

Mas Kip apenas riu e colocou a mão no peito de Scott, sobre seu coração acelerado, e disse: — Eu continuo pensando que vou acordar.

A garganta de Scott apertou, e seu coração bateu impossivelmente mais rápido. Ele inclinou a cabeça de Kip para cima com um dedo gentil e o beijou. Foi apenas um roçar suave de seus lábios contra os de Kip, mas isso o fez estremecer.

O que há de errado comigo? Ele se sentiu sobrecarregado, como se seu corpo estivesse hospedando algo enorme e selvagem, e isso estivesse batendo contra suas costelas, desesperado para sair.

Ele enroscou uma mão no cabelo de Kip e curvou a outra em volta do seu quadril. Kip agarrou suas lapelas, puxando-o para mais perto e abrindo a boca para beijá-lo adequadamente. O calor úmido da boca de Kip e a pressão urgente de seu corpo contra o de Scott o trouxeram de volta à terra. Isso era real. Kip era real. E Scott precisava tirá-lo daquele terno.

GAME CHANGER

Depois de ser beijado profundamente a ponto de quase morrer, Scott estendeu a mão para o botão do paletó de Kip. Ele o desfez e deslizou as mãos para baixo dos ombros para deslizar o paletó para baixo e tirá-lo, deixando-o cair no chão atrás dele.

— Quase odeio fazer isso — ele disse em voz baixa. — Você está tão bonito. Mas meus planos para o resto da noite não incluem roupas.

Kip lhe deu um daqueles sorrisos devastadores, e Scott abriu sua gravata borboleta. As pontas se desenrolaram e caíram na frente de Kip. Scott as puxou levemente antes de desfazer o botão de cima da camisa. Ele desfez mais dois, deixando a gola aberta, expondo o pescoço de Kip e a parte de cima de sua camiseta. As pontas dos dedos dele passaram pela garganta de Kip, roçando seu pomo de adão e fazendo-o respirar fundo.

Nina Simone cantou "I Put a Spell on You".

Scott desabotoou o resto da camisa de Kip e a deixou aberta. O peito de Kip subia e descia, e ele olhou avidamente para Scott, mas não disse nada. Scott pegou sua mão esquerda e puxou seu braço para frente. Ele desabotoou a abotoadura e levou o pulso de Kip à boca, beijando a pele sensível e sentindo o pulso de Kip acelerar nas veias logo abaixo. Ele fez o mesmo com o outro pulso, então enfiou as duas abotoaduras no bolso de Kip. Isso fez Kip sorrir.

Scott o considerou por um momento.

— Tire os sapatos — ele disse. — E as meias.

Scott deu um passo para trás enquanto Kip seguia suas instruções. Era tão fácil mudar para esse papel autoritário, para cobrir seu nervosismo com um tom firme e frio. E, Deus, a maneira como Kip o obedecia tão prontamente. Isso fez a cabeça de Scott girar.

Quando Kip terminou, ele se levantou, descalço, com a calça ainda abotoada, a camisa social aberta para revelar sua camiseta branca por baixo.

O próprio smoking de Scott estava completamente intacto, e Scott amava o desequilíbrio disso.

O corte fino da calça de Kip não foi capaz de esconder a protuberância que se formou quando Scott o despiu. Scott ignorou. Por enquanto. Em vez disso, ele deslizou a camisa social para o chão, deixando-a se juntar ao paletó.

Ele passou as mãos pelos lados de Kip, deslizando os dedos para dentro do cós da calça apenas o suficiente para puxar a bainha da camiseta para fora. Ele a empurrou para cima, lentamente, deslizando as palmas das mãos sobre a pele macia do estômago de Kip. Kip esticou os braços para cima para que Scott pudesse tirar a camisa pela cabeça.

Quando a camisa foi tirada, Scott prendeu os pulsos de Kip juntos com uma mão, mantendo os braços estendidos sobre a cabeça. Os olhos de Kip se fecharam e Scott esmagou suas bocas. Ele o beijou desordenadamente, suas bocas deslizando uma contra a outra até que ele soltou os pulsos de Kip e deu um passo para trás.

A respiração de Kip estava pesada, e seus olhos estavam escuros. Ele parecia querer dizer algo, mas não queria quebrar o silêncio deliciosamente tenso que eles tinham criado. Em vez disso, ele mordeu o lábio inferior e esperou.

Scott sorriu para si mesmo enquanto andava em volta de Kip até que ele ficou em suas costas. Ele chutou as roupas descartadas que estavam reunidas ali para o lado e beijou o pescoço de Kip. Kip gemeu e inclinou a cabeça para descansar no ombro de Scott. Ele estendeu o braço para trás para enganchar o pescoço de Scott, e Scott envolveu um braço possessivamente em volta do peito dele. Com a mão livre, Kip agarrou-a, pressionando-a contra si mesmo.

— Kip... — Scott soprou contra sua pele, acabando com o silêncio. Ele não conseguiu se conter. Ele se sentiu bêbado.

Ele pressionou a virilha na bunda de Kip para poder sentir o quão excitado Scott estava agora.

— Foda. Por favor — Kip arfou.

Kip agarrou a mão de Scott e a levou até sua virilha, e Scott gemeu, amando o quão ansioso Kip estava.

— Não se preocupe — ele sussurrou no ouvido de Kip. — Eu vou te dar tudo o que você quer.

Kip estremeceu e Scott lentamente puxou o zíper de sua calça para baixo sobre sua ereção tensa. Assim que ele abriu a calça, Scott moveu suas mãos para os quadris de Kip. Kip gemeu de frustração, mas Scott o ignorou, em vez disso, mergulhou seus dedos no cós frouxo e deslizou a calça para o chão. Kip saiu dela e se virou, seu pau totalmente duro e preso pelo tecido de sua cueca preta, a ponta dele quase aparecendo do cós.

Scott mordeu o lábio, sentindo-se sobrecarregado mais uma vez. Havia palavras que ele queria dizer, mas ainda não. Não quando ambos estavam selvagens de luxúria.

Em vez disso, ele tirou o paletó e os sapatos. Ele desamarrou a gravata borboleta e tirou as abotoaduras. Ele tirou tudo, deixando Kip assistir. Ele não fez um show, apenas tirou cada item lenta e cuidadosamente. Quando ele estava só de cueca, ele deu um passo à frente e o beijou.

Assim que suas bocas se juntaram, Scott perdeu a habilidade de agir com calma. Ele se enrolou em volta de Kip, querendo-o em todos os lugares, e Kip respondeu enfiando as mãos na parte de trás da cueca de Scott, agarrando sua bunda. O beijo deles rapidamente se tornou selvagem e faminto, e Scott não conseguia mais esperar. Tinha sido uma noite inteira de provocação, e ele precisava que acabasse. Ele precisava estar dentro dele.

Em um movimento que surpreendeu a ambos, Scott ergueu Kip do chão, segurando-o firmemente enquanto Kip envolvia pernas fortes ao redor dele.

GAME CHANGER

Scott o carregou para o quarto dessa forma, como se Kip tivesse metade do tamanho que ele realmente tinha.

Quando chegaram ao quarto, Scott jogou Kip na cama e foi para cima dele imediatamente. Ele puxou os braços de Kip sobre sua cabeça e prendeu seus pulsos com uma mão, então voltou a beijá-lo sem sentido.

— Oh, porra, Scott — Kip arfou. — Sim.

Scott queria *tanto.* Ele queria que eles tivessem tempo infinito. Que eles nunca precisassem dormir. Deus, amanhã ele iria embora por uma porra de uma *semana.* Ele precisava provar até se fartar agora.

— Por favor, me foda — Kip disse em voz baixa. — Por favor. Eu sei que falamos sobre você montando em mim, e eu quero isso, mas, meu Deus, eu *preciso* que você me foda. O jeito que você ficou me olhando a noite toda, me despindo... Porra, *por favor.*

— Eu vou — Scott prometeu. — Eu quero isso. Acredite em mim.

Ele rapidamente tirou sua própria cueca. Ele estava prestes a pegar o lubrificante e as camisinhas na mesa de cabeceira, quando Kip agarrou seu pulso.

— Deixe-me chupar você. Por favor. Vem cá.

Scott gemeu e se moveu para cima, de modo que ele estava praticamente montado no rosto de Kip, e seu lindo e guloso namorado não perdeu tempo em levar seu pau na boca. Kip gemeu feliz em volta de seu pau, e seus olhos se fecharam.

— Jesus, Kip.

Kip provocou o pau de Scott com a língua, deixando-a deslizar lenta e preguiçosamente ao redor da cabeça, e mergulhando o mais fundo possível no eixo daquele ângulo. Era uma sensação incrível. Scott ouviu o clique de uma tampa de garrafa e percebeu que Kip estava usando dedos escorregadios para se abrir embaixo dele.

O rosto de Kip estava tão feliz. Ele estava lambendo e chupando Scott alegremente enquanto se fodia em seus próprios dedos.

— Deus, você ama isso, não é? — Scott disse asperamente.

Kip respondeu com um olhar ardente e pressionou a língua na fenda de Scott.

Scott estava se sentindo perigosamente bem, calor e tensão já aumentando abaixo. Ele precisava seguir em frente.

Ele saiu da boca de Kip e se moveu para poder ver seus dedos trabalhando. Porra, ele poderia assistir Kip se tocando para sempre. Ele parecia tão lindo fazendo isso. Scott considerou o pau de Kip, que ainda não tinha sido tocado. Ele balançava excitadamente, como se esperasse por atenção.

— Deus, olhe para você — disse Scott.

— Quero você... Quero seu pau...

— Quantos dedos? — Ele não tinha ideia de onde vinha essa ousadia.

— D-dois.

— Mais um — Scott instruiu.

Kip choramingou um pouco e acrescentou um terceiro dedo. Ele se contorceu enquanto se abria.

— Você está pronto para mim?

— Sim. Porra. Sim. Vamos lá.

Scott colocou uma camisinha e considerou seu próximo movimento enquanto lambia seu pau. Ele tinha pensado em colocar Kip de quatro para poder apenas empurrar nele por trás, mas sinceramente ele queria ver seu rosto. Ele queria vê-lo gozar.

Kip removeu os dedos e Scott não perdeu tempo. Ele puxou os quadris de Kip para cima e empurrou nele, enterrando-se profundamente em uma

estocada. Kip gritou e Scott berrou, mas quando teve certeza de que Kip não estava ferido, ele o fodeu com força e rapidez.

O pré-gozo já estava se formando na fenda do pau de Kip. Scott ainda não o havia tocado ali. Mal tinha a noite toda.

— Oh, Scott. Isso é perfeito. *Merda.*

— Você está... Porra, olha só para você. Eu nem toquei em você.

— Eu sei. Eu sei. Continue.

Os olhos de Kip continuaram revirando; ele parecia completamente perdido, e, naquele momento, Scott estava determinado a fazê-lo gozar primeiro. Ele queria ver se conseguia fazer isso, sem tocar em seu pau. Sem deixar Kip ter qualquer atrito ali.

— Você consegue? — Scott disse. — Você vai gozar por mim?

— Porra. Acho que sim. Sim.

— Deus, sério? Merda, vamos lá. Por favor.

— Estou perto. Só... não pare.

Scott bombeou os quadris com mais força, tratando isso como um desafio. — Assim que você gozar, eu vou gozar — ele disse, em parte como incentivo, e em parte apenas afirmando um fato.

— Ah. — Kip apertou os lençóis da cama em seus punhos. Seus olhos se apertaram fortemente, seus dentes cerrados.

— Você vai? Oh, porra, Kip, olha só você. Você vai, não é?

— Sim! — ele rangeu os dentes. — Porra... *porra...*

Kip gritou, seus olhos se arregalando enquanto ele gozava todo em si mesmo. Ele esguichou sem parar enquanto ambos assistiam, espantados. Então Scott, como prometido, rosnou e gozou dentro de Kip, o alívio o atingindo em todos os lugares ao mesmo tempo.

Scott o beijou e beijou, depois os rolou para que Kip pudesse deitar-se em cima dele, e então o beijou um pouco mais.

Kip se levantou para montar no estômago de Scott. — Isso foi incrível.

— Realmente foi — disse Scott. — Eu...

— É uma e meia — Kip disse, sorrindo e acariciando o cabelo de Scott. — Provavelmente podemos fazer outra rodada hoje à noite, você não acha?

— Sim. — Scott sorriu. Ele olhou para Kip, e ele sabia. Ele sabia com certeza.

Scott Hunter estava apaixonado.

Capítulo Quinze

Kip se sentou na cama de Scott e o observou fazendo as malas para sua viagem. Ele estava usando seu próprio jeans e um dos moletons do Scott do New York Admirals. Era grande demais para ele, mas ele adorava usá-lo.

— Posso ficar com isso? — ele perguntou, puxando as tiras do moletom. — Enquanto você estiver fora?

— Claro — Scott disse, jogando algumas roupas íntimas em sua mala. — Contanto que você pense em mim enquanto estiver usando.

— Pensarei em você, não importa o que eu esteja vestindo.

Scott sorriu e o beijou. Ele precisaria sair às duas da tarde para pegar o ônibus do time para o aeroporto. Isso só daria a eles mais algumas horas juntos antes de ficarem separados por nove dias.

— Eu estava pensando — disse Scott — que talvez você pudesse ficar aqui enquanto eu estiver fora.

Kip não esperava por isso. Ele não sabia o que dizer.

— Não o tempo todo, se você não quiser — Scott disse rapidamente. — Quero dizer, você não precisa fazer isso, obviamente. Eu só pensei...

— Sério? Você quer que eu faça isso?

— Sim. Quero. Gosto da ideia de você estar aqui enquanto eu estiver fora. Pelo menos às vezes. Além disso, seria mais fácil para você ir trabalhar, certo?

O que Scott foi educado o suficiente para não dizer foi que este apartamento era um lugar para adultos morarem, e não a casa dos pais de Kip.

— Se você tem certeza de que não se importa, sim. Seria ótimo — disse Kip.

— Eu não me importo. Posso pensar em você dormindo na minha cama enquanto estou em algum quarto de hotel solitário.

— Você terá seu colega de quarto — Kip ressaltou.

— Não é o mesmo.

— E se você ficar sem um colega de quarto, nós poderíamos...

Scott sorriu. — Acredite em mim, eu vou ligar para você. Sempre que eu tiver oportunidade.

Ele levantou as meias azuis que Kip lhe dera no Dia dos Namorados e as colocou na mala. Kip sorriu.

— Então — Scott disse — estou de volta na segunda-feira. E estarei na cidade por uma semana depois disso. Como devemos comemorar meu retorno?

— Bem... — Kip disse — eu meio que tenho planos para aquela noite.

— Oh.

— É, quer dizer, não é grande coisa, mas... essa segunda-feira é meu aniversário. Só vou sair com alguns amigos para beber ou algo assim. Mas depois disso nós poderíamos...

Scott congelou. — É seu *aniversário?*

— É, mas está tudo bem. Vinte e seis não é exatamente um marco. E, além disso, por que você saberia quando é meu aniversário?

— Porque eu deveria ter *perguntado!*

— Bem... você pode se lembrar disso no ano que vem. — Kip percebeu enquanto dizia o que suas palavras implicavam. Ele olhou timidamente para Scott, mas Scott apenas reagiu com um sorriso feliz de partir o coração.

— Eu vou — ele disse.

Kip corou um pouco. Ele brincou com as tiras do moletom, tentando se distrair de todos esses *sentimentos malditos.*

Ele estava apaixonado. Não havia dúvida. Ele estava perdidamente apaixonado por Scott Hunter. Era absurdo, mas era real.

— Então — ele disse, vacilante — para onde essa viagem vai te levar?

Scott suspirou. — Muitos lugares. Columbus primeiro. Depois Detroit, Toronto, Winnipeg, Ottawa e Montreal. Voos curtos, pelo menos.

— É? Isso é bom — disse Kip. Então, sem nenhuma razão em particular, ele acrescentou: — Eu nunca andei de avião.

— Sério?

— Estou falando sério. Nunca tive para onde ir, na verdade.

— Oh, Kip! E você estudou história... há tanta coisa que você deveria ver!

Kip deu de ombros. — Imagino que um dia eu vou fazer isso.

— Eu adoraria te levar a algum lugar — disse Scott.

— O quê, tipo, Winnipeg? Ou Detroit?

— Tudo bem, vá se foder.

— Sim, senhor.

Então Scott estava sobre ele. Ele derrubou Kip para trás no colchão e o cobriu, tudo em um movimento rápido. — Você está zombando de mim, Grady?

— Claro que não. — Kip sorriu. — *Hunter.*

Scott rosnou e o beijou, feroz e desafiador. — Vou sentir sua falta. Tanto. Pra. Caralho. — Ele moveu a boca pelo pescoço de Kip, os dentes raspando.

— Me dê algo — Kip gaguejou. — Me dê algo para me lembrar de você.

Scott respirou fundo e pressionou seu pau endurecido no quadril de Kip. Então ele selou sua boca na carne macia logo acima da clavícula de Kip e

chupou forte. Kip se contorceu feliz sob o peso de Scott enquanto ele o segurava e o marcava.

Scott se afastou lentamente, admirando seu trabalho. — Isso deve durar — ele disse. — Talvez até eu voltar.

— Espero que sim — disse Kip fracamente.

Scott passou o polegar sobre a marca. Seus olhos estavam selvagens de luxúria.

— Para que temos tempo? — perguntou Kip.

— Qualquer coisa. Porra, deixa eu... eu não sei.

— Deixe-me te foder. Eu sei que você não quer nenhuma marca, mas eu posso fazer você me sentir, pelo menos por um tempo.

— Sim. *Porra,* sim. Mas assim mesmo. Eu em cima de você.

— Finalmente, porra. — Kip sorriu.

Scott arrancou todas as suas roupas em um redemoinho frenético. Kip tirou o moletom e a camiseta juntos, então tirou as calças e a cueca. Eles estavam nus em segundos, e Scott já tinha pegado o lubrificante.

Eles não tinham muito tempo para preliminares, então Scott se preparou o mais rápido possível. Ele jogou o lubrificante e uma camisinha para Kip.

Kip se lambuzou, gemendo um pouco enquanto se acariciava lentamente. Quando Scott se abaixou sobre seu pau, foi tão bom pra caralho. Ele ainda estava tão apertado, e Kip podia ver em seu rosto que estava doendo um pouco, mas Scott afundou cuidadosamente até que Kip estivesse bem fundo dentro dele.

Ele ficou ali sentado por um momento, o que deu a Kip a chance de admirá-lo. Ele era todo músculos esculpidos e cicatrizes de batalha desbotadas. Coxas grossas, abdômen profundo e peitorais enormes e sólidos. Suas mãos grandes acariciavam o próprio peito de Kip, os dedos traçando os pelos do peito.

GAME CHANGER

— Você é tão lindo — disse Scott, com a voz baixa e reverente.

— Você é perfeito — Kip falou. Ele passou os dedos pela bochecha de Scott. — Irreal. Todo você. Não acredito na sorte que tenho.

Scott sorriu e começou a se mover, se levantando e empurrando de volta para baixo. Os dois gritaram, e Kip sorriu para ele porque isso era foda.

Ele apenas curtiu o show, observando todos aqueles músculos saltando em seu pau. Observando o rosto de Scott se contorcer e relaxar, o suor se formando na pele corada. E Scott estava montando nele com tanta força, tão implacavelmente, que Kip podia sentir-se correndo para a linha de chegada sem fazer nada.

O pau de Scott quicou na frente dele, enorme e duro. Kip estendeu a mão para pegá-lo, as mãos ainda escorregadias do lubrificante que ele usou em si mesmo.

— Simmm... — Scott sibilou.

Kip empurrou, forte e rápido para acompanhar o ritmo de Scott. Scott jogou a cabeça para trás e plantou uma mão firmemente no meio do peito de Kip. — Oh meu Deus. Oh meu *Deus,* Kip! Eu vou... Porra, estou perto...

— Eu também. Estou bem ali, Scott. Eu estou... Vamos, querido. Me dá.

Scott gritou, e um segundo depois Kip estava sendo banhado em sua liberação. Scott cerrou e agitou-se em torno de seu pau, e foi isso para Kip. Ele gozou dentro dele com um grito silencioso, tão forte que seus ouvidos pareciam que iriam estourar.

— Kip... — Scott arfou. — Porra. Puta merda...

Kip estava ofegante na cama, tentando voltar a si. — É. É, Scott. Vem cá.

Scott se afastou dele e caiu ao lado dele na cama. Kip agarrou seu rosto e o beijou alegremente. Ele não conseguia parar de sorrir. Ele se sentia desequilibrado. Ele se sentia... como um homem que estava muito apaixonado.

Scott passou os dedos sobre a marca que ele fez na pele de Kip na base do pescoço. — Foi demais? — ele perguntou. — É maior do que eu pensei que seria...

— Não — Kip disse, cobrindo a mão. — Está perfeito. Obrigado.

— Você nem viu ainda — disse Scott carinhosamente.

— Eu não me importo. Eu amo isso. — *Eu* te amo.

Scott o beijou novamente e então suspirou. — Preciso terminar de fazer as malas.

— Você não pode ligar dizendo que está doente? — Kip provocou.

— Sim, sim. Tudo bem, Grady.

Ele rolou para fora da cama e foi para o banheiro, deixando Kip sozinho para encarar o teto. Antes de Scott partir por nove dias, Kip deveria apenas... dizer a ele como se sentia?

Ele balançou a cabeça. E se fosse demais? *Tinha* que ser demais, certo? Se ele dissesse a Scott que estava apaixonado por ele agora, Scott teria uma semana longe dele para pensar em quão estranho isso era. Kip conseguia imaginar Scott retornando de sua viagem para lhe dizer que não daria certo entre eles. Era devastadoramente realista em sua mente.

Não valeria a pena, porra.

Ele trocou de lugar com Scott no banheiro e se limpou. Ele inspecionou a marca que Scott havia deixado nele. Scott não estava brincando sobre o quão grande ela era, mas Kip estava muito feliz com ela.

Ele voltou para o quarto, onde Scott já estava vestindo a maior parte de um terno cinza chamativo.

— Eu realmente aprecio o código de vestimenta da NHL para viagens do time — disse Kip, admirando a maneira como a alfaiataria perfeita realçava os ombros largos e a cintura fina de Scott.

— Isso faz um de nós — Scott resmungou. Ele deu um nó Windsor com a facilidade de alguém que já o fizera inúmeras vezes desde a infância.

Enquanto Kip pegava sua cueca do chão, Scott disse: — Você disse ontem à noite que conhece algumas casas noturnas boas.

— Sim — Kip disse. Scott havia dito mais uma vez algo que ele não esperava de jeito nenhum. — Eu espero.

— Eu estava pensando. Você...vai a boates com frequência?

— Não, não realmente. Não por um tempo agora.

Scott pareceu relaxar um pouco, o que foi estranho. — Ah. Certo. Não é nada, de qualquer forma. Esqueça que eu disse qualquer coisa.

— Scott — Kip disse. — Você está tentando me perguntar se eu tenho ficado com outros caras enquanto nós estávamos...?

— Não! — Scott disse, rápido demais. — Quero dizer. Acho que sim. Mas não porque... eu não vou te dizer para não fazer. Eu sei que nem sempre estou disponível.

— Scott — Kip disse novamente. Ele andou até atrás dele e envolveu seus braços ao redor do peito ridículo de Scott.

— Sinto muito — disse Scott. — Não estou... com ciúmes. Eu só... não sei como essas coisas funcionam.

— Não há regras — disse Kip. — A menos que estabeleçamos algumas. Mas eu não preciso de nenhuma.

— OK.

— Não fiquei com ninguém desde que nos conhecemos. Só para registrar.

— Nem eu.

Kip riu. — É, sem brincadeira.

Scott riu também, então se virou e beijou Kip.

— Você é o suficiente para mim — disse Kip. — Mais do que o suficiente. Não tenho problema em esperar por você.

— Sei que é idiota, mas estou muito feliz em ouvir isso — disse Scott.

— Não é idiota. E para ser honesto, acho que estou desenvolvendo um vício em sexo de reencontro.

Kip deixou Scott terminar de arrumar as malas enquanto ele se vestia. Às cinco para as duas, Scott estava dando um beijo de despedida em Kip na porta.

— Mande mensagem quando quiser — disse Scott — e eu ligo sempre que puder. Vídeo. Vou levar meu iPad. Podemos usar o Skype. Talvez até...

— Sim. Eu gostaria disso. — Kip o puxou para outro beijo. Era tão difícil deixá-lo ir. Mais difícil do que tinha sido antes.

— Ok — Scott disse finalmente, pegando sua mala. — Vejo você. Nove dias.

— Nove dias.

— Tchau.

— Tchau.

Scott saiu rapidamente antes que qualquer um deles pudesse alcançar o outro novamente. Kip soltou um suspiro e se recostou na parede. Lágrimas de verdade pinicavam seus olhos, o que era constrangedor. Não era como se Scott estivesse indo para a *guerra.*

Ele ficou surpreso quando, alguns minutos depois, a porta clicou e abriu. Scott entrou, parecendo um pouco perdido.

— Eu, uh — ele começou. Seu rosto era pura angústia. Ele não tinha sua mala. Ele deve ter ido até o carro e voltado. — Eu estava pensando... Aviões, sabe? E qualquer coisa pode acontecer...

— Scott?

— Eu te amo — ele disse. — Eu só queria dizer isso. Antes de ir embora.

O queixo de Kip caiu no chão.

— Eu não espero que você, sabe, diga isso também ou algo assim. Eu sei que provavelmente é uma coisa ridícula de se dizer ou sentir agora, mas eu estou apaixonado por você. E eu queria que você soubesse disso.

As lágrimas que estavam formigando agora *inundavam* os olhos de Kip. Ele não estava mais envergonhado por elas.

— Kip?

Kip apertou os lábios e balançou a cabeça, tentando se recompor. — Desculpe — ele disse, finalmente. — Eu só... eu pensei que eu era o único que se sentia assim.

O rosto de Scott se iluminou. Toda a agonia se foi instantaneamente.

— Você não é. — Ele fechou a distância entre eles e segurou o rosto de Kip, enxugando as lágrimas com os polegares. Os olhos de Scott também estavam molhados.

— Eu queria te contar — disse Kip.

— Diga-me agora.

— Eu te amo. Scott, eu estou... *completamente* apaixonado por você.

Scott sorriu e o beijou, ainda segurando seu rosto. Kip levantou a mão e fez o mesmo.

— Porra — Scott falou. — Agora eu realmente *tenho* que ir.

— Eu sei.

— Ainda bem que te contei.

— Eu também estou feliz.

— Mas é muito difícil ir embora agora.

Kip fungou. — É.

Scott o beijou mais uma vez. — Eu te ligo — ele disse enquanto voltava para a porta. — Hoje à noite. Eu te amo.

Kip riu choroso. — Eu também te amo. Vá ganhar seis jogos de hóquei.

— Entendido.

E com isso, ele se foi. Mas dessa vez, quando Kip se recostou na parede, ele estava sorrindo de orelha a orelha.

* * *

Scott decidiu sentar-se com seu mais novo companheiro de time, Matti Jalo, durante o voo para Columbus. Mesmo com os assentos de couro extralargos em seu avião particular, era apertado encaixar seu próprio corpo grande ao lado do corpo enorme de Jalo. Não ajudou seu nível de conforto que sua bunda ainda estivesse dolorida de se foder em Kip mais cedo naquela tarde.

Não que ele se importasse.

Carter estava sentado do outro lado do corredor. — Sabe como eu chamo essa viagem? Viagem de merda. Seis jogos em oito dias e todos eles em cidades frias e miseráveis.

— O frio não me incomoda — Jalo disse alegremente. — Eu sou finlandês. Gelo corre em nossas veias!

— Parece que tem muito gelo naqueles bíceps, filho — disse Carter.

Jalo riu. — De onde você é, Carter? Que você tem medo do frio?

— Eu não tenho medo de nada. Eu sou de todos os lugares. Pulei por aí, sabe? Família militar. Mas passei muitos anos em Dakota do Norte. É por isso que sou um irmão que joga hóquei.

Jalo sorriu, talvez entendendo o que Carter estava dizendo.

— Vocês ao menos têm negros na Finlândia? — perguntou Carter.

— Sim — disse Jalo. — Você não foi à Finlândia?

— Não tive o prazer. É como a Suécia? Já estive na Suécia.

— Não — disse Jalo, repentinamente sério.

Carter riu.

— Então, acho que há uma certa rivalidade? — perguntou Scott.

Jalo olhou para ele duramente. — A Finlândia é melhor que a Suécia.

Scott levantou as mãos em sinal de rendição. — Entendi.

O voo foi curto, o que foi bom, dado o quão desconfortável Scott estava espremido entre Jalo e a janela. A verdade era que ele normalmente não se importaria em ser pressionado contra todos aqueles músculos. Jalo era, em uma palavra, incrivelmente gostoso. Mais alto que Scott em pelo menos alguns centímetros, e provavelmente o superando em uns vinte quilos de músculos, com olhos azuis penetrantes, cabelo loiro-claro que ele usava penteado para trás do rosto e uma barba por fazer sempre presente. Ele era definitivamente uma fantasia ambulante.

Mas a mente de Scott não estava no pedaço que ocupava o assento ao lado dele; estava no namorado secreto que ele havia deixado para trás. O namorado secreto que ele *amava.*

Ele sorriu para si mesmo. Não conseguia acreditar que tinha realmente *dito isso.* E que Kip tinha dito de volta! Scott sentiu-se tonto e completamente vertiginoso.

O time estava programado para se encontrar no restaurante do hotel para jantar assim que fizessem o check-in em seus quartos. Scott ficaria no quarto com Jalo esta noite, então Jalo ficaria no quarto com seu novo companheiro de linha de defesa pelo resto da viagem.

Os ânimos estavam altos enquanto o time desfrutava de uma refeição juntos. Todos estavam animados por ter um defensor superstar como Jalo a bordo. Ajudou o fato de Jalo ser muito divertido. Ele era jovial e barulhento e adorava contar histórias com sua voz estrondosa e seu sotaque finlandês cadenciado. Ele gostava de beber cerveja e pagar rodadas (embora Scott tenha se certificado de que haveria apenas duas rodadas esta noite, já que

eles tinham um treino de manhã). Scott gostava dele. Todos gostavam dele. Ele era o oposto de Zullo em praticamente todos os sentidos.

Quando a refeição terminou, Jalo obviamente não tinha pressa de retornar ao quarto. Em vez disso, ele manteve a corte com um grupo de jogadores mais jovens, que estavam pendurados, fascinados, em cada palavra sua.

— Vou subir — disse Scott. — Não deixe esses caras ficarem acordados até tarde. — Ele disse isso em um tom de provocação, para não soar como um pai. Mas ele sabia seu papel neste time. Ele não era Jalo. Ele era o chato e responsável.

O chato e responsável que ia ligar para o *namorado* agora mesmo!

Scott tinha apertado o *botão de chamada* no seu telefone antes mesmo que a porta do quarto do hotel tivesse se fechado atrás dele. Eram quase dez horas.

— Ei — Kip disse quando respondeu. Sua voz era baixa.

— Você está na minha casa?

— Não, estou em casa. Vou ficar aqui esta noite. Talvez na sua casa amanhã à noite.

— Seus pais vão... Eles vão ficar se perguntando onde você está?

— Você está perguntando se eu contei a eles sobre nós?

— Não!

— Não. Mas sou um homem adulto e eles provavelmente podem adivinhar porque não volto para casa algumas noites.

— Certo. Sim.

— Ei — Kip disse timidamente. — Eu te amo.

Scott sorriu e sentou-se na cama, qualquer tensão que ele havia adquirido naquele dia o deixando. — Eu também te amo. Eu nunca disse isso a ninguém antes. Além da minha mãe.

— Eu também não. Exceto Elena às vezes, mas isso é diferente.

— É bom dizer isso a você.

— Sim — disse Kip. — É.

Scott sorriu estupidamente para o telefone e imaginou Kip fazendo a mesma coisa.

— Então... — Kip disse. — Como está Jalo?

— Jalo é ótimo. Todo mundo o ama.

— Aposto que sim. Eu o vi sendo entrevistado na ESPN. Ele é meio doido e gostoso.

— Confidencialmente? Sim. Ele é.

Kip riu. — Estou com muita inveja do seu trabalho. Só ficar em vestiários com homens sarados e suados.

— Bem, você não vai gostar disso: Jalo é meu colega de quarto hoje à noite.

— Ok, agora estou realmente com ciúmes.

— Você não tem nada do que ter ciúmes.

— Talvez eu devesse pegar um voo para Columbus. Ver se você e Jalo querem fazer um sanduíche de mim.

— Meu Deus. Kip, pare. — Scott estava ficando vermelho como uma beterraba em seu quarto de hotel. Jalo era seu *companheiro de time!* E agora ele estava imaginando os três...

— Jesus — Kip disse. — Agora é só nisso que consigo pensar. Talvez eu tenha que encerrar essa ligação. A menos que você...

— Não. Ele vai voltar a qualquer minuto. Não posso. Não esta noite.

— Você é quem perde — disse Kip em voz baixa, mas que foi direto ao pau de Scott.

— Pare com isso — disse Scott. — Logo. Eu prometo.

— Eu assistirei ao jogo amanhã à noite. Me ligue depois?

— Vou pegar um avião para Detroit imediatamente depois do jogo. Mas o jogo de Detroit é à tarde. Posso te ligar depois disso.

— Que espera longa — suspirou Kip.

— Eu te mando uma mensagem amanhã.

— Já estou com saudades. Me mande uma foto depois que desligarmos, ok?

— Tudo bem. Você também.

Eles se despediram e desligaram. Scott tirou uma selfie rápida de si mesmo deitado na cama. Ele tentou fazer um pouco de sensualidade. Ele enviou para Kip e recebeu uma resposta imediata.

Kip: *Eu quis dizer Jalo.*

Scott riu.

Scott: *Foda-se.*

Ele recebeu uma foto fofa do Kip, relaxando em sua própria cama e vestindo o moletom do Scott.

Scott sorriu para ele. Ele o amava tanto.

Scott: *Obrigado. Eu te amo.*

Kip: *Eu também te amo.*

* * *

— Então — disse Carter, parando e jogando neve nas canelas de Scott — conte-me sobre sua garota.

Scott revirou os olhos. — Nada a dizer, Vaughan.

Eles estavam demorando no gelo no final do treino matinal. Scott estava observando alguns novatos pegando os discos.

— Besteira, Scott. Você tem andado por aí com um sorriso idiota no rosto, cantarolando 'How Sweet It Is' por todo lugar. Você está muito mal.

Scott chutou o gelo. — Sem comentários.

— Não sei por que uma garota com essa aparência quer ser vista com sua bunda feia, mas...

— Tudo bem.

Carter olhou para ele seriamente. — *Estou* feliz por você, Scott. Mesmo que você não queira falar sobre ela.

Scott virou o olhar para o gelo, considerando. Ele não podia falar com Carter sobre Kip, mas *podia* falar com Carter sobre "Elena".

Ele escolheu suas palavras cuidadosamente.

— Eu nunca me senti assim por ninguém — disse Scott. — É só algo muito novo. Só isso.

Carter deu-lhe um tapa no ombro fortemente acolchoado. — Aí está!

— Estamos nos vendo há algumas semanas e é legal. Estou feliz. Mas queremos manter isso privado, sabe?

— Meus lábios estão selados.

— Seus lábios *nunca estão* selados.

— Bem, eles estão selados sobre isso.

— Obrigado. — Scott olhou para seu companheiro de time, seu *amigo,* e se perguntou se talvez pudesse lhe contar a verdade. Não naquele momento, obviamente, mas em breve? Carter provavelmente era seu melhor amigo, e ele sempre pareceu receptivo e de mente aberta. Ele nunca foi abertamente homofóbico, de qualquer forma, o que o colocou à frente de muitos jogadores da NHL.

Scott realmente gostaria de contar a ele. Ele gostaria de contar a Huff e Bennett também. Caramba, ele gostaria de contar ao mundo inteiro, mas...

— Vamos lá — disse Carter. — Vamos descansar antes de arrasar Columbus hoje à noite.

* * *

— Eu gosto dele — Elena disse. As palavras saíram de sua boca assim que ele se sentou com ela no restaurante tailandês.

— Sim? — Kip perguntou.

— Sim. E ele está completamente apaixonado por você.

— Eu sei. — Kip sorriu. — Ele me disse.

— Te disse o quê?

— Ele me disse... — ele se inclinou — ...que me ama.

Se Elena ficou surpresa, seu rosto não demonstrou. — Ele disse?

— Ele disse! — disse Kip, e começou a contar a ela toda a história romântica.

— Uau — ela disse quando ele terminou. — Isso é uma grande coisa.

— Eu sei!

O garçom veio e pegou os pedidos. Depois que ele saiu, Elena disse: — Você contou ao Scott sobre seu novo emprego em potencial?

— Eu vou. Se eles oferecerem.

— E se eles não oferecerem?

— Então não há razão para mencionar isso?

Elena revirou os olhos. — Quero dizer, o que *você* vai fazer se não conseguir esse emprego?

— Eu não sei! Continuar trabalhando na porra da Straw+Berry, eu acho.

— Você está desperdiçando seus talentos lá.

— Não — Kip disse irritado. — Estou ganhando *dinheiro* lá.

— Então você não vai desistir e viver às custas do seu namorado milionário que é apaixonado por você?

— Claro que não! Você sabe que eu nunca faria isso. Eu me sinto mal o suficiente por ter que depender da generosidade *dos meus pais*. Eu sei que ele tem dinheiro, mas...

Elena não disse nada por um momento, mas olhou para Kip com aprovação. — Eu sei que você não jogaria sua vida ou sua dignidade fora por um cara — ela disse — mas eu também não gosto de ver você se vendendo barato.

— Vou dar um jeito — ele resmungou.

Mais tarde, quando estavam terminando as refeições, Kip perguntou: — Você dançou com alguém interessante na festa?

— Você quer dizer além do seu namorado charmoso?

— Sim, e eu não fiquei nem um pouco com ciúmes, a propósito.

Ela sorriu. — Na verdade, sim. — Ela se inclinou e sussurrou o nome de um jovem ator um tanto famoso.

— Uau! Bom dançarino?

— Mm. Ele também era bom em sexo.

Kip quase se engasgou com a água. — Imaginei que você iria para casa com alguém naquela noite.

— Ah sim. Levei um tempo para arredondar para meus cinco primeiros, mas acho que fiz a escolha certa.

— Você vai vê-lo novamente?

Elena fez uma careta e balançou a cabeça.

Kip riu. Ele sempre teve muita inveja do jogo de Elena. Ela era tão *legal* sobre sexo.

— Você acha isso estranho? — ele perguntou mais tarde, depois que eles saíram na noite fria.

— O quê?

— Que ele me disse que me ama. Que eu disse a ele que o amo. Sei que só se passaram algumas semanas.

— Você está apaixonado por ele?

— Sim.

— Então não é estranho. — Ela enlaçou o braço no dele e o puxou contra ela. — Vamos. Vamos assistir seu homem jogar hóquei.

Capítulo Dezesseis

Detroit era fria pra caramba.

Não que estivesse particularmente quente em qualquer lugar onde Scott esteve ultimamente, mas Detroit estava excessivamente fria.

Isso arruinou seu plano de dar um passeio noturno enquanto ele ligava para Kip. Seu colega de quarto parecia estar acomodado para a noite em seu quarto de hotel, e o saguão estava estranhamente movimentado devido a algum tipo de conferência de negócios. Ele não queria ir a nenhum lugar muito público, como uma cafeteria, porque Detroit era uma cidade de hóquei e ele quase certamente seria reconhecido.

Ele decidiu jogar a cartada da fama.

Ele foi até a recepção e deu a eles seu melhor sorriso de Scott Hunter. — Com licença. Eu esperava que vocês pudessem me ajudar.

O jovem atrás da mesa parecia muito animado. — Claro, senhor!

— Preciso fazer uma ligação e queria um pouco de privacidade. Mas meu colega de quarto está dormindo e...

O jovem sorriu para ele como se estivesse prestes a lhe fazer um grande favor. — Venha comigo — ele disse. — Eu sei onde você pode ir.

Ele levou Scott até uma porta que dizia *Sala de Reunião nº 3.* Ele destrancou a porta e acendeu a luz. — Fique o tempo que precisar — ele disse. — A porta vai trancar atrás de você.

— Obrigado — Scott disse, olhando para seu crachá — Michael. — Ele lhe entregou uma nota de vinte dólares, e Michael a pegou, sorrindo. Ele agradeceu Scott duas vezes antes de sair da sala.

Scott sentou-se em uma das cadeiras da sala de reunião e ligou para Kip, que atendeu imediatamente.

— Duas vitórias. Bom trabalho — disse Kip.

— Sim, obrigado. Estou orgulhoso dos caras.

— Adoro ver você jogar.

— Oh sim?

— Mm. É sexy.

Scott sorriu. — Onde você está?

— Estou no seu quarto. Onde você está?

— Uma sala de reunião de hotel em Detroit.

— Oh.

— Sim, desculpe. Não esta noite.

— Está tudo bem. Estou bisbilhotando seu apartamento.

— Bisbilhotando?

— Sim. Olhando nas suas gavetas. — Houve uma pausa. — Meu Deus. Scott, você guarda sua medalha de ouro na gaveta de roupas íntimas?

— Parece que você já sabe a resposta.

— Por que não está em exposição?

— Como onde?

— Acho que não guardaria uma medalha de ouro na gaveta de roupas íntimas se eu tivesse uma.

— Onde você guardaria isso?

— Não sei. Eu provavelmente usaria isso o tempo todo!

Scott riu. — Combina com tudo. — Então — Então você vai ficar na minha casa hoje à noite?

— Sim. Se estiver tudo bem.

— Claro que está tudo bem. Foi ideia minha!

— Eu sei. É que... parece generoso.

— Kip — Scott suspirou — você é meu namorado. Eu estou apaixonado por você. Você pode ficar na minha casa quando quiser.

— Ok. Eu te amo.

Scott sorriu. — Gosto de ouvir você dizer isso.

— Eu gosto de dizer isso.

— Mal posso esperar para voltar para casa com você.

— Ainda temos muitos jogos pela frente, Hunter.

— Eu sei.

— Você ganha todos eles e depois volta para casa para mim. Eu te darei o que você precisar quando voltar.

A voz de Kip ficou mais baixa, e Scott estremeceu um pouco. — O que eu precisar, hein?

— Mm. Pense nisso.

— Eu vou. — Ele exalou. — Porra, eu queria ter meu próprio quarto hoje à noite.

— Eu também. Poderia ter feito um show para você.

— Eu quero fazer isso — disse Scott. — Por você.

— Você já fez isso antes? — Kip perguntou. — Só deixar alguém assistir você se masturbando?

— Não. Nunca — Scott falou. — Mas eu quero. Por você.

— Eu gostaria disso. Porra, eu *realmente* gostaria disso. Agora estou imaginando você, todo deitado...

— Kip — Scott avisou. — Não. Eu não consigo ficar todo excitado.

— Mas você está, não está? Aposto que você está ficando duro agora.

Scott xingou baixinho porque Kip não estava errado.

— Eu também — Kip ronronou. — Diga-me o que você gostaria de fazer comigo.

— Não. Pare com isso.

— Tudo bem. Vou me deitar aqui na sua cama e podemos conversar sobre o que você quiser.

— Obrigado — disse Scott. — Você está nu?

Kip riu. — Sabia que você não conseguiria deixar pra lá. Quase, sim. Ainda estou de cueca.

Scott xingou de novo. Ele não ia se masturbar naquela sala de reunião de hotel de jeito nenhum. Ele não era tão assustador assim. — Eu *realmente* não consigo fazer isso agora.

— Está tudo bem. — disse Kip. — *Eu* posso.

— Kip...

— Shh... Só fale comigo — ele disse, seu tom mudando um pouco. — Amo sua voz, Scott. Me diga o que fazer.

Scott amava e odiava esse plano. Ele amava porque era muito *gostoso.* Ele odiava porque ficaria com uma ereção muito desconfortável.

Ele olhou para a porta da sala de reunião e então abaixou a voz. — Você está se tocando?

— Sim. Estou duro pra caralho. Me diga o que fazer — Kip falou lentamente — *querido.*

— Jesus. — Scott se ajustou através de sua calça de moletom. — Tudo bem. Vá devagar. Não tire a cueca. Ainda não.

Ele podia dizer que Kip estava sorrindo quando respondeu. — Vai ser assim, hein? Tudo bem. Estou apenas me esfregando bem gentilmente. É uma sensação boa.

Scott conseguia imaginar o pau grosso de Kip se esforçando contra o tecido. Ele conseguia imaginar Kip, quase nu, esparramado na cama, olhos fechados e pensando em Scott.

— Você está imaginando que sou eu te tocando? — Scott perguntou.

GAME CHANGER

— Sim. Deus, eu queria que fosse mesmo.

— Eu também. Continue.

Kip suspirou e fez pequenos gemidos ofegantes que fizeram o pau de Scott se contorcer em agonia. Ele o segurou com a mão para aliviar um pouco a pressão.

— Minha cueca está ficando molhada — disse Kip. — Já estou vazando. Posso tirá-la?

— Ainda não — disse Scott, surpreendendo-se com o quanto estava gostando desse controle.

— Porra, Scott.

— Você está com frio?

— Está ficando mais quente.

— Seus mamilos devem estar duros. — Kip tinha mamilos perfeitos e escuros que sempre endureciam em pequenos picos deliciosos.

— Mm. Sim. Quer que eu toque neles?

— Sim. Solte seu pau. Brinque com seus mamilos um pouco.

Ele ouviu Kip inspirar fundo enquanto seus dedos faziam contato com seus mamilos sensíveis.

— Se eu estivesse aí — disse Scott — eu os lamberia e os morderia até você implorar para eu chupar seu pau.

— Porra. *Porra.*

— Você ainda está segurando o telefone?

— Sim.

— Coloque-me no viva-voz e coloque o telefone ao seu lado para que você tenha as duas mãos.

— Ok. — Ele ouviu um farfalhar, e então Kip estava de volta. — Ambas as mãos estão livres, Hunter. O que devo fazer com elas?

Scott sorriu e considerou a questão. — Tire a cueca. Mas não toque no seu pau ainda.

— Jesus, você é cruel.

— Duro, mas justo.

— Eu gosto desse seu lado — disse Kip. — Ok, minha cueca está fora.

— Pegue o lubrificante.

Houve mais farfalhar e então: — Peguei.

— Eu quero que você se dedilhe. Abra-se como se eu fosse te foder.

— Ok. Ok. Merda. Tudo bem.

— Não toque no seu pau — Scott o lembrou.

— Eu não vou. Eu não vou. Ok, eu estou, ahh, eu estou...

— Apenas relaxe.

Kip soltou um longo e lento suspiro. — Ok.

Scott o imaginou com os joelhos dobrados, os dedos escorregadios circulando aquele anel apertado de músculos. Ele engoliu em seco e se ajustou novamente.

— Por favor, me diga que você vai me surpreender entrando por aquela porta em um segundo — disse Kip.

— Eu desejo. Acredite em mim.

Kip gemeu e arfou enquanto se abria. Scott mordeu o lábio e resistiu à vontade de se acariciar sob as luzes fluorescentes fortes da sala de reuniões do hotel.

— Avise-me quando estiver pronto — ele disse.

— Pronto para quê?

— Você verá. Finja que está se preparando para mim.

Kip soltou um suspiro. — Ok. Continue falando comigo.

Scott olhou para a porta novamente. Ele não conseguia acreditar que estava fazendo isso. — Se eu estivesse aí, eu estaria abrindo você com a minha boca. Bem devagar.

— Scott, meu Deus.

— Gostaria de poder te ver agora. Você se sente bem?

— Melhor... — Kip disse entre dentes. — Melhor quando você me deixa me acariciar.

— Logo, bebê. — *Bebê?* — Me diga quando você tiver três dedos dentro de você.

— Sim...sim. Quase. Eu... Oh, merda. Eu sinto que poderia gozar só com isso. Com sua voz e imaginando seus dedos em mim...

Scott gemeu. Ele quase queria deixar isso acontecer. Só para ver se Kip conseguia se masturbar com os próprios dedos.

Mas ele tinha outros planos.

— Ok. Estou pronto — Kip disse. — O que vem depois?

— Abra a gaveta da mesa de cabeceira. Há uma caixa atrás.

— Tudo bem. Eu vejo. Peguei.

— Abra-a.

Ele esperou um momento. Então Kip disse: — Cristo. Sim.

Scott conhecia bem o item. Um grande dildo preto que, por cerca de um ano, tinha sido seu parceiro romântico mais confiável.

— Eu quero que você se foda com isso. Finja que sou eu. Deus, queria que fosse eu.

— Eu também. Só para constar, isso é realmente muito sexy.

— Sim. — Ele soltou um suspiro, seu coração disparado como se tivesse acabado de correr uma quilômetro.

— Você deve estar em agonia — disse Kip. — Como você está aí?

— Duro como uma porra de uma pedra. Mas não se preocupe comigo. Coloque isso em você. Quando estiver todo dentro, você pode tocar seu pau.

— Merda. Certo.

Scott recostou-se na cadeira da escrivaninha, pernas bem abertas, e fechou os olhos enquanto ouvia Kip trabalhar o brinquedo dentro de si. Cada suspiro e gemido ia direto para o pau de Scott, mas ele ainda não se tocava.

— Como você está? — ele perguntou.

— Bom. É... é grande.

— Eu sei. Mas você aguenta.

— Sim...sim — Kip ofegou.

— Você conseguiu?

— Quase. Quase. Porra.

Scott desejou ter um copo de água ou algo assim. Sua boca estava seca e ele se sentia tonto, provavelmente por causa de todo o sangue escorrendo diretamente para seu pau. Ele agarrou a borda da mesa com a mão livre, determinado a não ceder à tentação de se masturbar com os gemidos de Kip.

— Ok. Está dentro. É... Porra, é tão bom, Scott.

— Puxe para fora e empurre de volta. Foda-se.

— Eu estou. Eu estou... Oh, nossa. Realmente bate naquele ponto, hein? Porra.

Scott sabia exatamente o quão bem ele atingia *aquele ponto.* Ele se lembrava de usá-lo em si mesmo não muito tempo atrás, quando Kip era apenas uma fantasia - quando ele era apenas o cara bonitinho que trabalhava na loja de smoothies e Scott nunca, em um milhão de anos, pensou que realmente o teria em seus braços e em sua cama. Ele se fodeu com o brinquedo, imaginando que era Kip quem o estava penetrando. E, Deus, a emoção de ter Kip usando o mesmo brinquedo em si mesmo agora era inebriante.

GAME CHANGER

— Agora você pode se tocar quando quiser — disse Scott — mas me diga o que está fazendo.

— Graças a Deus. Ok, eu estou... Ah! Mm. Finalmente. Porra. Estou só segurando. Passando meu polegar sobre a fenda e... Porra. Estou jorrando aqui.

Scott gemeu. Isso era uma tortura do caralho. — Entra num ritmo. Finge que sou eu te fodendo.

— Vou gozar rápido, Scott.

— Eu sei. Tudo bem. Só me deixe ouvir você.

— Oh, merda... Tentando fazer as duas coisas ao mesmo tempo, mas eu meio que só quero continuar me fodendo aqui. É quase tão bom quanto você em mim.

Scott deixou sua imaginação lhe fornecer os visuais. Ele conseguia imaginar a maneira como Kip estava esticado em volta de seu brinquedo, os músculos do braço se esticando enquanto ele o movia para dentro e para fora. Ele conseguia ver o polegar de Kip trabalhando a cabeça lisa de seu pau, e a maneira como sua boca provavelmente estava aberta, o rosto frouxo e eufórico.

— Tão bom, Kip. Aposto que você está tão lindo agora.

Kip não estava mais falando. Ele estava apenas fazendo sons lindos e carentes, e Scott os absorveu.

— Vamos, bebê. Termine. Como você precisar. Quero ouvir você.

— Okay, porra. Eu queria poder te ouvir também. Queria poder... Ah. Estou tão perto. Estou tão...

Scott estava pegando fogo, em todos os lugares. Se ele ao menos roçasse seu pau, ele iria explodir. — Goze para mim. Vamos. Eu te amo tanto.

Ele ouviu Kip começar a responder: — Eu amo... — mas ele parou com um grito estrangulado.

GAME CHANGER

A boca do próprio Scott caiu aberta. O alívio tomou conta dele como se ele estivesse de alguma forma compartilhando o orgasmo de Kip.

— Oh, uau. Porra — Kip ofegou depois que teve tempo de voltar a si. — Isso foi... Puta merda. Eu não esperava *nada* disso.

Scott riu. — Eu também não. Pensei que teríamos apenas uma conversa agradável.

— Estou uma verdadeira bagunça aqui.

— Mm. Aposto que você está incrível.

— Você deve estar sofrendo, no entanto. Tem certeza de que não pode...

— Eu vou cuidar de mim. Mais tarde. O mais rápido possível.

— Gostaria de poder ajudar.

— Você ajudou. Eu pensarei em você, não se preocupe.

Kip exalou alto. — Eu te amo.

— Eu te amo. Não acredito nas coisas que você me faz fazer.

Ele riu. — Estou todo sonolento agora.

— Vá se limpar e vá dormir — disse Scott. — Eu deveria sair desta sala de qualquer jeito.

— Você vai conseguir voltar para o seu quarto de hotel? Sem furar o olho de alguém?

— Vou ficar bem — Scott disse secamente. — Vá para a cama.

— Tudo bem — Kip bocejou. — Bem, obrigado pelo telefonema.

Ambos riram.

— Boa noite. — Scott desligou e fez o melhor que pôde para esconder a ereção que não estava diminuindo nem um pouco antes de ir direto para seu quarto de hotel. Ele cumprimentou seu colega de quarto com um rápido aceno de cabeça e foi direto para o banheiro.

Levou apenas algumas estocadas com a mão apoiada na parede do chuveiro e a lembrança dos gemidos de Kip enchendo seus ouvidos. Ele afastou a mão da parede e mordeu o punho enquanto gozava com tanta força que quase perdeu o equilíbrio, ofegando forte enquanto sua liberação descia pelo ralo.

Jesus Cristo, Kip. O que você está fazendo comigo?

* * *

Kip checou seu e-mail quando voltou para a casa de Scott depois do trabalho no dia seguinte. Havia um do Museu da Cidade de Nova York.

É agora!

Mas quando ele leu as primeiras linhas do e-mail, seu coração afundou.

Obrigado pelo seu interesse na posição de Educador Assistente. Foi um prazer conhecê-lo. Infelizmente, decidimos...

Kip xingou e fechou seu laptop. — Claro — ele murmurou.

Porra.

Ele ligou para Elena no trabalho. Ele normalmente não ligaria, mas essa era uma emergência. — Não consegui o emprego.

— O quê? Por que não?

— Eles escolheram alguém que tem mestrado.

— Desculpe. Isso é uma droga — ela disse. — Você deveria fazer mestrado.

Kip bufou. — Como? Ainda estou pagando o último diploma inútil.

— Não é inútil, e você pode resolver. As pessoas fazem isso.

— É, eu sei. Vou pensar sobre isso — Kip disse melancolicamente.

Ele ouviu Elena suspirar. — *Sinto* muito, Kip. Eu realmente esperava que isso desse certo para você.

GAME CHANGER

— Eu sei. Obrigado.

Depois que eles encerraram a ligação, Kip abriu seu laptop novamente. Só por diversão, ele foi ao site da Universidade de Nova York e olhou a página de admissões de pós-graduação.

Eu poderia me candidatar. Não custa nada tentar.

Ele fechou o laptop novamente. Talvez.

Ele se jogou no sofá e trocou de canal de televisão. Ficar no apartamento de Scott sozinho era legal, mas também era bem chato. Seu tédio, somado às consequências do e-mail decepcionante, trouxe uma onda repentina de pânico. E se fosse isso? Obviamente, havia dificuldades piores do que namorar um atleta superstar, especialmente um por quem ele era tão loucamente apaixonado, mas e se ele sempre fosse o segredo de Scott? E se isso fosse *tudo* o que ele sempre seria? E se ele nunca mais voltasse para a faculdade e nunca conseguisse um emprego melhor e apenas ficasse no apartamento de Scott, escondido até que Scott tivesse tempo para ele?

Scott não faria isso. Ele só precisa de tempo.

Certo?

Certamente Kip não estava esperando uma vida de ir a eventos juntos, mas chegando separadamente e fingindo não se conhecerem. Scott continuaria deixando o mundo acreditar que ele era um solteiro convicto? Ou pior, ele se casaria com uma mulher pelas aparências e manteria Kip como amante?

Não. Sério. O que diabos te deu essa ideia?

E se Kip fosse apenas *conveniente* para Scott agora? E se Scott *achasse* que estava apaixonado porque era a primeira vez que ele se deixava ficar com um homem por mais de uma noite? E se ele só precisasse dar esse primeiro passo e então se sentisse livre para namorar outros homens? Homens

melhores. Homens que estivessem em sua liga, ou pelo menos adjacentes à sua liga. Kip não era ninguém.

Scott acabaria percebendo isso e, se Kip arriscasse tudo nele, não sobraria nada.

De repente, sentiu um nó na garganta. Isso era absurdo. De onde vinham esses pensamentos?

Ele queria falar com Scott, mas nem sabia onde ele estava agora. Ele não estava jogando hoje à noite. Um avião? Ou talvez em um treino.

Ele não queria ser carente. E provavelmente *estava* apenas deprimido por causa daquele e-mail de merda. E Elena tinha razão - ele deveria pelo menos *tentar* fazer o mestrado. Ou isso ou encontrar um emprego melhor na indústria de serviços, e essa perspectiva era mais do que deprimente.

Talvez ele pudesse fazer seu Bacharelado em Educação. Ser um professor como seus pais. Não seria tão ruim, certo? Carreira respeitável.

Porra, esse apartamento era solitário.

Ele mandou uma mensagem para Scott. Apenas um simples oi para que ele soubesse que estava pensando nele.

Scott não respondeu. Kip desligou a televisão e se jogou de lado no sofá. Ele meio que queria ficar bêbado, mas essa era uma péssima ideia.

Ele amava muito Scott.

Como ele poderia ser bom o suficiente para ele?

Ele estava se sentindo muito pra baixo. E Scott não estava respondendo as mensagens. E talvez Scott estivesse percebendo agora que ele poderia estar namorando, tipo, uma estrela de cinema gay ou algo assim.

Ele estava deprimido no sofá por quase uma hora quando Scott respondeu. *Oi! Posso te ligar?*

Scott nem esperou por uma resposta. Kip atendeu a ligação. — Ei.

— Kip! Acabei de pousar em Toronto! Tenho que te contar a coisa engraçada que aconteceu no aeroporto...

Kip sorriu e sentou-se. Ele ouviu a longa e animada história de Scott, e no final dela ambos estavam rindo e ele se sentiu muito melhor. Scott estava em um avião esperando para ligar para Kip para que ele pudesse lhe contar tudo sobre seu dia.

— Como foi *seu* dia? — Scott perguntou quando terminou.

O coração de Kip batia alegremente em seu peito.

— Melhor agora.

Capítulo Dezessete

A sirene sinalizou o fim do período de prorrogação. O jogo tinha sido exaustivo, terminando em um empate de 3-3 que agora iria para os pênaltis.

Scott patinou até o banco. Ele cutucou Bennett quando chegou lá. — Você está pronto para isso?

— Nada vai passar por mim, Hunter.

— É isso aí — disse Scott, e bateu com a testa protegida pelo capacete na parte da frente da máscara de Bennett.

— Tudo bem. — disse o treinador Murdock. — Vamos começar com Vaughan, depois Huff, depois Hunter. Certamente um de vocês, milionários, pode acabar com isso.

— Sem problemas, treinador — disse Huff.

Bennett patinou até sua rede. O goleiro de Toronto fez o mesmo. Toronto era o time da casa e eles escolheram chutar em segundo, então Carter patinou até a linha central.

O apito soou e Carter saiu rápido.

— Legal — Scott murmurou baixinho enquanto Carter desviava e desviava em direção à rede, sendo sua especialidade o manejo elegante do taco.

Infelizmente, não funcionou e o goleiro bloqueou o chute. Carter patinou para trás, balançando a cabeça. — Merda. Pensei que eu o tinha pegado.

— Belas jogadas, Carter. Da próxima vez — Scott disse.

Bennett parou o jogador do Toronto, e o banco do Admirals deu um suspiro coletivo de alívio.

O banco ficou agitado enquanto Huff patinava para o centro do gelo. — Vamos, Huff.

— Você consegue.

Huff fez o que fazia de melhor. Ele disparou um chute rápido no canto superior da rede que o goleiro não teve chance de parar. Todos os Admirals bateram seus tacos contra as placas e bateram as luvas com ele enquanto ele patinava pela linha. Se o jogador de Toronto errasse, o jogo estaria acabado.

O jogador de Toronto não errou, derrotando Bennett por baixo. Era a vez de Scott.

* * *

Kip tinha as mãos sobre a boca. Ele estava na ponta do assento no sofá de Elena. — Vamos, Scott... — ele murmurou.

Foi surreal ver Scott nesse cenário. Na televisão, nesse momento crucial, encarando o goleiro e parecendo tão determinado. Tão intimidador.

— Ele consegue — Elena disse calmamente. — Observe.

Ambos assistiram Scott se mover como um raio em direção à rede. Kip prendeu a respiração. Tudo estava em câmera lenta enquanto Scott disparava seu chute.

Ele flutuou sobre o ombro do goleiro, lindo como nunca.

— É! — Kip disse, pulando do sofá. — Você viu isso?

— Incrível!

Ele apontou alegremente para a televisão. — Aquele homem me ama! Eu!

— Eu também não entendo.

Ele afundou de volta no sofá, descansando a cabeça no ombro de Elena. — Esse é meu namorado.

— Claro que sim, querido.

Kip riu. — Parece loucura quando eu digo isso, certo? É tão estranho.

— É muito estranho.

— Ele é tão legal.

— Sim, bem, você pode querer assistir para ver se esse jogador de Toronto marca, porque o jogo ainda não acabou.

— Oh.

— Sim, superfã.

Eles assistiram ao jogador de Toronto patinar no gelo e...

— Ele errou! — Kip exclamou. — Ele-errou-ele-errou-ele-errou!

— Ele errou.

— Eles venceram! Scott venceu!

— São três em três nessa viagem, não é?

— Sim! Estou tão orgulhoso dele!

Ele observou os companheiros de Scott se abraçarem. O sorriso de Scott era largo e brilhante, e Kip queria pular na televisão e beijá-lo em todo o rosto.

— Eu me pergunto qual é a preferência do Jalo — Elena refletiu.

— Ah sim. Você precisa flertar nisso se puder. Quer que eu pergunte ao Scott?

— Não, eu vou descobrir sozinha.

Meia hora depois, voltando para a casa de Scott, Kip mandou uma mensagem para ele. *Tão orgulhoso pra caralho de você.*

Uma hora depois ele recebeu uma resposta. *Menos três jogos. Te ligo amanhã.*

Então, *eu te amo.*

Kip nunca se cansaria disso.

* * *

— Então — disse Scott assim que Kip atendeu o telefone na tarde seguinte — tenho boas notícias.

— Oh sim?

— Eu, uh, estou no hotel em Winnipeg e consegui um quarto só para mim.

Kip se sentou de onde estava deitado no sofá. — Sério? Como você conseguiu isso?

— Bem, Cameron acabou de se recuperar de uma fratura no pulso e foi liberado para jogar, então ele voou até aqui para encontrar o time. Mas isso significa que há um número ímpar de nós, então... Eu meio que menti sobre querer um espaço para me concentrar ou algo assim.

— Vou te dar algo para se concentrar, se isso te ajudar a se sentir honesto.

Scott riu. — Era isso que eu esperava. Você está na minha casa?

— Sim.

— Você quer...

— Absolutamente. Sim. Deixe-me pegar meu laptop. Eu te ligo de volta no Skype, tudo bem? Me dê um minuto.

— Ok. Sim.

Eles desligaram e Kip correu para o quarto. Ele colocou o laptop em um canto da cama gigante, então abriu o Skype e mexeu na tela, tentando encontrar o ângulo perfeito.

Ele pegou o lubrificante, zumbindo de excitação - isso finalmente estava acontecendo! E, cara, ele precisava disso.

Ele colocou a garrafa na mesa de cabeceira, então se esticou na cama para ficar de lado, seu rosto apoiado em um cotovelo perto do computador. Ele sorriu de orelha a orelha quando o rosto de Scott preencheu a tela.

— Oi! — Scott disse, sorrindo de volta da mesma forma.

— É bom te ver.

— Cara, é. É *muito* bom te ver. Sinto muita sua falta.

Droga, Scott tinha um jeito de transformar tudo dentro de Kip em mingau com algumas palavras idiotas. — Eu também.

Scott respirou fundo e soltou o ar, ainda sorrindo. — Quase esqueci o quão fofo você é.

Kip apoiou o queixo em um punho e piscou os cílios coquetemente. — Quem, eu?

Scott riu. — Eu, uh, eu tenho que manter minha voz baixa. Eu tenho meu próprio quarto, mas há companheiros de time de cada lado de mim.

— Sim, sem problemas. Podemos conversar um pouco. Você parece nervoso.

— Não! — Scott disse rapidamente. — Quero dizer... sim. Um pouco.

— Nada que eu não tenha visto antes — provocou Kip.

Scott revirou os olhos. — Eu sei. Eu só nunca...

— Eu ajudo. Não se preocupe. Você vai adorar, mas vamos conversar primeiro.

— Ok. Obrigado. Hum, como está Nova York?

— Fria. Como está... Winnipeg, você disse?

— Sim. *Realmente* muito frio. Ventoso pra caramba.

— Como está o time? Como está *o Jalo?*

Scott riu. — Jalo está bem. Tem sido um verdadeiro trunfo. Ele é exatamente o que precisávamos na linha azul.

— E no vestiário?

— Tudo bem, chega.

— Vou mudar de posição. Espere um pouco — disse Kip. Ele empilhou todos os travesseiros contra a cabeceira e caiu de costas contra eles. Ele jogou

um dos travesseiros na cama perto dos joelhos esticados e colocou o laptop em cima. — Como assim? Você consegue me ver bem?

— Sim. Oi.

— Oi.

Scott estava claramente apenas segurando seu iPad nas mãos e olhando diretamente para ele.

— Você deveria encontrar um lugar para colocar essa coisa — Kip sugeriu. — Eu quero ver mais de você.

— Oh. Certo. Hum... Oh! Eu tive uma ideia.

Scott colocou o iPad de lado e Kip ficou olhando para o teto do quarto de hotel de Scott. Ele ouviu um estrondo, e então o iPad foi pego e colocado em cima de alguma coisa.

— Puxei a cadeira de rodinhas da escrivaninha para perto da cama aqui — explicou Scott. — Posso colocar o iPad nela com o pequeno suporte e deve ficar em um bom ângulo. Acho.

Ele se esticou na cama e agora Kip podia vê-lo da cabeça às coxas.

— Assim está melhor — disse Kip. — Deus, você é enorme.

— Bem, eu não sou Matti Jalo...

— Você é perfeito. Foi tão sexy assistir você ganhar aquele pênalti na outra noite. Você não tem ideia.

— Oh sim?

— Mm. Tenho pensado muito sobre a outra noite...no telefone.

— Eu também. Muitas, na verdade. Não acredito que eu disse algumas dessas coisas.

— Você foi incrível. Tão sexy pra caralho.

Scott sorriu e provavelmente corou. Era difícil dizer.

— Bom hotel? — perguntou Kip.

— Está tudo bem.

— Você não está nem um pouco excitado agora, está?

— Estou nervoso! Eu disse!

— Tudo bem — Kip suspirou, então sorriu. — Você é adorável, sabia?

Scott sorriu e balançou a cabeça.

— Sério — disse Kip. — As pessoas acham que vocês são durões, mas olhem para vocês, todos corados e nervosos com um pouco de ação na webcam.

— Olha, Grady...

— Não acredito que esse era o mesmo homem que estava me dando ordens pelo telefone na outra noite. Aonde esse cara foi?

— Ele está aqui! Ele está aqui. Só... — Scott fechou os olhos e soltou um longo suspiro. — Só fale comigo.

— Ok. Você estava usando aquelas meias azuis?

— Sim, tipo todo dia. Eu tenho lavado elas na pia.

Kip riu e seu estômago revirou. — Aw — ele disse.

— Sinto muita falta de você — disse Scott em voz baixa.

— Que horas você volta na segunda-feira? — perguntou Kip.

— Devo chegar aí antes do meio-dia — Scott disse, relaxando de volta nos travesseiros. — Espero que sim. Quero te mostrar um momento agradável no seu aniversário.

— Você tem planos?

— Talvez.

— Quer que eu esteja esperando por você aqui? Na sua casa?

— Sim... Sim, isso seria... Eu gostaria disso.

— Eu vou. Eu esperarei por você. Eu poderia estar na sua cama. Eu poderia até me preparar para você. Me abrir...

O rosto de Scott mudou. Foi sutil, mas seus olhos escurecendo e a maneira como ele engoliu disseram a Kip que ele estava levando Scott para onde ele precisava estar.

Ele sorriu. — Isso está funcionando para você, grandão?

— Está funcionando. Continue falando.

— Claro. Por que você não tira essa camisa?

Scott obedientemente puxou sua camiseta sobre sua cabeça. — Só parece justo se você... — ele disse, apontando para a câmera/Kip.

— Sim, sim. — Kip tirou sua própria camiseta e piscou para Scott.

— Oh — Scott disse. — Essa marca ainda está aparente, hein?

— Ainda está — Kip confirmou, passando os dedos sobre ela. — Mas pode ser que precise de uma nova em breve.

— Eu te darei uma.

Kip arrastou os dedos sobre o peito para brincar com um dos mamilos. — Talvez eu pudesse estar esperando na porta por você quando você chegar em casa. Beijar você como eu quero há dias.

— Mm. Você ainda estaria nu nesse cenário? — Scott perguntou com um sorriso torto. Ele jogou um braço gigante sobre a cabeça, aparentemente mais relaxado.

— Isso seria meio estranho, mas se você quiser...

— De qualquer forma, eu provavelmente acabaria te fodendo contra a parede do corredor.

Porra. — Porra, Scott.

— Como eu disse — Scott disse, com a voz um pouco mais baixa — sinto sua falta.

— Do que você sente falta? — Kip deslizou a mão pela parte interna da coxa, e os olhos de Scott a seguiram.

— Eu... eu sinto falta dos seus lábios. Da sua boca. Do jeito que você me beija. Do seu gosto. Eu sinto falta do seu cheiro.

— Como cheiro? — Kip riu.

— Não sei... Legal. Meio picante? Tipo qualquer loção pós-barba que você usa, eu acho.

— Não é nada extravagante, isso eu posso te dizer.

— Sinto falta do seu sorriso — Scott continuou, o que lhe rendeu um. — Sinto falta das pequenas sardas nos seus ombros. Sinto falta dos seus mamilos perfeitos e do seu umbigo.

Kip realmente riu. — Você é estranho. Continue.

— Sinto falta da sua bunda. Cara, como eu sinto falta da sua bunda. Já te disse o quanto eu a amo? É simplesmente ótima.

— Sempre posso ouvi-lo novamente — disse Kip.

— Sinto falta das suas coxas. Sinto falta de estar entre elas.

— Adoro ter você lá. — Kip moveu a mão para o pau e começou a acariciá-lo casualmente por fora do jeans. Ele observou Scott observá-lo. — Como você está aí? — ele perguntou.

— Bom... — Scott disse, sua voz rouca e baixa.

— Por que você não se junta a mim?

Scott deu a ele um sorriso adorável e moveu sua mão para sua própria calça de moletom. Ele massageou seu pau através do tecido com uma mão grande.

— É — disse Kip. — Aí está. — Ele abriu o botão da braguilha enquanto observava o prazer tomar conta do namorado. Ele era tão lindo, e Kip adorava ajudá-lo a se livrar do estresse e das responsabilidades do trabalho e simplesmente se perder. Toda vez.

Kip abriu o zíper da própria braguilha e puxou o jeans para trás, deixando-o aberto. Ele apertou o pau por cima da cueca e cruzou os braços atrás da cabeça enquanto se acomodava para assistir ao show.

Scott levantou os quadris e tirou a calça. Ele ainda estava usando sua cueca cinza. Kip aprovou. Por enquanto.

— Jesus — Kip disse, acenando para a protuberância sólida na cueca de Scott. — Isso não demorou muito.

Scott sorriu preguiçosamente e voltou a se esfregar. Kip observou sua mão mergulhar para acariciar suas bolas através do tecido, agarrando-as e puxando-as levemente.

— Você vai ficar só assistindo? — Scott perguntou, sua fala já arrastada.

— Por agora.

Scott deslizou a mão para dentro do cós da cueca e agarrou seu pau. Kip observou o formato de sua mão sob o algodão enquanto Scott se acariciava.

— Você faz muito isso — perguntou Kip — na estrada?

— Principalmente no chuveiro. Penso em você o tempo todo agora.

Uma mancha molhada estava se formando no tecido cinza da cueca de Scott. Já.

— Que tal você remover o pano ali? — Kip sugeriu. — Eu quero ver.

— Você ainda está de jeans — Scott apontou, a mão ainda se movendo dentro da cueca.

— Tudo bem — Kip disse com um suspiro exagerado. Ele tirou o jeans e a cueca em um movimento, então dobrou o joelho que estava mais distante do laptop. Ele colocou as mãos atrás da cabeça novamente.

— Nossa. — Scott rapidamente tirou sua própria cueca, e agora Kip tinha uma visão espetacular do corpo nu de Scott, da cabeça até o meio das coxas.

— Jesus, olha só você — disse Kip. — Porra, sinto falta desse seu lindo pau. Vamos ver.

Scott passou a mão sobre ele, deixando o polegar deslizar pelo pré-sêmen que havia se acumulado na ponta e espalhando por toda a cabeça.

— Você tem lubrificante com você, Hunter? — perguntou Kip.

— Sim, eu trouxe um pouco. É isso mesmo... — Scott se inclinou para fora da imagem por um segundo. — Aqui. — Ele derramou um pouco da garrafa diretamente em seu pau. O próprio pau de Kip se contraiu.

Scott começou a se acariciar a sério, o líquido escorregadio permitindo que ele pegasse um ritmo. Ele se observou enquanto se masturbava, então olhou para Kip com os olhos semicerrados. — Você tem que... Kip, você tem que se tocar também. Por favor. Faça isso comigo, ok? Eu quero ver você.

— Mm, eu quero. Você está tão sexy, Scott.

— Faça isso. Deus, você está tão duro. Tão lindo. Exatamente o que eu penso quando estou sozinho.

Isso foi o suficiente para Kip pegar o lubrificante da mesa de cabeceira e começar a trabalhar. Ele enrolou os dedos em volta do seu pau dolorido e deu algumas estocadas lentas.

— Porra. — Kip estremeceu de alívio. Ele sorriu e fechou os olhos por um segundo enquanto sua cabeça rolava para trás. Quando ele abriu os olhos novamente, Scott estava sorrindo para ele.

— Você se sente bem? — Scott perguntou, sem fôlego.

— Sim. É uma sensação muito boa. Vou devagar para poder assistir você. Não quero perder nada. — Kip chupou o lábio inferior na boca e o mordeu um pouco.

— M-mal posso esperar até estar de volta aí com você. Tudo o que consigo pensar é o quanto eu quero esse pau em mim.

— Ah, é? Pensei que você fosse me foder contra uma parede.

— Não consigo decidir. *Porra.* Quero fazer tudo. Eu te amo.

Kip arfou e involuntariamente acelerou a mão. — Eu também te amo, Scott. Porra, eu te amo tanto. Deus, você é tão sexy. Estou tão excitado por você agora.

Scott estava bombeando sua mão forte e rápido. Os músculos de seu braço flexionavam e esticavam enquanto ele se empurrava para mais perto da borda.

— Eu vou te dar o que você quiser quando você entrar por aquela porta — Kip disse. — Caia de joelhos. Porra, eu gostaria disso. Bem ali no corredor.

Scott choramingou e continuou bombeando. — Estou tão perto, Kip...

Ele estava dando os suspiros adoráveis e desesperados que sempre dava quando estava no limite. Kip podia ver o rubor em seu peito, podia ver suas coxas grossas tremendo.

Estava tudo excitando Kip. Ele sentiu seu próprio clímax começar a tomar conta, se curvando e apertando profundamente. — Vamos — ele disse. — Você é tão lindo quando goza. Deixe-me ver. Mostre-me.

Scott ofegou, xingou e disse entre dentes: — Aqui...aqui.

Ele gozou em longos e quentes jatos contra seu peito e estômago. Kip observou, certificando-se de olhar para o rosto eufórico de Scott enquanto ele cavalgava as ondas de liberação.

— Oh, querido. Isso é lindo — Kip ronronou.

Scott fez um barulho entre ofegar e rir, e caiu para trás contra os travesseiros, olhos fechados, ainda se acariciando lentamente enquanto seu orgasmo diminuía. — Kip... — ele gemeu. — Isso foi incrível. Tão bom pra caralho.

— Sim? *Parecia* bom.

Scott soltou seu pau e abriu os olhos. — Quero ver você. Você está perto? Parece que está perto.

— Chegando lá. Estou me sentindo muito bem aqui.

GAME CHANGER

— Bom.

— Amo você assim — disse Kip. — Todo exausto e feliz. Parece que você está bêbado.

— Eu me sinto um pouco bêbado. Quero que você se sinta assim também.

— Eu vou... Ah... — Kip moveu a mão mais rápido e usou a outra para puxar as bolas. — Porra, meu Deus...

Ele estava perto. Ele estava muito perto. Suas bolas se apertaram e o sangue escorreu em seus ouvidos, quase abafando os encorajamentos ofegantes de Scott. — Sim, Kip. Vamos lá. Tão lindo.

Kip olhou para a tela, viu o rosto lânguido de sexo de Scott e seu pau grosso e amolecido deitado em sua coxa. Viu a bagunça branca brilhante que riscava seu torso musculoso. E então ele se despedaçou e gritou para o quarto de Scott enquanto gozava. Sua liberação cobriu seu punho e gotejou em sua coxa.

Kip afundou de volta nos travesseiros, braços abertos na cama. — Puta merda — ele ofegou.

— Sente-se bem?

— Incrível pra caralho.

Ambos riram um pouco.

— Quantos dias faltam para você voltar para casa? — Kip perguntou, sabendo a resposta.

— Quatro e pouco — disse Scott.

— Muitos, porra.

— Eu sei. — Então Scott bufou.

— O quê? — Kip perguntou.

— Nada. Só que eu nunca gozei tão forte da minha própria mão antes. Isso foi outra coisa.

Kip sorriu. — Fico feliz em ajudar.

— Quero passar uma semana inteira com você no apartamento quando eu chegar em casa.

Kip riu, mas algo desagradável ecoou dentro dele.

No apartamento. Como sempre.

Sua ansiedade deve ter aparecido em seu rosto, porque o tom de Scott era preocupado quando ele disse: — Kip?

Kip piscou e forçou um sorriso. — Eu deveria me limpar.

— Ah, sim. Eu também. Te ligo amanhã, tudo bem?

— Ok. Te amo.

— Também te amo.

Kip encerrou a sessão do Skype e franziu a testa para o teto.

Não surte. Você acabou de fazer sexo por vídeo fantástico com seu namorado. Nada é ruim.

Só que ele trocaria cem sessões de sexo por vídeo por um passeio no parque com o namorado.

Ou para poder levar o namorado para casa para conhecer os pais.

Ou para, você sabe, contar às pessoas que ele tinha um namorado.

Ele se levantou da cama e foi ao banheiro para se limpar.

Talvez quando Scott chegasse em casa, as coisas seriam diferentes.

Capítulo Dezoito

Kip esperou logo na porta da frente do apartamento de Scott, com o telefone na mão. Scott estava mandando mensagens de texto para ele com atualizações constantes a manhã toda.

Scott: *Indo para o aeroporto.*

Scott: *Decolando em breve.*

Scott: *Acabei de pousar.*

Scott: *No carro.*

Scott: *Atravessando a ponte. Tráfego pesado.*

Scott: *Quase chegando!*

Kip olhou para o telefone, esperando por outra atualização. Haveria uma, ou Scott simplesmente entraria pela porta...?

Ele revirou os olhos para si mesmo. Isso era tão bobo. Eles eram homens crescidos e estavam separados há apenas nove dias.

Chegou outra mensagem. *Acabei de chegar. Vejo você em um minuto!*

Kip passou a mão pelos cabelos, colocou o telefone na mesa de centro e foi até a porta. Ele estava de jeans e uma nova camisa verde escura da Henley que ele tinha comprado ontem - um presente de aniversário adiantado para si mesmo.

A porta clicou e abriu, e Kip só teve uma fração de segundo para ver o rosto sorridente de Scott antes que Scott estivesse sobre ele. Kip foi pressionado contra a parede, Scott o beijando com força e fome enquanto segurava os braços de Kip com suas mãos gigantes.

— Feliz aniversário — disse Scott quando eles finalmente pararam para respirar.



— Obrigado. Senti sua falta.

Scott sorriu e o beijou novamente.

Kip se sentiu fraco de felicidade. Era tão bom ter o corpo enorme e sólido de Scott o cercando.

— Você conseguiu — ele disse quando eles se separaram. — Você ganhou todos os seis jogos!

— Eu estava motivado. — Scott embalou o rosto de Kip em suas mãos, roçando seu polegar sobre a maçã do rosto de Kip. — Você disse algo sobre uma recompensa?

— Eu nunca disse recompensa. Eu disse que te daria o que você precisasse — Kip o corrigiu.

Scott o beijou mais uma vez. — Você sempre faz isso. Mas hoje não é sobre mim. É sobre você!

— Isso significa que eu posso desembrulhar você?

— Sim, por favor.

* * *

— Estou *morrendo de fome!* — disse Scott. Ele estava se secando depois do banho que eles tinham aproveitado juntos (e depois do sexo que eles tinham aproveitado juntos).

— Graças a Deus — disse Kip. — Eu também. — Ele franziu a testa. — Hum, você pode não ter muitos mantimentos aqui.

— Oh. Sim, bem, eu estava pensando...

— Entrega?

— Na verdade — disse Scott — eu estava pensando que talvez pudéssemos...ir a algum lugar?

Kip se iluminou. — Sério?

— Sim, quero dizer... um almoço não seria muito suspeito, certo?

— Certo — Kip disse, um pouco menos entusiasmado. O que ele estava esperando?

— Então, para onde você quer ir? Por minha conta!

Kip revirou os olhos, mas sorriu. — Não sei. Não precisa ser chique. Você pode saber melhor do que eu onde não se incomodaria.

Scott pareceu pensar sobre isso.

— Vista-se — ele disse. — Nós vamos sair!

* * *

O clima de março estava frio, úmido e uma merda, mas Kip estava tão feliz de estar fora do apartamento com Scott. Eles não estavam de mãos dadas ou fazendo qualquer outra coisa que sugerisse que eles eram um casal, mas apenas estar no mundo com ele parecia surreal e maravilhoso.

Scott os levou a um restaurante a algumas quadras de seu apartamento. Eles se sentaram em uma cabine, sorrindo um para o outro sobre seus cardápios.

— O que você vai comprar? — Scott perguntou.

— É meu aniversário — disse Kip. — Vou ganhar um maldito hambúrguer de carne e queijo!

— Bom homem.

— E um milk-shake.

— Isso parece incrível. Que sabor?

— Baunilha. Por que mexer com a perfeição?

— Sim — Scott disse, fechando seu cardápio. — Estou pedindo exatamente a mesma coisa.

Eles fizeram o pedido, e então Scott disse: — Sabe... Eu estava pensando que talvez pudéssemos ir a algum lugar neste verão.

Kip levantou uma sobrancelha. — Você estava?

— É... Tipo, eu te disse que costumo viajar no verão, para lugares onde normalmente não sou reconhecido. Não teríamos que nos preocupar tanto — Scott disse em voz baixa, se inclinando — sobre as pessoas nos verem juntos.

— Certo. — Kip franziu a testa para a mesa. — É.

Scott começou a falar animadamente sobre alguma cidade praiana na Espanha ou na Itália onde ele tinha estado e não pareceu perceber que Kip estava começando a perder o controle.

Não quero mais esconder nosso relacionamento.

Será que ele vai me querer até o verão?

Por quanto tempo posso manter um relacionamento secreto com alguém?

O garçom trouxe a comida e Kip ficou grato pela distração.

— Cara, faz tempo *demais* que não como um hambúrguer de carne e queijo — disse Scott. Ele estava tão alegre.

— Está bom — disse Kip, forçando um sorriso. — Obrigado.

Não havia a mínima chance de Kip deixar Scott levá-lo para férias luxuosas. Entre os ingressos para o hóquei, o smoking e o tempo gasto na cobertura, Kip já havia aceitado muito mais dele. O que Kip poderia lhe dar em troca? Uma viagem com todas as despesas pagas para um resort de praia gay cinco estrelas incógnito só aumentaria a dívida que Kip estava mantendo em dia.

Eu preferiria que ele me levasse para jantar de novo. E nós podemos dividir a conta.

— Então, aonde você vai hoje à noite? — Scott perguntou, antes de tomar um longo gole de seu milk-shake de baunilha.

— Ah, tem um pub, no Village... o Kingfisher. Eu costumava ir muito lá, mas não saio tanto ultimamente. Quando encontro meus amigos, no entanto, geralmente é lá.

— É, tipo... um bar *gay?* — Scott perguntou em voz baixa.

Kip riu um pouco. — É. É bem parecido com um bar gay. Mas é tranquilo. É só um pub com bartenders bonitinhos.

— Você disse que vai encontrar alguns amigos lá?

— Sim, Elena. Eu chamei Maria do trabalho. E depois alguns amigos da faculdade. — Ele se inclinou com um sorriso brincalhão e sussurrou. — Alguns amigos *gays.*

Scott revirou os olhos. — Tudo bem. Tire sarro de mim.

Kip riu de novo e chutou Scott por baixo da mesa. Mas ele parou de rir quando percebeu que não havia nada de engraçado na vida enrustida de Scott. Era triste que ele estivesse nervoso sobre ir a um bar gay. Que ele nunca tivesse saído com um grupo de amigos solidários, ou gostado de flertar com um garçom bonitinho.

Ele decidiu tentar algo mesmo sabendo que não daria certo.

— Eu sei todos os motivos pelos quais você vai dizer não — ele disse — mas você deveria pensar em sair conosco esta noite.

— Oh. Não, eu...

— Eu sei. Mas ir a um bar gay não significa que você é gay. É só um grupo de amigos em um bar. Não é grande coisa. Não é como se fôssemos ficar nos esfregando uns nos outros em uma pista de dança ou algo assim.

Scott pareceu considerar, mas então balançou a cabeça. — Seus amigos ficariam se perguntando o que estou fazendo lá. Quer dizer, Elena sabe, mas...

Kip desinflou um pouco. Scott estava certo. Elena era uma coisa, mas os outros...

Scott causaria uma comoção no Kingfisher, mesmo que todos acreditassem que ele era um cara hétero saindo com seu amigo gay. Mesmo

que ninguém soubesse quem ele era, ele atrairia muita atenção. Ele meio que se destacava.

— Bem. — disse Kip — se você mudar de ideia, eu te mando uma mensagem com o endereço do bar.

Scott parecia prestes a dizer algo, mas foram interrompidos por dois homens que se aproximaram da mesa, parecendo muito animados.

— Ei! Scott Hunter!

— Olá? — Scott perguntou.

— Puta merda! É você, certo? — Um dos homens estendeu a mão. Scott deu um pequeno sorriso e apertou-a.

— Sou um grande fã — continuou o homem. — Minha opinião? Vocês vão nos levar para a copa este ano. Até o fim!

— Eu compartilho sua opinião — disse Scott, sorrindo educadamente para ele.

O segundo homem falou: — Podemos tirar uma foto?

— Claro — Scott disse, levantando-se. — Sem problemas. — Ele lançou um olhar de desculpas para Kip, mas Kip apenas acenou com a mão. Ele estava realmente gostando disso.

— Você poderia...? — o segundo homem disse, entregando seu telefone a Kip.

— Ah, claro. Claro. — Kip se levantou para poder tirar uma foto deles. Scott jogou um braço em volta de cada um dos homens e todos sorriram para Kip.

— Obrigado, Scott! — disse o primeiro homem. — Você é de primeira classe, cara. Estou ansioso para ver você erguer aquela taça para nós. Aproveite seu almoço, tudo bem?

— Obrigado — disse Scott.

Os homens saíram e Kip sorriu para Scott. — Isso foi legal.

— Foi bom — disse Scott. — Às vezes não é tão bom. — Seus olhos dispararam ao redor do restaurante. — Provavelmente deveríamos ir logo. Sempre começa com um e termina com uma multidão.

Eles não conversaram no caminho de volta para a casa de Scott. O maxilar de Scott estava cerrado do jeito que sempre ficava quando ele estava preocupado com alguma coisa, e Kip sabia exatamente o que o estava incomodando.

Ele odeia que as pessoas nos vejam juntos.

Kip enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e caminhou rapidamente para acompanhar os passos largos de Scott.

* * *

Scott estava nervoso. Eles estavam sentados no sofá dele, Kip esticado na ponta oposta com os pés no colo de Scott. Ele estava respondendo a uma mensagem de aniversário da irmã. Scott esperou até que ele terminasse.

— Então, hum — Scott começou — eu, uh... eu tenho um presente de aniversário para você.

— Ah? — disse Kip.

— É. — Scott tirou um envelope levemente dobrado do bolso de trás da calça jeans. Ele o entregou a Kip, que se sentou um pouco e tirou os pés do colo de Scott. Ele olhou para o envelope com desconfiança, olhando para Scott por cima dos joelhos dobrados.

Scott o observou abrir o envelope e preparou o discurso que havia preparado. Ele podia imaginar como Kip reagiria.

— Você... *O quê?* — Kip disse, visivelmente atordoado. Ele tinha aberto o pequeno cartão e estava segurando o papel que estava enfiado dentro. — Não. Scott. Sério.

— Não tenho certeza se acertei exatamente o valor — disse Scott calmamente — mas quero pagar seus empréstimos estudantis.

— Este é um cheque de cinquenta *mil* dólares, Scott!

— Eu sei. Eu escrevi.

— Não — Kip disse novamente, balançando a cabeça. — Isso é idiota. Você não pode simplesmente me dar cinquenta mil dólares de aniversário.

— Imaginei que você diria isso — Scott disse — mas a questão é... eu posso. Facilmente. E você sabe disso.

Kip ainda estava olhando para o cheque, perplexo. — É demais — ele disse calmamente. — *Demais.*

— Você quer dizer que seu empréstimo é menor que isso?

— Bem, sim. Isso também. Mas isso é loucura!

— Você disse que não gosta do seu trabalho. Você disse que quer sair da casa dos seus pais. Eu quero que você seja capaz de fazer qualquer coisa que você queira fazer. Então, se esse dinheiro puder ajudar você a começar, eu ficarei feliz em dar a você. Mais do que feliz.

— Jesus — Kip murmurou.

— Não quero deixar você desconfortável — disse Scott.

— Certo. Hum.

— Você está desconfortável.

— Sim.

Scott suspirou. Ele imaginou que seria assim. — Que tal isso? Nós vamos ao banco e eu pago seu empréstimo estudantil. Esqueça o cheque se for muito alto, mas pelo menos deixe-me cuidar do seu empréstimo.

— Isso ainda é meio demais, Scott.

— Por favor. — Kip começou a balançar a cabeça novamente, então Scott disse. — Olha, eu sei. Eu sei como é lutar por dinheiro, e então de repente

não ter que fazer mais isso. Mas eu ganho... Quer dizer, meu salário é público. Você provavelmente sabe quanto é. É muito dinheiro. E então eu tenho contratos de patrocínio e todo o resto. O que eu não tenho... — Scott pegou a mão de Kip — ...ou, o que eu *não* tinha, era algo em que valesse a pena gastar. Ou alguém com quem dividir.

Kip piscou para ele.

— Eu dou para caridade — Scott continuou. — Comprei este apartamento e viajo um pouco no verão. Fora isso, tenho muito dinheiro guardado no banco. Ficaria muito feliz em poder ajudar você com parte dele.

Kip retirou a mão e voltou os olhos para o cheque, com a testa franzida.

— Não — ele disse finalmente. — Obrigado, mas não.

— Kip...

— Não. Olha, eu entendo o que você está dizendo. Eu sei que... sei lá, te faz feliz me fazer feliz, ou o que seja. Mas... isso... — Ele suspirou. — Eu não consigo me explicar.

— Não é grande coisa — tentou Scott.

— *É* uma grande coisa, Scott! É uma *grande* coisa! Você não pode simplesmente... mudar minha vida inteira!

— Por que não? — Scott disse suavemente. — Você mudou a minha.

Kip parecia perigosamente perto de chorar, o que não era nada do que Scott queria que acontecesse.

— Ei — Scott disse, colocando uma mão no ombro de Kip. Mas Kip se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Eu não sou... eu não sou uma *instituição de caridade*. Eu tenho um empréstimo estudantil normal para pagar... o mesmo tipo que milhões de outras pessoas tem. Eu tenho me virado muito bem desde que me formei. Talvez meu trabalho não seja impressionante, e eu moro com meus pais, mas eu tenho meu orgulho de merda. E eu estava pagando o empréstimo sozinho

todo mês antes de você simplesmente...apenas rabiscar em um pedaço de papel e enfiar em um cartão de aniversário e...

— Ei! — Scott disse, levantando-se para encontrá-lo. Ele estava ficando bravo agora. Ele respirou fundo. — Olha, eu não estava tentando insultá-lo. Parece bobo eu ter todo esse dinheiro e você ter todos esses empréstimos para pagar. Parece uma solução bem óbvia, certo?

— Eu posso cuidar da minha própria vida, ok?

— Ok — Scott disse desesperadamente. — Ok. Sim. Ótimo. Desculpa.

Kip revirou os olhos, mas parecia ser mais para si mesmo do que para Scott. — Porra, Scott. Eu sei que você só está tentando...

— Eu só quero que você seja feliz — Scott disse calmamente.

— *Estou* feliz — disse Kip. — Talvez eu não esteja vivendo a vida dos meus sonhos, mas quem diabos está? — Então ele riu asperamente e gesticulou para Scott. — Quero dizer, além disso...

— Minha vida não é perfeita, Kip — Scott disse firmemente. — Achei que você entendesse isso.

Kip exalou. — Desculpe. Eu sei. Estou sendo um babaca. Só estou sensível com essas coisas.

Scott assentiu, possivelmente um pouco freneticamente. Ele queria desfazer o que quer que estivesse acontecendo aqui. — Foi demais. Eu entendo agora. Eu entendo. Esse relacionamento provavelmente parece um pouco... desequilibrado para você. Mas você me dá *tanto,* Kip. Eu te amo. Eu te amo e sei que me precipito nas coisas, e sei que provavelmente estou sendo muito intenso sobre nós, mas, por favor. Só saiba que é só porque eu me importo muito com você.

Kip pareceu considerar isso, então seu rosto suavizou. — Ok.

— Sim?

— Sim. Mas vou rasgar esse cheque.

— Combinado — disse Scott, aliviado que a situação parecia estar resolvida.

— Desculpa — disse Kip. Ele se jogou de volta no sofá e enterrou o rosto nas mãos. — Esse foi um presente atencioso e generoso que você estava tentando me dar. E acredite, uma parte de mim *realmente* quer dizer sim, mas eu não consigo.

Scott sentou-se ao lado dele e o puxou para seus braços. — Vamos esquecer isso, tudo bem? *Desculpe.* Eu deveria ter te dado flores ou algo assim.

Kip riu contra seu ombro. — É sempre difícil decidir: flores ou cinquenta mil dólares.

Scott riu também, percebendo agora o quão ridículo seu presente tinha sido. Ele realmente não tinha ideia do que estava fazendo.

— Quero tentar de novo — ele disse no cabelo de Kip. — Posso tentar de novo? Quero te dar o presente perfeito.

— Você não precisa.

— Eu quero. Eu te amo, Kip. Desculpa, eu sou tão ruim nisso.

O olhar de Kip era suave e afetuoso enquanto ele inclinava a cabeça e aproximava os lábios deles. O beijo foi dolorosamente lento e doce, e Scott se derreteu nele.

— Eu te amo — ele disse, seus lábios roçando a barba por fazer no rosto de Kip.

— Também te amo. Tanto. Porra, não quero ficar bravo com você. Senti sua falta.

— Eu também senti sua falta.

— Sentirei sua falta esta noite.

— Eu sei. Desculpa. E estou tão ocupado esta semana. Desculpa por isso também.

— O que tem na agenda desta semana? — perguntou Kip, e então começou a distribuir beijos pelo pescoço de Scott.

— Tenho um longo treino amanhã. — Scott inclinou a cabeça para trás para dar melhor acesso a Kip. — E tenho uma coisa amanhã à tarde.

— Uma coisa?

— Mm. Entrevista da *Sports Illustrated.*

— Oh.

— E na quarta-feira, estou visitando crianças no hospital pela manhã. E estou jogando naquela noite. Quinta-feira de manhã, temos uma reunião por vídeo, e naquela tarde tenho outra coisa...

Os beijos cessaram.

— E o que é *essa* coisa?

— Oh. Hum...só uma sessão de fotos. Nova campanha para Gillette.

Kip se inclinou para trás para encará-lo. — Sério?

— E então na sexta-feira eu jogo novamente e...

— Então você está apresentando o *Saturday Night Live?*

Scott riu. — Não! Eu recusei isso. Deus, você consegue imaginar?

— Não...

Scott olhou para ele seriamente. — Você sabe que essas coisas são todas... Nada disso é importante. Tudo parece glamuroso, mas tudo o que realmente me importa é hóquei e o tempo que passo com você.

— O mundo te ama — disse Kip, passando o polegar sobre os lábios de Scott. — Eu tenho que te compartilhar.

— Só um pouquinho — disse Scott. — Eles só pegam pedaços minúsculos. — Ele mordeu o polegar de Kip e passou a língua nele.

— É uma pena ser eles — Kip falou lentamente.

Capítulo Dezenove

— Sinto *muito* pelo trabalho — Shawn disse assim que se juntou à mesa. — Se você quiser, eu nunca mais irei àquele museu.

Kip riu. — Está tudo bem. Eu era pouco qualificado. Como eu *disse.*

— Você não é e a perda é *deles* — disse Shawn.

— Exatamente — disse Elena, erguendo seu copo de cerveja.

O bar estava lotado para uma segunda-feira à noite. Kip olhou ao redor da mesa para seus amigos: Elena, Shawn e Maria, além de Jimmy e Chuck, que tinham tirado férias para vir a Nova York para isso. Era a primeira vez que qualquer um deles conhecia Maria, além de Elena. Kip não saía muito com ela fora do trabalho, o que era uma pena. Mas ela estava aqui agora, e Kip estava cercado por um grupo maravilhoso de pessoas que ele tinha sorte de ter em sua vida.

Ele só queria que Scott pudesse estar lá.

Ele tentou não pensar nisso. Não era como se algum de seus amigos tivesse parceiros com eles. Nenhum de seus amigos tinha parceiros fixos, que ele soubesse.

— Agora que todos estão aqui — disse Chuck em sua voz estrondosa e feliz — eu proponho um brinde. Para Kip! Um cara que você quer odiar porque ele é tão bonito, mas você não pode porque ele é tão charmoso.

— Para Kip! — todos disseram.

— Uhul! Para mim! — Kip comemorou, erguendo seu copo.

O garçom deles era o mesmo que tinha flertado com Kip da última vez que ele tinha estado lá com Shawn - Kyle. Ele ainda era muito fofo e ainda flertava *muito* com Kip, que não conseguia deixar de flertar um pouco de volta.

— Você já provou isso? — Shawn perguntou depois que Kyle saiu para buscar outra rodada para eles.

— Não — disse Kip.

— Isso é trágico — disse Jimmy. — Eu farei se você não fizer.

Chuck riu. — Até parece, Jim. Ele nem te *vê* através do brilho ao redor de Grady.

— Kip — Maria disse — você não me disse que *todos* os seus amigos bonitões são gays. Qual é o sentido de eu estar aqui?

— Eu te *contei* e, se você quiser, depois podemos ir ao Olive Garden ou aonde quer que as pessoas heterossexuais vão.

Ela jogou uma azeitona para ele, de um dos nachos que todos estavam dividindo.

Todos beberam e conversaram animadamente por um tempo. Kip começou a se sentir agradavelmente aquecido e relaxado, rindo facilmente e provocando seus amigos.

— Tudo bem. — disse Chuck, colocando as mãos na mesa para dar ênfase — a próxima rodada será paga por quem estiver há mais tempo sem fazer sexo.

— Isso não está certo — disse Elena. — Deveria ser a pessoa que teve mais recentemente.

— Droga, Elena — disse Kip — você *realmente* quer pagar a próxima rodada, hein?

— Não tenho certeza se seria eu — ela disse, olhando para ele incisivamente. Kip calou a boca.

— Não, minhas regras — disse Chuck. — Tudo bem, desembuchem, pessoal. Já faz duas semanas para mim.

— O que conta como sexo? — Jimmy perguntou.

— Gozar com a ajuda de outra pessoa — disse Chuck, com autoridade.

— Ah. Tipo três dias, então — Jimmy disse.

— Espere — disse Chuck — foi aquele contador que...

Jimmy assentiu.

— Legal. Tudo bem, quem pode vencer duas semanas?

Elena balançou a cabeça. — Ontem à noite.

— O meeesmo — Shawn cantou.

Maria jogou a cabeça para trás e gemeu. — Puta merda! — ela disse. — Um mês. Mais de um mês. Ugh.

— Uh-oh — Chuck disse. — E você, aniversariante?

— Hum — disse Kip. *Algumas horas...*

Ele olhou para Elena pedindo ajuda. Ela apenas levantou uma sobrancelha interessada.

— Faz, tipo, dois meses ou algo assim — ele disse finalmente. Elena era a única que sabia que era mentira.

— Ah, merda, desculpe, Grady — disse Chuck. — Parece que você está pagando a rodada no seu próprio aniversário.

— Está tudo bem. — disse Kip. Porque *estava* tudo bem. Ele estava fingindo estar faminto por sexo quando, na verdade, estava no melhor relacionamento da sua vida. Havia problemas piores para ter.

Ele se levantou para fazer o pedido. Ele cambaleou um pouco enquanto se dirigia ao bar. Kyle estava lá, fofo pra caramba em uma camiseta branca justa.

— Meu cliente favorito — Kyle falou lentamente. — O que posso fazer por você?

Kip sorriu e apoiou um braço no bar. — Pagando uma rodada para a mesa.

— É só isso? — Kyle perguntou, inclinando- se para encontrá-lo.

Esse era o ponto em que Kip normalmente diria algo como “Por enquanto” ou seria mais direto e diria para encontrá-lo quando seu turno terminasse. Mas...

— É — Kip disse, recuando um pouco. — Só isso.

Kyle pareceu surpreso, mas rapidamente controlou suas feições. — O que você disser — ele disse, ainda sorrindo e passando os olhos pelo corpo de Kip.

Kip voltou para a mesa. Era bom saber que ele ainda tinha isso, mesmo que “isso” estivesse reservado para um certo atleta superstar.

Estavam todos bem bêbados no fim da noite. Enquanto esperavam do lado de fora pelos táxis, Maria abraçou Kip com todo o seu corpo. — Obrigada por me convidar, Kip. Eu gosto de você. Seus amigos são legais. Você é legal.

— Obrigada por vir — Kip disse em seu cabelo. — Nós deveríamos sair mais.

— Sim! Sim, com certeza! Kip... Sim. — Ela apontou para ele enquanto andava de costas em direção ao táxi que a esperava.

Jimmy, Chuck e Shawn se juntaram a Kip em um abraço coletivo.

— Obrigado, galera — disse Kip. — Amo vocês, babacas, vocês sabiam?

— Nós também te amamos, Kip — Shawn disse. Os três entraram em um táxi juntos, e Kip ficou com Elena.

— Ele está a caminho. — Ela sempre estava assustadoramente equilibrada e coerente, mesmo quando estava bêbada.

— Huh?

— Scott. Mandei uma mensagem para ele. Ele está vindo para te levar para casa.

— O quê? Por quê? Como você tem o número dele?

Elena olhou para ele como se ele fosse muito estúpido.

— Você é assustadora, sabia? — disse Kip.

— Ainda bem que estou do seu lado.

— É. Você está. Eu te amo, Elena. — Ele a abraçou. Ela resistiu no começo, mas finalmente aceitou.

— Você não precisava mandar mensagem para ele — disse Kip

— Eu precisava. Você está bêbado e eu vou me encontrar com alguém em breve. — Ela estava digitando no telefone enquanto falava.

— Outro ator famoso? — Kip sorriu.

— Só um cara da minha academia — disse Elena — que também é dançarino reserva da Rihanna.

— Pega, garota! — Kip disse, e levantou a mão para um toca aqui. Elena o ignorou.

— Parece que sua carona chegou. — Ela acenou para um SUV muito bom que havia parado.

— Obrigado, Elena. Você é a melhor! — ele disse, falando sério.

Ele abriu a porta traseira do SUV e ficou surpreso ao ver que Scott não estava lá.

— Hum, aqui em frente — disse a voz de Scott. Kip se virou e viu Scott sentado atrás do volante.

Ele fechou a porta traseira e, em vez disso, entrou no banco do passageiro. Ele sorriu desleixadamente para Scott. — Não achei que você soubesse dirigir — ele balbuciou.

— Eu sei dirigir — disse Scott. — Cara, você é uma bagunça.

— Estou bem. Você tem seu próprio carro?

Scott riu. — Sim. Eu não o uso com muita frequência, mas este é meu. É, hum, mais fácil usar um aplicativo. Não ter que se preocupar com estacionamento e coisas assim.

— Mm — Kip disse sonolento. Estacionar ou ter um carro não era algo com que ele já tivesse se preocupado.

Eles dirigiram em silêncio por um minuto, e então Scott disse: — Você se divertiu?

— Sim. Sim. Meus amigos são incríveis.

— Bom. Desculpe não poder estar lá.

— Está tudo bem.

— Não, eu... — Ele suspirou. — Não importa. Podemos falar sobre isso quando você não estiver...

— Falar sobre o quê?

— Nada.

Kip podia ver a maneira como o maxilar de Scott se contraiu, mesmo através de sua visão turva. — Eu te amo — ele disse.

Scott relaxou um pouco. — Eu também te amo. Mesmo quando você está bêbado.

— Não bêbado. Só um pouco tonto.

— Mm.

— Obrigado — Kip disse, concentrando-se bastante para deixar suas palavras o mais claras possível — por me pegar. Não precisava...

— Claro — Scott disse. — Fiquei feliz que Elena me mandou mensagem. Não sei como ela conseguiu meu número...

Kip acenou com a mão. — Quem sabe. Ela descobre tudo.

— Bom, estou feliz que ela me mandou mensagem. Me fez sentir... como o que temos...

Kip estava perdendo o fio da meada.

Scott parou em um sinal vermelho e olhou para ele. — Eu sei que é uma droga manter as coisas em segredo. É uma droga para mim também. Esta noite foi muito difícil para mim.

— Scott...

O sinal ficou verde.

— De qualquer forma — Scott disse, voltando sua atenção para a estrada — foi legal receber aquela mensagem de Elena. Fez tudo parecer mais real.

Kip colocou uma mão na coxa de Scott. — É real.

Os lábios de Scott se curvaram. — É — ele disse. — Agora vamos te levar para a cama.

* * *

— Bom dia — uma mancha borrada em forma de Scott falou. — Que bom ver que você está vivo.

Kip piscou e esfregou os olhos. Ele estava com a boca completamente seca.

— Aqui — disse a forma embaçada em formato de Scott, e lhe entregou um copo de água. Kip o engoliu.

— Obrigado — ele disse, devolvendo o copo.

— Como você está se sentindo?

— Maravilhoso — Kip disse asperamente. Ele se jogou de volta no travesseiro.

— Você estava fofo ontem à noite — disse Scott. — Realmente fofinho. Até você dormir em cima de mim.

— Desculpe — disse Kip.

— Não se desculpe. Fico feliz que você tenha se divertido. — Scott passou os dedos pelos cabelos de Kip, e Kip fechou os olhos e suspirou feliz.

— Sinto cheiro de bacon? — ele murmurou.

— Sim! Fiz torrada francesa e bacon.

— Meu Deus. Você é o melhor.

— Está pronto quando você quiser. Café também. Tenho que ir embora logo.

Kip sentou-se. — Certo! Desculpe, esqueci do seu treino. Certo. Vou só tomar um banho bem rápido.

Ele ficou debaixo do chuveiro apenas o tempo suficiente para lavar o cabelo uma vez e passar sabão no corpo. Ele se sentiu muito melhor quando saiu.

Ele entrou na cozinha de moletom, camiseta e cabelo molhado. Scott lhe entregou uma caneca de café, e Kip o beijou.

— Sério — disse Kip. — Melhor namorado de todos.

Eles se sentaram no balcão da cozinha e comeram (incríveis) torradas francesas, e ele contou a Scott um pouco sobre sua noite. — Eu me lembro — ele disse — no carro ontem à noite. Você disse que teve um momento difícil?

— Oh. — Scott olhou para seu prato e corou. — Não é nada. Eu estava de mau humor ontem à noite. Não se preocupe com isso.

— Não, sério. Diga-me.

Scott abaixou o garfo. — Acho que talvez tenha sido a primeira vez que realmente senti... Quer dizer, a festa foi difícil, mas você sair com os amigos para o seu aniversário...

Kip estendeu a mão e colocou-a no antebraço.

— Eu deveria ter estado lá — disse Scott. — Era isso que estava me incomodando a noite toda. Eu queria poder apenas... — Ele suspirou. — Não importa. Não tem sentido chorar por coisas que não posso ter. Eu deveria apenas ser grato pelo que tenho.

Kip estava muito perto de perguntar a Scott se ele tinha *certeza* de que não poderia ter essas coisas. Se seria tão ruim se ele se assumisse publicamente.

Mas ele prometeu a si mesmo que não forçaria essa questão. Scott entendia os riscos muito melhor do que Kip.

Em vez disso, ele disse: — Você precisa estar pronto.

O rosto de Scott estava miserável. — Quero *estar* pronto.

— Você estará. Logo — Kip disse, apertando seu braço.

Scott assentiu e lhe deu um sorriso tenso. — Desculpe. Como eu disse, foi só uma noite estranha e solitária. A imaginação começou a correr um pouco solta.

— Eu já estive na mesma situação. Eu entendo.

Kip o beijou, e Scott aprofundou imediatamente, colocando uma mão em seu rosto e deslizando para fora do banco para poder ficar de pé sobre ele. O pescoço de Kip se esticou para encontrá-lo enquanto Scott explorava sua boca com a língua.

— Você é bom nisso — Kip sussurrou quando eles se separaram.

— Devem ser todos esses anos de prática — disse Scott secamente.

— Pare com isso. — Kip bateu levemente no peito dele. — Quando você precisa ir embora?

Scott olhou para o relógio. — Agora, mais ou menos. O carro vai chegar em alguns minutos.

— Loucura — disse Kip. — Estou trabalhando até as duas hoje. Você está ocupado esta tarde, certo?

— Sim. *Sports Illustrated.*

— Certo.

— E estarei ocupado nas próximas tardes.

— Bem...nós vamos descobrir. Você quer que eu fique aqui esta noite?

— Quero — disse Scott. — Você consegue?

— Vou fazer o jantar para você.

— Ah é? Posso estar um pouco atrasado.

— Está tudo bem. — disse Kip, sorrindo para ele. — Boa sorte com sua entrevista.

— Obrigado. Eu meio que odeio fazer isso.

— Vai ter uma sessão de fotos?

— Sim. Hoje não, mas sim. Em breve. É a história de capa.

— Bem, agora!

Scott fez uma careta. — Sim.

Ele vestiu uma jaqueta de couro e beijou Kip na porta. — Ah! Pensei em algo! Para seu presente de aniversário — ele disse animadamente. — Estava pensando que talvez no sábado poderíamos ir ao Met juntos?

— O Met? Tipo...o museu?

— É — Scott disse. — Achei que você gostaria disso?

Puta merda. — Eu *adoraria* isso.

Scott tinha percebido o que Kip não conseguiu dizer: que tudo o que Kip queria de aniversário era ir a algum lugar que amasse com o namorado?

— Ok então — Scott disse, sorrindo. — É um encontro.

— Realmente?

— Quero dizer, obviamente precisaremos ser... discretos.

— Ah. É. Não, eu sei. — Kip desinflou um pouco.

— Eu te levo de volta aqui depois e te compenso, tudo bem?

Kip assentiu e tentou manter o rosto alegre quando disse: — Parece ótimo. — Ele o beijou. — Vá ser um superstar. Estarei aqui quando você chegar em casa.

Capítulo Vinte

— Então quem é esse cara? — Scott perguntou. — Qual é a história dele?

— Eu não sei! — Kip riu. — Eu não sei de tudo! — Ele se inclinou para ler a descrição do museu sobre o conjunto ornamentado de armadura de prata. — Italiano. Século XVI. Apenas um cara. Um cavaleiro.

— Só um cavaleiro aleatório, hein? Um cavaleiro bem pequeno.

— Todo mundo era pequeno naquela época. Imagino se ele estava usando isso quando morreu.

— Nossa, você consegue imaginar quanto tempo deve ter levado para fazer essa coisa? E eles tinham exércitos inteiros desses caras?

— Eles provavelmente reutilizaram a armadura. Alta rotatividade de empregos.

Scott riu da piada sombria de Kip. Scott estava no modo incógnito: um boné dos Yankees puxado o mais baixo possível sem cobrir os olhos, um moletom básico de zíper e jeans. Kip não tinha tanta certeza de que seu disfarce funcionaria; ele ainda era o homem mais sexy em qualquer sala. Ele atrairia atenção não importa o que acontecesse.

Os ombros de Scott estavam curvados, e ele continuava enfiando as mãos nos bolsos do moletom, como se quisesse se impedir de pegar Kip.

— Meu pai costumava me trazer aqui, quando eu era criança — disse Kip. — Ele dava aulas de história e inglês no ensino médio.

— Então você pegou isso dele?

— Definitivamente — disse Kip. — Minha irmã, Megan, gostava mais de romances, mas eu sempre me interessei por história.

— O que você gosta nisso?

Kip não tinha certeza de como responder a uma pergunta tão enorme. — É... quero dizer, é uma longa história. Uma história *muito* longa. E houve milhões de pessoas ao longo de milhares de anos que ajudaram a contá-la. Para registrar seu próprio pedacinho dela, ou para tentar preencher as lacunas ou fazer correções nas partes que vieram antes delas. Tipo, algumas pessoas tentam registrar sua história de uma forma que as faça parecer melhores... ou que faça outra pessoa parecer pior. Mas então os historiadores trabalham para consertar isso. E é isso que eu quero fazer... trabalhar para garantir que as histórias certas sejam contadas.

— Uau — disse Scott. — Isso é legal. Eu gosto disso.

Kip deu de ombros, um pouco envergonhado por seus estranhos devaneios. — Eu só acho interessante.

— Então os cavaleiros italianos do século XVI não são sua área de especialização? — Scott perguntou.

Kip balançou a cabeça e sorriu. — Na verdade, não. Estou mais interessado em camponeses. Mas soldados definitivamente me interessam.

— Diga-me — disse Scott. — Quero ouvir sobre o que lhe interessa.

— Ah. Principalmente, estou interessado em pessoas. Não tanto nos grandes nomes dos livros de história, mas em como as pessoas viveram em diferentes períodos. Em diferentes lugares. Quem eram os soldados nas guerras. Quem eram os trabalhadores. Esse tipo de coisa. Grupos marginalizados, especialmente. Pessoas que não tiveram sua história contada corretamente.

Scott assentiu pensativamente. — Como pessoas gays? — ele adivinhou.

— Claro, sim. Para começar. Eu escrevi minha tese de graduação sobre grupos marginalizados sendo recrutados para guerras. — Kip examinou os

detalhes em uma glaive[2] do século XVI e esperou que Scott mudasse de assunto.

Depois de um minuto, Scott surpreendeu Kip perguntando: — Você tem uma cópia disso em algum lugar? Eu gostaria de ler.

Kip piscou para ele. — Você quer ler minha tese?

— Claro. Se você escreveu, eu quero ler.

Deus, isso foi fofo. Kip realmente queria abraçá-lo. Scott ficaria bravo se ele o abraçasse? — São, tipo, noventa páginas — ele disse, em vez de se lançar para seu grande e adorável namorado. — E provavelmente chato pra caramba.

— Eu consigo ler noventa páginas — disse Scott, sorrindo. — Eu sou um atleta, não um estúpido.

Kip revirou os olhos. — Eu sei que você não é burro, Scott.

Scott sorriu, e então seus olhos percorreram pela sala pela milionésima vez. Ele parecia estar se forçando a se divertir, mas estava obviamente desconfortável. Isso estava deixando Kip chateado.

Ele colocou a mão no braço de Scott e então a afastou quando Scott se encolheu.

Kip fez o melhor que pôde para não ficar irritado. Ele queria dizer a Scott para relaxar, mas em vez disso ele se virou e o levou para outra armadura.

— Ei, você já viu isso antes? Essa sempre foi uma das minhas coisas favoritas aqui. Isso foi usado por Henrique VIII.

— Já ouvi falar desse cara!

— Viu? Não é nada burro!

[2] Um tipo de arma de haste, com uma lâmina de gume único na ponta.

Scott franziu a testa para a armadura dourada. — Eu pensei que ele era gordo. Ele não era, tipo, um cara grande e gordo com barba? Esse traje parece muito pequeno.

— Esta era a armadura dele quando ele era jovem — disse Kip. — Aqui... — Ele gesticulou para Scott segui-lo. — Vemos outro de seus trajes, que ele usou vinte anos depois. Grande diferença.

— Acho que ele passou esses vinte anos comendo.

— E fodendo. E matando suas esposas.

— Bem, eu estava a bordo até a última parte.

Kip riu. Scott sorriu para ele. — Você deveria trabalhar aqui — ele disse. — Você seria ótimo nisso!

— É. Isso seria incrível — Kip murmurou. Ele nunca se preocupou em contar a Scott sobre a entrevista de emprego infrutífera no outro museu. Não havia razão para se fazer parecer ainda menos impressionante.

— O que você precisa para trabalhar em um lugar como esse? Você já tem um diploma de história.

— Ah, não sei. Um mestrado, pelo menos, provavelmente. Depende do trabalho.

— E você não quer fazer o mestrado?

— Eu não sei — Kip disse, fingindo estar interessado em uma manopla do século XV. — Quero dizer, sim. Eu gostaria. Eu simplesmente não po... — Ele se interrompeu.

— Pode pagar? — Scott terminou por ele.

— Não comece — Kip alertou.

— Eu não estou! Mas se o dinheiro é a única coisa que te segura...

— Não é. Para começar, eu teria que ser aceito em algum lugar.

— Você se candidatou?

Kip não conseguia pensar em um motivo para mentir. — Enviei algumas inscrições algumas semanas atrás.

Os olhos de Scott se arregalaram de surpresa, mas ele sorriu. — Isso é ótimo! — Então seu rosto mudou um pouco. — Hum...onde?

— Ah, só por aqui — Kip disse rapidamente. Ele abaixou a voz e sorriu. — Você achou que eu ia te deixar?

Scott olhou para ele seriamente. — Eu sentiria sua falta pra caramba se você fosse embora para a faculdade, mas eu entenderia.

Kip *realmente* queria beijá-lo, ou pelo menos apertar sua mão. Isso era uma droga.

— Obrigado — ele disse. — Mas estou mais feliz ficando aqui. E, além disso, posso não entrar em nenhuma delas de qualquer jeito.

— Você vai.

As coisas mudaram mais tarde, quando eles estavam na galeria de esculturas europeias. Na iluminação brilhante e nos espaços abertos, as pessoas começaram a notar a celebridade no meio delas. De repente, os frequentadores do museu pareciam muito menos interessados nas estátuas de deuses gregos e começaram a tirar fotos secretas do Adônis moderno que andava entre eles.

Kip se inclinou para perto de Scott e disse: — Esses caras estão...

— Eu sei — Scott disse firmemente. — Eu os vejo.

Não demorou muito para que duas jovens se aproximassem deles e perguntassem se poderiam tirar uma selfie com Scott. Kip percebeu que ele queria recusar educadamente, mas, em vez disso, forçou um sorriso e disse: — Claro!

Kip podia ouvir os murmúrios ecoando pelo átrio silencioso de mármore. — Você viu Scott Hunter ali? É realmente Scott Hunter? Quem você acha que é aquele com ele?

Mais pessoas se aproximaram de Scott e tiraram fotos com ele. Scott assinou alguns guias de museu, o que pareceu um pedido absurdo para Kip.

Depois que uma família de quatro pessoas tirou fotos com ele, Scott se virou para Kip e disse, firmemente, — Nós deveríamos ir. Desculpe, mas isso só vai piorar.

Eles saíram rapidamente. Eles tinham planejado almoçar perto, mas Scott já estava ligando para seu serviço de carro enquanto eles andavam pelo saguão do museu.

— Nada de almoço então, eu acho — disse Kip, mantendo a voz o mais fria possível.

— Não. — O tom de Scott era menos frio, e sua postura era tensa e raivosa. Kip queria colocar a mão nele para acalmá-lo, mas não ousou.

De volta ao apartamento. Para me esconder.

Bem, foram algumas horas agradáveis fingindo que ele estava em um relacionamento normal.

* * *

Naquela noite, as contas de fãs de Scott Hunter estavam cheias de fotos de celular - a maioria delas tiradas sem permissão - de Scott e Kip no museu. Havia até mesmo alguns sites de fofocas de celebridades que as estavam postando. Kip só sabia delas porque, pouco depois das oito horas daquela noite, ele recebeu uma mensagem de texto de Shawn.

Shawn: *Kip! Puta que pariu esse é você???!!!!!!!!*

Era uma foto de Scott olhando (um pouco amorosamente demais) para Kip enquanto Kip olhava para uma estátua de Perseu. A cena definitivamente parecia romântica, e o pênis de mármore da estátua pairando entre seus rostos não ajudou a suavizar as coisas.

A maioria das pessoas não notaria nada disso, certo?

Kip: *Sim.*

Shawn: Você *quer me dizer por que está num encontro com Scott Hunter?*

Kip: *Não foi um encontro!*

Uma mentira total.

Shawn: *Explique-se.*

Kip: *Nós nos conhecemos no trabalho. Somos amigos. Não é nada.*

Shawn enviou um gif de uma concorrente do *RuPaul's Drag Race* fazendo uma cara de "vadia, por favor".

Kip: *Não é nada! Estou falando sério! Como se Scott Hunter quisesse namorar comigo. Sério!*

Shawn: *Hummm...*

Kip: *Ele parece gay para você? Mesmo um pouco?*

Ele odiava cada palavra que digitava. Ele não queria mentir para os amigos.

Shawn: *Hummm...*

Kip: *Não é nada.*

Shawn: *Bem, da próxima vez que você e seu amigo hétero Scott estiverem fazendo "nada" você deveria me convidar. E talvez ir à praia ou algo assim. Ou a uma piscina. Ou a uma sauna.*

Kip revirou os olhos e então enviou o emoji de revirar os olhos.

Shawn: *Ele parece querer te comer. É tudo o que estou dizendo.*

Kip: *Ele não.*

(Mesmo que ele tenha feito isso completamente.)

Ele decidiu não contar a Scott sobre as fotos estarem online. Scott nem sequer tinha contas oficiais de mídia social. Havia uma boa chance de que ele nunca descobrisse sobre elas.

No geral, elas não eram grande coisa. Todo o foco estava em Scott Hunter sendo avistado na natureza. Ninguém sequer mencionou Kip, exceto para rotulá-lo como um "amigo desconhecido".

Não há razão para contar ao Scott. Isso só o estressaria.

Às nove e meia daquela noite, Scott disse: — Há fotos nossas online? Do museu?

— Hum... Eu não sei — Kip mentiu. — Por quê?

— Carter acabou de me mandar uma mensagem.

Porra. Kip pegou o celular e fez questão de abrir o Twitter, como se não tivesse verificado o dia todo.

— Ah. Sim, tem algumas. Nada... Quer dizer, elas são bem borradas. Não sei por que as pessoas se dão ao trabalho de postá-las.

Ele esperou pela resposta de Scott, e torceu para que Scott não notasse o quão vermelho ele estava. Ele já havia mentido para Shawn sobre essas fotos idiotas; agora ele estava mentindo para Scott sobre elas. Na verdade, Kip só queria olhar para elas, e ficar um pouco orgulhoso delas. Ele nunca tinha visto uma foto dos dois juntos antes.

— Por que Carter estava enviando uma delas para você?

— Só... tirando sarro de mim, ou sei lá o quê. Ele sabe que eu odeio esse tipo de atenção.

— Então ele não pensa...

— Eu não sei! Porra! — Scott jogou o telefone no sofá e começou a andar de um lado para o outro. — Nós não deveríamos ter ido! Foi estúpido. Eu só queria... Porra. O que eu estava pensando?

— Ei — Kip disse, tentando soar reconfortante. — Não é grande coisa. Não é nada. Não é como se estivéssemos nos pegando nas fotos.

— E se estivéssemos? Quer dizer, não nos pegando. Mas e se eu te tocasse de alguma forma óbvia por acidente? Ou se eu...olhasse para você do jeito que eu sei que sempre faço?

Kip rezou para que Scott nunca visse a foto que Shawn lhe enviou.

— É muito difícil ter cuidado — disse Scott. — Eu nunca deveria ter...

— Certo — disse Kip secamente.

Foi ridículo pra caralho. O "encontro" deles não poderia ter sido mais casto, e aqui estava Scott tendo um colapso pelo fato de que eles foram vistos parados um perto do outro em um lugar público.

Pela primeira vez, Kip considerou seriamente sair para ir para casa à noite. Ele estava cheio de muito mais do que irritação com Scott. Seu medo habitual de que não havia como isso funcionar entre eles a longo prazo estava tomando conta dele.

Ele amava Scott tanto, e faria quase qualquer coisa para ficar com ele. Mas ele não podia mentir sobre quem ele era. E ele não queria mentir sobre quem Scott era para ele.

— Eu acho... que vou para casa, tudo bem?

— O quê? — Scott pareceu completamente pego de surpresa por isso. — Por quê?

— Eu só... — Kip mordeu o lábio. Ele não queria brigar por nada disso, mas se ele ficasse eles *brigariam* porque Kip não conseguia fingir que não estava chateado. — Eu tenho coisas para fazer em casa.

Parecia mentira mesmo.

— Por favor, não vá — disse Scott.

Kip ia insistir que precisava ir embora, mas então Scott disse: — Desculpa.

Kip suspirou. — Você não precisa se desculpar, Scott.

— Bem... Eu sinto que sim, certo? E eu queria poder prometer que as coisas vão melhorar, mas a verdade é... — Ele esfregou a mão no rosto e xingou baixinho. — Estou tentando. Juro, estou tentando. Provavelmente não parece, mas cada pequeno passo que damos é um grande salto para mim.

— Eu sei — disse Kip. Ele sabia. Scott até mesmo tentar um passeio público com ele já era um grande negócio. Eles estavam namorando há apenas algumas *semanas;* o quanto Kip realmente poderia pedir a ele?

— As coisas vão ficar mais agitadas para mim quando os playoffs começarem — disse Scott. — Só quero saber se estamos bem.

Kip assentiu. — Estamos bem.

— Por favor, fique — disse Scott. — Eu te amo tanto, Kip. Preciso de você. Por favor, seja paciente comigo.

E como Kip poderia resistir a isso?

— Eu vou ficar.

Capítulo Vinte e Um

A multidão era ensurdecedora, mas Kip ainda conseguiu ouvir Elena quando ela se inclinou e disse em seu ouvido: — Acho que *alguém* vai fazer um ótimo sexo esta noite.

Kip corou e sorriu ainda mais do que já tinha feito. Os Admirals tinham acabado de vencer seu quarto jogo consecutivo na primeira rodada dos playoffs, arrasando o Pittsburgh, de classificação mais alta, e avançando para a próxima rodada. Kip observou Scott comemorar com seus companheiros de time no gelo. Ele estava tão orgulhoso dele.

Scott tinha cada vez menos tempo para ele conforme os playoffs se aproximavam. Embora Kip passasse a maioria das noites na casa de Scott, Scott só ficava em casa por cerca de metade delas. Kip havia dito aos pais que estava hospedado com amigos em Manhattan. Ele precisava contar *algo a eles*.

O relacionamento deles ainda era novo - só dois meses de idade, na verdade. Kip se lembrava disso sempre que se sentia frustrado com isso. Ele se perguntava às vezes se Scott algum dia estaria pronto para se assumir. Para deixá-los ser um casal de verdade.

Em particular, porém, quando Scott *tinha* tempo para ele, as coisas eram maravilhosas.

Os dois times se alinharam para apertar as mãos um do outro. Cada jogador do time de Pittsburgh pareceu tirar um momento para dizer algo a Scott quando tiveram sua vez com ele. Ele até recebeu alguns abraços rápidos e másculos de alguns deles. Isso mostrou o quão respeitado Scott era, até mesmo por seus oponentes.

Kip o amava. E ele *estava* esperando um ótimo sexo esta noite.



* * *

Kip estava escovando os dentes no apartamento de Scott quando recebeu uma mensagem dele.

Saindo com os caras. Provavelmente chegarei bem tarde.

Kip tentou não se sentir desapontado. Os Admirals tinham acabado de derrotar Pittsburgh dos playoffs! Claro que Scott gostaria de comemorar com seu time.

Ele se sentou na beirada da cama de Scott e respondeu. *Ok. Divirta-se.*

Ele suspirou. A verdade era que ele estava passando muito tempo sozinho ultimamente. Não era como se ele não tivesse amigos; ele simplesmente não tinha amigos que soubessem sobre Scott, além de Elena. Sua *família* não sabia sobre Scott. Sua família com quem ele tecnicamente *morava.*

Estava ficando mais difícil.

Por mais agradável que fosse a cobertura de Scott, ela também era vazia e solitária. Além disso, não pertencia a Kip. Ele havia trazido algumas roupas e artigos de higiene básicos para dentro, e seu laptop passava a maior parte do tempo ali, mas ele ainda era um hóspede.

Qualquer emoção sexy de ter um relacionamento secreto que já existiu definitivamente desapareceu. O desastroso passeio ao museu provavelmente matou o último dele. Kip estava cansado de ser cuidadoso quando falava com seus amigos e familiares. Ele estava cansado das mentiras e meias-verdades. Principalmente, ele estava cansado de evitar todo mundo porque não *queria* mentir. Ele sempre foi um cara muito sociável. Ele não gostava disso.

Scott parecia estar muito mais confortável do que Kip com seu relacionamento estranho. Ele obviamente amava voltar para casa para Kip, sempre o cumprimentando com um sorriso caloroso e um beijo. Até as atividades domésticas mais básicas, como preparar comida ou assistir

televisão, pareciam deixá-lo muito feliz. Elas também faziam Kip feliz, mas ele estava se sentindo muito... compartimentado. Ele se encaixava na vida de Scott em casa, e era definitivamente importante para Scott que Kip comparecesse aos jogos, mas além disso não havia mais nada. Kip não estava contando a seus amigos sobre Scott, e Scott com certeza não estava contando *a seus* amigos sobre Kip.

Não que o relacionamento deles fosse *ruim*. Kip estava apaixonado. Totalmente e completamente apaixonado. E ele não tinha dúvidas de que Scott o amava também. Além disso, a vida sexual deles ainda era incrível. Para um cara com experiência anterior limitada, Scott certamente encontrou novas maneiras de surpreender Kip na cama.

Seria ridículo para Kip dizer que se sentia como um *prisioneiro* no apartamento de Scott. Não era isso. Era só que o relacionamento deles realmente só existia dentro das paredes da casa de Scott. Era a coisa mais importante na vida de Kip, e ele não conseguia levar isso além da porta da frente. Agora que os playoffs tinham começado, Kip tinha perdido a esperança de que Scott pudesse tornar seu relacionamento público em breve. E quando os playoffs terminassem, o plano de Scott era fugir para a Europa com ele.

E então o quê? A próxima temporada de hóquei começaria e Scott ficaria ocupado e talvez Kip começasse a faculdade... ou pior, talvez ele continuasse trabalhando em seu emprego de merda e continuaria fingindo que não estava namorando ninguém. Fingindo que não estava compartilhando sua vida com um homem que amava. Deixando seus pais pensarem que ele estava dormindo no sofá em Manhattan, ou dormindo com um desfile interminável de homens aleatórios.

Kip jogou o telefone no colchão. Ele estava sendo egoísta. A cidade estava comemorando a vitória dos Admirals esta noite. Ele deveria estar orgulhoso e *grato* por Scott ter lhe dado tudo o que podia.

Scott o amava. Ele sabia disso. Ele só queria que não fosse tão complicado.

* * *

Kip ouviu o baque inconfundível de Scott batendo na cômoda, seguido pelo som dele xingando baixinho. Kip acendeu o abajur de cabeceira.

— Ei — ele disse, com a voz rouca.

— Oi — Scott sussurrou. — Desculpe por acordar você. Volte a dormir. Só estou me despindo.

— Você está um pouco bêbado, hein? — Kip perguntou com um leve sorriso.

— Um pouco. Não realmente. Talvez.

Kip sentou-se, sorrindo mais largo agora. — Eu nunca vi você bêbado antes.

— Não tão bêbado assim — Scott murmurou. — Só... me diverti.

— Mm.

Scott tirou a camisa e a calça e foi até o banheiro para escovar os dentes. Kip observava a porta, esperando por ele.

— Volte a dormir — Scott disse novamente quando retornou. — Você tem trabalho amanhã.

Era verdade. Kip tinha que acordar cedo demais para trabalhar.

Scott foi para a cama e rapidamente beijou Kip na bochecha antes de apagar a luz. Kip franziu a testa para a escuridão, querendo dizer algo, mas não sabendo o quê. E no meio da noite, quando seu namorado está pelo menos um pouco bêbado e você tem que ir trabalhar em algumas horas, provavelmente não era o melhor momento.

— Parabéns pela vitória — ele disse finalmente. — Estou realmente orgulhoso de você.

Mas Scott já estava dormindo.

GAME CHANGER

* * *

Não ajudou que algumas semanas atrás tenha havido um jantar da equipe Admirals onde esposas e namoradas foram convidadas para comparecer. Parte de Kip queria argumentar que um evento privado como aquele, onde Scott estaria entre as pessoas que ele considerava sua família, poderia ser uma oportunidade perfeita para apresentá-lo. Talvez se assumir não precisasse ser um grande problema. Talvez Scott pudesse simplesmente... aparecer com Kip. Deixar seus companheiros de time tirarem suas próprias conclusões.

Ele não mencionou isso a Scott, e Scott nunca sequer deu a entender que poderia levar Kip junto. Em vez disso, ele apenas se desculpou quando contou a ele sobre o jantar. Ele disse que gostaria de poder levá-lo, mas foi só isso.

Kip estava um pouco deprimido desde então.

Um cliente deixou um dos jornais gratuitos que eles distribuem nas estações de metrô em uma mesa no trabalho. Uma foto de Scott, exultante após um dos dois gols que ele marcou na noite passada, encheu a primeira página. Quando Kip olhou para ela, ele se sentiu culpado e emocionado. Ele era um babaca. Seu namorado era um *herói do caralho* e ele era um idiota ingrato que esperava que Scott colocasse em risco tudo pelo que ele trabalhou a vida inteira? Por ele?

Ele olhou para o rosto exuberante de Scott na capa do jornal e foi tomado pela verdade angustiante de que não havia a mínima chance de essa coisa com Scott durar. Como poderia?

Era exatamente nesse estado de espírito que Kip estava quando Maria disse: — Então... tenho que te contar uma coisa.

— Oh?

— Eu apresentei meu aviso prévio.

Kip levou um momento para registrar o que ela havia dito. — Merda. Sério?

— Sim. Hum, meu amigo foi promovido a gerente em um dos Starbucks em Midtown, e eles estavam contratando...

— Oh.

— Eu ainda vou ter que levantar-me muito cedo, mas o salário é melhor e tem benefícios, sabe? Seguro saúde.

— Sim. Não, sim. Isso é ótimo. Bom para você. — Seu entusiasmo era mais do que forçado.

— Ah, Kip. Desculpa. Eu devia ter te avisado. Só não queria dizer nada até ter certeza.

— Não, está tudo bem. Não se desculpe. Está tudo bem! Estou feliz por você. Sério.

— Ei — ela disse alegremente — se eles estiverem contratando novamente, eu falo bem de você. Se você quiser.

— Ah, claro. Sim. Talvez. Obrigado.

— Provavelmente não vou trabalhar lá por muito tempo — disse Maria. — Tenho pensado em... academia de polícia.

— Seriamente?

— Provavelmente é idiota...

— Não! Maria, você seria ótima! E poderíamos usar mais policiais bons, sabia?

Kip trabalhou o resto do turno atordoado. Ele não conseguia dizer o que realmente o incomodava: que ele sentiria falta de trabalhar com Maria, ou que ele se ressentia por ela ter ido embora enquanto ele estava preso ali.

Você também pode desistir, idiota.

Quando ele voltou para o apartamento de Scott depois do trabalho, Scott não estava lá. Ele não tinha recebido nenhuma mensagem dele o dia todo.

Resignado a suportar outra noite solitária, Kip se arrastou para o chuveiro e saiu se sentindo um pouco melhor. Ele se perguntou se Scott estaria em casa para o jantar.

Não era incomum para Scott não manter contato. Não ultimamente, pelo menos. Os playoffs e tudo que os antecedeu o consumiram compreensivelmente. Ele havia se desculpado com Kip antecipadamente pelo pouco tempo que ele poderia lhe dar, o que era ridículo. Eram os *playoffs da Copa Stanley* e Scott era a maior estrela da liga, pelo amor de Deus. Somando-se a isso, estava o fato de que Scott, apesar de suas muitas conquistas, nunca havia realmente *vencido* a Copa Stanley.

Sim, era importante que Kip ficasse tranquilo sobre isso.

Quando Scott chegou em casa mais tarde naquela noite, ele parecia exausto.

— Ei — Kip disse, beijando-o rapidamente. — O que você estava fazendo hoje?

— Ah, só... A ESPN pediu para mim e alguns caras gravarem algumas promoções para a segunda rodada dos playoffs. Demorou mais do que eu pensava.

— Ah.

— Eu vou... — Scott gesticulou em direção ao quarto. — Dia longo. E tenho que acordar cedo amanhã.

— Claro. Sim. — *Meu dia foi uma droga, obrigado por perguntar.*

Scott desapareceu no quarto, e Kip afundou no sofá. Ele sabia que provavelmente estava exagerando porque estava de mau humor desde o começo, mas naquele momento ele se sentiu como *o bichinho de estimação do Scott.*

E então ele ficou bravo consigo mesmo, porque por que diabos ele *estava* esperando Scott voltar para casa? Por que essa era sua vida agora? Ele costumava ir ao Kingfisher o tempo todo - pelo menos uma vez por semana. E ele saía para boates. E jantava com amigos. E almoçava com amigos. E brunch com amigos. Agora ele simplesmente saía do trabalho e ia para o apartamento de Scott e esperava ele voltar para casa. E se Scott estivesse fora, ele ia para o apartamento de Scott e assistia televisão sozinho até adormecer.

Ele amava Scott. Absolutamente. Mas essa *não poderia* ser sua vida a longo prazo. Ele tinha *vinte e seis anos!*

Nas últimas semanas, Kip estava se preparando para a inevitável percepção de Scott de que ele era bom demais para Kip. Ou, pelo menos, que Kip não valia a pena arriscar toda a sua carreira por ele. Mas talvez ele não devesse esperar por esse momento. Talvez *ele* devesse iniciar a conversa. Porque a dolorosa verdade era que se Scott não tivesse planos de mudar as coisas, então Kip não poderia permanecer nesse relacionamento.

Kip quase quis marchar para o quarto ali mesmo e perguntar a Scott, à queima-roupa "Você vai se assumir? Eu valho a pena?" mas o momento seria terrível. Scott estava obviamente esgotado.

E qual era a resposta que Kip esperava ouvir? *Sim. Absolutamente. Vou me assumir publicamente amanhã. Deixe-me pegar o telefone para que eu possa convocar uma coletiva de imprensa?*

Então Kip não disse nada. Ele apenas assistiu televisão por um tempo, então deslizou para a cama ao lado do corpo adormecido de Scott. Ele olhou para a escuridão por horas, preocupado.

* * *

Scott enrolou fita preta de hóquei na lâmina do seu taco usando exatamente o mesmo método que ele aperfeiçoou quando era adolescente. Faltavam duas horas para o jogo em Boston.

— Ei — disse Carter, testando o fio da lâmina de seus próprios patins com o polegar — você ouviu o que seu namorado estava dizendo?

Scott quase deixou cair seu taco. — *O quê?*

— Rozanov. Tagarelando de novo.

— Oh. — Ele relaxou, sentindo-se estúpido.

— Disse que se sentiria mal por tirar sua primeira vitória na Copa Stanley.

Ele revirou os olhos. — Tudo bem.

— Disse que seria gentil e lhe daria um dos anéis *dele.*

— Caridoso.

— Não sei quanto a você — disse Carter — mas estou ansioso para fazê-lo calar a boca.

Scott arrancou a fita do rolo com os dentes. — Claro que sim.

Além de querer vencer Rozanov, a segunda rodada foi o momento em que os Admirals foram eliminados dos playoffs do ano passado, então era importante para Scott que eles chegassem à terceira rodada.

Huff entrou no vestiário, comendo uma maçã. Ele se sentou e pegou seu telefone. — Quem quer ver uma foto fofa dos meus filhos?

— Temos escolha? — perguntou Carter.

— Não! Olha só! — Huff passou seu telefone para Carter, que olhou para ele e o entregou para Scott.

— Legal — disse Scott, olhando para os rostos sorridentes do filho e da filha de Huff, com chocolate espalhado por toda a boca. — Eles estão ficando tão grandes!

— Eu sei. Sinto tanta falta — Huff suspirou. — Sinto que tenho pelo menos mais uma temporada em mim depois disso, mas então tenho que pensar seriamente em dar a Laura aquele rancho que ela sempre quis. — Ele sorriu. — Você pode tirar a garota de Alberta...

— Bem, vamos primeiro te dar outro anel da Copa Stanley— disse Scott. — Então você pode pensar em aposentadoria.

— Quantos serão? — Carter perguntou. — Quatro?

Huff acenou com a mão. — Quem diabos consegue manter o controle?

Carter riu. — Foda-se, velho.

Scott sabia de fato que Huff já havia vencido quatro Copa Stanley com três times diferentes. Nenhuma com o New York. Eram quatro a mais que Carter ou Scott.

Scott sentou e pegou seu próprio telefone. Ele abriu algumas fotos recentes de Kip que ele havia tirado. Provavelmente era um risco até mesmo ter essas no telefone, mas ele tinha que se dar *algo,* pelo amor de Deus.

Ele se deixou olhar para o sorriso sexy de Kip por um minuto, aproveitando o calor que o inundava toda vez que o via. Então ele guardou o telefone no bolso e voltou a fingir que aquela parte de sua vida não existia.

Capítulo Vinte e Dois

Kip esperava que Elena comparecesse aos próximos jogos em casa com ele, mas quando ele mencionou isso a ela, ela respondeu: *Não posso. Não estou na cidade.*

Kip: *Onde você está?*

Elena: *Los Angeles*

Kip franziu a testa e respondeu com um ponto de interrogação.

Elena: *Trabalho. Explico quando voltar.*

Não foi uma boa notícia. Elena era literalmente a única pessoa que ele poderia levar sem ter que responder a muitas perguntas sobre como ele tinha dois ingressos prime para um jogo esgotado.

Os Admirals venceram o primeiro jogo contra Boston. Boston venceu o segundo. Eles jogariam o terceiro jogo amanhã à noite em Nova York.

Scott deve chegar em casa em breve.

Kip pegou o exemplar da *Sports Illustrated* da mesa de centro de Scott. A foto glamourosa de Scott o encarou de volta. Scott tinha ficado envergonhado com a capa, mas pareceu se aquecer um pouco quando viu o quanto Kip gostou dela.

A capa tinha Scott, sem camisa e vestindo calça de hóquei, segurando um taco de hóquei na parte de trás dos ombros e pescoço. Ele olhava diretamente para a câmera, frio, desafiador e absurdamente sexy. A iluminação dramática mostrava cada sulco de seu torso e braços musculosos.

A cópia na capa dizia *O RETORNO* em letras grandes e brancas. Kip tinha lido o artigo várias vezes. Mencionava que Scott era solteiro e não tinha família sobrevivente. Era apenas uma ou duas frases curtas, quase

improvisadas, mas dava ao leitor a impressão de que Scott poderia ser muito solitário.

Kip se perguntou se o entrevistador perguntou a Scott se ele estava saindo com alguém. O que Scott teria dito? Apenas um simples "não"? Ou ele teria corado um pouco, se mexido e murmurado "sem comentários"? Ou ele teria dito que *estava* em um relacionamento gratificante, mas que havia escolhido manter isso em segredo?

Dessa linha de pensamento, a imaginação de Kip saltou para um possível cenário futuro em que Scott se assumisse publicamente e seu relacionamento se tornasse conhecido. Como seriam os artigos sobre Scott então? Certamente sua vida amorosa ocuparia muito mais da página do que algumas frases.

Kip fechou a revista. O núcleo de pavor que parecia estar vivendo em seu estômago ultimamente começou a crescer.

A vida inteira de Scott pode ser arruinada por causa dele. Ou ele pode finalmente ser inteiro e feliz. Ou ele pode ser inteiro e feliz com outra pessoa...

Kip esfregou as mãos no rosto. Ele odiava pensar nessas coisas.

Scott entrou pela porta cerca de quarenta minutos depois. Ele sorriu cansado para Kip, que foi até ele e o beijou. A barba de Scott tinha crescido bastante.

— Assisti ao jogo ontem à noite — disse Kip.

— Eu gostaria de ter aquele de volta.

— Você vai ganhar o resto — Kip garantiu.

— Você vai amanhã à noite, certo?

— Sim. Sozinho, no entanto. Elena está em Los Angeles

— Oh. Que pena — Scott disse distraidamente. Ele parecia distraído. Provavelmente porque ele era uma pessoa importante com problemas reais

que importavam. Ele não precisava das preocupações insignificantes de Kip empilhadas em cima dele.

— Rozanov está incomodando você? — perguntou Kip.

— Sim — Scott suspirou. — Ele é um verdadeiro pé no saco.

— Você quer tomar um banho e descarregar todos os seus problemas em mim?

Scott lhe deu um pequeno sorriso agradecido. — Sim. Certo.

Kip ouviu Scott desabafar a noite toda. Ele guardou seus próprios problemas para si.

* * *

— Está ficando quieto aqui — Rozanov disse, fingindo confusão. — Por que está tão quieto? Tem tanta gente aqui! Deveria estar barulhento, não?

— Cale a boca, Rozanov. — Scott se abaixou para encarar o oponente na disputa de disco.

— *Estava* barulhento antes. Mas desde que marcamos o quarto gol, tem sido silencioso. É estranho, eu acho.

Scott cerrou os dentes e garantiu que venceria a maldita disputa de disco.

Rozanov não estava errado. A energia tinha sido sugada do Madison Square Garden. A torcida da cidade natal estava compreensivelmente infeliz com a liderança de 4-1 que Boston agora tinha sobre os Admirals. Seria o segundo jogo consecutivo que Boston venceria na série, a menos que por algum milagre Nova York marcasse três gols nos próximos sete minutos.

Scott e Carter avançaram em direção à rede, Huff ficou um pouco para trás. Eles executaram a jogada que haviam aperfeiçoado no treino: Scott passou para Carter, Carter imediatamente devolveu para Huff, que chutou e...

Parado pelo goleiro do Boston.

— Desculpa, Scott — Huff disse. — Porra.

— Foi uma jogada fofa! — Rozanov gorjeou enquanto patinava por Scott. — Eu adoro hóquei de veteranos!

Ele cutucou Scott, o que levou Scott a empurrá-lo. *Com força.*

Rozanov cambaleou para trás, então se moveu como se fosse empurrar Scott de volta. O árbitro, Hal Coleman, interveio. — Vamos lá, rapazes. Rozanov, pare de ser um babaca. Hunter, pare de ouvir Rozanov.

— Quantos minutos eu teria se eu simplesmente o matasse? — Scott resmungou enquanto observava Rozanov patinar para longe.

— Eu teria que te dar pelo menos dez — Hal disse secamente. — Não vale a pena nos playoffs.

Scott patinou até o banco.

— Bom esforço, Hunter — disse alguém, e outros disseram coisas semelhantes em concordância.

Scott sentou-se com força no banco e resistiu à vontade de bater seu taco contra as placas. Este jogo foi um completo constrangimento e foi irritante.

Ele olhou através do gelo para onde Kip estava sentado. Era fácil localizá-lo porque estava ao lado de um dos únicos assentos vazios no prédio. Ele estava sentado curvado para frente, com as mãos entrelaçadas na frente da boca. Apenas uma das milhares de pessoas ansiosas e decepcionadas no prédio esta noite.

Amanhã o time revisaria, eles treinariam e se reagrupariam. Em duas noites eles fariam essa multidão *rugir*.

* * *

Kip saiu da estação de metrô perto do apartamento de Elena e caminhou penosamente pela garoa fria de abril. Elena havia voltado da Califórnia e tinha convidado Kip para assistir ao quinto jogo da série Nova York x

Boston. Ele estava ansioso para vê-la. Ele estava ansioso para ver *qualquer um.*

Os Admirals se recuperaram e venceram o segundo jogo em casa contra Boston, empatando a série em duas vitórias cada. As séries de playoffs da NHL foram todas melhor de sete, então a série iria para pelo menos seis jogos.

Scott tinha estado muito distante nos últimos dias. Ele mal falava, e não parecia estar ouvindo quando Kip lhe dizia alguma coisa. Além dos jogos, ele tinha tido reuniões, treinos e sessões de academia. Ele estava focado em vencer Boston, o que Kip entendia completamente.

E era por isso que as coisas estavam um pouco frias entre eles. Essa era a única razão. Ele dizia isso a si mesmo quase constantemente.

Scott tinha ido para Boston ontem enquanto Kip estava no trabalho. Ele nem tinha realmente se despedido.

Kip estava feliz que Elena estava de volta.

— Ah, você está todo molhado e com frio — ela disse quando abriu a porta. — Entre. Pedi pizza. Tenho cerveja.

— Eu te amo.

Ela esperou até o primeiro intervalo para jogar uma bomba nele. — Tenho algumas novidades — ela disse. — A Equinox está abrindo uma sede na Costa Oeste.

— Oh sim?

— Sim. E... eles querem que eu gerencie a equipe de segurança cibernética lá.

Kip levou um momento. — Você está *se mudando?* — ele perguntou.

— Temo que sim.

— Quando? Quero dizer... *O quê?* Você está indo embora?

— Próximo mês.

— No *próximo mês?*

Ela colocou a mão sobre a dele. — Sim — ela disse. — Sinto muito por jogar isso em você desse jeito.

— Porra. Isso é uma merda. Quero dizer, parabéns, mas...

— Obrigado.

— Não, sério. Estou orgulhoso de você. Só... Droga.

— Eu sei. Eu também vou sentir sua falta.

— Isso nem começa a descrever — disse Kip miseravelmente.

— Ah, querido. Você vai vir visitar. Você e Scott, ok?

— É... — Será que esse dia aconteceria, onde ele e Scott poderiam viajar juntos como um casal pela América do Norte? — Merda, não acredito que você está realmente indo embora. Vai ser como... perder minha perna ou algo assim.

Ela apertou a mão dele. — É muito pior do que isso — ela disse com um sorriso irônico.

* * *

— E aí, tudo bem? — Scott perguntou. Para Kip, parecia que ele tinha pego Scott em um momento ruim. Mas ele esperou até a manhã após o quinto jogo em Boston (que os Admirals venceram) para ligar.

— Desculpe. Você... Posso ligar mais tarde?

— Está tudo bem. O que é?

Kip ficou um pouco surpreso. Scott nunca perguntou por que ele estava ligando. Eles apenas... ligaram um para o outro.

— Só...tive um dia meio ruim ontem.

— Ah. Certo. O que aconteceu?

— Elena está se mudando para a Califórnia. Ela foi promovida e a Equinox está abrindo uma nova divisão lá.

GAME CHANGER

— Bom para ela!

— Sim. É. Mas... é uma droga para mim.

— Certo. Sim.

— Sim.

— Desculpe — Scott disse. — Acho que estou acostumado com meus amigos se mudando. Sendo negociados e coisas assim.

— Oh.

A conversa deles era tão rígida. Kip odiava.

— É isso? — Scott perguntou.

— É o quê?

— Elena se mudando. É esse o único motivo pelo qual seu dia foi ruim?

Agora Kip estava ficando bravo. — É um bom motivo.

— Eu sei... Só... Eu tenho que ir. Estamos indo para o aeroporto...

— Claro. Sim. Desculpe.

— Não se desculpe... — Scott suspirou. — Falo com você depois, tudo bem?

— OK.

Eles encerraram a ligação e Kip saiu miseravelmente da sala de descanso no trabalho. Ele imediatamente verificou as geladeiras para ver o que precisava ser reabastecido. Ele não estava a fim de lidar com clientes agora.

Por que diabos ele estava bravo? Que sua vida de merda estava mudando? Que as pessoas ao redor dele estavam melhorando? Não era como se ele quisesse que tudo permanecesse igual para sempre. Ele tinha seu coração secretamente decidido naquele trabalho no museu até recentemente. Mesmo agora ele estava esperando notícias das faculdades de pós-graduação. Ele não poderia estar bravo com seus amigos por seguirem em frente.

Ele não estava bravo. Ele estava apenas frustrado e sentindo pena de si mesmo. E se preparando mentalmente para ser rejeitado nas faculdades para as quais se candidatou ao mesmo tempo em que seus amigos anunciavam novos e melhores empregos.

Talvez ter que ficar em silêncio sobre seu relacionamento com Scott estivesse fazendo com que ele ansiasse por alguma notícia sobre a qual *pudesse* falar.

Talvez se ele não tivesse que ficar calado sobre seu relacionamento com Scott...

Porra. Nesse ritmo, provavelmente não *haveria* um relacionamento com Scott para manter em segredo.

* * *

Quando Scott voltou para seu apartamento em Manhattan, Kip não estava lá.

Scott sabia que ele não estaria mais no trabalho. Ele se perguntou se ele estava em algum lugar, ou se ele simplesmente não ficaria mais lá. Ele não tinha falado com ele desde o telefonema tenso naquela manhã.

Ele decidiu mandar uma mensagem para ele. *Olá. Acabei de chegar em casa. Você vai ficar aqui esta noite?*

Demorou alguns minutos para obter uma resposta.

Kip: *Não. Estou em casa hoje à noite. Coisas de família.*

Kip não mencionou nada sobre família. Scott teve a nítida impressão de que estava sendo ignorado.

Scott: *Oh. Lamento ouvir isso.*

Ele esperou.

Kip: *Parabéns pela vitória ontem à noite.*

Scott relaxou um pouco. Isso foi *alguma coisa,* pelo menos.

A menos que Kip estivesse sendo sarcástico...

Mas isso seria ridículo. Certo?

Scott: *Obrigado*.

Ele tentou pensar em algo para acrescentar que não soasse agressivo, raivoso, desesperado, paranoico ou...

Scott: *Espero ver você em breve.*

Ugh.

Kip: *Certo*.

Uau. Isso não foi bom.

Scott: *Você está em casa agora?*

Kip: *Sim*.

Scott mordeu o polegar, tentando decidir o que dizer em seguida.

Scott: *Você vai ao jogo amanhã à noite?*

Kip: *Se você quiser.*

Scott: *Claro que sim! Você está bravo comigo?*

Houve uma longa pausa e então:

Kip: *Não. Vejo você no jogo.*

Scott franziu a testa. Ele não tinha ideia de como lidar com isso. Ele estava acostumado a ter a liberdade de se concentrar em seu time e seu jogo, em sua própria saúde e preparo físico, e em seu contrato e acordos comerciais. Ele nunca se concentrou em sua própria *felicidade.* E ter a felicidade de outra pessoa afetada por ele era simplesmente... aterrorizante. Provavelmente uma receita para o desastre.

Ele não tinha ideia do que estava acontecendo, ou como consertar. O que ele *sabia* era que realmente não precisava de nenhuma distração agora.

* * *

Kip não estava mentindo sobre as coisas da família. Sua irmã e o namorado dela estavam se juntando a eles para jantar, então ele se certificou de que ele também estaria lá.

A refeição tinha sido boa, com muita conversa sobre o cachorrinho que Megan e Andrew esperavam adotar. Kip estava preocupado que a conversa fosse focada nele, e que ele teria que mentir para sua família ainda mais do que já tinha mentido. Como resultado, ele fez muito mais perguntas sobre o cachorrinho do que normalmente faria.

Foi depois do jantar que Megan o encurralou. Andrew foi até a cozinha para ajudar na limpeza, e ela agarrou o braço de Kip e o puxou para cima.

— Então o que está acontecendo com você, Kip? — ela perguntou. — Mamãe disse que você quase nunca está aqui. Você está saindo com alguém ou algo assim?

Porra.

— Nah — ele disse o mais suavemente possível. — Só, você sabe, ficando com amigos principalmente. Economiza tempo de deslocamento para o trabalho de manhã.

— Hm — ela disse.

— O quê?

— Você está feliz, Kip?

Ele deu de ombros. — Claro. Não sei.

— Eu me preocupo com você.

Kip fez uma careta. — Por quê? Nós mal conversamos mais. Estou bem.

— Você ainda é meu irmãozinho. Você não pode ser feliz morando aqui com a mamãe e o papai, dormindo nos sofás dos amigos, ficando com caras aleatórios e trabalhando naquele emprego que você odeia.

— Jesus, Meg. Mais alguma coisa?

— Sinto muito. Só quero ver você feliz, só isso.

— Estou *bem* — ele disse novamente. Ele suspirou e acrescentou: — Eu me inscrevi em algumas faculdades de pós-graduação, tudo bem? Só estou esperando uma resposta. Não conte para a mamãe e o papai.

— Incrível! Isso é ótimo!

— Bom. Sai do meu pé.

Ele gostava muito de Megan. Eles sempre se deram bem, mesmo que tenham se afastado um pouco nos últimos anos. Ele queria contar a ela que ele estava hospedado no apartamento do *namorado.* Ele queria contar a ela que estava apaixonado pela primeira vez. Ele imaginou a cara dela se ele dissesse que estava namorando Scott Hunter.

Naquele momento, ele não *sentia* que estava namorando Scott Hunter. As coisas estavam ficando tensas e distantes entre eles ultimamente, e Kip tinha certeza de que sabia o porquê.

Às dez horas ele foi para a cama. Ele tinha que acordar bem cedo para trabalhar no dia seguinte, já que ele estaria viajando do Brooklyn novamente. Seu estômago se apertou em torno do medo que se instalou como um caroço dentro dele. Ele estava tão certo de que seu relacionamento com Scott estava condenado que ele se sentiu compelido a simplesmente terminar rapidamente. Apenas terminar agora para que ele não precisasse sofrer mais tarde.

E talvez, um dia, ele pudesse acordar em seu quarto na casa de seus pais, arrastar-se para seu trabalho de merda e lembrar com carinho do breve

período de sua vida em que viveu a fantasia de ser o namorado de Scott Hunter.

Capítulo Vinte e Três

— Boa noite, Ilya — disse Scott. Ele estava de pé em frente a Rozanov no círculo pela disputa de disco, pronto para a primeira queda de disco do jogo.

— Não se preocupe, velho — Rozanov disse com um sorriso — sei que você deve estar ficando cansado. Vou garantir que você perca para poder começar suas férias de verão.

— Meus únicos planos de verão envolvem um desfile da Copa Stanley.

Eles se inclinaram para a disputa de disco, e Scott piscou para ele.

Scott venceu a disputa de disco.

Ele tinha dois bons motivos para vencer este jogo. Obviamente, ele queria vencer a série e passar para a próxima rodada dos playoffs, mas vencer esta noite também lhe daria alguns dias de folga aqui em Nova York. E ele queria usar um pouco desse tempo para consertar o que diabos estava acontecendo entre ele e Kip.

Ele podia ver Kip sentado em seu assento habitual. Isso era reconfortante. Scott não tinha certeza do que ver aquele assento vazio teria feito com ele, psicologicamente. Ele já estava lutando para manter o foco.

Ele venceria esse jogo. Ele falaria com Kip. Ele passaria para a próxima rodada com a mente limpa. Ele venceria aquela rodada, e a próxima rodada, e ele finalmente, *finalmente* levantaria aquela taça sobre sua cabeça.

* * *

Quando Scott chegou em casa depois do jogo, Kip não estava lá. Era a segunda noite consecutiva. Algo definitivamente estava errado.

Ele mandou uma mensagem para o Kip. *Eu te vejo hoje à noite?*

A resposta levou alguns minutos. *Não. Desculpe. Estou muito cansado.*

Porra.

Acho que você está bravo comigo, escreveu Scott.

Ele observou os três pontinhos piscarem na tela pelo que pareceu uma eternidade. Então, *podemos conversar? Amanhã?*

Sim. Venha aqui assim que puder amanhã. Ok?

OK.

Scott sentou-se com força na cama. Ele se sentiu mal. E um pouco bravo. O que diabos ele tinha feito para merecer esse tratamento frio?

Ele imaginou que descobriria amanhã.

* * *

Kip respirou fundo e abriu a porta do apartamento de Scott. — Olá? — ele chamou.

Scott apareceu imediatamente. Ele estava vestido com moletons aconchegantes. Sua barba estava realmente cheia agora, fazendo-o parecer robusto e lindo. Kip colocou a mochila que ele havia trazido com otimismo no chão.

— Oi — Scott disse timidamente.

— Oi. Parabéns. Foi um ótimo jogo. — Kip soou tão estranho quanto se sentia.

— Obrigado. Estou feliz que você estava lá.

Kip assentiu, sem saber o que fazer ou dizer.

Scott se aproximou. — Posso te beijar? — ele perguntou. — Sinto que preciso te perguntar agora, e não sei por que, mas...posso?

Kip exalou, tentando relaxar os nervos. — Sim. Claro.

Scott sorriu e diminuiu a distância entre eles. Ele segurou o rosto de Kip por um momento, olhando para ele com olhos tristes, antes de roçar seus

lábios contra os de Kip. A barba fez cócegas no rosto de Kip, e ele suspirou e aprofundou o beijo. Foi tão bom.

Quando eles se separaram, Scott disse: — Acho que deveríamos conversar.

— Sim. Acho que deveríamos.

Eles foram até o sofá, e Kip sentou-se e olhou para suas mãos cruzadas.

— Sinto que fiz algo errado — Scott começou. — Estar com alguém é novo para mim e tenho certeza de que estou estragando tudo. Mas não consigo descobrir exatamente o que fiz, então esperava que você pudesse me dizer.

Kip virou-se rapidamente para encará-lo. — Você não fez nada — ele disse honestamente. — Eu nem consigo entender por que estou tão... chateado. Eu só...

— Por favor — Scott disse. — Me dê *alguma coisa.*

— Tudo bem... — Kip disse lentamente. — Eu não gosto de mentir para meus amigos e familiares, ou esconder meu relacionamento com você. Isso... — Ele gesticulou entre eles. — *Nós.* É a maior coisa da minha vida. É... a *melhor* coisa que já aconteceu comigo. E eu tenho que manter isso em segredo.

— Eu sei. E eu já te disse...

Kip levantou a mão. Scott parou de falar.

— Não é assim que relacionamentos devem funcionar. É assim que... *casos* funcionam. Segredos sujos. Não tenho vergonha de você. De jeito nenhum. E não tenho vergonha de *mim.* Nunca tive vergonha de mim mesmo, e estou assumido desde os dezoito anos.

Scott mordeu o lábio. — Fui honesto com você esse tempo todo. Queria ter certeza de que você sabia no que estava se metendo.

— Eu sabia. Eu sei. Mas eu também sei que não é assim que eu quero que esse relacionamento seja. Eu não quero ser seu segredo. Mas... eu estou preocupado, que se eu te pressionar... se eu te pressionar a se assumir e ser

honesto sobre nós, ou pelo menos sobre *você...* que você perceba que eu não valho o incômodo.

Scott parecia que Kip tinha lhe dado um soco no estômago. — Deus — ele disse em uma voz baixa. — Não, Kip. Não, eu nunca pensaria isso!

— Estar com você tem sido incrível, mas também é... solitário. E... — Kip engoliu em seco. Ele precisava dizer a próxima parte. — Não sei por quanto tempo mais consigo fazer isso.

Scott olhou para ele suplicante. — Sei que estou sendo egoísta, pedindo para você guardar esse segredo. Sinto muito por isso. Mas também estou protegendo você. Acho que você não percebe o quanto sua vida mudaria se isso vazasse.

— Minha vida *já* mudou. E não só para o bem, Scott. Sinto como se tivesse sido empurrado de volta para o armário. Não é você ser famoso ou o que quer que seja que está tornando isso difícil para mim. Nunca estive com alguém que tem vergonha de quem é.

— Não tenho *vergonha!* — argumentou Scott.

Kip cruzou os braços e lançou lhe um olhar penetrante.

— Não tenho! — disse Scott. — Não acho que haja algo de errado comigo. Em ser... gay. Definitivamente não acho que haja algo de errado em estar apaixonado por você. Mas minha vida tem muito pouco a ver com o que *penso.* Há muita responsabilidade sobre meus ombros. Represento algo importante para muitas pessoas.

— E você não pode fazer isso e ainda ser gay?

— Não, de acordo com a maioria deles, não.

— Então mostre a eles que eles estão errados! — Kip disse isso alto demais. Sua voz ecoou nas paredes do apartamento de Scott.

Ele pensou que Scott gritaria com ele, mas em vez disso pareceu desanimar. — Eu simplesmente não... Nosso tempo juntos tem sido principalmente longe de tudo isso. Tem sido... legal.

— Uma fuga, você quer dizer?

— Não! Eu já te disse que não é isso que... Você é *parte* da minha vida. Não uma distração dela. Nunca, Kip. Eu prometo.

— Mas eu estou *separado* do resto da sua vida — argumentou Kip — e pior que isso, você está escondendo quem *você* é.

— Eu tenho que fazer isso.

— *Você tem?* — Kip exigiu. — Você tem *certeza?* Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Não posso! Agora não. Os playoffs...

Kip respirou fundo. — Não estou pedindo para você fazer nada agora, mas você precisa começar a pensar seriamente em se assumir. Ou pelo menos não se esconder. Você não precisa fazer uma grande declaração.

A postura de Scott enrijeceu. — Você tem alguma ideia de quão grande seria o circo da mídia se eu me assumisse? Se as pessoas soubessem que eu estava saindo com você?

Kip deu de ombros. — Então seu plano é manter isso em segredo para sempre?

— Não.

— Ou até você perceber que está muito além do meu alcance e seguir em frente?

— Kip...

— Você espera que eu me esconda no seu apartamento até que você precise de mim?

— Não! — Scott disse. Ele estava bravo agora. Ele se levantou. — Eu não acredito que você está sugerindo isso! Eu te tratei mal? Eu não te mostrei o quanto você significa para mim?

— Eu não posso significar *tanto assim* para você. Você está obviamente envergonhado de estar comigo.

Kip sabia que *não deveria* ter dito isso quando as palavras saíram de seus lábios. Mas em vez de recuar ou se desculpar, ele olhou feio para Scott e cruzou os braços, esperando.

— É isso mesmo que você pensa? — Scott perguntou. Sua voz era baixa, mas havia raiva e mágoa nela. — Que eu tenho *vergonha* de ser visto com você? Você *sabe* que não é isso.

— Eu não sei de nada, Scott! Eu só *espero aqui.* Na sua *cobertura.* — Ele passou a mão pela espaçosa sala de estar para dar ênfase. — Eu me escondo aqui sozinho e imagino como seria poder ir a encontros normais com você, ou, sei lá, contar aos meus *pais* que eu tenho um namorado!

— Conte a eles! — Scott gritou. Ele levantou as mãos. — Porra, conte ao mundo inteiro, Kip! Acho que você sabe o que é melhor!

— Eu sei que não sou assim!

— Você sabe quem *eu* sou? Eu não posso ser apenas Scott de Rochester, certo? Eu tenho sido uma mercadoria desde que eu era adolescente. Eu tenho sido uma *marca* por quase tanto tempo. Eu não tenho o luxo de ser apenas eu. Eu não posso tomar decisões sobre minha vida de forma independente. As pessoas *dependem* de mim!

— Certo. Não quero que sua marca sofra. Não quero manchá-la com sua homossexualidade.

Scott bufou. — Você não tem a mínima ideia, Kip. Nenhuma.

— Acho que não — disse Kip com firmeza.

— São os *playoffs*. Não sei se você entende o quão importante isso é. Tenho um time... uma *cidade* ...dependendo de mim. É *tudo* para mim, certo?

A pontada de lágrimas finalmente atingiu os olhos de Kip. Ele assentiu e apertou o maxilar. *Tudo.*

— Eu vou embora — ele conseguiu dizer.

Scott estendeu a mão como se fosse detê-lo, mas em vez disso ele abaixou o braço, assentiu e disse: — Tudo bem.

Kip pegou sua mochila e foi embora.

Capítulo Vinte e Quatro

Kip estava bêbado.

Scott estava em Detroit e Kip estava bêbado.

Ele tinha assistido a um período do jogo fora de casa dos Admirals antes de sair da casa dos pais e pegar o trem para o Village. Ele pensou em mandar uma mensagem para Shawn para ver o que ele estava fazendo, mas ele não queria falar com ninguém de qualquer maneira.

Agora ele estava em um dos bancos do bar no Kingfisher. O fofo, maravilhoso e sedutor Kyle estava colocando cervejas na frente dele a noite toda.

Já era tarde. Kip notou, com alguma surpresa, que não havia muitas pessoas no bar.

— Última rodada, sexy — Kyle falou lentamente. Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso sugestivo que deixou Kip hipnotizado.

O cabelo de Kyle era loiro, como o de Scott. Seus olhos eram azuis, mas não como os de Scott. Os de Kyle eram de um azul acinzentado desbotado. Eles eram realmente bonitos. Sua franja continuava caindo neles. Kip queria estender a mão e afastar o cabelo.

Ele estava bêbado demais.

— Tudo bem — ele disse, com um sorriso sedutor — eu ia sair de qualquer jeito.

— Você tem planos? — Kyle perguntou.

— Não sei. Para casa, eu acho.

Kyle sorriu e se inclinou para frente com os cotovelos no bar. Seu rosto estava subitamente muito próximo. — Para onde você vai?

— Brooklyn.

— Parece que estamos indo para o mesmo caminho, então. Eu poderia ir com você até o metrô?

E Kip deveria ter parado com tudo ali mesmo. Tinha má ideia claramente por toda parte.

Mas, porra, era bom flertar assim. Ter alguém tão aberto e honesto sobre quem era e o que queria. Kip se sentia como seu antigo eu.

— Eu termino aqui em cerca de vinte minutos. Então eu vou garantir que você chegue em casa em segurança, ok?

Kip estava pronto para recusar educadamente, mas em vez disso ouviu a si mesmo dizer: — Ok.

Kyle sorriu e deslizou um copo de água na frente dele. — Beba isso. Estarei com você em breve.

A água estava fria e Kip nem tinha percebido o quanto seu corpo estava desejando. Foi legal da parte de Kyle pensar em dar a ele. Kyle parecia legal.

Deus, Kip queria sentir *qualquer coisa* além do desespero avassalador que o dominava desde que ele saiu do apartamento de Scott. Ele não deveria ter ido embora. Ele deveria ter ficado e conversado com Scott. Ele sabia disso agora.

Mas era tarde demais. Obviamente, era tarde demais. A essa altura, Scott já tinha com certeza descoberto que Kip não valia a pena o incômodo.

Pelo menos havia Kyle. Kyle com seu jeans desbotado e sua camiseta justa de gola V. Kyle com a franja caída, os olhos de inverno e o sorriso sedutor. Kyle não julgaria Kip por estragar completamente a melhor coisa que já tinha acontecido com ele - que *aconteceria* com ele. Kyle iria acompanhá-lo até a estação de metrô porque ele era legal e prestativo. E fofo, mas essa parte não era importante.

De repente, Kyle estava com a jaqueta. Ele não estava mais atrás do bar. Ele estava de pé ao lado do banco de Kip. — Vamos, bêbado.

Kip deslizou para fora do banco e seguiu Kyle para fora. Eles caminharam juntos pelo quarteirão um pouco, e Kip aproveitou o ar fresco da noite. Kyle não falou muito, o que foi bom porque Kip estava com sono e não achava que conseguiria manter uma conversa agora.

A mão de Kyle se enrolou em volta do bíceps de Kip enquanto eles andavam. — Olá, músculos — ele provocou. — Você tem braços lindos, sabia. Eu os tenho admirado.

— Oh? — Kip sorriu desleixadamente. Ele *tinha* braços bonitos, droga, e ele apreciou que alguém tivesse notado.

— Mm. E um sorriso lindo. Olha essas covinhas!

Kip sorriu mais largo, mostrando um pouco as covinhas. Elogios eram incríveis.

Kyle parou de andar. — Eu realmente gostaria de te beijar — ele disse. — Posso?

Oh.

Não.

— Hum...

A testa de Kyle franziu. — Não é isso que você quer? Eu pensei que nós estávamos...

Merda.

O rosto de Kyle estava tão perto, e os olhos de Kip pousaram involuntariamente em seus lábios. Isso era ruim, não era? Kip estava com *Scott.* Ele *estava com Scott?*

Kyle deve ter tomado o que quer que estivesse acontecendo no rosto de Kip como um convite, porque ele se inclinou e pressionou seus lábios. E por

um segundo, Kip ficou muito atordoado, muito confuso, muito *bêbado* para fazer qualquer coisa além de beijá-lo de volta.

Kyle beijava bem.

Mas, *puta merda, não!*

Kip o empurrou para longe e cambaleou para a frente.

— Ei, que porra é essa? — Kyle disse, se recompondo antes de quase cair de bunda no chão.

— Porra — Kip murmurou. — Isso foi... Eu não posso fazer isso. Eu não estava procurando por... me desculpe.

— Você está bem?

— Sim! Só... preciso ir. Onde está o... Porra. Onde está o metrô?

— Por ali. Você quer que eu...?

Mas Kip já havia saído correndo.

* * *

— Você está bem, cara?

Scott virou a cabeça e encontrou Carter com um olhar preocupado. — Sim. Tudo bem. Por quê?

— Você parece estar longe de estar bem, Scotty.

Scott encarou a frente do ônibus. Seu time estava a caminho do hotel para a arena em Detroit para começar a próxima rodada dos playoffs, e agora *não era* hora de pensar em seus problemas pessoais.

— Estou bem.

— Tem certeza de que não está ficando doente ou algo assim? Você parece cansado.

— Deixe isso pra lá — Scott retrucou. Na verdade, ele estava exausto. Ele não dormia bem há dias.

E agora ele estava pensando em seus problemas pessoais. *Droga, Carter.*

Ele ainda não tinha certeza do que diabos tinha dado errado - se ele estava bravo com Kip, ou consigo mesmo, ou com ninguém. Ele estava completamente miserável. Ele sentia como se estivesse com dor física real, mas não como um hematoma ou uma lesão; ele poderia suportar *isso.* Isso estava queimando cada parte dele de uma vez. Ele queria gritar, ou chorar, ou socar alguma coisa. Ou apenas se esconder onde ninguém pudesse vê-lo.

Infelizmente, ele tinha um time para liderar até a vitória.

Droga, Kip.

Kip tinha sido injusto? Ele estava errado?

Definitivamente, sobre algumas coisas. Tipo, como Scott *pensaria* que Kip não valia a pena? Se alguém perguntasse a Scott o que ele estaria disposto a dar por Kip, a reação instintiva de Scott seria *tudo.*

Mas quando ele pensou sobre isso, isso não era realmente verdade. E quando ele pensou um pouco mais, ele percebeu que ninguém *estava* pedindo para ele desistir de tudo.

Além disso, Kip havia desistido de muita coisa. Ele havia se distanciado de seus amigos, de sua família. Ele havia ajustado sua vida para acomodar Scott. O que Scott havia ajustado?

Nada. Ele só estava tentando enfiar Kip onde quer que ele se encaixasse em sua vida ridícula e de alto perfil.

Ele não achava que tinha sido irracional, pedindo a Kip para ser paciente com ele enquanto ele pensava em um plano. Não havia como Kip esperar que ele simplesmente anunciasse sua sexualidade para o mundo. Eles estavam namorando há apenas alguns *meses.*

Mas alguns meses ou não, Scott estava apaixonado. Antes daquele primeiro beijo glorioso, ele havia se resignado a uma vida sem romance. Ele nunca esperou que nada disso acontecesse. Isso havia virado seu mundo de cabeça para baixo. E agora ele amava Kip tanto que mal conseguia se lembrar

dos anos solitários anteriores. Ele sabia, em apenas algumas semanas, que queria compartilhar o resto de sua vida com Kip. Era impressionante.

Ele queria, mas agora Kip tinha ido embora. E Scott não tinha ideia de como trazê-lo de volta porque ele não tinha experiência com esse tipo de coisa. E talvez não fosse justo com Kip ir atrás dele. O que Scott poderia prometer a ele que seria diferente? Ele estava no meio dos malditos playoffs; não havia como ele sair antes que eles acabassem. E depois disso...

Ele realmente não sabia. Quando ele tentava imaginar se assumir, isso o enchia de pavor. Por um lado, se ele fizesse isso, ele sempre seria "o jogador de hóquei gay". Mesmo que seus companheiros de time, os fãs, a imprensa e os patrocinadores o aceitassem, suas conquistas no gelo sempre ficariam em segundo plano em relação à sua sexualidade.

Scott era uma pessoa tão reservada quanto possível, dadas as circunstâncias. Ele não tinha nenhuma conta em mídia social. Ele não saía para boates ou mesmo restaurantes com tanta frequência. Ele não tentava ser *visto* (para desgosto de seu agente). Ele não fazia entrevistas pessoais investigativas e geralmente não falava muito sobre si mesmo.

Ele conseguiu manter um pouco de sua privacidade porque convenceu o mundo de que não havia nada de interessante nele. Ele era bom em hóquei, tentava ser uma boa pessoa, e era isso.

Ser gay seria, sem dúvida, algo que o mundo acharia interessante.

Ele não conseguia pensar em nada disso agora. Ele precisava se concentrar. Seu time, sua *cidade*, dependiam dele.

* * *

— Chega, Hunter! Chega!

O árbitro puxou Scott bruscamente para longe do homem no gelo. Scott lutou contra ele, mas um juiz de linha segurou seu outro braço e ajudou a puxá-lo para longe do jogador ensanguentado do Detroit.

Scott olhou para o rosto espancado do homem e para seus próprios nós dos dedos quebrados. A adrenalina começou a sumir e a percepção do que ele tinha acabado de fazer se instalou.

— Merda — ele disse.

Brigar nos playoffs era *ruim.* Era estúpido, imprudente e potencialmente custoso. Scott não era normalmente o tipo de jogador que entrava em brigas de verdade no gelo. Ele era valioso demais para isso.

Seu oponente se levantou, lentamente. Scott ficou aliviado quando ele estava de pé. Ele ficaria bem.

O rosto de Scott doeu. Ele cuspiu sangue no gelo e foi atingido por outra onda de arrependimento.

Ele deixou que os oficiais o levassem para a área de penalidade. Huff patinou até lá com as luvas, o capacete e o taco de Scott, recuperados do gelo. Ele não disse nada. Scott assentiu para ele e desviou o olhar.

Porra.

Eles estavam perdendo por 4-1 no terceiro período. Scott não dormia mais do que algumas horas há dias. Ele era um barril de pólvora, e o número quatorze do time de Detroit estava brincando com fósforos a noite toda.

O que finalmente acendeu a raiva de Scott foi a palavra que ele era tão bom em bloquear desde que era adolescente.

Bicha.

E Scott tinha acabado de perder o controle. A palavra que era jogada por aí - no gelo e no vestiário - com tanta frequência que mal significava alguma coisa de repente passou a significar muito. E quando os punhos de Scott estavam colidindo com o rosto daquele babaca, ele quis contar a ele. Ele queria que ele soubesse *exatamente* quem era que estava batendo em seu rosto. Um viado. Um homossexual. *Uma bicha de merda está prestes a quebrar seu queixo de merda.*

Mas agora que tudo tinha acabado, agora que Scott havia trocado golpes com o cara na frente da multidão e das câmeras de televisão até que ele acertou um soco que o derrubou no gelo, e então continuou batendo e batendo nele...

Porra. Puta merda.

Que porra de modelo.

Scott pegou uma garrafa de água e borrifou o rosto, limpando o sangue e o suor. Ele esguichou um pouco na boca e cuspiu. Ele olhou para as mãos. Havia cortes, mas nada sério, embora seus nós dos dedos estivessem um pouco inchados com certeza. Ele flexionou os dedos. Nada quebrado.

Ele sentiu-se mal. Ele sentiu-se *humilhado,* sentado na área de penalidade pelos próximos cinco minutos, com toda a multidão tendo acabado de testemunhar ele perdendo completamente a cabeça.

Ele *estava* perdendo a cabeça. Ele estava fora do controle. Ele precisava encontrar uma âncora.

Por enquanto, ele só podia ficar sentado na maldita área de penalidade e assistir seu time perder. De novo.

* * *

Numa tentativa de se sentir um pouco menos miserável, Kip se arrastou até a Union Square Barnes & Noble depois do trabalho. Ele normalmente achava livrarias relaxantes.

Não estava funcionando dessa vez.

Fazia uma semana desde que ele tinha saído do apartamento de Scott. Uma semana desde que ele teve qualquer contato com Scott. Ele tinha visto que os Admirals haviam perdido os dois primeiros jogos da série contra Detroit e não conseguia deixar de se sentir parcialmente responsável, mesmo que isso fosse ridículo.

Scott estaria de volta à cidade hoje, se já não estivesse.

Kip queria tanto vê-lo que doía. O trem que ele tinha pegado naquela manhã estava cheio dos anúncios mais recentes da Gillette de Scott. Kip manteve os olhos no chão para não ter que olhar para o maxilar robusto e cinzelado de Scott. Ou seus lábios macios. Ou seus olhos azuis.

Estava realmente acabado entre eles? Isso era possível? Ele deveria procurar Scott?

Uma criança gritou em algum lugar da loja, e Kip percebeu que estava olhando, olhos desfocados, para uma prateleira na seção de história europeia por provavelmente cinco minutos. Ele piscou, deu um passo para trás e colidiu com alguém.

— Oh Deus. Desculpe. — Kip se virou para encarar sua vítima. Era um jovem com cabelos loiros, óculos e um cachecol leve enrolado no pescoço.

Era Kyle. Kip esbarrou em Kyle.

— Oh. Hum, oi — Kip gaguejou.

Jesus. Quais eram as probabilidades?

— Kip! — disse Kyle, claramente chocado por não conseguir nem ir a uma porcaria de livraria sem ter que lidar com a bagunça de Kip.

Kip respirou fundo. *Poderia muito bem acabar logo com isso.* — Escute, sobre a outra noite...

— Esqueça — Kyle disse, acenando com a mão desdenhosamente. — Você obviamente está passando por algo e eu não estou interessado em piorar. E eu sinto muito se eu *piorei.* Eu não deveria ter chegado até você daquele jeito. Foi irresponsável da minha parte.

— Está tudo bem. — disse Kip. — Quer dizer, estou lisonjeado e tudo, mas, sim. Como você disse. Estou meio que passando por algo.

Os olhos de Kip começaram a arder de repente, o que foi ótimo porque ele não tinha se envergonhado o suficiente na frente daquele cara.

— Você gosta de história? — Kyle perguntou. Era uma tentativa óbvia de mudar de assunto. Kip gostou. Kyle era legal.

— Sim. Eu me formei nisso. Eu, hum, eu espero fazer meu mestrado no outono.

— Sério? Estou fazendo o meu agora. Meio período, pelo menos.

— Em história?

— Não. Essa foi minha graduação; estou fazendo meu mestrado em arte antiga e arqueologia. Na Columbia.

Kip ficou impressionado. — Isso é incrível! Eu não tinha ideia.

Kyle sorriu. — Bem, nós nunca conversamos muito além de pedidos de bebidas e flertes.

Kip olhou para baixo, envergonhado. — Desculpe se te enganei na outra noite — ele murmurou para as botas (muito bonitas) de Kyle.

— Esqueça. Só estou feliz que você tenha chegado em casa em segurança. Ou chegado em algum lugar seguro, pelo menos. Eu estava preocupado.

— Você estava?

— Você parece surpreso.

Kip corou um pouco. Ele sentiu que estava sendo um babaca, talvez. Ele provavelmente não deveria estar falando com ninguém. — Desculpe. Estou uma bagunça total agora.

Kyle pareceu considerá-lo por um momento. — Você quer tomar um café?

— Oh, hum. Eu não... quer dizer, normalmente eu faria, mas...

— Relaxa. Você parece que poderia usar um amigo. Talvez pudéssemos conversar sobre o que quer que esteja te incomodando. Ou sobre a pós-graduação.

Kip não tinha certeza se *conseguiria* falar sobre seus problemas com esse quase estranho, mas ele certamente não tinha nada melhor para fazer. — Tudo bem. Claro. Obrigado.

Eles foram até o Starbucks da loja e trouxeram seus lattes para uma mesa encostada na parede.

— Eu não sabia que você usava óculos — disse Kip.

— Apenas uma das muitas coisas fascinantes sobre mim.

— E você é formado em história!

Kyle gentilmente tirou a tampa do copo e soprou a espuma. — História e latim, na verdade. Dupla especialização. Mas chega de falar de mim. O que está te deixando tão triste, Kip?

— Eu... — Não faria mal tentar isso. Talvez um estranho imparcial fosse exatamente o que ele precisava. — Estou saindo com alguém. Já faz alguns meses. E... eu o amo. Estamos apaixonados. Ou, estávamos. Não sei mais.

— Fale-me sobre ele.

— Ele é... — Kip sorriu um pouco. — Ele é lindo. Quero dizer, sério. Ele é ridiculamente gostoso. E ele é inteligente, e carinhoso, e generoso, e simplesmente... maravilhoso.

— E ele é, deixe-me adivinhar...casado?

Kip balançou a cabeça. — Não. Mas ele *está* no armário.

Kyle lançou lhe um olhar de cumplicidade. — Um conselho, baseado em experiência pessoal: não mexa com os enrustidos.

— Sabe, eu definitivamente teria concordado com você antes. Mas ele vale a pena. Eu acho.

— Por que ele está enrustido?

— A linha de trabalho dele é... — Kip suspirou. — Ele acha que isso prejudicaria sua carreira. Não sei. Provavelmente prejudicaria, eu acho.

— Então ele está colocando a carreira em primeiro lugar?

— Bem, é... Você sabe.

— Complicado?

— Extremamente. — Kip passou a mão pelo cabelo, agitado. — É só que... Há uma grande diferença entre nós. Tipo, eu não sou bom o suficiente para ele. De jeito nenhum.

— Ele disse isso?

— Não! Não. Nunca. Mas é a verdade. Ele é bem-sucedido. Rico. Impressionante.

— E enrustido.

— Sim.

— Mais velho?

— Não muito. Alguns anos

— Jesus. E ele é rico e bem-sucedido?

Kip se contorceu. Ele estava dando muita informação? Kyle não estava tentando adivinhar quem era seu homem misterioso, estava?

— O dinheiro dele e essas coisas... Não importa para mim. E ele diz que não se importa que eu não tenha nada. Mas isso só desequilibra o relacionamento, sabe? Eu sempre me sinto desconfortável com ele pagando por qualquer coisa. Além disso, desde que estamos juntos, sinto como se tivesse sido empurrado de volta para o armário em vez de tirá-lo de lá.

— E presumo que você tenha conversado sobre tudo isso com ele?

Kip mordeu o lábio. — Mais ou menos. Nós brigamos. Semana passada. E eu... fui embora.

— Uau.

— Foi nossa primeira briga de verdade.

— Foi sua *primeira* briga e você saiu?

— Sim. — Kip estava se sentindo mais estúpido a cada segundo.

— Você tentou falar com ele desde então?

— Não.

Kyle balançou a cabeça e sorriu tristemente. — Oh, Kip.

— Você acha que eu deveria?

— Você está realmente apaixonado por ele?

— Sim.

— Então você tem que tentar.

Kip brincou com seu copo. — Mas e se ele nunca estiver pronto para se assumir? Você acabou de dizer que sabe por experiência própria que eu deveria ficar longe de caras enrustidos.

— É, bem. Minha situação era uma grande bagunça, mas eu não estava *apaixonado* pelo cara.

Kip assentiu. — Eu vou falar com ele. Você está certo. Eu tenho que tentar.

— Bom garoto. Agora, onde você vai fazer pós-graduação?

— Ah, ainda não sei. Eu me inscrevi em algumas faculdades, mas espero que seja na Universidade de Nova York. Foi lá que fiz minha graduação.

— Que pena. Pensei que estávamos nos dando bem — Kyle provocou.

Kip sorriu. — Não tenho certeza de como vou pagar a faculdade, exatamente, mas vou descobrir. Definitivamente preciso de um emprego melhor.

Kyle olhou para ele curiosamente. — Você tem alguma experiência em serviços de alimentação?

Kip riu. — Sim. Isso é sobre *tudo o* que tenho.

— O Kingfisher precisa de um novo servidor.

— Sério? — Kip considerou isso. Ainda seria serviço de alimentação, mas poderia ser legal trabalhar em seu pub favorito.

GAME CHANGER

— Mm-hmm. E em breve haverá ainda mais horas porque estou fazendo um programa de verão na Itália.

— Oh!

— As gorjetas, eu posso te dizer, são *fantásticas.* Especialmente quando você é bonitinho e charmoso. — Ele passou a mão brincalhona no próprio rosto. — Por que você não aparece amanhã, no fim da tarde, com seu currículo? O chefe estará lá. Vou te apresentar e falar bem.

— Você nem sabe se sou um bom trabalhador — ressaltou Kip.

— Você é um mau trabalhador?

— Não.

— Bem, não acho que você seja um mentiroso, então vou concordar.

— Tudo bem. Obrigado. Estarei lá amanhã. E eu realmente aprecio isso.

— Bom. Agora vá ligar para seu namorado lindo e bem-sucedido.

* * *

Kip não ligou para Scott. Ele tinha puxado o telefone várias vezes com a intenção de fazer isso, ou de enviar uma mensagem, mas estava com medo. E se ele enviasse uma mensagem e Scott a ignorasse? E se Scott tivesse bloqueado seu número? E se Kip ligasse e Scott atendesse e dissesse para ele não ligar mais?

Pelo menos agora, por mais miserável que estivesse, ele tinha esperança.

Ele estava sentado na cama em casa, com as palavras de Kyle mais cedo naquele dia ecoando em sua cabeça.

Você tem que tentar.

Ele deveria mandar mensagem para o Scott. Só mandar mensagem para ele.

Ele digitou: *Podemos conversar?*

Ele olhou fixamente para aquilo.

E se Scott respondesse *Não?*

Talvez Kip devesse deixá-lo fazer o primeiro movimento. Scott era quem tinha todo o estresse e responsabilidade em seus ombros agora. Kip não queria aumentar isso. Mas os Admirals jogariam na noite seguinte. Seria o primeiro jogo em casa desde a briga de Kip e Scott, e parecia tão errado não ir.

Ele não podia se deter nisso. Ele precisava dar um pouco de espaço a Scott. Em vez disso, Kip iria trabalhar de manhã e então passaria no Kingfisher com seu currículo. Ele usaria esse tempo produtivamente.

Houve uma batida na porta do seu quarto. — Kip?

— Sim, pai. Entre.

A porta se abriu e seu pai entrou, segurando um envelope. — Isso veio da Universidade de Nova York — ele disse com um pequeno sorriso. — Você não saberia nada sobre isso, saberia?

— Provavelmente só pedindo dinheiro — Kip mentiu. *Provavelmente só rejeitando minha inscrição.*

— É do departamento de admissões.

Oh Deus. Oh Deus. Não consigo aceitar más notícias agora.

— Dê. — A mão de Kip tremeu levemente quando ele pegou o envelope. Papai cruzou os braços e se recostou no batente da porta.

Kip lançou lhe um olhar penetrante, mas quando ficou claro que seu pai não tinha intenção de sair da sala, ele suspirou e abriu o envelope.

— Puta merda — ele disse baixinho para si mesmo.

— Kip?

Kip pulou de pé. — Eu entrei! Vou para a pós-graduação!

E de repente o mundo pareceu um pouco menos terrível. Ele sorriu e abraçou seu pai.

— Estou orgulhoso de você. E muito ciumento — papai disse.

Kip balançou a cabeça, perplexo. — Não achei que conseguiria entrar.

— Por que não? Suas notas foram excelentes. Você é um escritor fantástico, um trabalhador esforçado. Qualquer faculdade ficaria feliz em tê-lo.

— Eu só... — E Kip agora tinha lágrimas nos olhos. — As coisas não estão boas, pai.

— Eu sei. — Papai o abraçou novamente. — Eu não queria me intrometer, mas... vocês garotos brigaram?

— Garotos? Quem é que você...?

Papai sorriu para ele com conhecimento de causa, então seu rosto ficou sério. — Eu sei que ele deve estar ocupado agora, com os playoffs, mas parece que talvez algo pior do que isso esteja acontecendo.

Que diabos?

— O que você está...?

— Scott Hunter — seu pai disse calmamente. — Você tem se encontrado com ele.

— Pai, sério. Não tem como o Scott alguma vez... quero dizer, o Scott Hunter não é...

— Não sei nada sobre Scott Hunter, mas conheço você. E gosto de pensar que seria capaz de dizer quando meu filho está apaixonado.

— Eu não estou... — *Deus. Foda-se. Isso ainda importa?* — Como você sabia?

— Lembra quando quebrei meu pulso escorregando no gelo da nossa passarela?

— Claro. Sim... — Kip não tinha ideia de onde queria chegar com isso.

— A expressão no rosto da sua mãe era a mesma que a sua quando Hunter se machucou naquele jogo em que estávamos.

Kip corou. — Talvez eu seja apenas um grande fã?

— Talvez. Mas acho que não. Você também saiu correndo de casa naquela noite depois de fazer um telefonema que incluía as palavras *raio-X* e *bolsa de gelo.* Sou bom em captar pistas sutis como essa.

Então talvez Kip não tenha sido tão cuidadoso quanto pensava.

— Ele não é... Ninguém sabe. E pode não ser nada, então, por favor...

— Claro.

As próprias palavras de Kip o encheram com uma nova onda de desespero. *Pode não ser nada. Oh Deus. Não pode realmente ter acabado, pode?*

Ele pressionou a palma da mão na testa e fechou os olhos com força, tentando lutar contra um colapso total. — A mamãe sabe?

— Não, eu tenho guardado isso para mim.

— Obrigado. Eu queria contar a vocês. A vocês dois. Mas agora as coisas estão... Eu não sei. — Ele fungou e virou os olhos para o teto. *Mantenha a calma, Kip.*

— Vocês estão brigados?

— Sim. Está uma bagunça agora. Quero muito consertar.

Papai sorriu e deu um tapinha em seu braço. — Você vai.

Para seu crédito, Kip conseguiu se manter firme sem desmoronar até depois que seu pai saiu do quarto. Assim que a porta se fechou, ele soluçou no travesseiro como um adolescente. Deus, ele tinha entrado na *pós-graduação* e nem isso era o suficiente para animá-lo.

Ele precisava consertar as coisas com Scott. Ele tinha que pelo menos tentar.

Capítulo Vinte e Cinco

— Puta merda — Maria murmurou. — Ele voltou.

Kip se virou de onde estava repondo as bananas e viu: — Scott!

Ele estava ali, em suas roupas de corrida, rosto suado, exatamente como na primeira vez que entrou na loja. Só que com mais barba.

Kip não pretendia dizer seu nome daquele jeito. Surpreso. *Familiar.* Ele tinha acabado de ser surpreendido. Esperançosamente Maria atribuiria isso à sua suposta paixão de superfã por Scott Hunter.

— Ei — disse Scott, sua voz suave e incerta.

— Hum, posso...ajudar você?

— Sim — Scott disse, com um sorriso tímido. — Eu estava pensando que seria bom... voltar ao básico.

— Oh. — *O que* isso *significa?* — Então... smoothie azul?

— Por favor.

Kip fez o smoothie e Maria sorriu para ele. Ele a ignorou.

Ele entregou a bebida a Scott, cujos olhos dispararam para Maria e depois de volta para Kip. Ele quase conseguia *ver* o "dane-se" passar pelo cérebro de Scott.

— Eu, hum... eu queria ver você.

— Oh. — Kip lançou um olhar corajoso para Maria. Ela parecia o gato que pegou o maldito canário.

— O jogo é hoje à noite, e eu estava esperando...

— Oh. — Kip desinflou. — Você precisa do seu amuleto da sorte ou algo assim?

— Não! Não, isso não é... — Os olhos de Scott dispararam para Maria novamente. Ele abaixou a voz, não que isso importasse. Maria estava obviamente pendurada em cada palavra. — Eu quero falar com você. Sozinho. Logo. Por favor, Kip.

Kip viu a angústia nos olhos de Scott e uma centelha de esperança surgiu dentro dele. Seria possível que Scott quisesse consertar isso tanto quanto Kip?

— Tudo bem. — disse Kip.

— Podemos nos encontrar em algum lugar? Depois que você terminar aqui?

— Na verdade, tenho um lugar para ir esta tarde.

Scott parecia devastado.

— Não, é isso mesmo — Kip disse rapidamente. — Não estou te ignorando. Eu realmente quero falar com você. Sério. Muito. Tipo... muito.

— Okay. Tenho o jogo hoje à noite e tudo, então...talvez... Você viria ao jogo? Você acha?

— Sim — disse Kip. — Claro. Estarei no jogo hoje à noite.

Scott assentiu. — Bom. Certo. E talvez depois a gente pudesse...ficar juntos. Em algum lugar?

— Claro. Eu gostaria disso.

O rosto de Scott se iluminou. — É? Bem... — Ele se inclinou, só um pouquinho, e a respiração de Kip ficou presa. Mas então Scott deu um passo rápido para trás e disse — ...Vejo você então.

— Tudo bem.

Scott saiu e Kip esperou o máximo possível para se virar e encarar Maria.

— Que. Porra. É essa — ela disse.

— Ok, isso provavelmente pareceu...

— Então vocês dois são...?

— Mais ou menos. Não sei. Só, por favor, não conte a ninguém.

— Puta merda!

— Estou falando sério! Não diga uma palavra. Prometa-me, ok?

— Eu prometo! Claro que prometo! Mas você tem que me contar *uma coisa*. Preciso de alguns detalhes!

— Um detalhe.

— *Um?*

— Um.

Ela fez uma cara que implicava que estava pensando muito, então pegou um pepino da geladeira e colocou-o no balcão. Ela pegou uma faca e segurou-a perto do centro do pepino. — Ok, você me diz quando eu atingir o comprimento aproximado.

— Não.

Ela moveu a faca um pouco.

— Sério. Eu não vou fazer isso.

Ela moveu-o novamente e levantou uma sobrancelha.

Kip olhou para ela, revirou os olhos e disse: — Um pouco mais longe.

Maria gritou. — Meu Deus! Eu sabia! Sua vagabunda sortuda!

— Tudo bem. Chega. Sério. Guarde isso para você, ok?

— Eu vou. Eu vou. Eu prometo — ela riu.

Kip riu um pouco, aliviado por haver outra pessoa que sabia sobre seu relacionamento.

O relacionamento dele, que ele iria consertar esta noite.

* * *

Scott se sentiu bem.

Suas mãos estavam enfaixadas dentro das luvas da briga da outra noite, mas ele se sentia bem. Centrado. Focado. Eles iriam vencer esta noite. Ele não tinha dúvidas disso.

Ele estava ignorando as manchetes e os comentários nos talk shows esportivos. Mas ele sabia que estava lá. *O que exatamente há de errado com Scott Hunter?*

Ele ignorou tudo. Nada disso importava. Cada jogo era um novo começo. Eles estavam perdendo por dois jogos, eles ganhariam os próximos quatro. Sem problemas.

Seus companheiros de time pareciam sentir a mudança nele também. Eles não estavam olhando para ele com preocupação nos olhos; eles estavam olhando para ele em busca de força. Eles estavam acenando de volta para ele, comunicando silenciosamente, *Você consegue. Estamos com você. Até o fim.* Kip estava aqui, no jogo. Vê-lo aqui em seu assento habitual encheu Scott de força e confiança. Não era superstição; era amor.

Ele resolveria as coisas com Kip esta noite. Ele se certificaria disso.

* * *

— Uau, merda — disse Elena. — Parece que Scott recuperou o ritmo!

Eles estavam de pé e aplaudindo freneticamente com o resto da multidão. Scott tinha marcado seu segundo gol do jogo, deixando o placar em 5-2 para os Admirals no final do segundo período.

Talvez fosse a vantagem da cidade natal, ou talvez Scott tivesse conseguido encontrar seu foco. Ou talvez os smoothies fossem mágicos, afinal. De qualquer forma, Kip estava aliviado e feliz.

E realmente muito orgulhoso dele.

* * *

Kip recebeu uma mensagem de Scott logo após o jogo.

Tudo bem se nos encontrarmos na minha casa?

Kip estava esperando que ele pudesse sugerir isso. *Claro. Você quer que eu vá lá agora?*

Scott: *Sim. Estarei lá o mais rápido possível.*

Elena o abraçou e desejou-lhe sorte. Eles tiveram uma longa conversa antes do jogo. A opinião dela era que Kip e Scott eram idiotas.

Era estranho o quanto o luxuoso prédio de apartamentos de Scott parecia um lar para Kip agora. Ele teve que se lembrar, enquanto entrava na enorme sala de estar, que *não* era seu lar. Mas era reconfortante estar naquele espaço familiar novamente.

A espera, no entanto, foi uma agonia. Ele sabia que Scott demoraria um pouco, mas pareceu uma eternidade. Kip sentou-se no sofá, depois no balcão da cozinha e depois andou de um lado para o outro na sala de estar. Quando a porta finalmente se abriu, ele estava de pé nas janelas.

Por um momento, Scott o encarou como se não conseguisse acreditar que ele realmente estava ali. Então ele disse, na voz mais suave. — Kip.

— Ei.

Ele estava usando um dos ternos sob medida com os quais era obrigado a sair do rinque. Sua barba era espessa e seu cabelo estava mais longo do que o normal. Ele parecia tão foda.

Scott atravessou a sala até ficar a um braço de distância.

— Parabéns pela vitória — disse Kip sem jeito.

— Obrigado. — As mãos de Scott, seus dedos enfaixados, estavam flexionando ao lado do corpo. Ele estava encarando Kip como se ele tivesse voltado dos mortos. — Senti sua falta.

A voz de Scott quebrou na última palavra. Kip fez a única coisa que conseguiu pensar em fazer - a única coisa que *queria* fazer: abriu os braços. E Scott caiu neles.

— Desculpa — Scott sussurrou no ombro de Kip. — Eu nunca quis que você fosse embora. Por favor, me dê uma chance de melhorar.

— Shh. — Kip beijou o topo da cabeça de Scott.

Eles ficaram assim por um tempo, abraçados e respirando um ao outro.

— Vamos sentar-nos — Kip disse, pegando a mão de Scott. Ele a segurou gentilmente, passando o polegar sobre as bandagens enquanto o levava para o sofá.

— Tenho pensado muito — disse Scott.

— Eu também.

— Estou infeliz.

— Eu também.

— Eu estaria mentindo se dissesse que a ideia de me assumir não me aterroriza mais.

— Eu sei — disse Kip. — Estou colocando muita pressão em você, especialmente agora. Então talvez eu possa recuar um pouco e ser mais paciente.

— Mas você estava *certo*, Kip. Você estava certo sobre tudo. Você não deveria ter que se esconder. Você não deveria ser meu segredo. Você merece muito mais do que isso.

— *Você* também merece muito mais, Scott.

— Eu sei que sim. Estou apenas... assustado.

— Posso perguntar — Kip disse cuidadosamente — do que exatamente você tem medo? Você continua dizendo, sua carreira, ou sua privacidade, mas eu sei que a NHL tem, tipo, noites do Orgulho e coisas assim.

Scott esfregou a mão no rosto. Ele parecia exausto.

— Desculpe — Kip disse rapidamente. — Eu só... Acho que sinto que talvez haja algo que eu não esteja entendendo aqui.

— Você está certo — disse Scott — sobre a liga. Eles *estão* tentando. E os times devem ter uma política de tolerância zero sobre homofobia, mas... — Ele suspirou. — Quando eu era criança, quer dizer, hóquei era minha vida inteira. E, naquele mundo, ser gay... esse era o pior insulto. A coisa mais baixa que você poderia ser. Eu nem consigo dizer quantas vezes eu tive que ouvir... bem, todos os comentários homofóbicos imagináveis. Era bem implacável.

— Apontado para você?

— Para mim, para todo mundo. Era só o que você dizia se quisesse irritar um cara. Ou se estivesse bravo. E todo mundo aceitava isso. Mas quando comecei a perceber que eu poderia *ser* aquela coisa que todos os meus companheiros de time consideravam tão repulsiva...

Kip pegou a mão de Scott. Scott engoliu em seco e continuou: — Você tem que lembrar, eu fui para um internato... um internato focado em hóquei ...então não havia escapatória. E eu me escondi. Escondi meu segredo o mais fundo que pude porque não conseguia esconder o resto de mim. Eu era a maior estrela daquela escola, com olheiros da NHL vindo assistir meus jogos mesmo naquela época. E eu sabia... quer dizer, eu pensei, mas provavelmente estaria certo sobre isso ...que se eu fosse pego com outro garoto, se alguém ao menos *pensasse* que eu queria outro garoto, tudo estaria acabado.

— Havia um garoto? — Kip perguntou calmamente.

Scott sorriu tristemente. — Havia um garoto. Mais tarde. No ano de calouro. Meu companheiro de time, Jacob.

— Vocês...?

— Não. Não sei se ele estava... Mas acho que talvez. Ele também pode ter olhado para mim. Mas nenhum de nós teria agido assim. O risco era muito alto.

— Mas você o queria.

— Desesperadamente. — Scott riu, sem humor. — Eu pensei que estava apaixonado por ele.

— Deus. Deve ter sido uma agonia.

Scott deu de ombros. — Eu me forcei a ignorar. Focar no que era importante. Chegar à NHL.

— E a NHL não foi melhor?

— Eu realmente não consigo explicar. Uma coisa é a NHL agitar a bandeira do Orgulho e falar sobre inclusão... e isso é ótimo, sério, não estou dizendo que não seja ...mas os vestiários, e no gelo, e na estrada com os caras... Eu não sei. Nunca me senti confortável sendo honesto sobre essa parte da minha vida. Acho que nunca mais seria olhado da mesma forma.

Scott balançou a cabeça e continuou — E a questão é... Não quero soar dramático, mas durante toda a minha vida adulta, meus companheiros de time foram a única família que tive. Então, a ideia de perder o respeito e o apoio deles é aterrorizante.

E agora Kip realmente se sentia uma merda por ter pressionado ele. Mas ele ainda queria que Scott desse o salto.

— Isso tudo provavelmente parece um motivo fraco para não se assumir — disse Scott. — Não estou esperando apanhar no vestiário ou algo assim. É só que... é um limite muito grande para eu cruzar. E não tem como voltar atrás.

— Não — Kip concordou. — Não há como voltar. Mas, deixa eu te dizer, há coisas bem incríveis do outro lado desse limite.

Scott sorriu. — Eu sei. Eu quero vê-las. Eu quero tê-las todas. Com você.

— Eu também. E aconteça o que acontecer, Scott. Você sabe que estarei bem ao seu lado, certo? Eu aguento. Não importa o que você tenha medo, nós lutaremos juntos. Tenho muito *orgulho* de ser seu namorado. Se você acha que o mundo descobrir o quanto eu te amo é assustador para mim, você está completamente enganado.

O rosto de Scott se enrugou um pouco. Seus olhos estavam molhados. — Eu te amo. Kip, não sei o que estou fazendo, mas eu te amo tanto e não posso te perder. Eu simplesmente... não posso.

O coração de Kip parecia uma grande e quente poça. — Eu também te amo, Scott.

— Você pode esperar até os playoffs acabarem? É pedir muito? — Seu tom era sincero, não raivoso.

— Eu posso esperar — disse Kip. — Mas quando os playoffs acabarem, precisamos descobrir o que acontecerá depois.

Scott assentiu. — Isso é justo. Sim. Tudo bem.

— OK.

— E você pode prometer parar de pensar que eu vou achar que você não vale a pena? Ou o que seja? Porque isso está tão longe da verdade que eu nem consigo te dizer.

Kip deu um sorriso aliviado e molhado. — Combinado.

Scott fechou os olhos e pressionou o rosto contra a palma de Kip. Ele pegou a outra mão de Kip na sua, e Kip enrolou os dedos deles, apertando-os de forma tranquilizadora.

— O que aconteceu com suas mãos, afinal? — Kip perguntou. Ele se levantou uma delas até os lábios e beijou gentilmente os nós dos dedos machucados de Scott.

— Você não assistiu ao jogo? — Scott pareceu um pouco magoado com isso.

— Não. Eu tentei assistir ao primeiro, mas... eu simplesmente não consegui. Desculpa.

— Não se desculpe. Foi só uma briga. Foi estúpido.

— Uma briga? Você não briga. Eu nunca vi você brigar.

— Eu não, normalmente. Não por um bom tempo. E eu não deveria ter feito isso na outra noite, mas...

— O que aconteceu? — Kip perguntou, passando as pontas dos dedos sobre as bandagens.

— Ele me chamou de bicha. O que — Scott disse rapidamente — não é realmente um problema tão grande. Como eu disse, palavras como essas são tão comuns no gelo que elas nem significam nada.

— Até que elas significam — disse Kip calmamente.

— Até que elas significam.

Kip segurou as mãos grandes de Scott entre as suas.

— Eu queria contar a ele — disse Scott. — Eu queria que ele soubesse *exatamente* quem era que estava batendo em seu rosto.

Kip olhou para ele, surpreso. — Bem, essa é uma maneira de se assumir. Não tenho certeza se é o que eu recomendaria.

Scott riu. — Eu não deveria ter feito isso. Brigado com ele, quero dizer. Eu queria não ter feito. Mas eu estava... Você sabe.

— Miserável?

— Sim. E eu não estava dormindo.

— Desculpa. Eu não deveria ter saído depois daquela discussão.

— Não se desculpe. Eu vou resolver isso — Scott prometeu.

— Eu sei. Você vai ganhar a Copa Stanley, e eu vou fazer meu mestrado, e nós vamos ser incríveis juntos.

— Imparável — Scott concordou, e o beijou novamente. — Espera... você entrou na faculdade?

Kip sorriu. — Entrei! Universidade de Nova York!

Scott o envolveu em seus braços e apertou quase forte demais. — Estou tão orgulhoso de você.

— Viu? — Kip disse em seu ombro. — Imparável. Mas... talvez, por enquanto, seria melhor se dermos um ao outro um pouco de espaço para respirar, sabe?

Scott o soltou, o que fez Kip rir. — Não, eu quis dizer, tipo, pelas próximas semanas. Até os playoffs acabarem, para você poder se concentrar. Você está viajando tanto de qualquer forma, talvez seja melhor se você simplesmente... esquecer de mim por um tempo.

Ele podia ver Scott ficar tenso.

— Não vou me esquecer de você — disse Scott.

Kip sorriu. — Um pouco. Além disso, tenho coisas para lidar na minha própria vida. Eu, hum, consegui um novo emprego.

— O quê? Sério? Tipo...um trabalho de história?

— Não — disse Kip. — Nada tão bom assim. Mas um trabalho melhor do que a loja de smoothies, com certeza. É no Kingfisher. Você sabe, o pub que eu vou.

— Ah. O, hum...

— Bar gay. Sim.

— Certo. Isso é... quer dizer, isso é ótimo. Você está feliz com isso, certo?

— Sim. Acho que vai ser divertido. Noites longas, com certeza, mas prefiro isso em vez de manhãs ridiculamente cedo. E o dinheiro vai ser melhor. Boas gorjetas.

— Bem, parabéns então. Você já deu seu aviso prévio no trabalho?

— Sim. Enviei um e-mail ontem. Assim que me ofereceram o emprego.

— Oh.

— Você está bem?

— Sim — Scott disse. — É só que... eu tenho sentimentos afetuosos sobre aquela loja de smoothies.

— Ah. Você vai ter que me visitar no meu novo emprego.

Ele esperou que Scott ficasse estranho com isso.

Em vez disso, Scott disse. — Eu vou. Eu prometo. Assim que eu... puder.

— Algo para trabalhar.

— Sim.

Kip se inclinou e o beijou.

— Você vai ficar aqui? — Scott perguntou. — Hoje à noite?

Kip passou os dedos pela gravata de Scott. — Sim. Claro.

Scott estremeceu e soltou um suspiro e Kip moveu os lábios para roçar a concha de sua orelha. — O que você quer fazer? — ele murmurou.

— Não sei.

— Que tal isso? — disse Kip. — Que tal você tirar esse terno sexy pra caramba, ir deitar-se na sua cama, e eu passar algumas horas beijando cada centímetro seu?

Ele podia sentir Scott sorrindo em seu ombro.

* * *

Scott tremeu na cama. Ele sentiu frio e calor, a pele exposta ao ar e a boca e as mãos de Kip queimando-o e fazendo seu sangue escorrer como lava.

O que Kip estava fazendo com ele, tão lentamente e cuidadosamente beijando e lambendo cada parte dele - catalogando-o - era quase uma experiência fora do corpo. Kip pressionava beijos na parte interna de uma coxa, tentadoramente perto de seu pau, então trocava e mordiscava a parte

interna do pulso de Scott. Ele passava a língua sobre um mamilo até que Scott pensasse que ele morreria, então ele penteava amorosamente os dedos pela nova barba de Scott.

Foi o paraíso e a agonia e possivelmente a experiência mais sensual da vida de Scott. Ele precisaria retribuir o favor algum dia.

Finalmente, Kip enrolou a língua sobre as bolas de Scott. Ele cantarolou enquanto colocava uma na boca. Scott arfou e arqueou.

— Eu te amo — ele disse. — Eu te amo tanto e vou consertar tudo. Eu prometo. Eu vou...

— Shhh — Kip disse, substituindo sua boca pela mão. Ele o acariciou e beijou levemente a cabeça do pau inchado de Scott. — Não se preocupe com nada. Apenas relaxe. Deixe-me cuidar de você.

Scott suspirou e fechou os olhos. Kip envolveu seus lábios macios e machucados em volta do seu pau e colocou a língua para trabalhar desmontando Scott.

A preparação tinha sido requintada e eterna. Scott se deixou sentir tudo o que Kip estava fazendo com sua boca e dedos. Ele sentiu a maneira como isso fez seu corpo apertar, a maneira como isso fez seu coração disparar. Ele queria gozar, e queria que isso durasse para sempre.

Ele queria tantas coisas.

Mas agora ele podia sentir que estava correndo em direção ao limite.

— Kip — ele disse com a voz rouca.

Kip se afastou, substituindo a boca pela mão. — Quero ver — ele disse. — Mostre-me. Vamos, bebê.

Scott gozou, silencioso e pasmo, enquanto seu lindo e perfeito namorado assistia. As grossas faixas brancas de sua liberação salpicaram seu estômago e subiram até seu peito.

— Tão lindo, querido — Kip disse. Ele se arrastou e beijou Scott, que o beijou de volta com gratidão.

— Você é tão bom para mim — disse Scott. — Eu te amo. Não se esqueça disso, tudo bem? Eu te amo.

— Eu não vou.

Mais tarde naquela noite, eles estavam deitados no escuro. Kip estava dormindo com a cabeça no peito de Scott. Ele tinha dado tanto a Scott naquela noite. Ele tinha se espremido *por* Scott. E agora ele estava enrolado contra ele, seu corpo pesado e exausto.

Scott o segurou e fez uma promessa silenciosa de que seria o homem que Kip precisava que ele fosse. Então ele caiu em um sono feliz.

Capítulo Vinte e Seis

Scott dormiu bem pela primeira vez em uma semana.

Enquanto piscava para acordar, ele ouviu um pequeno suspiro contente ao seu lado. Ele rolou para encontrar o homem que amava dormindo pacificamente. O único lençol branco que os cobria havia escorregado até a parte inferior das costas nuas de Kip. Seu cabelo castanho macio caía desordenadamente em seus olhos, alguns fios soltos e ondulados roçando a leve barba por fazer em sua bochecha. Seu rosto estava relaxado e bonito, seus lábios ligeiramente entreabertos. Scott se apoiou em um cotovelo e apenas olhou para ele por um tempo.

Ele o observou dormir até que não conseguiu mais se impedir de gentilmente roçar as costas dos dedos na linha do maxilar de Kip. Em seu sono, Kip se encolheu e fez um barulho sonolento e irritado. Scott sorriu e beijou o ombro que estava mais próximo dele. Quando Kip não se mexeu ou protestou, Scott continuou a pressionar beijos suaves por toda a extensão de suas costas.

Ele ficaria feliz em permanecer naquele momento de silêncio para sempre.

Mas ele também estava solitário, então moveu a boca para poder beliscar levemente o lado de Kip, logo acima do quadril, onde Scott sabia que ele sentia cócegas.

Dois arranhões dos dentes de Scott e Kip estava se contorcendo para longe dele. Scott sorriu. — Bom dia.

— Vai se foder — Kip murmurou no travesseiro.

— Desculpe — Scott disse. — Não consegui resistir. — Ele voltou para sua posição original, deitado de lado, ao lado dele.

Eventualmente, Kip virou a cabeça e olhou para ele. — Ei — ele disse, sua voz suave e feliz.

— Gosto de acordar com você.

— Mm. — Kip rolou de costas e se espreguiçou. Scott gostou da maneira como os músculos de seus braços e peito se contraíram, e da maneira como o lençol fino deslizou mais para baixo em seus quadris.

— Que horas são? — Kip perguntou.

— Hm? — Scott perguntou, seus olhos seguindo a trilha de pelos escuros que iam do umbigo de Kip até embaixo do lençol. — Não sei. Oito, talvez?

Kip fechou os olhos e gemeu. — Merda. Tenho que levantar-me. Eu disse que iria trabalhar às nove para ajudar a treinar um novo contratado.

— Tem certeza? — Scott perguntou, movendo-se para poder beijar o lado do pescoço de Kip.

— Quanto mais cedo eu começar, mais cedo estará pronto — disse Kip, com a voz um pouco tensa. Scott moveu a boca para sugar levemente o ponto de pulso e sentiu o batimento cardíaco do namorado acelerar.

— Ok — Scott disse, deixando sua boca viajar até a clavícula de Kip. Ele beijou a depressão logo acima dela, e Kip estremeceu.

— Você é uma má influência — ele reclamou.

Em resposta, Scott colocou a mão no joelho de Kip e o deslizou para cima, deixando seus dedos arrastarem pela pele sensível na parte interna da coxa.

— Você tem quinze minutos — disse Kip com uma risada sem fôlego.

Scott cobriu o corpo de Kip com o seu e olhou diretamente em seus olhos. — Isso é um desafio?

— Eu sei que você os ama.

— Eu amo.

GAME CHANGER

Scott o beijou na boca, e ficou imediatamente óbvio que Kip não tinha objeções reais aos avanços de Scott. O beijo foi aberto, quente e frenético, e apenas a sensação da língua de Kip se curvando contra a sua deixou Scott tão louco de desejo. Toda vez.

Kip estava angulando os quadris para que suas ereções se esfregassem. Scott gemeu na boca de Kip. Eles se moveram assim por um tempo, até que Kip se separou e disse, com um sorriso brincalhão. — Dez minutos.

Scott aceitou o desafio e deslizou pelo corpo de Kip, levando o lençol com ele. Ele levou seu pau à boca, e os quadris de Kip sacudiram para cima enquanto ele arfava no quarto.

Scott fez seu melhor jogo. Ele colocou em bom uso todo o conhecimento que ele tinha reunido sobre o que fez Kip perder completamente a cabeça na cama. Ele atacou o ponto sensível sob a cabeça do pau de Kip com movimentos rápidos de sua língua enquanto ele puxava as bolas de Kip com sua mão. Então ele relaxou sua garganta e afundou, levando Kip o mais fundo que pôde.

Scott sinceramente amava chupar Kip. Ele amava o quão rápido ele conseguia reduzi-lo a gemidos e balbucios lindos e sensuais.

— Mm, oh porra, bebê. Tão bom pra caralho. Deus, sua boca. Amo sua boca, Scott...

Depois de alguns minutos, quando Kip foi chupado com força e tremendo embaixo dele, Scott se afastou e perguntou: — Quanto tempo me resta?

— Jesus. Foda-se, Scott. Vamos!

— Só para verificar!

— Você é um babaca. Volte ao trabalho.

Scott riu e fez o que lhe foi dito. Ele acabou com Kip rapidamente e se jogou de volta ao lado dele.

Kip estava respirando pesadamente e sorrindo para o teto. — Bom trabalho, campeão — ele disse.

— Obrigado, treinador.

— Vamos — Kip disse, sentando-se e balançando as pernas para o lado da cama. — Eu te pago de volta no chuveiro.

— O chuveiro?

— Tenho que fazer várias coisas ao mesmo tempo! Já estou atrasado!

— Eu sou uma distração.

— O melhor tipo, no entanto. Vamos lá.

* * *

Assim que o avião decolou de Nova York, a confiança de Scott se despedaçou.

Eles tinham acabado de vencer os dois jogos em Nova York, empatando a série em 2-2, mas ele não conseguia esquecer o quão terrivelmente havia jogado nos dois primeiros jogos em Detroit.

Mas agora ele e Kip estavam juntos novamente, e ele iria garantir que eles continuassem assim. E isso significava ser corajoso e cumprir suas promessas ao homem que amava.

Naquela noite, Scott estava deitado em cima da cama do hotel, preocupado com o que aconteceria quando ele se assumisse. Esse tinha sido seu segredo mais bem guardado por tanto tempo, que ele quase não conseguia imaginar a vida sem ter esse fardo para carregar.

Ele precisava clarear a cabeça, então saiu do quarto e vagou um pouco pelo hotel até chegar à piscina. Não havia ninguém lá, então ele se sentou de lado em uma das espreguiçadeiras e aproveitou o silêncio.

Olhando para a água parada da piscina, ele se deixou focar em algo diferente do medo. Ele pensou em Kip. Kip, que estava sendo tão paciente

com ele. E Scott sabia que ele tinha pedido a Kip para esperar até que os playoffs acabassem, mas de repente isso parecia muito distante. Scott não queria tirar o relacionamento deles da cabeça durante os playoffs; ele queria que o relacionamento deles o tornasse *mais forte.* Para torná-lo um jogador melhor.

Ele pensou em construir um lar com Kip - construir uma *vida* com ele. Ele pensou nas covinhas adoráveis de Kip e no jeito como ele colocava a mão na boca quando estava lendo. Ele pensou em acordar com Kip todas as manhãs depois que ele se aposentasse, e viajar o mundo juntos. Ir a restaurantes e museus e fazer caminhadas no parque sem se importar se as pessoas sabiam que estavam juntos. Talvez até mesmo *querer* que as pessoas soubessem que estavam juntos.

O desejo por tudo isso ardia tão forte dentro dele que ele foi tomado pela necessidade de começar a fazer acontecer. Ele sabia o que tinha que fazer.

Estava na hora.

* * *

— Jesus, Scott — seu agente reclamou ao telefone. — É quase meia-noite aqui!

— Eu sei. É aqui também. Eu estou apenas em Detroit, sabia.

— Há algo errado?

— Não. Não exatamente. Eu ia esperar até voltar para a cidade, mas não quero esperar.

— Esperar o quê? Espera aí... Que porra é essa? Depois de todos esses anos você vai simplesmente...?

— Não — Scott disse rapidamente. — Você não está demitido, Todd. Nada disso. Claro que não.

— Bem, então?

Scott sentou-se no banco no vestiário vazio da academia do hotel. Ele não tinha ideia de como iria dizer isso. Como sempre, seu cérebro havia tomado uma decisão repentina e ele iria segui-la.

— Estou pensando em fazer um anúncio — disse ele.

— Um anúncio? O quê, você está se aposentando? Scott, você ainda tem *anos* pela frente...

— Não. Não isso. Um...anúncio pessoal.

Todd suspirou. — Olha, Scott. Está tarde. Quer ir direto ao ponto aqui?

Scott olhou ao redor do vestiário mais uma vez, só por precaução. Ele estava sozinho.

— Sou gay — ele disse, pela primeira vez.

Houve silêncio.

— Todd?

— Eu ouvi você. Só me dê um minuto aqui.

— Claro.

Mais silêncio. Então Todd exalou alto. — Tudo bem. Você é gay. Entendi. Agora me diga que não é isso que você quer anunciar.

— Isso é.

— Scott — Todd disse cansado. — Não. Você não pode fazer isso.

— Por que não?

Todd realmente riu. — Você *sabe* por que não! Jesus, eu realmente preciso explicar isso para você? Você sabe quantos jogadores estão escalados para pegar seus acordos de patrocínio? Você acha que eu não vou lutar com o agente do Matti Jalo por essa merda agora? Você é apenas o segundo maior galã do time atualmente, e isso não vai melhorar conforme você envelhece. Agora, você precisa agarrar o máximo que puder. Você está no seu auge e isso não vai durar. Uma lesão, outra queda...

— Eu sei. Eu entendo — Scott disse secamente.

— Só estou dizendo que não há razão para *afastar* patrocinadores e fãs. Não quando há tantas outras maneiras de isso acontecer que você não pode controlar.

— Eu entendo isso — disse Scott — mas acho que algumas coisas são mais importantes do que tudo isso.

— Mais importante do que tudo pelo que você trabalhou a vida inteira?

— Não sei. Talvez. — Scott estava um pouco menos certo.

— Tudo bem, deixe-me tentar outra perspectiva: você já pensou no que um anúncio como esse faria com seus companheiros de time?

— Faria com eles?

— Você acha que não seria estranho para eles? Sabendo que você é, você sabe...

— O quê? Checando-os no vestiário? Não estou.

— É só que, com alguns desses caras, é como o maior medo deles, certo? Eu sei que não é racional. Eu sou um cara de mente aberta, Scott. Você sabe disso. Estou apenas sendo real aqui. *Alguns* dos seus companheiros de time, pelo menos, vão ficar estranhos. E isso vai afetar a dinâmica do time e o desempenho. Você é o maldito *capitão.* É seu trabalho considerar essas coisas!

— Certo — Scott murmurou. — É. Eu sei.

— Posso perguntar por que diabos você está considerando isso?

— Não quero mais mentir.

— Por que não? Todo mundo mente. Você acha que é o único cara gay na NHL? Sem chance. Você é o único que está pensando em contar para o mundo. Não faça isso, Scott. Você vai perder tudo.

— Sério — Scott disse. — Eu não perderia *tudo.* E não é *seu* trabalho garantir que eu não perca?

— Eu não sou um maldito bruxo! Só posso fazer até certo ponto. Agora, claro, um anúncio como esse... ser o primeiro jogador assumidamente gay da NHL ...pode abrir algumas novas oportunidades de marketing, mas não consigo te ver na capa de videogames, ou mesmo representando as grandes empresas de atletismo...

— Eu acho que você está errado sobre isso. Eu acho que o mundo pode estar pronto.

— Bem, você é muito mais otimista do que eu.

— Nós já sabíamos disso.

Ambos os homens riram.

— Escute — Todd disse, sua voz um pouco mais suave. — Você tem que tomar cuidado, tudo bem? Se você for flagrado... Você sabe. Com um homem...

— Eu *sou* cuidadoso. Claro que sou cuidadoso! Se eu não fosse cuidadoso, você acha que eu teria conseguido manter isso em segredo por tanto tempo? Dos meus companheiros de time? Da mídia? De *você?*

— Acho que não.

— Estou cansado de ser cuidadoso — suspirou Scott.

Nenhum dos dois homens disse nada por um momento, então Todd disse: — Como você faria isso? Fazer o anúncio, quero dizer? Você tinha um plano?

— Não sei. Eu estava pensando em ver se a *Sports Illustrated* queria a história. Talvez fazer dessa forma?

— Eles definitivamente vão querer a história. Aposto que poderíamos conseguir um lance alto por essa coisa, mas teríamos que ser inteligentes sobre como a vendemos.

— Não — disse Scott. — Não estou procurando dinheiro para isso. Não é por isso que estou fazendo isso.

— Sim, mas você também pode...

— Todd. Pare. — Ele sorriu. — Mas eu gosto que você esteja considerando uma estratégia agora.

— Ainda acho que você não deveria fazer isso.

— Observado.

— Porra. Você vai fazer isso de qualquer jeito, não é?

— Provavelmente.

— Jesus Cristo. É melhor eu renovar meus comprimidos antiácidos. Só... não faça nada sem me avisar, tá? De preferência, não faça nada. Nunca.

— Ficar no armário para sempre. Entendi.

— O que há de errado com o armário? É um lugar maravilhoso, abarrotado de atletas profissionais.

— Boa noite, Todd.

* * *

Quando Scott acordou na manhã seguinte, ele ficou na cama mais tempo do que o normal, repassando sua conversa com seu agente. A parte do que Todd disse que ele não conseguia tirar da cabeça era:

Você acha que é o único cara gay na NHL?

Não. Scott tinha *certeza* de que não era. Mas ele sentia como se fosse. O tempo todo. Era uma sensação solitária e horrível. E aqueles outros jogadores secretamente gays devem estar sentindo isso também.

Talvez ele pudesse mudar tudo isso. Talvez ele pudesse tornar isso mais fácil para eles, assim como para si mesmo.

Ele franziu a testa. Ele poderia realmente mudar alguma coisa? Apenas confessando ao mundo quem ele era? Teria impacto? Ou Todd estaria certo? Os patrocinadores iriam embora? Seus companheiros de time se distanciariam? Os fãs virariam as costas? Seu jogo sofreria?

E então o que aconteceria com aqueles outros jogadores gays? Certamente não os faria se sentir *melhor*.

Porra.

— O que está te incomodando, Scotty? — Carter perguntou enquanto comia ovos mexidos e torradas no bufê do hotel.

— Oh — Scott disse, voltando à atenção. — Nada.

— Você é um mentiroso de merda, Hunter. Eu continuo te dizendo.

Scott sorriu e cutucou seus ovos. — Tem sido mais fácil para você desde que seu relacionamento foi... exposto?

— Ah — Carter disse, abaixando o garfo. — Cansado de manter sua garota em segredo?

— Mais ou menos — disse Scott com uma careta.

— Claro, talvez estivesse ficando um pouco chato, o ato de se esgueirar. Sexy, por um tempo, mas você não pode conter o amor.

— Amor, hein?

Carter deu de ombros. — Não tenho vergonha.

— Fico feliz em ouvir isso. Acho que... Sim. Amor. É uma coisa muito grande, hein?

— Você não pode prendê-lo, Scott. Você tem que deixá-lo solto para o mundo ver.

— Certo.

— Escute — disse Carter. — Por que não fazemos um encontro duplo ou algo assim na próxima vez que Gloria estiver na cidade? Você pode ir com calma, sabe? Iremos para algum lugar discreto, se você quiser.

— Talvez — Scott disse, sabendo que não havia jeito. Havia?

— Com o que você está preocupado? Não é grande coisa. Você acha que ela não consegue lidar com algumas câmeras?

— Eu sou apenas uma pessoa reservada. Ou, tão reservada quanto eu posso ser, de qualquer forma.

— Bem, não faria mal nenhum se você fosse visto com *alguém*. Senão, eles vão começar a dizer que você é gay! — Carter riu. Scott não.

— Jesus, Scott. Relaxa. Ninguém está dizendo isso. Relaxa.

Scott se levantou. — Eu vou... — ele disse, fazendo um gesto vago em direção aos elevadores. Ele se retirou para a privacidade de seu quarto de hotel.

* * *

De volta ao seu quarto, Scott fez uma lista no papel timbrado do hotel do que ele perderia se fizesse o anúncio.

Dinheiro, respeito, patrocínios, apoio dos fãs, amizades, privacidade e, na pior das hipóteses, sua carreira.

Ele fez uma lista do que poderia perder se *não* fizesse o anúncio.

Sua sanidade, seu respeito próprio, Kip.

Kip.

Quando ele colocou as duas listas uma ao lado da outra, não havia escolha alguma. Especialmente quando ele raciocinou que os itens da primeira lista eram coisas que ele não necessariamente perderia. Os três itens da segunda lista ele *definitivamente* perderia.

Certo então.

Por onde começar? Ele disse que não faria nada até que os playoffs acabassem, mas agora que ele havia tomado sua decisão, isso parecia uma eternidade.

Ele precisava fazer alguma coisa agora. Mesmo que fosse só na metade do caminho. Ele não suportava fingir que Kip não existia, e não podia continuar

deixando seus amigos acreditarem que ele estava namorando uma mulher fictícia. Já chega.

Ele reuniu coragem e enviou algumas mensagens.

* * *

Vinte minutos depois, Scott foi acompanhado em seu quarto de hotel por seus três melhores amigos. Bennett foi o último a chegar.

— Tudo bem — Carter disse com uma sobrancelha erguida — estamos todos aqui. O que foi, Scott?

— Hum — Scott disse — por que você não se senta? — Ele gesticulou em direção às camas, onde Huff já estava sentado. Bennett e Carter se juntaram a ele. Todos observavam Scott, esperando.

— Ok — Scott disse para si mesmo.

— Jesus, o que está acontecendo, Hunter? — Huff perguntou.

— Nada — Scott disse rapidamente. — Nada... ruim. Não é... — Ele devia estar com uma aparência horrível. Ele podia sentir o suor se formando em sua testa, e sabia que suas bochechas já estavam rosadas. Sua garganta estava seca, e seu estômago estava revirando. Ele olhou para suas meias azuis, e encontrou um pouco de coragem.

Ele respirou fundo. — Eu tenho algo que quero contar a vocês. Quero contar a todos, de verdade. Mas quero contar a vocês primeiro.

E, sim, ele *definitivamente* parecia nervoso, porque Carter nem o interrompeu com uma piada.

— Eu sei que é um momento estranho, mas eu simplesmente tenho que... Está afetando meu jogo. Eu preciso...

— Scott — Bennett disse calmamente — apenas diga.

Scott controlou os nervos e disse, pela segunda vez — Eu sou gay.

Seus companheiros de time olharam para ele, depois um para o outro. Os poucos segundos de silêncio que se seguiram foram uma das coisas mais agonizantes que Scott já suportou.

— Você está falando sério? — Carter perguntou, finalmente.

Não! Haha. Brincadeira!

— Sim.

— Uau — disse Huff.

Bennett não disse nada, mas seu rosto parecia... normal. Não enojado, pelo menos.

Agora que ele tinha superado o maior obstáculo, Scott continuou — Eu sei que você provavelmente preferiria... não saber. Mas eu precisava contar para alguém. Então eu estou te contando. Vocês são meus melhores amigos. Então, sim. Aí está.

— Você está falando sério? — Carter perguntou novamente.

— Sim — disse Scott.

— Você é...? — Huff começou, então pareceu ficar sem palavras. — Desculpe. Não estou tentando ser um babaca sobre isso. É só que, você sabe. Uau, certo?

— Eu sei — disse Scott.

— Para ser honesto — Bennett disse lentamente — eu meio que pensei que você poderia ser. Talvez.

— Você pensou?

— Sim. Não me entenda mal, ainda estou chocado aqui.

— Você está planejando contar a alguém fora desta sala? — Huff perguntou.

— Eventualmente, sim. Não quero mais mentir.

— Merda — disse Huff. — Isso vai... Tem certeza de que quer essa agitação?

— Eu *não* quero essa agitação — disse Scott — mas eu aceito. Não posso mais viver assim. E talvez... talvez eu possa tornar isso mais fácil para os outros. Assumindo primeiro.

— Talvez. — Bennett assentiu pensativamente. — Mas isso é muita coisa para assumir. Sua vida já é agitada o suficiente, não é?

— *Gay?* — Carter disse, ainda claramente não superado. — Mas eu pensei que você estava com aquela garota sexy de cabelos escuros... Elena?

— Não — Scott disse. — Na verdade, estou...com o amigo dela.

— E agora?

— Estou saindo com alguém. Já faz alguns meses.

— Espere. *O quê?*

— Estou namorando alguém. Estou...apaixonado por alguém.

— Alguém, tipo...um *homem* alguém? — Carter perguntou.

— Sim. Um homem alguém.

Carter soltou um suspiro.

— Olha, eu não espero que vocês fiquem bem com isso imediatamente ou algo assim. Eu sei que é um choque e talvez não tenha sido justo da minha parte...

— Scott — Carter disse, levantando uma mão. — Cale a boca por um segundo. Eu vou processar essa merda, e então eu vou te dar um abraço másculo. Mas cale a boca por cinco segundos.

Scott reprimiu um sorriso. — Tudo bem.

Huff bateu as mãos nos joelhos e se levantou. — Ok, já superei. E estou feliz por você, Scott. É bom ouvir que você encontrou alguém. E se alguém te der uma bronca sobre quem você é, vai ter que lidar comigo.

Os olhos de Scott ardiam um pouco. — Obrigado, Huff.

— Eu também — disse Bennett, também se levantando.

— É — Carter disse, finalmente se levantando para se juntar a eles. — Eu também. Vamos nos abraçar, Hunter.

Eles se abraçaram e os outros dois se juntaram a eles.

— Ei — disse Bennett, depois que se separaram — qual é o nome dele?

Scott sorriu. — Kip.

Carter pareceu subitamente encantado. — Kip! — ele disse. — Essa é a coisa mais fofa que eu já ouvi! Você está *brincando comigo* com essa merda?

— Graças a Deus — disse Huff. — Achei que você ia dizer que estava namorando Rozanov secretamente.

— Rozanov deseja — disse Scott.

— Você tem uma foto do Kip? — Huff perguntou.

— Kip! — Carter exclamou novamente.

— Sim — Scott disse timidamente. — Sim, eu tenho. Só um segundo... — Ele pegou seu telefone e abriu sua foto favorita dele. Era a primeira que Kip lhe enviou, quando ele estava amarrotado de sono na cama.

— Cara bonito — disse Huff. — Ele é um atleta?

— Não. Ele é inteligente.

— Oh. Não um filho da puta idiota como nós? — Carter perguntou, zombando da ofensa.

— Ele só está... Ele está fazendo mestrado. Em história. Ele está...

— Espere um minuto — disse Carter, e pegou o telefone de Scott. — Esse é o cara do museu! Essas fotos na internet! Cara, eu nunca pensei...

— Bem, ótimo. Eu estava tentando ser discreto.

— Então esse cara é tão legal que está fazendo Scott *Hunter* considerar se assumir publicamente.

— Sim — confirmou Scott.

— Merda. Acho que tenho que conhecer esse cara.

— Isso realmente será uma grande coisa — disse Bennett — se você assumir.

— Eu sei. E prometo que não farei isso até que os playoffs acabem. Não publicamente. Não precisamos disso agora. E não precisamos contar ao time também.

— Sabe — disse Huff — meu cunhado é gay. Um cara legal. Ótimo com as crianças.

— Oh — Scott disse. — Eu não sabia disso.

Huff deu de ombros. — Nem todos os jogadores de hóquei são babacas homofóbicos.

— Para que fique registrado — disse Carter — se você tivesse que escolher entre nós três...

— Não — disse Scott.

— *Sério* — Carter disse. — Quer dizer, eu presumo que seja eu, mas...

— Bennett — disse Scott, só para incomodar Carter.

— Faz sentido. — Huff assentiu. — Bennett parece um carinhoso.

Todos riram e foi bom. Scott amava todos eles.

— Nós te apoiamos, Scott. — Huff disse enquanto eles estavam saindo. — Seja lá o que você decidir, nós estamos com você.

Scott assentiu e engoliu o nó na garganta. Ele fechou a porta atrás deles antes que pudessem vê-lo chorar.

* * *

— Hat trick! — Kip exclamou, apontando para a televisão. — Isso é um hat trick! Sim!

Scott marcou seu terceiro gol do jogo, fazendo 6-2 para os Admirals no terceiro período. Ele estava em ótima forma a noite toda. Kip estava emocionado.

Os Admirals iriam ganhar este jogo. E então eles só teriam que ganhar mais um para avançar para as finais.

— Ele é tão bonito — disse sua mãe, para ninguém em particular.

— Sim — Kip falou. Seu pai riu.

— Estou feliz por ele — disse a mãe. — Ele parece ser um homem tão legal.

Kip sorriu para si mesmo.

— Acho que eles estarão de volta à cidade amanhã — disse papai em tom de conversa — para se preparar para o sexto jogo.

— Sim, acho que sim — disse Kip, como se não tivesse certeza.

Scott tinha mandado mensagem para ele naquela manhã. Nada demais, só um rápido *Pensando em você.*

Kip tinha escrito de volta. *Não muito, espero. :)*

Ao que Scott respondeu: *Vou ganhar esta noite.*

Kip sorriu com isso. Ele gostou de ver Scott tão confiante. Era sexy. *Eu vou ficar de olho. Eu te amo.*

Eu te amo.

Scott cumpriu sua promessa.

* * *

Na noite seguinte, bateram na porta durante o jantar.

— Quem poderia ser? — perguntou a mãe de Kip, já de pé e indo em direção à porta.

— Provavelmente só Annette — papai disse a Kip, referindo-se a vizinha do lado. — Eles acabaram de voltar das férias hoje, eu acho.

Kip enfiou um pouco de purê de batata na boca. Então ele ouviu a mãe exclamar: — Oh meu Deus!

Ele se levantou. — Mãe?

— É... é Scott Hunter!

Capítulo Vinte e Sete

Kip se moveu como um raio. Com certeza, lá estava Scott, enchendo a porta de sua modesta e pequena casa em Bay Ridge.

— Scott? — disse Kip.

— Oi — Scott disse timidamente.

A mãe olhou entre eles. — Bem. Acho que é melhor você entrar.

— Obrigado — disse Scott. Ele entrou e a mãe de Kip fechou a porta atrás dele.

— Scott? — Kip disse novamente.

— Sim, desculpa por aparecer assim — Scott disse. — Peguei seu endereço com Elena. Pensei... pensei que talvez pudéssemos dar caminhada.

— Uma caminhada?

— Sim.

Eles se encararam estupidamente até que a mãe disse: — Bem, calce seus sapatos! Sério, Kip!

Scott sorriu, o que fez Kip sorrir.

Papai apareceu. — Ah. — Ele estendeu a mão. — George Grady — ele disse. — Prazer em conhecê-lo.

— Scott — disse Scott, apertando sua mão.

— Sim — disse papai.

— Scott, esta é minha mãe, Margaret.

— Olá — disse a mãe, perplexa.

— Scott é meu...amigo — disse Kip — se você está se perguntando por que ele está aqui.

— Na verdade — disse Scott — sou o namorado dele.

Kip ficou atordoado, mas sorriu para Scott. — É — ele confirmou — nós estamos, hum...juntos.

— Oh meu senhor! — disse sua mãe, suas mãos entrelaçadas sobre sua boca. — Oh, Scott, você escolheu tão bem!

Todos riram, e Scott sorriu afetuosamente para Kip. — Eu sei, senhora.

— Senhora! — exclamou a mãe. — Ah, eu *gosto* dele!

— Desculpe — Scott disse — você estava jantando? Eu deveria ter ligado antes. Mas o cheiro aqui é delicioso.

— Está tudo bem. — disse Kip, ainda perplexo.

— Você já comeu, Scott? — perguntou a mãe. — É só bolo de carne, mas você é bem-vindo para se juntar a nós.

Scott olhou para Kip. — Se não for problema.

— Sem problemas! Entre — disse a mãe. Ela apertou o braço de Kip animadamente ao passar por ele.

— Hum — Kip disse — talvez devêssemos...conversar. Primeiro. Por um momento. Lá em cima?

— Sim — disse Scott — tudo bem.

— Já estamos indo, mãe — Kip gritou. — Scott e eu só precisamos conversar por um minuto.

Ele se sentiu tonto e estranhamente nervoso. Ele gesticulou para que Scott o seguisse, e eles subiram a escada estreita até o segundo andar.

Quando eles entraram no quarto de Kip, ele fechou a porta atrás deles e se virou, pronto para ouvir qualquer que fosse o motivo que trouxera Scott ali. — O que...

Foi tudo o que Kip disse antes que Scott estivesse sobre ele, apertando-o contra a porta e beijando-o avidamente. Kip agarrou tudo o que pôde - a camiseta de Scott, seu pescoço, seus braços, seu cabelo - e o beijou de volta. Ele amava a sensação da barba macia de Scott contra seu rosto.

Scott o pegou de modo que as pernas de Kip estivessem montadas em sua cintura. Ele o carregou até a escrivaninha de madeira que ficava no quarto de Kip desde que ele tinha seis anos de idade, e o sentou nela. Ele abriu as pernas e o beijou com mais força, pressionando Kip de volta contra sua escrivaninha.

Kip se sentia quente em todos os lugares. Ele não conseguia se cansar da boca ou das mãos de Scott. E, sim, talvez ele estivesse ficando um pouco excitado demais, considerando que eles estavam em seu quarto de infância, mas isso era muito *sexy*.

— Porra, Scott — ele conseguiu dizer quando eles finalmente se separaram. — O que está acontecendo?

— Não posso te perder — Scott disse, beijando-o novamente. — Não posso.

— OK.

Eles se beijaram mais um pouco, e os polegares de Scott deslizaram para cima na parte interna das coxas de Kip. Kip decidiu fazer a coisa responsável.

— Não podemos — ele ofegou. — Temos que parar. Puta merda. Meus pais estão esperando por nós. Porra.

— Eu sei. — Scott soltou um suspiro e deu um passo para trás. Ambos tinham ereções óbvias, o que seria estranho levar para a mesa de jantar.

— Vamos sentar-nos por um minuto — disse Kip. — Só... fale comigo.

Eles se sentaram juntos na cama de Kip, e Scott disse: — Gostei do seu quarto.

Kip olhou ao redor para a decoração familiar - e vergonhosamente juvenil - de seu quarto. Ele ainda tinha seu concurso de soletração da escola primária e prêmios acadêmicos em uma prateleira acima de sua mesa. E isso não era algo humilhante para seu namorado superstar da NHL ver.

— É bem glamouroso, sim — ele brincou.

— É muito... você. Eu gosto. — Scott pegou a mão de Kip. Ele deixou suas mãos entrelaçadas descansarem na cama entre eles. — Eu contei para alguns dos meus companheiros de time.

— Você contou?

— Sim. Contei aos meus três amigos mais próximos do time.

— O que você disse a eles, exatamente?

— Que eu sou gay. Que estou saindo com alguém. Que o nome dele é Kip. Que ele é maravilhoso.

Kip corou e sorriu. — Sério?

— Sim.

— O que eles disseram?

— Eles foram ótimos. Talvez um pouco surpresos. Mas ótimos. Encorajadores.

— Bom! Isso é incrível, Scott!

— É, sim. E eu vou tornar isso público depois dos playoffs. O mais rápido possível.

— Uau. Isso é... uau.

— Não quero esperar mais — disse Scott, virando-se ligeiramente para Kip e passando os dedos sobre sua bochecha. — Eu faria o anúncio agora mesmo se não distraísse o time. Quero estar com você do jeito que você merece. Do jeito que nós *dois* merecemos.

E agora Kip estava chorando. — Eu também.

Eles se beijaram, mais suave e ternamente do que antes.

— Você virá à minha casa hoje à noite? — Scott perguntou.

— Sim — Kip falou. Não havia nada no mundo que ele quisesse mais.

Eles se juntaram aos pais de Kip alguns minutos depois, e se eles ouviram os dois homens se esfregando lá em cima, eles não deixaram transparecer. Já

havia um lugar preparado para Scott, com um prato que estava abarrotado de comida. O prato de Kip parecia ter sido enchido um pouco também.

— Obrigado por me receber — disse Scott. — É bom finalmente conhecê-los.

— Estamos muito honrados em ter você. — Mamãe estava obviamente explodindo de orgulho. — Somos grandes fãs, sabia.

— Ah, obrigado.

— Sou fã dos Scouts — disse papai — mas posso abrir uma exceção.

Scott sorriu. — Eu cresci como fã do Buffalo. Mas hoje em dia me considero um fã do Admirals.

Todos riram e Kip sorriu. Foi emocionante e surreal, ter Scott sentado aqui na mesa de sua família. Ver seus pais rindo de seu humor seco. O mesmo humor seco que Kip tanto amava.

— Isso é delicioso — disse Scott. — Eu consigo ver de onde Kip tira suas habilidades culinárias.

— Ele cozinhou para você? — perguntou mamãe, encantada. — É bom ouvir isso. Então, há quanto tempo vocês dois estão se vendo?

Kip não sabia bem como responder a ela. — Desde que, hum...

— Nós nos conhecemos em janeiro — disse Scott. — Eu o conheci no trabalho, na verdade. Eu queria um smoothie, e, bem...

— Janeiro! Christopher *Grady!* Isso está acontecendo desde *janeiro* e você não nos contou?

— Precisávamos manter isso em segredo — protestou Kip. — Scott não é... Você sabe.

— Eu, hum... — Scott começou — Eu decidi me assumir. Publicamente. Em breve.

— Oh — disse a mãe de Kip. — Meu Deus.

— Isso vai ser uma grande coisa — disse papai.

Scott assentiu. — Acredite em mim, eu sei. E eu não queria... Eu não quero que Kip seja arrastado para algo para o qual ele não esteja pronto, mas...

— Estou pronto — disse Kip. — Qualquer coisa que aconteça, estou pronto.

Scott lhe deu um pequeno sorriso agradecido. — Estou apaixonado pelo seu filho, senhora. Não me importa mais quem saiba disso.

Kip corou porque, *nossa.*

Agora sua mãe estava chorando.

— Oh, docinho — ela disse — Estou tão feliz por você. Vocês dois.

Kip sorriu para Scott. — Eu também.

* * *

Scott nem esperou que eles chegassem ao seu apartamento. Assim que entraram no elevador, ele colocou a boca na de Kip. Cada célula do seu corpo gritava com uma necessidade crua e violenta. Ele queria esse homem *o tempo todo,* e não estava mais interessado em esconder isso.

No segundo em que eles estavam dentro do apartamento, jaquetas e camisas estavam caídas e espalhadas pelo chão. Scott tentou andar em direção ao quarto, mas Kip os puxou de volta e então eles estavam se beijando loucamente contra uma parede. Quando Scott deu um passo para trás para sugerir que eles saíssem do hall de entrada, Kip começou a desabotoar o cinto de Scott.

— Deus, Kip. — Scott adorava que Kip estivesse tão febril quanto ele. Ele ajudou Kip a despi-lo até ficar só de cueca.

— Quarto — ele finalmente conseguiu dizer. — Por favor. Quero fazer isso direito. Estou pensando nisso há dias.

Kip assentiu, boca molhada, machucada e frouxa, e *porra*, Scott queria aqueles lábios em volta do seu pau. Ele queria tudo.

Kip tirou o próprio tênis e seguiu Scott até seu quarto. Seria o quarto *deles* em breve, se Scott tivesse algo a dizer sobre isso.

Quando eles estavam no quarto, Kip deslizou uma mão para dentro da cueca de Scott, agarrando sua bunda. Sua outra mão brincou com um dos mamilos de Scott enquanto ele beijava seu pescoço.

Scott fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Ele estendeu a mão para trás e agarrou a bunda de Kip, puxando-os mais para perto para que pudesse sentir o pau duro de Kip cravando nele.

Kip cantarolou e moveu a mão para segurar Scott através da cueca. A mão de Kip fez contato com seu pau dolorido, e Scott gritou de um jeito que era vergonhosamente carente.

Kip o acariciou através do tecido por um tempo, então enganchou os polegares no cós e puxou a cueca para baixo. Ele sentou Scott na ponta da cama e caiu de joelhos no chão.

— Porra — Scott sussurrou. — Sim.

Kip molhou os lábios e manteve os olhos fixos nos de Scott enquanto girava a língua sobre a cabeça do pau inchado de Scott. Ele sacudiu a língua contra a fenda, lambendo o pré-gozo que já estava escorrendo ali. Era tudo tão lento e deliberado, que estava destruindo Scott da melhor maneira possível.

— Porra, eu te amo tanto, Kip — ele balbuciou. — Não consegui. Não consegui parar de pensar em você. Tão assustado que eu ia te perder. Eu preciso de você. Eu preciso de você. *Porra!*

Kip tinha engolido a maior parte do seu pau e estava balançando a cabeça, ainda lentamente, mas era o suficiente. Era mais do que suficiente. Scott estava pegando fogo, em todos os lugares. Ele agarrou o colchão e observou

a boca linda de Kip tomar seu pau, em admiração pelo quão duro ele trabalhou para fazer Scott se sentir incrível.

Scott queria muito. Ele queria gozar e queria deixar Kip todo excitado até que Scott estivesse pronto para gozar de novo. Ele queria foder Kip e fazê-lo gozar e então abraçá-lo pra caramba.

Mas primeiro...

— Tão bom, Kip. Tão bom pra caralho. Merda... Eu vou...

O orgasmo o rasgou e ele gozou na garganta de Kip. Kip pegou tudo, cantarolando sua aprovação depois de engolir. Scott olhou para ele, perplexo, enquanto Kip deslizava seus lindos lábios para fora. *Não posso perdê-lo. Nunca.*

— Não vai me perder — disse Kip. Merda, Scott deve ter dito isso em voz alta.

Kip se levantou dos joelhos e subiu em seu colo, fazendo Scott cair para trás. Kip caiu em cima dele e o beijou. — Não acredito que você contou aos seus companheiros de time — ele disse. — E você contou a eles sobre *mim?*

— Sim. Mostrei uma foto para eles, até.

— Merda. Sério?

— Mm. Queria deixá-los com ciúmes.

Kip riu e seu nariz franziu - era tão fofo. Scott o beijou.

Ele rolou, virando os dois para que Kip ficasse de costas. Ele beijou seu caminho pelo corpo de Kip, demorando-se em todos os seus pontos favoritos.

Kip o observou, sorrindo, com as mãos atrás da cabeça. — Então, o que vem depois? — ele perguntou brincando.

— Eu vou te foder — disse Scott, com naturalidade.

— Tão cedo?

— Mm... Só me dê um minuto. — Ele beijou a barriga de Kip, e Kip riu.

— Sua barba faz cócegas — ele disse. — Mas eu gosto dela. É sexy.

— Isso me faz parecer um lenhador gostoso?

— Você se lembra disso? — Kip riu. — Cara, eu estava tentando ser gentil. Não achei que houvesse uma chance com você, mas eu tinha que pelo menos te deixar saber que eu poderia estar interessado.

— Funcionou — Scott disse, rastejando de volta para encontrar os lábios de Kip. — Não consegui parar de pensar em você depois que você disse isso.

— Ainda bem que eu disse isso, então.

Eles se beijaram e foi doce e terno.

— Acho que pode ser a sua vez — Scott murmurou.

— Mm. Sim, por favor.

Scott pegou o lubrificante que ele guardava na mesa de cabeceira e se arrastou para baixo na cama. Ele envolveu uma mão lustrosa em volta do pau de Kip e o acariciou enquanto observava seu rosto mudar. O sorrisinho flertador derreteu em uma expressão de queixo caído e felicidade.

— Eu te quis desde o momento em que coloquei os olhos em você, sabia? — Scott disse melancolicamente.

— Sério? Eu não estava dormindo ou algo assim?

— Achei que você tinha dito que não estava dormindo? Só descansando os olhos?

— Eu não estava. Eu, *ah*, só fechei os olhos por um segundo. Mas eu os abri, e não sabia quem você era. Só pensei que você era realmente gostoso pra caralho.

— E quando você descobriu quem eu era, o que você pensou?

— Que não havia a mínima chance de eu ter você.

Scott alisou os dedos e começou a abrir Kip gentilmente. Kip se engasgou com a primeira pressão dos dedos de Scott contra seu buraco.

— Quando voltei pela segunda vez — disse Scott — pensei que talvez... pensei ter pego você olhando para mim.

— Você definitivamente pegou.

— E a terceira vez — Scott disse, lentamente empurrando um dedo para dentro — quando você estava sozinho... Eu inventei uma desculpa idiota para ficar. Eu nem sei por quê. Eu só queria olhar para você.

— Deus — Kip disse, seu corpo se contorcendo no colchão. — Deveria ter sentado no seu colo ali mesmo e te beijado.

O estômago de Scott se revirou só de imaginar.

— O que você teria feito — perguntou Kip — se eu tivesse feito isso?

— Eu não sei. Eu teria ficado tão... chocado. Eu não acho que eu teria sido muito tranquilo. Mas...

— Mas?

— Aposto que eu teria retribuído o beijo. Pelo menos por um segundo. Eu não teria conseguido evitar.

— E então?

— Então eu provavelmente teria saído correndo dali.

Kip fechou os olhos e suspirou enquanto Scott acrescentou um segundo dedo. — Você teria voltado.

— Sim — Scott disse suavemente. — Eu teria.

— Você me convidou para aquele jogo. Eu ainda não me permiti acreditar que tinha uma chance com você.

— Adorei ver você no meio da multidão.

— Eu fiquei obcecado por você por umas duas semanas lá — Kip confessou. — Eu, uh... Eu me masturbei algumas vezes. Pensando em você.

Porra. O pau do Scott começou a encher de novo. — O que você pensou?

— Imaginei como seria... — Suas palavras foram interrompidas quando Scott curvou os dedos para acariciar sua próstata. — Ah, porra. Tão bom, Scott.

— Foi isso que você imaginou? — Scott perguntou, mais ousado conforme ficava mais excitado. — Ou era o que eu estou prestes a fazer? Enterrar-me dentro de você, foder você tão forte quanto eu quero porque você aguenta?

— Sim. — A voz de Kip era alta e selvagem. — Imaginei você me fodendo contra uma parede. Porra, talvez no trabalho. Não sei. Só queria sentir o quão forte você é.

Scott respirou fundo. — Eu pensei em você também. Na estrada, quando eu nem te conhecia de verdade. Eu queria seu pau na minha boca. Eu imaginei como você soaria quando gozasse. Eu imaginei beijar sua linda boca. Eu queria tanto... Porra. Ok.

Ele abriu uma camisinha e se preparou, então agarrou uma das pernas de Kip, colocou o tornozelo em seu ombro e o penetrou o mais rápido que ousou.

Kip gritou, arqueou as costas e estendeu a mão para ele. Scott se inclinou para frente o suficiente para que Kip pudesse tocar seu rosto e ombros. Então ele se afastou e empurrou de volta nele.

— Sim! Deus, por favor — Kip chorou. — Assim mesmo, querido. Tão bom.

Scott o fodeu com força e rapidez, e Kip olhou para ele com tanto amor nos olhos.

— Tão bom, Scott — Kip disse novamente. — Tão bom pra caralho. Te amo tanto.

Lágrimas arderam nos olhos de Scott, o que era ridículo. Ele se sentia tão bem e Kip era tão maravilhoso e ele estava tão feliz...

— Toque-se — ele disse, diminuindo um pouco o ritmo. — Mostre-me o que você costumava fazer quando pensava em mim.

Kip sorriu e começou a se acariciar. — Ainda faço, querido — ele disse. — Não sei dizer quantas vezes fiz isso esta semana.

— Sim — Scott falou.

— Eu quero gozar — Kip disse, a cabeça rolando para trás no travesseiro. — Estou tão perto.

— Quero ver. Vou te foder direto.

— Sim, oh merda. Sim, Scott. Porra, eu estou...

— Goza pra mim, bebê. Vamos. Me mostra.

— Ah! Ah, porra — Kip gritou, tremendo e apertando o pau de Scott. Ele diminuiu a velocidade da mão enquanto gozava. Os fios brancos caíram em seu estômago. Então Scott acelerou suas estocadas, de repente desesperado para gozar.

Kip ainda estava apertando forte em volta dele, e Scott estava bem na ponta, tão perto. Só precisava daquele empurrão...

— Goze pra mim, Hunter. Goze. Me bagunça.

Scott rosnou, puxou e rasgou a camisinha, mal tendo tempo de deixar sua própria liberação cair sobre Kip.

— Meu Deus — ele ofegou, olhando para a bagunça que ambos fizeram no estômago de Kip. — Tão gostoso pra caralho, Kip. Eu te amo.

— Eu te amo. Você é incrível. Vem cá. — Kip o puxou para baixo e o beijou.

Eles se limparam, e Scott cumpriu sua promessa a si mesmo de abraçar Kip até a morte.

Kip se acomodou nos braços de Scott e descansou a cabeça em seu peito.

— Você é tão confortável — Kip murmurou.

— Venha morar comigo — Scott deixou escapar. *Oh, Deus.* Ele não tinha a intenção de dizer isso. Não tão cedo.

— O quê?

— Venha morar comigo — ele disse novamente. — Eu quero que você viva aqui, não apenas fique aqui. Eu quero que este seja o *nosso* lar.

Kip levantou a cabeça. — Você está falando sério?

— Sim.

Ele não disse nada por um minuto.

— Por favor — disse Scott, preparando-se para a rejeição de Kip.

— Ok — Kip disse suavemente.

Scott *sorriu.* — Sim?

— Sim. Eu... Você tem certeza, no entanto?

— Tenho muita certeza. Quero compartilhar tudo com você, Kip. Quero fazer isso de verdade.

— Tudo bem então.

Scott estava tonto. — Mal posso esperar! Vou montar um dos quartos extras como um escritório para você estudar e fazer seu trabalho. Vou instalar algumas estantes de livros. Quando você pode se mudar?

Kip riu. — Não sei. A qualquer hora, eu acho. Não é como se eu tivesse muita coisa para mover.

— Podemos decorar o lugar. Juntos. Sempre foi meio escasso.

— Eu adoraria isso.

Quanto mais Scott pensava sobre isso, mais animado ele ficava. — Poderíamos receber pessoas — ele disse calmamente. — Amigos. Eu nunca... eu realmente não faço isso nunca.

— Poderíamos — Kip concordou. — Seria legal. — Ele se mexeu para ficar apoiado em um cotovelo, olhando para Scott. — Tem certeza de que está pronto para o que virá a seguir?

— Sim — Scott disse. — Você está?

— Absolutamente — disse Kip.

Capítulo Vinte e Oito

Os Admirals derrotaram Detroit no sexto jogo, eliminando-os dos playoffs. Nova York estava indo para as finais da Copa Stanley contra os campeões da Conferência Oeste, Los Angeles. A série começaria em Nova York em três dias.

Hoje, Scott ia falar com o treinador Murdock. Ele perguntou ao treinador antes da videoconferência do time se ele poderia se encontrar com ele em particular depois.

— Se isso é uma má notícia, eu realmente preferiria não ouvir — disse Murdock, assim que Scott entrou no escritório do homem. Seu tom era mortalmente sério, mas ele era muito mais suave do que parecia. Ele iria querer saber de qualquer maneira.

— Não é — Scott o assegurou, e sentou-se em uma das duas cadeiras do outro lado da mesa de Murdock. — Não deveria ser, de qualquer forma.

— Você tem vinte minutos. Diga.

Scott exalou e começou o discurso que havia preparado. — Há algo que quero contar a você sobre mim que provavelmente se tornará público em breve. Sei que o momento não é bom para isso, mas realmente acho que é para o bem do time e para mim que eu...

— Jesus Cristo, Hunter — Murdock disse. — Posso ouvir o cerne da questão dessa coisa?

— Eu sou gay.

Murdock congelou e olhou para Scott como se tivesse acabado de dizer que ele era um bruxo.

Por favor, não grite comigo. Não sobre isso.

— Você é gay.

— Sim.

Murdock colocou as mãos em frente ao rosto e recostou-se na cadeira. Quando abaixou as mãos, estava sorrindo. — Quantas vezes você disse essas palavras em voz alta?

Scott sorriu trêmulo de volta, aliviado. Ia ficar tudo bem.

— Antes? Duas vezes. A primeira vez foi para meu agente. A segunda vez para Carter, Huff e Bennett.

Murdock assentiu. — Inteligente, contando a eles primeiro.

— Eu pensei assim.

— E você está *me dizendo isso* porque...

— Eu não queria que você ouvisse isso de outra pessoa. Quero tornar isso público. Logo.

O rosto de Murdock ficou sério novamente. — Quando, exatamente?

— Depois dos playoffs — Scott disse rapidamente. — Eu prometo. Não preciso contar ao resto do time ainda. Não estou tentando distrair ninguém.

Murdock pareceu considerar isso. — Por que agora?

— Porque eu não quero mais viver uma mentira. E... eu estou com alguém. Não é justo com ele.

— Ah. Você está apaixonado. Isso faz sentido. O amor faz os homens fazerem todo tipo de coisas idiotas.

Scott deu um pequeno sorriso. — Acho que essa pode ser a coisa mais inteligente que já fiz.

— Você sabe o que vai acontecer, certo? Quando isso vazar? Você tem um plano para isso?

— Mais ou menos.

Murdock xingou baixinho. Scott se perguntou se talvez eles tivessem terminado. Então Murdock disse: — Quando eu jogava, eu era um dos dois jogadores não brancos da liga.

Scott não disse nada.

— Meu caminho para a NHL foi... desafiador, digamos assim. Não acho que tenha havido um único jogo em que não ouvi um jogador, ou um fã, ou um pai, ou, diabos, até mesmo um árbitro, ter algo a dizer sobre um homem negro jogando hóquei.

— Você foi um pioneiro — disse Scott.

— Claro. Em retrospecto, talvez. Não me senti assim na época. Eu só queria jogar hóquei. Não pensei muito sobre meu legado além de ser o maior central que o jogo já viu.

Scott riu.

— O engraçado é que a imprensa, tudo o que eles queriam falar era sobre a minha cor de pele. O quão revolucionário eu era. Como eu estava mudando o jogo. Como eu tinha superado tantos obstáculos. Era tudo apenas barulho para mim naquela época.

— E agora?

— Agora eu olho para trás e consigo ver por que todo aquele barulho era importante. E eu *sei* que era importante porque jogadores como Vaughan me dizem que foram inspirados por mim. Eu os fiz sentir um pouco mais certos de que pertenciam a esse esporte que todos nós amamos.

Scott assentiu. — Eu sei que vai haver muito... barulho. Estou preparado para isso. Estou focado no meu jogo. No meu time. Em vencer. Mas se eu puder fazer com que pelo menos uma criança se sinta mais confortável com quem ela é, torná-la um pouco mais corajosa sobre viver sua vida sem vergonha... Eu não vou fugir disso. Eu quero isso.

— Então qual é o plano?

— Não sei. Eu estava pensando em oferecer a história à *Sports Illustrated* em vez de uma coletiva de imprensa. Fazer isso discretamente, sabe?

Murdock soltou um suspiro. — Eu não invejo você... o que não é algo que eu jamais pensei que diria..., mas eu certamente respeito você pra caramba, Hunter. Eu te protejo se alguém vier atrás de você.

— Obrigado, treinador.

Eles apertaram as mãos e Murdock disse: — Não é Rozanov, é?

— Jesus. Não! Por que todo mundo...?

— Bom. Não preciso desse tipo de circo.

Scott riu e saiu do escritório. Ele encontrou Carter no corredor.

— Como foi essa merda? — perguntou Carter.

— Bom, na verdade. Eu queria pensar que todos receberiam as notícias tão bem quanto vocês.

— É, bem... — Carter enfiou as mãos no bolso do moletom e olhou para o chão. Scott sabia que estava lutando um pouco para aceitar a sexualidade de Scott. Ele estava... mais quieto do que o normal.

— Escute — disse Carter. — Quero que você saiba... se eu tenho agido estranho, ou algo assim, não é porque você é... Você sabe. Gay e essas merdas.

— Tudo bem.

— Não, estou falando sério. Não tenho problema com isso. Mas acho que tenho um problema com você não achar que poderia me contar antes.

Scott abaixou a cabeça. — Eu sei. Eu deveria ter te contado. Eu *queria.* Eu só estava com medo.

— Eu simplesmente odeio pensar que você estava, tipo, completamente sozinho. Todo esse tempo.

Scott olhou para o amigo. *Deus, eu fui um idiota.*

Ele colocou a mão no ombro de Carter, e Carter deu um passo à frente e o abraçou.

— Obrigado, Carter.

Carter deu um tapinha nas costas dele, e eles se separaram. — Ei — disse Carter. — Eu, uh, eu tinha uma reserva para esta noite. É um restaurante muito *privado.* Escuro, pequenos recantos, caro pra caramba. De qualquer forma, Gloria tem que trabalhar até tarde, então eu estava pensando... talvez você pudesse levar seu homem.

Scott ficou atordoado. — Eu... eu não sei. Quer dizer, nós não...

— Leve seu homem para um maldito encontro, Scott. Você vai confessar essa merda de qualquer jeito, certo? Vá com calma. Como eu disse, esse lugar é discreto e romântico pra caralho. E delicioso. Merda, na verdade, posso ser seu par?

Scott riu. — Vou perguntar se ele quer ir.

Ele não tinha dúvidas de que Kip iria querer sair com ele para algum lugar. Ele tinha menos certeza de que Kip iria querer ir a um restaurante que fosse "caro pra caramba". Mas ele reconheceu esse gesto de Carter pelo que era.

— Obrigado, cara — ele disse. — Significa muito. Sério.

Carter deu um soco no braço dele. — Vai ser feliz, babaca.

* * *

— Quão chique é esse lugar? — Kip perguntou a Scott pelo telefone. — Acho que não tenho nada para vestir que seja bonito o suficiente...

— Não se preocupe com isso — Scott o assegurou. — Não quero soar arrogante, mas você está comigo. Você pode vestir o que quiser.

— Eu quero ficar bonito para você. — Kip adicionou uma camisa azul escura de botões à pilha de "talvez" em sua cama.

— Você sempre está bonito. Você recebeu o endereço que te enviei?

— Sim. Fui ao site do restaurante. Parece chique...

— É só um restaurante. Carter o escolheu, então provavelmente é bom. Ele entende de comida.

— Sim, ok. — Ele fez uma careta para um pequeno buraco na manga de um suéter preto que ele estava considerando.

Eles concordaram em se encontrar no restaurante porque, se fossem na casa de Scott, havia uma grande chance de não conseguirem jantar.

— O carro vai te pegar às sete — Scott disse. — Está tudo bem?

— Claro. Você não precisa mandar um carro. Eu posso pegar o trem. — Ele jogou um suéter cinza na pilha.

— Estou enviando um carro. É uma noite especial!

Kip sorriu. — Ótimo.

— Vejo você em algumas horas, então.

— Sim. Mal posso esperar.

— Nem eu.

Eles encerraram a ligação e Kip suspirou, franzindo a testa novamente para seu guarda-roupa triste. Ele não conseguiu acreditar quando Scott perguntou se ele queria sair para jantar naquela noite. Scott disse que iria relaxar sobre o relacionamento deles e eventualmente se assumir para o mundo, mas Kip não esperava ter encontros reais como esse tão cedo. Ele estava emocionado, mas também lamentavelmente despreparado para ser levado a qualquer lugar tão chique. A única roupa realmente chique que ele já teve foi o smoking que Scott lhe dera, mas isso estava, ele presumiu, no apartamento de Scott. Kip meio que perdeu o controle do terno depois que Scott o despiu.

Além disso, seja um restaurante agradável ou não, o smoking provavelmente seria um pouco demais.

Ele finalmente decidiu por uma roupa composta por seu jeans mais escuro, uma camisa social, uma gravata escura e um suéter de gola V em ameixa profundo. Ele tirou uma foto rápida de si mesmo e enviou para Elena.

Kip: *Esse visual está ok?*

Elena: *Para quê?*

Kip: *Jantar com Scott!*

Elena: *Aonde você vai?*

Ele disse a ela o nome do restaurante.

Elena: *Ah sim. Você está bem.*

Kip assentiu para o telefone, aliviado. Elena enviou outra mensagem. *Você está gostoso, a propósito.*

Ele sorriu.

Esse seria o melhor primeiro encontro de todos.

* * *

Scott sentou-se sozinho na mesa aconchegante para dois no canto escuro do restaurante e tentou não se importar se alguém estava olhando para ele.

Estar sozinho em público frequentemente o deixava exposto a ser abordado por estranhos. Ele estava bem com isso na maioria das vezes, mas esta noite era para ele e Kip, não para eles. Este restaurante era muito exclusivo, no entanto, e Carter não estava brincando sobre o quão escuras e privadas as mesas eram. Era um lugar ideal para Scott testar um pouco as águas. Carter inventou a história de não poder usar a reserva ele mesmo? Talvez ele tivesse reservado isso com Scott e Kip em mente em primeiro lugar. Scott apreciou o gesto, de qualquer forma.

Ele tomou um gole de água e olhou novamente para a frente do restaurante. Kip deve chegar a qualquer momento.

Scott passou um tempo absurdamente longo se preparando, como se isso fosse um encontro às cegas e não um jantar com o homem por quem ele estava loucamente apaixonado. O homem com quem ele estava dividindo sua vida por meses. O homem com quem ele *esperava* dividir sua vida para sempre.

Finalmente, pouco depois das sete e meia, Kip foi conduzido até a mesa pelo maître.

O coração de Scott deu um salto no peito. Kip parecia tão bonito e tão feliz em vê-lo.

— Oi — disse Scott, levantando-se para lhe dar um abraço rápido.

— Oi. Você está usando um terno! Eu *sabia* que estaria malvestido...

— Você está bem. — disse Scott, deixando seus olhos viajarem sobre ele. — Perfeito.

— Se você diz — Kip resmungou, deslizando para dentro da cabine semicircular. Suas coxas roçaram uma na outra, mas Scott se recusou a recuar.

— Este lugar é legal — observou Kip.

— Sim, uh, Carter disse que é... romântico.

Kip sorriu para ele, e Scott corou.

— Estou feliz de estar em algum lugar com você — disse Kip. — Não importa onde. Mas isso é legal. Obrigado.

— Estou um pouco preocupado que Carter possa aparecer aqui — disse Scott. — Acho que ele está meio ansioso para conhecer você.

— Isso é fofo, não é?

— Sim. É. Quero te apresentar a todos, mas não esta noite.

Kip bateu o pé contra o de Scott. — Não esta noite.

— Ei, hum, você quer um pouco de vinho? Ou uma bebida? Depois desta noite, vou me abster de álcool até depois das finais, então...

— Essa é a sua regra ou a do seu treinador?

— Do treinador. Mas eu teria feito a mesma regra para mim mesmo de qualquer maneira.

— Duro, mas justo.

— Ei, alguns treinadores fazem seus jogadores se absterem de sexo.

— Merda. Você já teve um treinador que fez isso?

— Sim. Uma vez. — Scott se inclinou. — A parte mais difícil para mim foi fingir que era difícil.

Kip riu, mas soou um pouco triste. Scott tocou os joelhos deles juntos sob a mesa e viu um calor nos olhos de Kip que o atraiu automaticamente. Ele queria beijá-lo.

— Alguma pergunta sobre o menu de vinhos? — disse o sommelier, interrompendo o momento. Scott recuou bruscamente e imediatamente se sentiu mal por isso.

Ele pediu um vinho desajeitadamente, com a ajuda do sommelier ansioso por agradar. As pessoas esperavam que Scott entendesse de coisas como vinho, ou pelo menos se interessasse, porque ele tinha dinheiro. Ele não se importava com isso.

Ele pediu uma garrafa de "A primeira coisa que você disse. Essa. Parece boa" e o homem foi embora.

— Desculpe — Scott disse assim que ele saiu. — Eu sei que eu meio que... pulei para trás, naquele momento.

— Tudo bem.

— Não... É... Eu não quis. Acho que não estou acostumado com a ideia de...

— Não espero que você de repente fique confortável com tudo — disse Kip. — Vamos devagar.

Scott sorriu agradecido para ele. Impulsivamente, ele cobriu a mão de Kip com a sua, em cima da mesa para qualquer um ver. Kip sorriu e virou a mão, entrelaçando os dedos. Foi bom. Foi emocionante, mas não assustador.

Kip apertou sua mão, então puxou a sua para pegar seu cardápio. — Então, o que tem de bom aqui?

— Não tenho ideia — disse Scott. — Eu estava dando uma olhada no cardápio um pouco antes de você chegar. Eu entendi cerca de metade dele.

— Só vou dizer isso uma vez, porque sei que isso me faz parecer um lixo, mas esse lugar é muito *caro.*

— Sabe — disse Scott — eu ainda recuso preços como esses. Mesmo que eu possa facilmente pagar por eles, eu ainda instintivamente procuro a coisa mais barata no cardápio.

— Não há nada mais barato neste cardápio.

— Peça o que quiser — disse Scott — obviamente. Acho que vou pedir o halibute porque pelo menos sei o que é.

— Jesus. Está cheio de notas de cem dólares?

O vinho chegou, e Kip estava obviamente tentando não rir enquanto Scott fazia a charada de prová-lo e fingir saber se era bom. Ele acenou para o sommelier satisfeito e o homem encheu suas taças. Ele saiu, e o garçom veio e eles pediram, e então eles finalmente ficaram sozinhos novamente.

— Ei — Kip disse em uma voz suave, levantando sua taça. — Para o que vier depois.

— Para o que vier depois.

Eles tiveram um jantar agradável. Beberam vinho e comeram pratos ornamentados de comida estranha que tinha um gosto fantástico. Eles

conversaram e planejaram o futuro. O vinho deixou tudo agradavelmente confuso, e fez Kip parecer brilhar na iluminação romântica do restaurante.

Entre os pratos principais e a sobremesa, Scott se inclinou e disse: — Adoro estar aqui com você.

Aquele sorriso lento e sexy que Scott amava se abriu no rosto de Kip. — Eu também, querido.

— Eu quero te levar para todo lugar. O que você disse sobre ir dançar. Para uma boate...

— Nós iremos. Quando você quiser.

— Aposto que você fica muito bem quando dança.

Kip se inclinou para mais perto. Scott conseguia sentir o cheiro da loção pós-barba. Ele queria enterrar o rosto no pescoço de Kip.

— Eu daria um show muito bom — Kip falou lentamente. — Todo mundo estaria nos assistindo. Mas seria tudo para você. Ninguém mais.

Scott se mexeu no assento. Ele se sentiu aquecido. — Claro que sim — ele rosnou.

Os olhos de Kip se arregalaram. Scott teve o vago pensamento de que qualquer um que os estivesse observando não teria dúvidas de que eram dois homens sexualmente interessados um no outro.

Sexualmente *obcecados* um pelo outro, na verdade.

Ele ainda se importava? Deus, ele queria beijar Kip.

— No que você está pensando agora? — perguntou Kip.

Scott aceitou o desafio. — Quero te fazer um boquete por baixo da mesa.

Kip sorriu e mordeu o lábio. Foi a coisa mais sexy que Scott já tinha visto.

— Bem, isso deve chamar a atenção de todos — ele disse, com os olhos brilhando de malícia.

Onde diabos estava aquela sobremesa idiota que eles pediram?

— Você é uma má influência, Grady.

— Mm. Corrompendo o garoto perfeito de Nova York.

— Eu era tão doce e inocente antes de conhecer você — Scott sorriu.

— Se eles soubessem que tipo de indecência sai desses lábios bonitos quando você está...

O garçom chegou com as sobremesas. Scott corou e sentou-se ereto, agradecendo-o com um pouco de força demais quando ele pousou o prato.

Depois que o garçom saiu, Kip sorriu e Scott balançou a cabeça e soltou uma risada trêmula.

— Esse é o problema de levar você para qualquer lugar — disse Scott.

— Não sei do que você está falando.

— Estou falando sobre como você tem exatamente três minutos para comer essa sobremesa porque vou te levar de volta para minha casa o mais rápido possível.

— O quê, nada de café?

— Vou fazer café para você amanhã de manhã.

Capítulo Vinte e Nove

Kip voltou aos pulos para o apartamento de Scott (*deles?*) depois do seu último turno na Straw+Berry. Ele jogou seu boné de beisebol de morango em uma lata de lixo no caminho.

Seria uma parada rápida em casa para se trocar porque ele estava saindo para encontrar Maria e Elena para uma bebida comemorativa. Mas ele queria ver Scott primeiro porque hoje à noite era o sexto jogo das finais, e havia todas as chances de que os playoffs terminassem hoje à noite com os Admirals vencendo a Copa. Kip estaria no jogo mais tarde, era claro, mas ele esperava roubar um momento de silêncio com Scott antes do que certamente seria uma noite agitada e emocionante.

Scott teve uma reunião de equipe naquela manhã, mas disse que estaria em casa à tarde para tirar um cochilo e tentar relaxar antes do grande jogo. Os voos longos e as diferenças de fuso horário entre Nova York e Los Angeles estavam aumentando o estresse da série.

No apartamento, Kip encontrou Scott na cama.

— Ei — Scott disse, erguendo-se sobre um cotovelo. Cabelo bagunçado, barba espessa, músculos por todo lugar — Kip ainda não conseguia acreditar que esse era seu namorado. — Como foi o último turno?

— Sem incidentes — Kip disse. — Mas eu trouxe algo para você. Para dar sorte.

Ele estendeu um smoothie azul. O último que ele teria que fazer.

— Aww — Scott disse, pegando-o. — Espero que a nova equipe possa torná-los tão bons.

Kip fingiu horror. — Você deixaria *outro cara* fazer um smoothie para você?



Scott sorriu ao redor do canudo. — Eu estaria pensando em você o tempo todo. Eu prometo.

Kip beijou seu cabelo. — Tenho que sair em um minuto. Maria e Elena vão me encontrar em, tipo, meia hora. — Ele tirou sua camiseta suja.

— Acho que tenho que ir para o rinque logo de qualquer jeito — Scott suspirou. — Vocês vão falar de mim?

— Definitivamente — Kip disse, enquanto tirava um novo par de jeans da cômoda. — Maria tem chamado isso de Reunião Secreta da Sociedade das Pessoas que Sabem sobre Scott e Kip. Espero pelo menos uma centena de perguntas dela.

Scott riu e balançou a cabeça. — Não vai ser segredo por muito mais tempo, eu acho.

Kip vestiu uma camiseta limpa e foi até a cama. Ele levantou o rosto de Scott e lhe deu um beijo lento e adorador que tinha gosto de mirtilos. — Quando você estiver pronto — ele disse gentilmente. — Mesmo só o fato de meus pais e alguns dos meus amigos saberem sobre nós me faz sentir muito melhor. Sem pressa para o resto do mundo.

Ele se virou para ir ao banheiro, mas Scott agarrou seu pulso. Kip se virou de volta.

— Obrigado — disse Scott. Seu rosto e seu tom eram muito sérios. Seus olhos pareciam estar tentando dizer mais, e Kip desejou que dissessem, porque ele não tinha ideia do porquê Scott estava agradecendo.

— Pelo quê?

— Tudo. Não sei o que vai acontecer hoje à noite... se venceremos, ou se pegarei um avião para Los Angeles logo após o jogo... mas quero que saiba que eu nem estaria jogando hoje à noite se não fosse por você.

A testa de Kip franziu. — Claro que sim. O que eu tenho a ver com...?

Scott balançou a cabeça. — Eu estava infeliz, Kip. Sei que minha vida parece ótima... e é, de muitas maneiras... mas eu estava tão *solitário.* E ficava mais difícil a cada ano. Nesta temporada, antes de te conhecer, era como... — Ele parecia lutar por palavras. Kip pegou sua mão e apertou.

— Era como — Scott continuou — se eu tivesse perdido meu amor pelo hóquei. Como... o fogo se apagou, sabe?

Kip sentou-se na cama ao lado dele. — E você acha que o encontrou novamente...por *minha causa?*

— Sim. Eu odiava. Eu me odiava por me sentir tão miserável porque eu tinha alcançado meus sonhos e eu tenho todo esse sucesso e dinheiro e eu vivo nesta grande cidade, mas... quero dizer, nove temporadas voltando para casa de viagens de carro sem ninguém. De verões sem namorado para viajar, e sem família para visitar. Nove temporadas sem ter um par para as funções do time, ou para o NHL Awards. De não ter alguém que eu amo na multidão nos jogos. Isso estava pesando em mim.

O coração de Kip se partiu um pouco. Ele odiava pensar em Scott durante aqueles anos.

— Gostaria que tivéssemos nos conhecido há nove anos — disse ele com um sorriso triste.

Scott riu suavemente. — É, bem... Eu provavelmente não estaria pronto, naquela época.

— Se você quiser jogar mais vinte temporadas — disse Kip — eu vou recebê-lo em casa depois de cada viagem. Estarei na multidão em tantos jogos quanto eu puder ir. E serei seu par para qualquer coisa que você queira me levar.

Scott sorriu. — E as viagens no verão?

— Contanto que eu possa ajudar a pagar por isso.

Scott revirou os olhos. — Sabe, *você* poderia trabalhar sua teimosia em me deixar pagar pelas coisas.

Kip o beijou. — Eu sei. Vou tentar relaxar sobre isso. Eu prometo. Eu concordei em viver com você, não é? Isso é progresso!

Scott beijou seu nariz. — É. Agora vá encontrar suas amigas.

— Ok. Vá ganhar a Copa Stanley.

— Combinado.

* * *

— Então — Maria disse, assim que o garçom entregou suas micheladas — sobre o que deveríamos conversar? Ah! Eu sei! Que tal falarmos sobre como seu *namorado* está jogando nas *finais da Copa Stanley* hoje à noite!

Kip balançou a cabeça, mas não conseguiu evitar sorrir. — Acho que isso é interessante — disse ele suavemente.

— Está indo bem com ele, certo? Vocês ainda estão completamente apaixonados um pelo outro? Você não pode estragar isso, Kip!

— Está indo bem! Estamos totalmente apaixonados. Não vou estragar tudo. De novo.

Os olhos dela se estreitaram, e ela apontou um pedaço de tortilla para ele ameaçadoramente. — É melhor não. Estou vivendo indiretamente através de você.

— Oh Deus. Não diga isso.

Kip olhou para o telefone. Elena tinha mandado mensagem vinte minutos atrás para dizer que chegaria um pouco atrasada. Ele não teve escolha a não ser sentar ali e encarar o ataque de perguntas de Maria.

— Como é a casa dele? É enorme? Tem, tipo, doze banheiros?

— É uma cobertura e tem *três* banheiros.

Ela gemeu. — Você tem muita sorte. Quando você vai se mudar?

— Bem, agora, eu acho. Quer dizer, ainda tenho algumas caixas de coisas aleatórias na casa dos meus pais para mudar, mas agora moro com Scott em tempo integral.

Ela balançou a cabeça, parecendo perplexa. — Você diz *Scott* e eu não acredito que você quer dizer... Ela olhou ao redor e sussurrou — Scott *Hunter*. Tipo, você só o chama de Scott, como se ele fosse uma pessoa normal!

— Ele *é* uma pessoa normal. Ele só acontece de ser muito bom em jogar hóquei.

— E só acontece de ser um gato maravilhoso.

— Sim. Isso também.

— Ele beija bem? Só me diga que ele beija bem.

Kip revirou os olhos. — Meu Deus. Onde está Elena?

— Alguém mais sabe? — Maria perguntou. — Você contou ao Shawn?

— Não. — Ele mexeu a salsa distraidamente com um chip de tortilla. Ele se sentiu mal por mentir para Shawn, mas — Shawn é um fofoqueiro e ter que manter esse segredo pode realmente matá-lo. É mais gentil não contar a ele.

Pelo menos, foi o que Kip disse a si mesmo. Ele esperava que Shawn não o odiasse quando descobrisse.

— Ok, então, escala de um a dez...

— Não.

— Um deles é o pior beijador do mundo, também conhecido como meu par do baile...

— Não.

— E dez sendo, tipo, aquele beijo em O *Segredo de Brokeback Mountain* onde Heath Ledger quebrou o nariz de Jack Gyllenhaal com um beijo tão forte...

— *O quê? Esse* é um beijo bom?



— Sim. Então onde seu garoto se encaixa nessa escala?

— Hum, melhor do que um beijo onde meu nariz é quebrado?

— Então um onze? Porra, eu sabia.

Kip riu. — Ele beija bem, tá? Pare de ser esquisita.

— Quem beija bem? — Elena finalmente decidiu aparecer.

— O namorado perfeito do Kip — resmungou Maria.

— Oh, ele não é perfeito — Elena disse alegremente, sentando-se no assento vazio. — Seu maxilar é muito esculpido.

— Mm — Kip disse. — E ele é muito alto.

— E largo — acrescentou Elena.

— E as coxas dele são grossas demais — ressaltou Kip.

— Simplesmente terrível — ela concordou.

— Vocês são uns babacas — disse Maria. — Me avisem se algum dos colegas de time dele estiver procurando uma latina adorável para cuidar.

Kip bufou. — *Adorável?*

— Diga a eles que sou adorável. Quando perceberem que sou uma completa rabugenta, eles já estarão apaixonados por mim e será tarde demais.

Todos riram.

Os três passaram algumas horas comendo comida mexicana e bebendo (mas não muito porque Kip não queria ficar bêbado para o jogo). Eles conversaram sobre Elena se mudando para a Califórnia, e o novo emprego de Maria, e sobre o novo emprego de Kip, e sobre Kip voltar para a faculdade. Ele se sentiu bem. Pela primeira vez em anos, ele se sentiu confiante sobre seu futuro. Sua vida estava mais ou menos no caminho certo, mesmo sem o namorado dos sonhos perfeito.

Mas ele *tinha* o namorado dos sonhos perfeito. E mais do que isso, ele estava apaixonado, e não importava como ele imaginasse seu futuro agora, ele sempre incluía Scott.

— Nós deveríamos ir — Elena disse, dando um tapinha em seu braço. — Nós precisamos ir ver o homem com quem você obviamente está sonhando jogando hóquei.

— Eu não estava... Okay. Sim, eu estava. — Ele se virou para Maria. — Sinto muito por não ter conseguido um terceiro ingresso, mas esse jogo está superesgotado.

— É, sem brincadeira. Os ingressos estão saindo por, tipo, cinco mil dólares online — Maria disse.

— Vou te mandar uma selfie do jogo, ok?

— Ah, foda-se.

Quando eles estavam na rua, Maria o abraçou. — Estou feliz por você, Kip. Falo sério. Eu ajo como uma vagabunda, mas você é uma das melhores pessoas que eu conheço e merece esse homem de fantasia.

Ele beijou a bochecha dela. — Obrigado. Talvez da próxima vez que sairmos Scott venha também.

— Diga a ele para deixar a camisa em casa. E para trazer um companheiro de time!

Kip riu. — Farei isso.

Maria foi em direção ao metrô, e Kip e Elena foram na direção oposta.

— Depois desta noite, você pode estar namorando um campeão da Copa Stanley— disse Elena.

— Finalmente, um motivo para ficar impressionado com ele!

Ela pegou o braço dele e inclinou a cabeça em seu ombro. — Estou feliz que você estará em boas mãos quando eu for embora.

— Eu também. Mas vou sentir sua falta pra caralho.

— Eu sei.

— E...

Ele não conseguia ver os olhos dela, mas tinha certeza de que ela os revirava. — Eu também vou sentir sua falta — ela disse. — Não quero ficar toda emotiva, mas eu gosto de você.

Kip riu e a cutucou. — Obrigado, amiga.

* * *

O terceiro período foi uma agonia.

Scott podia sentir a tensão irradiando da multidão. Ele certamente sentiu isso no banco, e em seu próprio estômago.

O período começou com LA marcando um gol rápido para fazer 2-1. Com dez minutos restantes no período, Huff marcou com uma assistência de Scott para empatar em 2-2. A multidão rugiu enquanto os Admirals deram um suspiro coletivo de alívio.

Depois veio a parte realmente de roer as unhas.

Primeiro, Nova York recebeu uma penalidade, então eles ficaram com um jogador a menos por dois minutos. Pareceu durar vinte minutos, mas eles conseguiram acabar com isso sem sofrer nenhum gol. Restavam cinco minutos no relógio.

Mais um minuto se passou e o LA *quase* marcou, mas Bennett fez uma defesa incrível que manteve o New York no jogo.

Então, faltando dois minutos, Scott pegou o disco e ele nunca se lembraria exatamente como aconteceu, mas de repente ele estava cara a cara com gol. Ele correu em direção à rede, completamente focado em seu alvo, e mandou o disco logo acima da perna direita do goleiro do LA.

Agora Scott estava atrás do banco com o resto dos seus companheiros de time e observava o relógio marcar os últimos segundos do jogo.

Oito... Sete... Seis...

Puta merda.

Nós conseguimos. Vamos ganhar a Copa Stanley.

Cinco... Quatro...

O rugido da multidão era ensurdecedor; dezoito mil pessoas de pé, torcendo pelo time da casa. Era tudo o que Scott sempre sonhou que esse momento seria.

Dois... Um...

E acabou. Scott saltou sobre as placas, quase colidindo com dois de seus companheiros de time enquanto todo o time se espalhava no gelo junto. Tacos, luvas e capacetes voavam em todas as direções enquanto eles seguiam direto para onde Bennett estava em pé na frente de sua rede com os braços erguidos em vitória. Em segundos, todos os Admirals se amontoaram em seu goleiro em uma confusão alegre e agitada de jogadores de hóquei em êxtase.

Os jogadores se revezavam se abraçando e batendo nas costas uns dos outros. Scott podia ouvir Carter gritando — Siiiiimmmm! — atrás dele, e quando ele se virou para abraçar seu amigo, ele quase foi derrubado pela força de Carter pulando em seus braços. Ele envolveu suas pernas ao redor da cintura de Scott, forçando-o a segurá-lo por um segundo.

— Nós conseguimos, Scotty!

— Claro que sim, nós conseguimos.

Carter o soltou e caiu de volta no gelo. — Merda, provavelmente deveríamos nos alinhar, hein?

Scott olhou para o centro do gelo, onde o devastado time de Los Angeles esperava desajeitadamente pelos tradicionais apertos de mão.

— Certo. Sim. Vamos lá.

Ele chamou seus companheiros de time para se alinharem, e eles rapidamente, mas respeitosamente, apertaram as mãos dos jogadores de LA. Muitos dos caras de Los Angeles tinham lágrimas nos olhos. Scott entendeu. Ele já tinha estado na posição deles antes.

Mas não esta noite. Esta noite ele havia alcançado o sonho que tinha desde a infância.

Ele esperou impacientemente enquanto a Copa Stanley era realizada e o comissário da liga fez um discurso chato. Scott foi anunciado como o MVP[3] do playoff, o que foi uma honra, mas não era o troféu que ele queria segurar. Além disso, parecia ridículo ser destacado quando todo o seu time havia trabalhado tanto para chegar aqui. Scott não era um grande fã de prêmios individuais.

Finalmente, *finalmente,* Scott, como capitão do time, recebeu a Copa Stanley. Ele pegou o troféu gigante de prata em suas mãos e era... estranho de segurar, na verdade. Pesado, mas também difícil de segurar. Mas Scott certamente não iria deixá-lo escapar de suas mãos agora. Ele beijou a Taça e então a ergueu triunfantemente sobre sua cabeça, virando-se para que toda a multidão pudesse vê-la. Pertencia a Nova York agora: o time *e* os fãs.

E foi aí que as lágrimas vieram. Scott deixou que acontecessem. Tudo sobre o momento era surreal e avassalador e ele tinha tantos pensamentos ao mesmo tempo.

Mas, principalmente, *eu queria que minha mãe estivesse aqui para ver isso.*

Ela teria ficado tão orgulhosa dele. E foi ela, mais do que qualquer outra pessoa, que levou Scott a esse momento. Todas as escolas de hóquei, treinadores e agentes do mundo não o teriam levado à NHL se ela não tivesse estabelecido a base com seu apoio e suas longas horas trabalhando

[3] No hóquei, MVP significa "jogador mais valioso". É um prêmio dado ao jogador que tem melhor desempenho em um jogo, competição ou liga.

no mercado para que ele pudesse comprar equipamentos de hóquei de segunda mão.

Scott não era religioso, mas ele olhou para as vigas e disse calmamente: — Isto é para você, mãe.

Ele entregou a Taça para Carter, que a beijou, tipo, cinco vezes antes de levantá-la bem alto acima de si. Scott encontrou Kip na multidão, do outro lado do gelo, de pé e torcendo com todos os outros. Scott deu um pequeno aceno para ele. Ele não tinha certeza se Kip viu.

Foi mais tarde, quando o gelo começou a se encher com as esposas, namoradas e filhos de seus companheiros de time, que Scott começou a sentir isso. Misturado a toda sua felicidade, havia um sentimento preocupante de *injustiça.* Ele viu seus companheiros de time beijarem seus parceiros e levantarem seus filhos, e Scott queria poder compartilhar esse momento com *seu* parceiro. Com o homem que ele amava.

E qual seria o mal em ter Kip descendo no gelo? O lugar era um zoológico de qualquer maneira: jogadores de hóquei, equipe, repórteres, fotógrafos e familiares. Quem notaria se o namorado de Scott estivesse entre eles?

Decisão tomada, ele patinou até o vidro perto de Kip. Ele acenou com as mãos, o que muitas pessoas pareceram notar, mas não Kip. Então Scott viu Elena cutucá-lo e dizer algo a ele, e apontar para Scott. Kip olhou e sorriu. O coração de Scott palpitou. Deus, ele o amava.

Scott gesticulou em direção à área de penalidade. Kip fez uma cara exagerada de *o quê?* e Scott gesticulou novamente. Ele viu Elena, novamente, dizer algo a Kip, e então Kip assentiu e apontou para a área de penalidade. Scott assentiu de volta, e saiu para encontrá-lo.

Da área, Scott observou Kip abrir caminho pela multidão. As pessoas pareciam estar assistindo a esse pequeno espetáculo que eles estavam fazendo com grande interesse.

Tanto para ser sutil.

Quando Kip chegou ao vidro que separava os assentos da área de penalidades, ele estava vermelho, sorridente e adorável.

E Scott sabia que não conseguiria evitar fazer algo muito estúpido num piscar de olhos.

Mas...

— Suba no vidro! — Scott gritou. — Eu pego você.

— Ok! — Kip pisou na saliência e levantou uma perna sobre o vidro. Scott o ajudou a passar, e Kip caiu em seus braços.

— Você conseguiu! — disse Kip.

— Eu consegui — Scott concordou.

Eles ficaram ali por um momento, ainda abraçados e sorrindo, e talvez fosse a adrenalina percorrendo por ele, ou talvez a noite toda tivesse parecido um sonho maravilhoso e só havia uma coisa que poderia torná-lo perfeito, e essa coisa era...

Ele podia ver a surpresa nos olhos de Kip quando Scott se inclinou e o beijou. Scott pensou que poderia ser apenas um beijo rápido, mas assim que seus lábios se tocaram, ele simplesmente foi em frente. Ele beijou Kip como se estivessem sozinhos e talvez não se vissem há meses. Ele o beijou como um homem que tinha tudo o que sempre sonhou.

Quando eles se separaram, Kip ficou boquiaberto. — Puta merda!

— Eu não me importo — Scott disse. — Eu te amo.

E era verdade. Ele não se importava. Bem, ele se importava que agora ele *poderia* ter tirado um pouco o foco de seus companheiros de time e de suas conquistas. Ele sabia que se sentiria mal com isso, especialmente quando olhou para as telas gigantes do placar e viu uma cena ao vivo dele e de Kip, envolvidos um no outro.

— Bem. — disse Kip alegremente — acho que o segredo já foi revelado.

— Mm. Então é melhor arriscar tudo.

Scott o beijou novamente, e tudo ao redor deles desapareceu. Eram apenas Scott e o homem que ele amava, se pegando em uma área de penalidade.

Mas então, a realidade. Que também era muito boa no momento.

— A imprensa vai querer falar comigo, eu acho — disse Scott, olhando para o gelo. Havia muitos rostos atordoados olhando para eles.

— Vá — disse Kip — estou tão orgulhoso de você.

— Ok, mas escute: vou para o vestiário com meu time em alguns minutos, e podemos trazer familiares e amigos em breve. Venha falar com a esposa de Huff, Laura. Ela vai te dizer para onde ir. Ela já fez isso algumas vezes.

— Scott. *Vai.* Pelo amor de Deus, pare de se preocupar comigo. Você acabou de ganhar a Copa Stanley!

Scott sorriu. — Acabei de ganhar a Copa Stanley!

— Sim. Saia e seja um herói, Hunter!

Mas Scott se recusou a deixá-lo para trás. Ainda não. Este lugar era muito caótico, e ele tinha que ter certeza de que Kip seria cuidado. Ele agarrou sua mão e o puxou para o gelo com ele. Kip escorregou um pouco quando seus tênis atingiram o gelo, e Scott o firmou com um braço em volta de sua cintura.

Havia um microfone no rosto de Scott quase imediatamente. Ele soltou Kip e gesticulou em direção a Huff, que patinou até lá.

— Você deve ser Kip — disse Huff.

— Sim, eu sou.

— Imaginei. O beijo entregou.

Kip corou e Scott sorriu - ele provavelmente não *pararia de* sorrir por dias. Talvez meses.

— Bem-vindo à família estendida dos Admirals, garoto — disse Huff. — Venha conhecer os Huffs.

Scott observou Huff enquanto ele conduzia Kip para longe da multidão da mídia que se formara. Huff era realmente o melhor.

Scott se virou para os repórteres e câmeras.

— Então — ele disse — alguma pergunta?

* * *

Se Kip achou que o jogo tinha sido selvagem, não foi nada comparado à festa no vestiário depois.

A sala estava *lotada* de homens animados e suados, esposas e namoradas orgulhosas, crianças sonolentas, a imprensa. Cerveja e champanhe fluíam - Scott e seus companheiros de time bebiam champanhe da Taça da Copa Stanley. Homens cantavam, homens gritavam, homens choravam.

Scott e Kip se separaram algumas vezes, e isso deu a Kip a oportunidade de notar os olhares que ele estava recebendo de... basicamente todo mundo.

Mas ele se recusou a recuar. Scott o queria ali, então lá estava ele.

Carter Vaughan o pegou quando Kip estava sozinho. — Aqui está o cara que eu queria conhecer! Vem cá, cara!

Antes que Kip soubesse o que estava acontecendo, Carter o envolveu em um abraço suado. — Kip, Kip, Kip. Eu amo esse nome de merda, sabia? Então, que porra é essa, certo? Você e Scott Hunter realmente acabaram de se beijar na frente do mundo inteiro?

— Nós realmente beijamos. — Kip ainda estava entusiasmado com isso.

— Isso vai gerar alguns tweets.

Kip sorriu. — Espero que sim.

— Scott Hunter tem um namorado. — Carter balançou a cabeça, sorrindo. — Cara, eu nem consigo imaginar como é namorar um cara tão perfeito.

— É muito bom.

Alguém entregou uma cerveja a Carter, e Carter disse: — Ei, pegue uma para o meu amigo Kip, tudo bem?

Quando quem quer que fosse retornou com uma cerveja para Kip, Carter perguntou: — Então, qual é a sua história, Kip? Scott disse que você é um estudante?

— Prestes a ser de novo, sim. Começando meu mestrado em setembro.

— Você pratica algum esporte? — perguntou o cara da cerveja, que também estava bebendo uma Coca-Cola.

— Não.

— Desculpe — Carter disse — esse babaca rude é Eric Bennett. Você não o reconhece porque ele geralmente usa uma máscara sobre o rosto.

— Olá — disse Bennett.

Kip assentiu. — Prazer em conhecê-lo. Parabéns.

— Você é fã de hóquei? — perguntou Carter.

— Agora sou, com certeza. Sempre gostei de assistir hóquei. Não estava acompanhando muito de perto, até...

— Até você começar a namorar a maior estrela do jogo?

— Certo. Sim.

Carter olhou para ele com alguma curiosidade. — Então você não é um superfã do Scott Hunter. Você simplesmente o conheceu por acaso?

— Sim. Ele não te contou?

— Não. É fofo?

Kip deu de ombros. — Provavelmente é chato. Um dia ele simplesmente entrou no lugar onde eu trabalhava. É, uh... é uma loja de smoothies. De qualquer forma. Ele pegou um smoothie e voltou no dia seguinte... e de novo...

— Isso — Carter disse com um largo sorriso — é muito fofo. Ele te pegou no *trabalho?* Eu não achei que Hunter tivesse jogo!

— Ele não fez isso, na verdade. Me pegou, quero dizer. Ele simplesmente continuou entrando. E eu meio que... insinuei...

Carter trocou um olhar cúmplice com Bennett. — É, isso faz muito mais sentido. Ele provavelmente esperava que você tropeçasse e caísse nele ou algo assim se ele continuasse aparecendo.

— Talvez. De qualquer forma, no final deu tudo certo.

— Você está pronto para estar no meio de uma tempestade de mídia quando isso for divulgado? — perguntou Bennett.

— Não — Kip disse, endireitando a coluna. — Mas eu estarei lá. Bem ao lado de Scott.

Carter riu. — Tudo bem, fique quieto, soldado. Nós te apoiamos. Eu gosto de você, Kip. Quase tanto quanto gosto de dizer seu nome.

— Obrigado.

Scott se juntou ao pequeno círculo deles, passando um braço pesado pelos ombros de Kip. — Esses caras estão te incomodando? — ele perguntou com um sorriso desleixado. Era possível que ele já tivesse bebido muito champanhe.

— Estamos apenas tentando descobrir como um cara tão bom acabou numa confusão como você, Hunter — brincou Carter.

— Eu também não sei, mas estou feliz que ele tenha feito isso — Scott disse, e beijou Kip na bochecha. Kip ficou vermelho brilhante. Ele olhou para Carter e Bennett, esperando que eles estivessem desviando o olhar, mas ambos estavam apenas sorrindo para eles.

Scott abaixou a cabeça para falar diretamente no ouvido de Kip. — Eles estão expulsando todos que não estão no time, mas te vejo em casa, certo?

— Definitivamente. Mas não espero você tão cedo. É sua noite. Divirta-se, ok?

— Eu vou. Eu te amo.

— Eu te amo.

E então Scott o beijou rapidamente na boca. Foi só um selinho, mas não foi um gesto pequeno, dado onde estavam.

Kip praticamente flutuou durante todo o caminho para casa, repetindo as últimas horas em sua cabeça e sonhando com o futuro.

* * *

Kip passou algumas horas em casa olhando para o celular.

Ele recebeu *muitas* mensagens naquela noite.

Maria: *Aaaahhh!!! Que PORRA???!! Essa foi a coisa mais fofa que eu já vi?????*

Shawn: *Sua. Maldita. Puta. Sua maldita puta mentirosa. Vamos almoçar juntos. EM BREVE.*

Kyle: *Primeiro de tudo, parabéns e estou feliz por você. Segundo, puta merda!*

Megan: *Hum... O QUÊ?!*

Ele também recebeu mensagens de pessoas com quem não falava há meses. Houve algumas chamadas perdidas de seus pais. Ele as retornaria amanhã.

Elena tinha saído do jogo em algum momento, mas ela tinha mandado uma mensagem para ele. *Parabéns. Vocês, garotos, acabaram de fazer história.*

Uma segunda mensagem dizia: *Sério, quase chorei.*

Kip continuou assistindo ao mesmo vídeo várias e várias vezes. Era a entrevista que Scott tinha feito no gelo, imediatamente depois que eles se beijaram. Ela, junto com muitas fotos e capturas de tela deles se beijando, tinha se tornado viral.

— Claro, sim — Scott disse a entrevistadora, que perguntou se ele queria comentar sobre o que todos tinham acabado de testemunhar. — Eu estava apenas comemorando um pouco com meu namorado.

— Eu não acho que o mundo sabia que você é...

— Gay? Sim, eu sou gay. Eu estava planejando fazer algum tipo de anúncio oficial, mas que diabos, certo? Todo mundo está aqui agora.

A entrevistadora ficou em silêncio por um momento, aparentemente atordoada, antes de piscar e dizer: — E... você... Há algo que você queira nos contar sobre ele?

— Absolutamente. Ele significa o mundo para mim e eu o amo.

Kip sorria como um idiota toda vez que assistia. A voz de Scott era tão firme. Tão confiante, como se ele não tivesse arrependimento algum. Sem olhar para trás.

Kip tentou não prestar muita atenção ao que as mídias sociais estavam dizendo sobre isso, mas uma olhada lhe disse que parecia haver mais pessoas que estavam emocionadas do que enojadas. Definitivamente, muito choque de ambos os lados, no entanto.

— Isso vai ser uma loucura do caralho — Kip murmurou para o telefone. A partir de amanhã de manhã, sua vida seria *muito* diferente.

Mas hoje à noite ele estava em casa, loucamente apaixonado e tão feliz. Ele estava orgulhoso de Scott por tantos motivos.

Ele assistiu à entrevista novamente.

* * *

Scott ficou surpreso, mas não muito, ao encontrar Kip sentado em um dos bancos no balcão da cozinha, e não na cama, quando chegou em casa. Eram quase três e meia da manhã.

Ele estava vestindo calça de pijama e uma regata, e era tudo o que Scott queria ver naquele momento.

— Você está acordado — disse Scott estupidamente.

— Claro. Você parece menos bêbado do que eu esperava. — Kip deslizou para fora do banco e cruzou o chão para encontrar Scott.

— Parei de beber há um tempo. — Scott colocou as mãos na cintura de Kip.

— Estou muito orgulhoso de você — Kip disse. — Por tudo esta noite.

Scott o beijou e foi exatamente o que ele estava desejando a noite toda. Mesmo enquanto comemorava a vitória da maldita *Copa Stanley* com seus companheiros de time, ele estava consumido pela necessidade de beijar seu namorado.

— Meio que fiz sem pensar ali — ele disse, depois que eles se separaram. — Desculpe. Eu deveria ter falado com você primeiro, talvez.

— Está tudo bem. — disse Kip. — Scott, está *tudo bem.* Eu não esperava, mas... quer dizer, isso foi romântico pra caramba!

Scott riu e enterrou o rosto no pescoço de Kip, beijando-o logo abaixo do queixo.

— Eu te amo tanto — ele disse. Sua voz tinha ficado muito rouca ao longo da noite. Ele tinha gritado muito.

— Também te amo, querido. Agora, vamos lá. Sempre quis levar um campeão da Copa Stanley para a cama.

Epílogo

Scott sentiu a mão de Kip apertar a sua. Ele retribuiu o gesto, tranquilizando-o.

Estou bem. Eu cuido disso.

Eles se sentaram juntos na plateia do NHL Awards em Las Vegas. Os indicados para o prêmio final da noite, o MVP da liga, estavam sendo lidos do palco, o nome de Scott entre eles. Ganhar seria legal, mas ele não estava tão preocupado com isso quanto esperava por uma oportunidade de falar.

— E o Troféu Hart vai para — disse o apresentador — Scott Hunter!

Scott exalou e se levantou. *Aqui vamos nós.* Kip soltou sua mão e sorriu para ele, e Scott encontrou força naquele sorriso. Ele ignorou a agitação em seu estômago enquanto se virava e se dirigia ao palco. Ele pegou o troféu do apresentador e o segurou por um momento antes de colocá-lo cuidadosamente no chão ao lado do pódio.

— Oi — ele disse quando os aplausos cessaram. Houve risadas dispersas.

— Primeiramente, obrigado por isso. Todos os meus colegas indicados são igualmente merecedores. Até Rozanov. — Houve mais risadas.

Ele olhou para baixo por um momento, reunindo seus pensamentos. Ele provavelmente deveria ter escrito algo, mas esse tipo de planejamento nunca foi realmente seu estilo.

— Algumas semanas atrás — ele começou — eu realizei meu sonho de vida de ganhar a Copa Stanley. Aqueles que já fizeram isso sabem como é. Eu realmente não consigo descrever. Mas... outra coisa aconteceu naquela noite. Algo que, você provavelmente notou, recebeu muito mais atenção do que os Admirals ganharem a Copa.

A plateia estava muito quieta agora. Ele podia sentir a tensão na sala. *Ele realmente vai falar sobre isso? Aqui?*

— Foi um mês interessante — ele continuou. — Caso você tenha perdido, eu me assumi gay de uma forma ridiculamente pública. Não me arrependo disso e nunca me arrependerei. Sei que foi um choque para a maioria das pessoas. E, infelizmente, foi uma decepção para alguns. Sei que as pessoas têm queimado suas camisas do Scott Hunter, o que, a propósito, não é uma boa ideia. Elas são de poliéster e estão cheias de produtos químicos.

A multidão riu. Eles pareciam aliviados.

— Eu, uh, eu criei uma conta no Twitter algumas semanas atrás — disse Scott. — Eu sempre fui uma pessoa muito reservada. Ou, tão reservada quanto eu posso ser, considerando. Eu amo conhecer fãs, mas eu nunca compartilhei minha vida de forma pública. O que eu vi, nessas últimas semanas, é que talvez seja importante que eu faça, um pouco. Fãs têm me enviado mensagens, muitos fãs jovens, me dizendo o quanto significou para eles que eu me assumisse.

Scott não mencionou que também recebeu e-mails e telefonemas de alguns colegas jogadores da NHL, dizendo coisas semelhantes. Ele não estava ali para começar rumores ou especulações.

— Eu amo hóquei. Eu amo poder fazer isso para viver. Mas — ele disse — eu sei como é não se encaixar.

— Quando eu era adolescente, quando começou a parecer que uma carreira no hóquei era uma possibilidade real, duas coisas aconteceram. Uma foi que minha mãe morreu. A outra foi que comecei a perceber que eu poderia ser aquela *coisa* que todo jogador de hóquei gostava de usar como insulto. O tipo de linguagem que eu ouvia no gelo e no vestiário, todos os dias, era um lembrete constante de que eu era diferente. Talvez isso me tornasse um jogador melhor. Talvez me desse outro motivo para provar a

mim mesmo. Mas também me deixou com medo de que alguém descobrisse meu segredo.

A sala estava em silêncio.

— Quando você tem um segredo que trabalha tão duro para proteger quanto eu fiz — disse Scott — é exaustivo. É um esforço ininterrupto, tentar mantê-lo escondido, e o medo de as pessoas descobrirem consome você. Também faz você se sentir solitário.

Ele parou por um momento. Provavelmente estava se demorando mais do que o esperado, mas não tinha terminado.

— Eu tenho tido muita sorte. Tenho muita, e sou grato. Mas sempre me faltava algo muito importante na minha vida. E este ano, eu encontrei.

Os olhos de Scott pousaram em Kip, e ele pôde ver que seus lábios estavam pressionados e seus olhos estavam molhados.

— Eu fui a muitos casamentos dos meus companheiros de time ao longo dos anos, e ouvi muitos discursos sobre amor, ou sobre encontrar aquela pessoa que muda tudo para eles. Eu nunca entendi de verdade, no entanto. Eu presumi que nunca entenderia. Não era para mim. Mas este ano... eu conheci alguém. Eu conheci *aquela* pessoa. A pessoa que muda tudo. E ele me deu a confiança, a força e a *necessidade* de ser honesto sobre quem eu sou. O medo é uma coisa poderosa, mas este ano eu encontrei a coisa que é mais poderosa.

As pessoas estavam se virando para olhar para Kip agora. Provavelmente havia uma câmera nele também, para a transmissão ao vivo.

— Então, compartilho essa honra com meus companheiros de time e meus treinadores — disse Scott, precisando encerrar — mas também compartilho com você, Kip. Você me fez melhor, em todos os sentidos. Eu te amo.

Kip respondeu com um '*eu também te amo*' para ele.

— E, uh, uma das boates gays aqui em Vegas está tendo uma noite Scott Hunter hoje à noite, então é lá que estarei mais tarde, se algum de vocês quiser vir dançar.

Houve risadas dispersas e um distinto — uhu — que Scott tinha certeza de que era Carter. Ele sorriu.

— Obrigado — ele disse. Então ele pegou seu troféu e deixou o palco sob aplausos selvagens.

* * *

Scott tamborilou os dedos contra o joelho, possivelmente ao ritmo forte da música da boate. Mais provavelmente ao ritmo interno de seu coração acelerado.

Ele estava em uma boate. Uma boate *gay*. Que estava lotada de pessoas que estavam ostensivamente celebrando-*o*.

Ele poderia ser legal sobre isso. Absolutamente.

Ajudou que ele estivesse cercado de amigos. *Mais* do que ajudou. Ele não tinha palavras para descrever o quanto significava para ele ter as pessoas que mais significavam para ele aqui com ele esta noite.

Carter e Gloria estavam sentados no sofá em frente a ele na aconchegante seção VIP. Ao lado deles estava Huff, com Bennett relaxando em uma cadeira sozinho. Matti Jalo estava de pé no corrimão, observando a pista de dança abaixo deles.

O convite de Scott foi sincero; ele adoraria ter visto qualquer um da plateia do NHL Awards aqui na boate hoje à noite. Ele honestamente não esperava que alguém realmente aparecesse, além de Carter, Huff e Bennett. Até Jalo foi uma surpresa.

— Elena disse que amou o discurso e gostaria de estar aqui — disse Kip enquanto colocava o telefone na mesa na frente deles. Ele se moveu um

pouco mais para perto de Scott, pressionando seus corpos juntos no sofá e dando-lhe um tapinha reconfortante no joelho. — Como você está?

— Bem — Scott disse. — Sério. Estou feliz.

E ele estava. Era estranho, ser famoso por um motivo totalmente novo. Por ser quem ele era. Ele tinha fãs agora que nem assistiam hóquei.

Seria um verão interessante.

Scott faria muita cobertura da imprensa naquele verão, incluindo uma matéria da *Sports Illustrated.* Desta vez, o foco seria quase que inteiramente em sua sexualidade e vida privada. Era estressante, mas ele entendia por que era importante.

Kip tinha argumentado contra férias na Europa; ele estava determinado a trabalhar em tantos turnos no Kingfisher quanto pudesse antes do início das aulas. Scott sabia que não devia brigar com ele sobre isso, mas Kip *estava* melhorando em deixar Scott pagar pelas coisas. Coisas como essa viagem para Las Vegas, que tinha sido a primeira vez de Kip em um avião. Scott estava feliz por estar presente para isso, e ele estava ansioso para experimentar muitas outras estreias com Kip.

Ele também gostava muito de visitar Kip no trabalho. O Kingfisher agora tinha batizado uma bebida com o nome de Scott. Só Kip e Scott sabiam por que ela tinha suco de mirtilo.

— Você está incrível esta noite — Scott disse em voz baixa, seus lábios roçando a orelha de Kip. — Eu já te disse isso?

Ele *parecia* incrível. Ele sempre parecia perfeito para Scott, mas esta foi a primeira vez que ele o viu *arrumado* para sair. Ele parecia sexy sem esforço - sensual - de uma forma que Scott tinha certeza de que nunca conseguiria sozinho. Ele estava usando uma camiseta preta com decote em V profundo e jeans carvão que era tão apertado que Scott se perguntou como ele conseguiu colocá-lo e, com alguma preocupação, como isso poderia ser

removido mais tarde. Seu cabelo estava bagunçado para criar um visual que parecia descuidado e meticuloso.

Mas o que *realmente* estava distraindo Scott esta noite era o toque de delineador que Kip estava usando. Havia algo nele que excitava Scott, como se ele estivesse subindo de nível. Ele estava oficialmente, *corajosamente*, encarando os estereótipos homofóbicos que eram jogados nos vestiários e dizendo, sim, Scott Hunter - capitão do New York Admirals e modelo de masculinidade robusta - estava indo para uma boate gay com seu namorado bonito e maquiado.

Scott entrelaçou os dedos e segurou firme. Que o mundo não se engane: Kip Grady era dele.

— Isso é divertido, não é? — A voz de Jalo ressoou, mesmo acima da música forte. — Noite de Scott Hunter!

— Eu esperava mais — Carter reclamou. — Onde está o tema?

Kip riu. — O que você estava esperando?

Carter deu de ombros. — Go-go dancers em jockstrap, talvez? Com tacos de hóquei? Talvez uma escultura de gelo no formato de Hunter?

Era verdade que Scott Hunter Night parecia consistir principalmente de Scott estar no prédio, mas ainda assim. Foi legal.

— Vou ao banheiro — Scott disse a Kip. — Volto já.

Poucos minutos depois, enquanto voltava para seus amigos através da multidão de pessoas, ele olhou para a esquerda e notou um homem alto e em forma, elegantemente encostado em um pilar, do lado de fora da área VIP. Scott levou um momento para reconhecê-lo e, quando o fez, não conseguiu acreditar no que via.

— Rozanov? — ele perguntou. Ilya Rozanov sorriu preguiçosamente enquanto Scott se dirigia a ele.

— O que você está fazendo aqui? — Scott gritou por cima da música.

Rozanov deu de ombros. — Queria ver o que era Noite Scott Hunter. Não é tão ruim quanto parece.

Scott bufou e balançou a cabeça. — Você realmente veio a um bar gay em Vegas só para tirar sarro de mim?

Rozanov ignorou sua pergunta e, em vez disso, levantou a mão no ar e disse: — Então. Este é você agora?

Scott não tinha certeza do que ele queria dizer, mas assentiu. — Este sou eu. Quer dizer, sempre fui eu. Mas agora eu sou... melhor em ser eu.

Rozanov pareceu considerar isso. — É bom. O que você fez. Será bom para... outros.

Havia algo nos olhos de Rozanov que chamou a atenção de Scott. Ele nunca tinha visto aquele olhar em seu rosto antes. Seria gratidão, talvez?

— Espero que sim — disse Scott.

Rozanov sustentou seu olhar por mais um segundo e então desviou o olhar.

— Estou aqui com alguns dos caras — disse Scott. — Do meu time, quero dizer. Você, uh, você quer se juntar a nós?

Scott sabia que Rozanov estava se esforçando muito para parecer que não se importava de uma forma ou de outra, mas, como Scott esperava, ele aceitou o convite.

— Ei! A estrela da Noite Scott Hunter está de volta! — Carter gritou. — E o que diabos *esse cara* está fazendo aqui?

Rozanov sorriu e acenou levemente.

— Eu o convidei para se juntar a nós — disse Scott. Ele lançou a Carter um olhar penetrante que ele esperava que dissesse para *parar*.

Carter deixou pra lá, além de alguns olhares desconfiados para Rozanov. Todos se sentaram e conversaram o melhor que puderam sobre a música. Carter pediu algumas garrafas chiques de várias coisas, e não demorou

muito para que Scott estivesse se sentindo muito solto e relaxado. Em uma hora, Kip estava aninhado contra Scott no sofá e conversando com Bennett, Gloria estava empoleirada no colo de Carter e conversando com Huff, e Matti estava conversando animadamente com Rozanov.

— Vamos descer — Kip murmurou no ouvido de Scott. — Eu quero dançar com você.

Scott assentiu e se levantou. — Nós vamos... — ele disse ao grupo, mas ninguém pareceu se importar com o fato de eles estarem indo embora.

Lá embaixo, eles estavam na beirada da pista de dança, a batida da música ecoando pelo corpo de Scott. Kip se encostou em um pilar, mãos atrás das costas arqueadas e a cabeça inclinada para cima, oferecendo-se. Ele parecia tão sexy, olhando para Scott com aqueles olhos escuros enquanto as luzes coloridas da boate brilhavam em seu rosto.

Scott apoiou uma mão contra o pilar e se inclinou, pressionando Kip contra ele e devorando-o. Sabendo que eles estavam em público. Sabendo que seu pau estava inchando em sua calça, criando uma protuberância que qualquer um seria capaz de ver. Sabendo que Kip estava ficando duro também.

— Não consigo me controlar quando você está assim — Scott sussurrou no ouvido de Kip.

— Venha dançar comigo — Kip murmurou de volta. Scott o beijou sob seu queixo liso, e Kip estremeceu. Kip tinha se barbeado esta noite, e a pele lisa acrescentava à suave inocência de seu olhar. Feminino, quase, exceto por seu sotaque rouco, do Brooklyn, e pela dureza que pressionava o quadril de Scott.

A música era alta, pulsante e implacável. A enorme pista de dança estava lotada de homens, muitos dos quais provavelmente eram atraentes. Mas

Scott não estava olhando para lugar nenhum, a não ser para o homem que o guiava pelas mãos unidas.

Ele estava aterrorizado e animado, preparando-se mentalmente como se estivesse prestes a jogar um jogo, desligando tudo ao seu redor. Focando no objetivo.

Kip encontrou seu lugar no mar de corpos e se virou para encará-lo. Estava tão lotado que eles estavam pressionados juntos, e Kip colocou os braços em volta do pescoço de Scott e sorriu para ele. Scott sorriu de volta e colocou as mãos na cintura, então tentou desajeitadamente acompanhar os movimentos lentos de Kip.

Não demorou muito. Depois de um minuto, Scott estava perdido na maneira como Kip rolava seu corpo, na maneira como seus dedos encontravam seu caminho no cabelo de Scott e no calor intenso em seus olhos. Scott se movia com ele, e era fácil. Ele deixou de lado seus nervos e apenas se permitiu sentir seu caminho.

Scott nunca tinha ficado chapado na vida, mas imaginou que deveria ser algo assim. O ataque aos seus sentidos de luzes rodopiantes e graves pulsantes, o calor sufocante da boate e o forte cheiro de suor e gelo seco enchendo sua cabeça. O efeito entorpecente do álcool, manchando seus pensamentos e dando a ele uma sensação de euforia relaxada. A onda de excitação percorrendo cada parte dele. A emoção da possibilidade.

Kip deve ter visto tudo no rosto de Scott, porque ele parou de se mover e se inclinou para roçar os lábios na orelha de Scott. — Onde você está?

Scott engoliu em seco e virou a cabeça para responder. — Estou bem aqui.

Kip inclinou a cabeça para trás e Scott pressionou beijos quentes e abertos sob seu maxilar. Ele colocou uma mão possessiva na bunda de Kip e o puxou para perto um do outro. Ele podia sentir o coração de Kip disparar contra seu peito, e no ponto de pulsação sob sua língua.

Ele sentiu as mãos de Kip deslizarem para cima sob sua camiseta. Ele sabia que sua pele estava úmida de suor por baixo. Kip se inclinou e o beijou. Eles estavam dançando ainda, ou apenas se pegando no meio de um bando de pessoas? Scott não se importou.

Era uma loucura. Eles estavam em *público,* espaço seguro ou não, e Scott se sentia completamente fora de controle. Ele precisava sair dali, ou fazer as pazes com o fato de que ele iria foder Kip contra uma parede na frente de Deus e Ilya Rozanov.

Kip deu um passo para trás e riu. — Calma, querido. Haverá tempo para isso depois.

Pelo menos foi o que Scott pensou ter dito. Era difícil ouvir entre a música e a necessidade derretida que pulsava dentro dele.

Ele olhou para a cabine VIP deles e viu Carter, Bennett e Huff debruçados sobre o corrimão, sorrindo para ele. Isso o acalmou. Kip se virou e gesticulou para que eles se juntassem a eles. Minutos depois, a cabine deles estava vazia e todos estavam na pista de dança juntos.

Carter dançou com Gloria *bem* de perto, e Scott sorriu para si mesmo com o quão óbvio era que ele queria que todos soubessem que ele estava ali com uma mulher. Não importava. Carter estava *lá,* e Scott apreciou isso. Eric apenas dançou sozinho, alheio aos caras que estavam tentando envolvê-lo, e parecia estar se divertindo imensamente. Huff estava se movendo um pouco desajeitadamente, e parecia que ele estava saindo lentamente da pista de dança. Matti, por outro lado, estava dançando corajosamente com qualquer um que se aproximasse dele. Scott tinha certeza de que ele era hétero, mas ele definitivamente era um bom esportista.

E Scott não tinha muita experiência em boates, mas a maneira como Rozanov se movia em relação aos homens com quem dançava parecia muito mais deliberada e praticada do que a de alguém que estava apenas tentando entrar no espírito do lugar.

Huh.

Talvez não fosse impressionante em tamanho, esse pequeno grupo de resistência de jogadores de hóquei que escolheram se juntar a Scott esta noite, mas parecia uma revolução. Um ano atrás - inferno, um *mês* atrás - Scott nunca teria imaginado esse cenário. Em uma boate gay com seus melhores amigos - seus *companheiros de time* - e seu *namorado* e, uh, Ilya Rozanov. Dançando. Rindo. Celebrando sua sexualidade em vez de escondê-la. Era surreal e maravilhoso.

Kip levantou o queixo, e Scott o beijou porque o amava, e amava estar ali com ele, e não havia mais nada a temer.

— Você está feliz — observou Kip.

Scott juntou suas testas. — Eu me sinto invencível agora.

— Eu também. Vamos mudar o mundo de merda.

Scott o beijou com força, porque Kip havia descrito exatamente como se sentia.

— Sim — ele disse. — Vamos fazer isso.

Conteúdo Bônus



O Feliz Natal de Scott e Kip

— Você não está muito ansioso, está?

Kip se assustou com a provocação do pai. Ele foi pego olhando pela janela para a rua em frente à casa deles. De novo.

— Talvez um pouco. — Kip sentiu que poderia ser perdoado por estar animado; Scott havia encerrado uma viagem de nove dias na noite passada em Dallas, e tinha embarcado em um avião para casa em Nova York naquela manhã. Era tarde agora - véspera de Natal - e Scott tinha três dias de folga.

E ele estaria aqui em breve.

Foi sugestão de Scott que os dois passassem a noite de véspera de Natal com os pais de Kip. Kip tinha se mudado para a casa de Scott em junho, e Scott estava preocupado que seus pais ficariam sozinhos na véspera de Natal. Kip suspeitava que tinha mais a ver com as ideias românticas de Scott de um Natal passado com a família no Brooklyn. De qualquer forma, ele estava mais do que feliz em atender.

Scott havia enviado uma mensagem de texto antes para dizer que havia chegado de volta ao apartamento deles e logo estariam indo para a casa dos Grady em Bay Ridge. A única desvantagem do plano deles era que Kip não

conseguiria cumprimentar Scott do jeito que queria. Ele supôs que eles poderiam se abster por um ou dois dias. Afinal, eles tinham esperado apenas nove dias.

Nove longos e malditos dias.

A casa estava *enfeitada.* A mãe de Kip sempre se esforçava muito no Natal. Ela pode ter se esforçado um pouco mais este ano, com seu convidado especial e tudo. Kip brincou com um dos três reis magos do presépio que pertencera a seus avós enquanto olhava pela janela.

Ele estava ansioso sobre algumas coisas. Uma delas era o presente que ele tinha feito para Scott. Sendo um estudante em tempo integral com um emprego de meio período, mesmo com Scott cobrindo a maioria das despesas, Kip precisava ser criativo este ano.

Outra coisa que o deixava ansioso era o presente sobre o qual Scott estava sendo muito reservado. Ele realmente esperava que não fosse elaborado ou muito caro. Especialmente considerando o presente feito em casa que Kip estaria oferecendo em troca.

A terceira coisa que o deixava ansioso era dividir sua pequena cama de solteiro com Scott esta noite, no corredor da casa dos pais. Era uma cama velha. Ela rangia.

Mas ele também estava animado. E agradecido. E tocado que Scott quisesse passar o Natal na casa de sua família. Os pais de Kip estavam bem animados.

— Venha me ajudar na cozinha — sua mãe gritou. — Não adianta ficar olhando para a rua a tarde toda.

— Desculpe. Tudo bem.

Na casa dos Grady, véspera de Natal significava lasanha.

— Você pode fazer o molho da salada — disse a mãe. — Vamos deixar na geladeira quando você terminar.

— Entendi. — Ele começou a trabalhar reunindo os ingredientes para o molho de salada Caesar que ela o ensinou a fazer quando ele era adolescente. Ele sempre gostou de ajudar na cozinha.

Havia um prato de bonecos de gengibre no balcão. Kip se serviu de um casal.

— São para o nosso convidado! — sua mãe o repreendeu.

— *Todos* deles?!

— Quero que o prato fique bonito! — Ela moveu o restante biscoitos ao redor do prato para preenchê-lo novamente.

— Sabe — disse Kip — Scott não está realmente vindo aqui para nos julgar ou algo assim.

— Eu *sei* isso, é que... bem, não quero parecer sentimental, mas imagino que já faz um tempo que ele não tem um Natal de verdade.

Ah, mãe.

Kip a abraçou. — Sim — ele disse. — Obrigado.

A mãe dele realmente tinha ido com tudo. A geladeira estava cheia de todas as bebidas festivas imagináveis: gemada, cidra de maçã, suco de cranberry, alguns refrigerantes com sabores estranhos de Natal, vinho. Havia também uma grande variedade de lanches e guloseimas abarrotados nos armários.

Kip também fez uma observação particularmente comovente descoberta naquela manhã: havia uma meia de Natal extra pendurada na lareira para Scott.

Os pais dele *amavam* Scott. O fato de que o filho de Margaret e George Grady estava namorando o capitão superstar dos Admirals era de conhecimento comum na vizinhança. Para o crédito deles, os pais dele não se gabavam disso. Eles não tratavam Scott como uma celebridade. Eles o tratavam como família, e Kip os amava por isso.

O álbum de Natal de Elvis tocava na sala de estar enquanto Kip e sua mãe estavam ocupados eles mesmos na cozinha. Kip trabalhou rápido porque ele realmente não queria cheirar a alho e anchovas quando cumprimentasse Scott na porta.

Finalmente, minutos depois que o molho da salada foi colocado na geladeira, e as mãos de Kip foram completamente lavadas, houve uma batida suave na porta. Kip disparou, derrapando para parar na frente da porta e conseguindo levar um segundo para se recompor antes de abri-la.

E lá estava Scott. Com uma parka e um cachecol e... um chapéu de Papai Noel. Sorrindo tão grande e brilhante que era ofuscante. E carregando uma guirlanda.

Kip praticamente pulou em seus braços, e Scott riu e o beijou.

— Eu trouxe uma guirlanda — Scott disse, desnecessariamente. — Eu não tinha certeza do que trazer, e...oh. — Os olhos de Scott encontraram a grande guirlanda que já estava pendurada na porta.

Kip o beijou novamente. — Não se preocupe, nós encontraremos um lar para ela. Acho que pode haver uma centímetro de casa em algum lugar que não esteja coberta de Natal.

Eles entraram e assim que a porta se fechou atrás eles, seus pais estavam lá.

— Esperamos o suficiente? — perguntou a mãe. — Queríamos dar um momento a vocês dois.

— Você está bem. — disse Kip. — Venha dizer olá.

Eles se revezaram abraçando Scott como um filho. A mãe ficou extremamente tocada com a guirlanda. Scott estava claramente envergonhado com isso. Ele foi confinado na sala de estar e instruído a sentar no sofá. — O que você quer beber? — perguntou a mãe.

— Ah, nada. Estou bem, sério.

Mamãe parecia devastada.

— Só escolha alguma coisa — Kip sussurrou para ele, acomodando-se ao seu lado. — Ela comprou literalmente tudo.

— Ok, então. Coca?

A mãe parecia encantada. — Normal ou sabor de gengibre?

— Hum, normal?

Kip percebeu que ela estava tentando esconder sua decepção enquanto ela ia buscar uma bebida para ele.

— Vou encontrar um lar para isso — disse papai, segurando a guirlanda redundante. Kip sabia que estava dando uma desculpa para dar-lhes um pouco de privacidade.

Quando ele saiu, Kip se aninhou ao lado de Scott. Scott passou um braço ao redor dele e o beijou. — Tudo parece tão ótimo! Olhe para aquela árvore!

— Sim, a mamãe adora o Natal.

— O cheiro aqui é incrível. — Scott acariciou o cabelo de Kip. — *Você* cheira incrível.

— Você sente minha falta?

— Tanto, porra. Você sabe que eu sinto. — O calor nos olhos de Scott teve seu efeito usual na frequência cardíaca de Kip. Ele se inclinou, com o plano de morder o lábio inferior carnudo de Scott, mas foi interrompido pelo retorno da mamãe da cozinha. Ela estava carregando uma bandeja com um copo de Coca-Cola para Scott e uma variedade de lanches, incluindo biscoitos, clementinas e nozes temperadas.

— Oh, uau. Isso é incrível — disse Scott. — Obrigado.

A mãe sorriu para ele. — Vou só pegar um copo de alguma coisa. Já volto.

Scott tirou o chapéu de Papai Noel da cabeça e brincando colocou na de Kip

— Você quer sentar-se no meu colo ou algo assim? — Kip perguntou, sorrindo.

— Talvez mais tarde. — Scott se inclinou para frente e pegou um biscoito de gengibre. Ele mordeu a cabeça com gosto. — Cara, isso é o melhor! É isso que o Natal é todo ano para você?

— Mais ou menos.

— Você tem muita sorte!

Kip entrelaçou os dedos e levou a mão de Scott aos lábios, beijando os nós dos dedos. — Eu sei.

Scott olhou para ele calorosamente e apertou sua mão. — Sua irmã vem hoje à noite?

— Não, ela estará aqui de manhã. Ela e Andrew tinham uma coisa que fariam com amigos esta noite. Eles são bem sociáveis.

— Provavelmente é melhor que eles não venham até aqui esta noite — disse Scott, olhando para fora para as rajadas de neve que tinham começado. — Devemos ter alguns centímetros de neve.

A mãe de Kip voltou com um copo de gemada para ela e uma travessa com uma bola de queijo e biscoitos.

— Nossa, mãe! Ninguém vai conseguir jantar se você continuar nos alimentando.

— Eu vou! — Scott disse alegremente, servindo-se de um biscoito com uma bola gigante de queijo em cima. — Não se preocupe com isso. Eu *sempre* posso comer.

— Viu, Kip? Ele precisa de calorias. — Mamãe se sentou na poltrona ao lado do sofá e começou a conversar com Scott, perguntando a ele tudo sobre sua recente viagem de carro. Kip se desculpou para pegar uma bebida, porque ele não tinha uma e nunca pediria para sua *mãe* pegar uma para ele.

Kip ficou emocionado que Scott se dava tão bem com sua família. Ele supôs que deveria ser estranho, o quanto ele já fazia parte da família Grady, mas meio que se encaixava com todo o relacionamento intenso e super-rápido que ele e Scott tinham desde o início.

Já fazia quase um ano desde que se conheceram. Algumas semanas depois, eles ficaram. Então começaram a namorar oficialmente (e secretamente). Já fazia um pouco mais de seis meses desde que Scott beijou Kip na frente do mundo inteiro depois de ganhar a Copa Stanley. Um pouco mais de seis meses desde que Kip se mudou com Scott. E desde que Scott fez um discurso agora lendário na premiação da NHL que professou abertamente seu amor por Kip.

Kip ainda vibrava de felicidade toda vez que pensava nisso. Foi uma sensação indescritível, sentar-se na plateia do NHL Awards, cercado por jogadores de hóquei - colegas de Scott - e ouvir Scott falar tão corajosa e abertamente sobre sua sexualidade. Sobre estar apaixonado por Kip.

Kip sorriu, pegou uma cerveja na geladeira e voltou para a sala de estar.

— Isso é para mim? — perguntou papai, acenando para a cerveja na mão de Kip.

— Agora é — disse Kip, entregando-a a ele. — Feliz Natal.

Depois que Kip voltou (novamente) da cozinha com uma cerveja para si, os quatro sentaram e aproveitaram a companhia um do outro.

— Grande vitória ontem à noite — disse papai.

— É — Scott disse, assentindo. — Bom esforço de todo o time. Boa maneira de descansar nas férias.

— O que você fez no Natal do ano passado? — perguntou a mãe.

— Oh, hum...nada, sério. Só aproveitei um tempinho de silêncio para mim mesmo. Assisti *a Felicidade Não se Compra* na televisão.

— Você estava sozinho?

— Bem, isso não era nenhuma novidade. Eu estava meio acostumado com isso, honestamente.

— Pelo menos você não terá que se preocupar mais com *isso*! — ela disse alegremente. Kip corou porque *cara* ela era presunçosa.

— É verdade — Scott disse, sorrindo para Kip. Ele tinha tanta confiança neles. Era impressionante.

* * *

A noite continuou e continuou. Eles comeram o jantar e então sentaram-se na sala de estar e conversaram perto da lareira até que estivessem com fome o suficiente para comer biscoitos. Então eles jogaram uma partida de Trivial Pursuit - que o pai de Kip venceu porque ele sempre vencia - enquanto a neve que tinha começado gentilmente logo se transformou em uma tempestade de inverno tempestuosa e uivante. Era bom estar em sua casa aconchegante sem ter para onde ir.

Scott mudou para cerveja depois de sua Coca-Cola, e depois para rum e gemada e agora ele e Kip estavam agradavelmente embriagados enquanto subiam as escadas. Scott estava usando o chapéu de Papai Noel novamente, e Kip estava usando uma faixa verde festiva na cabeça com chifres de rena de pelúcia, fornecidos por sua mãe. Os chifres tinham pequenos sinos neles. Mais cedo naquela noite, Scott tirou uma selfie dos dois usando o chapéu e os chifres e postou no Twitter. Já tinha milhares de curtidas.

Já era quase uma hora da manhã e a mãe de Kip mandou os dois para a cama porque, ela disse — o Papai Noel está vindo para encher as meias!

— Eu amo sua mãe — Scott falou arrastado enquanto subiam as escadas. — Eu amo seus pais. E sua casa. — Ele agarrou Kip no topo da escada e o beijou. — Eu *te* amo.

— Também te amo. Não acredito que você está realmente aqui. É meio surreal.

A guirlanda que Scott trouxera estava pendurada do lado de fora da porta do quarto de Kip. Kip bufou. — Legal, pai.

— Tem algum visco aí?? — Scott perguntou, acariciando o pescoço de Kip.

— Precisamos de algum?

— Não.

Kip abriu a porta e entrou tilintando no quarto. Scott passou os braços ao redor dele assim que a porta se fechou atrás deles e mordeu a orelha de Kip. — Qualquer coisa que você queira me dar cedo? — Scott ronronou em voz baixa.

— Eu não sei. Você tem sido um bom menino?

— Na maioria das vezes.

— Você foi bem travesso na outra noite. No Skype.

— Vale a pena.

— Certo, porra.

Eles se beijaram avidamente, porque fazia muito tempo desde que eles conseguiram realmente se tocar do jeito que ambos estavam desejando. O suéter e a camiseta de Scott saíram pela cabeça, levando o chapéu de Papai Noel com eles. Os chifres de Kip já estavam na metade da parte de trás da cabeça. Ele os arrancou quando os dois homens caíram na cama minúscula de Kip e...

Raaaangido!

Kip enterrou o rosto no ombro de Scott e riu. — Isso não vai funcionar.

— Está tudo bem. Nós podemos simplesmente...

— Espere! — Kip se levantou e enxotou Scott da cama. Ele agarrou o colchão e o jogou no chão. — Isso deve ajudar.

Scott sorriu e desabotoou a camisa de flanela xadrez de Kip. — Você ainda tem aquela marca que eu te dei?

— Desbotou — disse Kip, um pouco apologético. — Você ainda pode ver um pouquinho.

— Vou te dar uma nova antes da minha viagem na semana que vem.

Kip estremeceu de felicidade. Scott tirou a camisa e puxou a gola da camiseta para baixo para ver onde a marca estava. Ele bufou quando viu os restos dela, um barulho baixo e primitivo que fez coisas malucas com Kip. Ele agarrou a virilha de Scott através do jeans, precisando senti-lo. Scott gemeu.

— Shhh! — Kip sibilou.

— Estou tentando!

— Vem cá. — Kip afundou no colchão no chão e puxou Scott para baixo com ele. Kip deitou-se todo para trás e Scott o cobriu com seu peso como um cobertor. Agora foi Kip quem gemeu alto demais.

— Shhh! — Scott sibilou. Então ambos caíram na gargalhada.

— Isso é trágico pra caramba — disse Kip.

— Não sei, acho que consigo trabalhar com isso. — Scott se levantou com um braço e moveu a outra mão para baixo para desabotoar o jeans de Kip.

Kip balançou a cabeça. — *Isso* não vai ajudar.

— Nós apenas teremos que fazer o nosso melhor para ficarmos quietos. Noite silenciosa, e tudo isso.

Kip mordeu o lábio e observou a mão de Scott abrir o zíper de sua calça.

— Quero dizer — disse Scott casualmente — nós *poderíamos* parar. Apenas ir dormir. — Ele passou os nós dos dedos sobre a protuberância na cueca de Kip que agora estava esticando através de sua braguilha aberta.

— Ah — Kip arfou. Então ele sussurrou. — Foda-se. Continue.

GAME CHANGER

Scott sorriu e puxou o jeans de Kip para baixo e para fora. Kip sentou-se e tirou sua própria camiseta. Scott lentamente tirou uma das meias de Kip, e depois a outra, o que era estranhamente erótico. Ele gentilmente traçou seus dedos sobre os ossos dos tornozelos de Kip. Isso fez cócegas, mas também enviou choques elétricos por todo o corpo de Kip.

— De alguma forma, consigo continuar esquecendo o quão lindo você é — Scott murmurou. Kip apenas olhou para Scott, desejando deixando sua língua grossa. Seu cérebro lutava para conciliar o fato de que o astro da NHL que ele assistira liderar seu time à vitória contra Dallas na televisão na noite passada estava agora agachado, sem camisa, a seus pés no quarto de infância de Kip.

— Venha aqui — disse Kip. — Por favor. Me beije.

Scott não hesitou. Ele o cobriu completamente novamente e enrolou sua língua na boca de Kip. Kip arqueou seus quadris um pouco para obter alguma fricção em seu pau. Scott grunhiu em sua boca e pressionou sua própria virilha contra a coxa de Kip.

Eles continuaram se beijando loucamente e se esfregando um ao outro, até que Scott não aguentou mais e se afastou bruscamente para desabotoar seu próprio jeans e puxá-lo para baixo com sua cueca. Ele misericordiosamente puxou para baixo a cueca de Kip também, e então se moveu para que seus pênis pudessem se esfregar.

— Tenho lubrificante na minha bolsa — Kip se engasgou.

— Eu também. — Scott sorriu, então pegou a alça da bolsa de Kip porque estava mais perto e puxou -o para cima. Ele remexeu por um momento, então puxou a pequena garrafa para fora. Ele os esfregou, e Kip teve que morder o lábio para se impedir de gritar enquanto Scott acariciava o líquido sedoso em seu pênis.

Quando Scott pegou os dois paus em uma de suas mãos gigantes e começou a acariciá-los juntos, Kip franziu o rosto e fechou a mão em um punho e tentou pra caramba não fazer barulho. Ele não tinha ideia de como Scott estava conseguindo ficar tão quieto. Não era justo.

Kip se levantou sobre os cotovelos para ficar mais perto do ouvido de Scott quando ele sussurrou: — Você é bom em ficar quieto. Isso vem da prática? De sempre ter um colega de quarto?

Scott se afastou para que seus olhos se encontrassem, com uma mistura de diversão e desafio em seu rosto.

— Você se masturba quando pensa que eles estão dormindo, Scott? — Kip continuou. — Você acha que algum deles sabia? Talvez tenha escutado. Talvez *tenha assistido?*

Scott apertou os lábios e fechou os olhos enquanto seu rosto ficava vermelho.

— Aposto que você consegue gozar sem dar um grito, não é, Hunter?

Os olhos de Scott se abriram e dessa vez era *tudo* desafio neles. Seus lábios se curvaram para cima. — *Você pode*? — ele perguntou.

— Acho que vamos descobrir.

Scott acelerou o ritmo e a boca de Kip se abriu. Ele já estava tão perto. Scott estava se segurando para cima com um braço, e seu bíceps estava tenso. Kip olhou para ele, e então para a mão de Scott acariciando-os furiosamente, e então para o olhar determinado no rosto de Scott e *foda-se.*

Ele podia sentir seu orgasmo chegando, e seria um bom. Ele se mexeu para poder equilibrar o peso em um cotovelo e enfiou a mão na boca, mordendo os nós dos dedos. Ele gozou com tanta força que sentiu como se seus olhos fossem explodir. Mas ele ficou quieto, além de alguns grunhidos abafados contra sua mão.

Scott o observou, então seu rosto ficou frouxo e ele gozou, perfeitamente silencioso e lindo, derramando -se sobre o estômago de Kip. Ele caiu em cima de Kip e sussurrou. — Como eu me saí?

— Nota máxima, querido — Kip ofegou.

— Você é um encrenqueiro de merda.

— Eu não sou o pervertido que se masturba ao lado dos colegas de quarto dormindo.

— Eu *não* faço isso! Quero dizer...não com frequência.

— Mm.

— Isso é *sua* culpa de qualquer forma. Você sabe o quão difícil é ficar deitado na cama à noite e não pensar em você?

O estômago de Kip vibrou do jeito que sempre acontecia quando Scott dizia coisas terrivelmente doces para ele. — Eu penso em você também. Toda noite que estamos separados. Eu te amo.

— Amo você. — Scott o beijou. — Como vamos nos limpar? Não vou sair para o banheiro assim. — Ele gesticulou para a bagunça em seu estômago.

— Olhe na minha bolsa.

Scott estendeu a mão e tirou uma sacola plástica de compras da bolsa de Kip para passar a noite. Nela, havia lenços de papel, lenços umedecidos e algumas toalhas de mão do apartamento deles. — Você trouxe um kit de limpeza?

— Gosto de estar preparado.

Scott sorriu e balançou a cabeça. — Impressionante, Grady.

Scott limpou os dois, então eles se acomodaram no pequeno colchão. Eles mais ou menos tinham que dormir um em cima do outro para que ambos pudessem caber. Scott deitou-se de costas e Kip jogou uma perna sobre ele, deitando-se de bruços com a cabeça no peito de Scott e um dos braços de Scott em volta dele.

— Isso não é tão ruim — disse Scott.

— Não. Não é. — Kip roçou o polegar sobre um dos mamilos de Scott.

— Pare com isso — Scott murmurou. — Vá dormir. O Papai Noel está chegando em breve.

* * *

Kip registrou Scott saindo de baixo dele pela manhã, mas ele deve ter voltado a dormir imediatamente. Quando Kip finalmente acordou, eram quase dez horas e Scott não estava em lugar nenhum.

Ele se sentou e esfregou os olhos. Então ele se lembrou que era manhã de Natal.

Ele vestiu algumas roupas e foi ao banheiro para se refrescar. Ao descer as escadas, foi recebido pelo aroma de dar água na boca do café da manhã sendo preparado. Ele o seguiu até a cozinha e encontrou Scott sentado à mesa com um café, conversando com seus pais.

— Bem, olha quem acordou! — disse a mãe, ao mesmo tempo em que o pai disse: — Feliz Natal.

— Feliz Natal — disse Kip. — Uh, desculpe por ter dormido até tão tarde.

— Você sabe o que seu namorado maravilhoso fez enquanto você dormia? — perguntou a mãe.

Kip balançou a cabeça.

— Ele limpou nossa entrada de veículos e a calçada! Sozinho!

Claro que sim. Kip olhou para Scott. — Você está tentando me fazer parecer mal?

Scott parecia envergonhado. — Não é grande coisa. Eu costumava limpar o tempo todo para a família com quem eu morava em Quebec quando eu jogava lá como mirim.

— Ele é um cara legal, Kip — disse a mãe, sorrindo para Scott.

— Não precisa me convencer. — Kip abaixou-se para beijar Scott na bochecha enquanto se dirigia para o café.

— Eu não sabia que você jogava como mirim em Quebec — disse papai. — Achei que você jogava na faculdade antes da NHL.

— Eu joguei. Mas fiz duas temporadas de mirim na liga de Quebec primeiro. Depois, dois anos de faculdade.

— Ele fala francês! — disse Kip com orgulho.

— Um pouco. Não perfeitamente — Scott disse.

Kip olhou para ele com expectativa. Scott sabia o quanto Kip amava quando ele falava francês.

Por fim, Scott revirou os olhos e disse: — *Votre fils a le sourire le plus adorable*[4].

Kip não tinha ideia do que disse, mas adorou ouvir.

— Sabe — papai disse em tom de conversa. — eu também falo bastante francês.

Scott corou.

— Kip, me ajude a arrumar a mesa para o café da manhã — disse a mãe. — Megan e Andrew chegarão em breve.

Kip tomou um gole de seu café, então o colocou de lado e pegou a pilha de pratos que sua mãe estava lhe entregando. Scott se levantou e insistiu para que ele ajudasse também. Em meia hora, Megan e Andrew chegaram com...

— Suzy! — Scott se abaixou para acariciar entusiasticamente a cachorrinha que estava girando de animação nos tornozelos de Scott. — Feliz Natal, menina! Você foi uma boa menina este ano? O Papai Noel te encontrou? Sim, ele encontrou! Você é uma boa menina!

[4] Seu filho tem o sorriso mais fofo

Kip podia jurar que seu coração estava explodindo para fora do peito enquanto ele via a cena adorável. Scott tinha muitos fãs na cidade de Nova York, mas duvidava que algum deles fosse tão devoto quanto Suzy.

— Feliz Natal — disse Megan, inclinando -se para abraçar Kip. — Tudo o que Suzy queria no Natal eram carinhos na barriga de Scott.

Eu também. — Bem, ela está conseguindo eles.

Andrew deu um rápido abraço em Kip e então assentiu sem jeito em Scott. Megan e Andrew ainda ficavam impressionados toda vez que o viam. Megan não conseguia acreditar que seu irmãozinho tinha conseguido um homem tão sonhado. Pelo menos ela tinha parado de expressar sua preocupação com a vida dele. Entre o relacionamento sólido com Scott e o fato de que ele estava na pós-graduação, Kip realmente tinha sua merda mais ou menos resolvida dessa vez.

Kip tinha se tornado uma espécie de celebridade desde o famoso incidente do beijo no Madison Square Garden. Ele estava tímido sobre isso, porque realmente ele era famoso apenas por namorar alguém e isso não era nada que valesse a pena *se* gabar, mas ele estava feliz em apoiar Scott. Ele havia sido incluído no artigo da Sports *Illustrated* que tinha sido publicado sobre Scott no verão. Ele tinha até sido incluído na sessão de fotos para ele. Tinha sido uma mistura de fotos de estúdio e algumas espontâneas dos dois em casa. Acabou sendo uma publicação muito romântica, e ele estava orgulhoso da revista por publicá-la.

Os paparazzi eram meio que demais para aguentar. Eles sempre pareciam aparecer quando ele e Scott tinham uma rara oportunidade de sair juntos. Kip disse a Scott com muita firmeza que não os deixaria estragar suas noites. Ele não sentiria que eles precisavam ficar trancados em casa. Ele poderia aturar algumas fotos indesejadas se isso significasse ter uma vida com Scott.

Além disso, agora que Scott estava assumido, era bom para eles serem vistos juntos. Para mostrar que não tinham vergonha nenhuma.

— Ainda tem muitos ovos mexidos — disse a mãe, segurando a tigela. — Kip, você quer mais?

— Meu Deus, mãe. Não. Eu vou explodir de verdade.

— Estava tudo delicioso — disse Scott, sempre o melhor filho. — Obrigado.

— Bem, então — disse papai, empurrando a cadeira para trás — acho que é hora dos presentes!

Scott sorriu para Kip e ele parecia uma criança de seis anos; com os olhos brilhantes e tonto.

Todos esvaziaram suas meias primeiro. Elas estavam cheias principalmente de doces, mas a de Scott tinha algo que Kip não aprovava.

— Oh cara! — Scott riu. — Olhe para você, Kip!

— Ah, não. Mãe!

Scott estava segurando uma cópia emoldurada da foto de Kip no primeiro ano do ensino médio. — Olha que fofura.

— *Por quê*, mãe?

— Oh, cale-se, Kip. Não há nada para se envergonhar. Você era um jovem muito bonito.

— Deixa eu ver isso — Megan disse. Scott passou a foto para ela. — Ha! Eu esqueci daquele colar de cânhamo idiota que você sempre usava.

— Tudo bem — Kip resmungou.

— Eu adorei — disse Scott. — Obrigado.

Quando chegou a hora de abrir os presentes, Kip ficou nervoso de novo. Alguns presentes legais, mas padrão, foram trocados entre eles: suéteres, pijamas, meias, livros, utensílios de cozinha. Havia um presente debaixo da

árvore para Kip que Elena tinha enviado: um action figure do Scott, o que significava que era a vez do Scott ficar envergonhado.

— Eu ainda não vi esse — disse Scott, examinando-o. — Minhas sobrancelhas não são *tão* grossas, não é?

Por fim, Scott recebeu o presente que Kip havia feito para ele, e Kip prendeu a respiração enquanto Scott o abria.

— Eu, uh, eu estava com um orçamento meio apertado esse ano, sabe... — ele disse, já dando desculpas para isso antes que Scott tirasse o papel. De repente, ele desejou ter esperado para dar a Scott quando eles estivessem de volta em casa.

— O que é isso? — Scott perguntou, virando o livro nas mãos. Ele o abriu.

— Não é... é só uma ideia que tive …

— Oh, Kip — Scott disse calmamente. Ele silenciosamente virou algumas páginas.

— O que foi? — perguntou a mãe.

— É, hum… — Scott olhou para cima. Seus olhos estavam molhados. — É uma coleção de todas as, hum… — ele engoliu em seco e olhou para Kip. — São todas as coisas boas que as pessoas disseram sobre mim. Sobre nós. Depois que eu me assumi. Coisas que as pessoas postaram online. — Seu rosto se contraiu um pouco, e Kip o abraçou.

— Obrigado — Scott sussurrou em seu ombro.

— Eu só queria ter certeza de que você os viu — disse Kip. — Eu sei que você não fica muito online.

Scott fungou e se afastou, se recompondo. — Eu amei. É... isso realmente significa muito, Kip. Obrigado.

Kip soltou um suspiro e sorriu para ele. Agora todos os olhos estavam molhados.

— Ok, então isso vai fazer nosso presente parecer meio uma merda em comparação — brincou Andrew para aliviar a tensão. Todo mundo riu, e Andrew deslizou uma sacola de presente para Kip. Ela continha dois pacotes de seis do que Andrew explicou ser muita cerveja local de edição limitada e lote pequeno.

— O quê? Este é um *ótimo* presente! Valeu, pessoal! — disse Kip.

— Carter ficará com inveja — disse Scott. Carter Vaughan - companheiro de time e melhor amigo de Scott - era um amante de comida, bebida e da vida em geral. Andrew parecia satisfeito por ter conseguido impressionar um astro da NHL com um presente.

Scott e Kip deram a Megan e Andrew o presente de uma reserva em um restaurante muito popular de Manhattan que normalmente tinha uma lista de espera de meses. Scott explicou a eles que a refeição seria completamente paga.

— De jeito nenhum — disse Megan.

— Você está *falando sério?* — Andrew disse. — Como você conseguiu fazer isso? Quer dizer... Acho que é uma pergunta idiota.

Scott deu de ombros timidamente. — Esta cidade ama hóquei.

Quando a animação sobre a reserva do restaurante diminuiu, Scott se virou para Kip e disse: — Antes de te dar meu presente, eu só quero dizer algumas coisas.

Kip ficou tenso. O que diabos foi isso?

— Nessa época no ano passado, eu estava comemorando o Natal sozinho. Eu estava sozinho, enrustido, miserável, e não tinha ideia de que em apenas algumas semanas, eu encontraria o amor da minha vida.

Oh Deus. Scott. Não me faça chorar.

— Você fez tudo muito melhor, Kip. E eu quebrei a cabeça tentando pensar no presente perfeito para você. Cada ideia que eu tinha não era nem

de longe o suficiente. E — ele levantou a mão para impedir o protesto esperado de Kip — eu sei que você não quer que eu gaste dinheiro com você, e você não quer presentes luxuosos. Mas eu te daria qualquer coisa, Kip.

— Eu sei — disse Kip com a voz rouca.

Scott assentiu. — Então… pensei no que realmente te faria feliz.

— Meu Deus! — Mamãe explodiu. Ela colocou a mão sobre a boca. — Desculpe. Por favor, continue, Scott.

Scott olhou para ela e pareceu confuso. — Eu... — ele olhou ao redor da sala, provavelmente observando as expressões atordoadas e animadas nos rostos de todos. Até Suzy levantou a cabeça com interesse de onde estava cochilando no tapete. — Espera. O que está acontecendo?

— Nada! — Megan guinchou. Scott franziu a testa, então lançou um olhar questionador para Kip. Kip não conseguiu dizer nada em resposta. Scott estava prestes a...?

— Então — Scott continuou — eu vou entender se isso for demais, e você pode dizer absolutamente não. — Ele estava olhando para os pais de Kip agora enquanto dizia isso, o que era meio estranho. — Eu só pensei que era o momento certo e...

O pai de Kip estava lentamente arrastando a mesa de centro para longe do sofá, proporcionando, Kip percebeu, mais espaço no chão na frente de onde Kip e Scott estavam sentados juntos. Ele piscou para Kip. Kip sentiu como se fosse desmaiar.

— Então, meu presente para você, Kip… — Scott se levantou, e Megan se engasgou. Ele enfiou a mão no bolso e tirou …

…um envelope.

Que ele entregou à mãe de Kip.

— É um presente para seus pais — Scott concluiu.

Perplexa, mamãe abriu o envelope. Papai se inclinou para poder ler os papéis dobrados que ela tirou. Houve um momento de silêncio e então papai simplesmente começou a rir.

— O que é? — Kip perguntou. Porque neste ponto ele realmente não conseguia nem começar a adivinhar.

— Meu Deus, Scott! — disse a mãe. — Isto é… é isto…?

— Kip me disse que você nunca esteve na Europa. Então, convoquei Carter para me ajudar a planejar uma viagem de um mês, com todas as despesas pagas. — Ele se inclinou sobre eles e apontou para o papel. — Vocês voam para Dublin para começar, e depois vão para a Escócia, Inglaterra, França, Alemanha e depois Itália.

Scott olhou para Kip, e Kip sabia que ele estava buscando sua aprovação, mas Kip ainda estava se recuperando do que ele achava que estava prestes a acontecer.

— Você está bem, Kip? — Scott perguntou.

— É, quero dizer… claro. Eu só estou…

— Se for demais...

— É demais — papai riu. — Mas, meu Deus, Margaret! Europa!

— Não acredito!

Scott sorriu com isso, mas ainda lançou um olhar preocupado para Kip. — Desculpe por não ter perguntado primeiro, Kip. Eu só queria que fosse uma surpresa, sabe?

— Não acho que seja isso que Kip esteja fazendo de estranho. — Megan disse.

— Não é?

— Acho que ele esperava que você tirasse outra coisa do seu bolso — sugeriu papai.

— Acho que *todos* nós esperávamos — acrescentou a mãe.



— O que você...? — Scott congelou, entendimento aparecendo no rosto dele. — Merda. Oh *merda,* Kip. Você pensou que eu ia... para...

Kip acenou com a mão. — Não. Não, esquece. Eu não estava... quero dizer, estou aliviado, honestamente. — Ele fez uma careta. — Não que eu não queira... algum dia. — Ele enterrou o rosto nas mãos.

Scott estava ao seu lado em um instante. — Não acredito que estraguei tudo. Preciso ir com calma com os discursos. Desculpa, Kip.

— Por favor, não peça desculpas. Jesus, Scott. Você está mandando meus pais para a *Europa.* Isso é incrível! Estou sendo um babaca esquisito.

— Se você *quiser* propor casamento ao nosso filho — papai disse alegremente — por favor, saiba que você tem nossa bênção. Mas não planeje um casamento em junho porque estaremos na Europa!

Kip tocou a bochecha de Scott com a mão. — Este é o melhor presente que você poderia ter dado a eles. Ou a mim. Vamos apenas esquecer a outra coisa, ok? Eu te amo. Obrigado por isso.

Scott assentiu e sorriu. — Ok. Mas agora que foi sugerido, é tudo em que vou pensar.

— Pare com isso.

— Eu seria um ótimo marido. — Ele balançou as sobrancelhas.

— Pare com isso.

— Vocês são nojentos — Megan reclamou afetuosamente. — Nós compramos uma maldita torradeira para a mamãe e o papai. Vou abrir um vinho.

Kip riu. — Ok, mas é uma torradeira de *quatro fatias*!

Ela mostrou o dedo do meio para ele enquanto se dirigia para a cozinha, seguida por Andrew e depois por Suzy.

Os pais de Kip estavam analisando os detalhes de suas férias, sorrindo e conversando animadamente. Kip beijou Scott rapidamente e disse: — Vamos nos juntar a eles na cozinha para vinho?

— Parece perfeito.

Eles se divertiram muito na cozinha. Megan tocou uma música de Natal no celular dela e Kip começou a descascar batatas para o jantar. Scott insistiu em ajudar, então Kip arranjou um descascador para ele. Megan fez molho de cranberry. Andrew fez bebidas para eles. A sala estava cheia de risadas e do aroma de peru assando no forno, e Kip se sentiu emocionado. Todos na casa estavam felizes e com alguém que amavam.

Pouco antes do jantar, ele e Scott subiram as escadas com o pretexto de que precisavam fazer as malas. Em vez disso, eles se beijaram por um tempo, e Kip disse: — Esse realmente foi o presente perfeito, Scott. Não acredito em quanto planejamento você colocou nisso! Vou ter que agradecer a Carter na próxima vez que o vir.

— Acho que ele vai ao The Kingfisher comigo amanhã à noite. — O Kingfisher - o pub de Greenwich Village onde Kip trabalhava - era sempre um lugar popular no Boxing Day[5]. Kip trabalharia até fechar amanhã à noite, e esperava ver muitos amigos lá.

— A propósito — Scott disse — aquele livro que você me deu é incrível. Não acredito que você fez isso.

— É sobre o que *você* fez. Esse livro só mostra o quão incrível *você é*.

— Bem, eu amo isso. E eu te amo tanto. Mal posso esperar para te levar para casa — Scott disse em voz baixa. Ele beijou logo abaixo do maxilar de Kip, e Kip estremeceu.

---

[5] É o termo utilizado em numerosos países anglófonos para designar um feriado secular comemorado no dia seguinte ao dia de Natal, ou seja, em 26 de dezembro. Atualmente o dia é uma ocasião de liquidações, sendo um dos dias mais movimentados do comércio nos países onde é comemorado, nomeadamente o Canadá. Normalmente é o primeiro dia após o Natal, para que as pessoas possam trocar os presentes indesejados e resgatar vales-presente.

— Ah, porra. Certo. Temos que parar.

— Mm… — Scott disse, continuando a raspar os dentes na barba por fazer de Kip.

— Pare, seu idiota! — Kip riu. Ele empurrou Scott para longe, brincando. — Quando chegarmos em casa. Eu prometo.

Scott voltou imediatamente e o beijou na boca antes de dizer: — Pode haver alguns *brinquedos* do Papai Noel em casa.

— Ooo! Grandes?

— Grande — Scott deslizou uma mão no bolso de trás da calça jeans de Kip — pequeno. *Vibrante.*

— Então Papai Noel *recebeu* minha carta!

Scott sorriu para ele. — Sério. Obrigado. Por tudo isso. Melhor Natal de todos.

— Teremos que fazer isso de novo no ano que vem, hein? — disse Kip, timidamente, o que não é característico.

— Sim — Scott disse, gentilmente passando uma mecha de cabelo para o lado da testa de Kip. — Não me importaria com muito mais Natais como este.

Kip estava cheio de amor por esse homem. Ele não tinha ideia de como iria encaixar o jantar de peru ali também. Ele se esticou na ponta dos pés e mordeu a orelha de Scott. — O que você vai fazer no Ano Novo? — ele ronronou.

— Jogar contra Toronto. Mas depois disso, sem planos.

Kip suspirou. — Não acredito que nós dois temos que trabalhar na véspera de Ano Novo.

— Capitalismo. O que você vai fazer?

— Você irá ao Kingfisher depois do jogo, certo?

Scott se afastou e olhou para ele com tanto carinho que Kip quase derreteu na hora. — Claro que sim. Eu nunca beijei ninguém à meia-noite antes. Eu gostaria de ver o que é toda essa confusão.

— Então é melhor eu fazer direito.

— Espero que você dê o seu melhor.

Ambos riram. — Vamos comer e depois ir para casa o mais rápido possível — sugeriu Kip.

Scott fixou nele seu melhor olhar de advertência de Capitão dos New York Admirals. — Muito trabalho foi feito naquela refeição, Grady, e nós daremos a ela o respeito que ela merece.

— Ooo, sim senhor — Kip falou lentamente.

— E enfie a camisa. Este é um jantar de Natal, não uma roda punk.

Kip riu e empurrou a bainha de sua camisa xadrez para dentro de seu jeans. — Você está querendo que eu te chame de 'Pai'?

— Não — Scott disse rapidamente. — Por favor, não.

Kip mordeu o lábio e silenciosamente fez uma resolução de Ano Novo para trazer à tona o lado autoritário de Scott no quarto com mais frequência.

Ele estendeu a mão para a maçaneta, mas Scott gentilmente envolveu seus dedos em volta do seu pulso, parando-o. — Estou realmente muito feliz, Kip. Um ano atrás eu nunca teria sido capaz de imaginar que eu estaria assumido, e apaixonado. Tem sido incrível, e mal posso esperar para ver onde este ano nos levará.

Kip engoliu em seco, porque não ia se deixar engasgar de novo. — Tem certeza de que não pode nos levar para o nosso quarto? Agora mesmo? Imediatamente?

— Se você me roubar um jantar de Natal com sua adorável família eu nunca vou te perdoar. — Ele abriu a porta e gesticulou em direção às escadas. — Marche — ele ordenou.

GAME CHANGER

— Eu realmente quero te chamar de “pai” — Kip o provocou.

— Experimente e veja o que acontece — disse Scott em voz baixa.

Os olhos de Kip se arregalaram. — Puta merda. Isso é para me deter?

Scott corou. — Isso não deveria ter soado daquele jeito.

Kip riu e pegou a mão de Scott. — Vamos. Jantar. Depois sexo. Depois o resto das nossas vidas.

Scott sorriu para ele. — Mostre o caminho.

Fim

Agradecimentos

Gostaria de reconhecer o trabalho duro da editora original deste livro, Carole Ann Galloway. Suas edições e conselhos melhoraram *Game Changer* enormemente.

Também gostaria de agradecer à minha amiga Melissa Buote por ter criado o nome Straw+Berry para a loja de smoothies. Ainda me faz rir toda vez que o vejo.

Sobre a autora

Rachel Reid sempre morou na Nova Escócia, Canadá, e provavelmente continuará morando lá. Ela tem dois diplomas chatos e dois filhos interessantes. Ela é fã de hóquei desde a infância, mas infelizmente nunca chegou à NHL. Ela gosta de livros sobre homens gostosos fazendo coisas gostosas e mulheres legais sendo incríveis.

Você pode seguir Rachel no Twitter @akaRachelReid se você gosta de posts sedentos sobre jogadores de hóquei, e no Goodreads, se você quiser acompanhar a montanha de livros que ela está sempre lendo. Seu site e blog, onde ela escreve mais coisas, é www.rachelreidwrites.com.

